

"Você nunca leu nada igual."

John Green

SELVA DE GAFANHOTOS

andrew smith

intrínseca



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

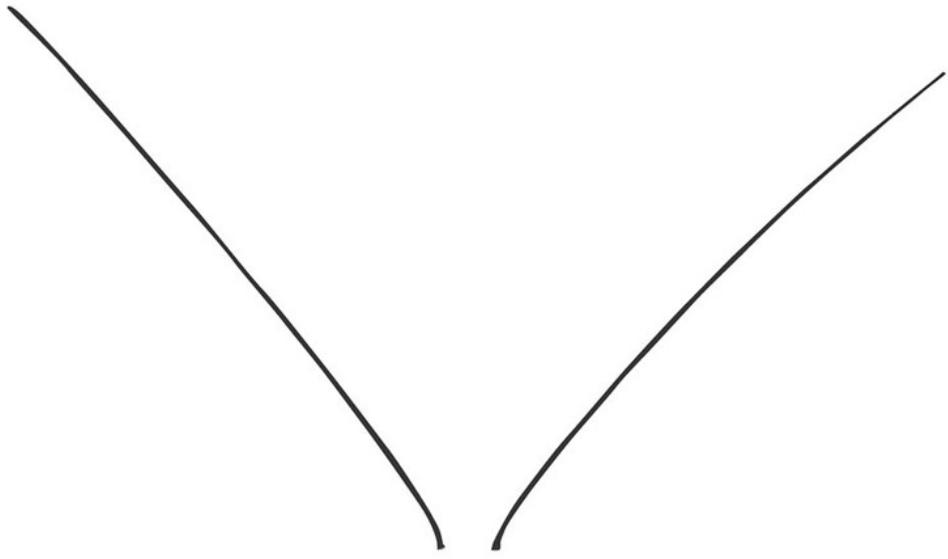
SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

**"Quando o mundo estiver
unido na busca do**

**conhecimento, e não mais
lutando por dinheiro e poder,
então nossa sociedade
poderá enfim evoluir a um
novo nível."**







SELVA DE GAFANHOTOS

andrew smith

TRADUÇÃO DE
Edmundo Barreiros



Copyright © 2014 by Andrew Smith

TÍTULO ORIGINAL
Grasshopper Jungle

PREPARAÇÃO
Isabela Fraga

REVISÃO
Juliana Pitanga
Taís Monteiro

REVISÃO DE EPUB
Camila Dias da Cruz

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

ARTE DE CAPA
Christian Fuenfhausen

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

E-ISBN
978-85-8057-686-3

Edição digital: 2015

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



*Para Michael Bourret,
que não me deixou desistir*

Ealing é uma cidade fictícia no estado de Iowa. Nenhum dos personagens e lugares deste livro existe de fato. Qualquer semelhança de eventos e personagens com histórias reais só ocorre nas partes verdadeiras deste livro, que não são muitas.

PARTE UM: EALING

[Kimber Drive](#) • [Consertar pés](#) • [Louis faz uma pergunta retórica](#) • [Caiu sangue no seu presunto](#) • [Grant Wallace me assassinou](#) • [O que fez este país ser grande](#) • [A nova casa velha de Shann](#) • [Indo a um lugar aonde você não deveria ir](#) • [O vulcão de Robby](#) • [Portas que levam a algum lugar; portas que não levam a lugar algum](#) • [Toque de recolher](#) • [Gente burra nunca deveria ler livros](#) • [A arma de raios mortais](#) • [Robby podia ter sido pastor](#) • [Pizzaria do Stan não é um bom nome](#) • [Se você quiser levar um tiro em Ealing](#) • [O alçapão](#) • [Jack Faminto](#) • [As coisas de Johnny](#) • [O garoto de duas cabeças](#) • [Luz azul](#) • [Prioridades](#) • [Começa o inferno](#) • [A história é cheia de merda](#)

PARTE DOIS: O MILHARAL EM WATERLOO

[Palíndromos](#) • [Banho, barba e decência](#) • [Johnny e Ollie](#) • [O remendo](#) • [Diga por favor](#) • [Um retrato](#) • [Barganha](#) • [O menino no vidro](#) • [De skate e caiaque](#) • [Éden Cinco Precisa de Você](#) • [Muita matemática](#) • [Tally-Ho!](#) • [A tumba interior](#) • [E eis o número cinco](#) • [Tragando](#) • [Um visitante chega e parte](#) • [A coisa no milharal](#)

PARTE TRÊS: O SILO

[Um dia difícil na Escola Luterana Curtis Crane](#) • [Insetos fazem duas coisas](#) • [Um presente de Johnny McKeon](#) • [O telefonema de Shann](#) • [Os pequenos caiaques azuis de minha mãe](#) • [Páginas da história](#) • [Orações da escola](#) • [As bolas do vice-presidente](#) • [Mictórios](#) • [Shann, o garoto polonês com tesão e Satan](#) • [Quatro fotografias](#) • [O sêmen do presidente](#) • [O santo virgem e seu protegido](#) • [O sino de orgulho](#) • [A garota popular](#) • [Bem-vindos ao Éden](#) • [Algum tipo de sinal](#) • [“Gimme Shelter”](#) • [O desfile de dragões](#) • [Sopa em latas de tinta](#) • [Os direitos de reprodução dos gideões](#) • [A rainha do universo](#) • [A biblioteca e o novo Tally-Ho!](#) • [“Ventilator Blues”](#) • [Algo sempre acontece quando outra pessoa está dançando](#) • [Sortudo, em nome de garoto polonês](#) • [Noite de cinema no Éden](#) • [O bom doutor explica a história](#) • [Milho irrefreável! Milho irrefreável!](#) • [Três de cinco](#) • [Felek, o órfão](#)

PARTE QUATRO: O FIM DO MUNDO

[Nós, os Novos Humanos](#) • [Nas últimas](#) • [Davy Crockett e Daniel Boone nunca usaram chapéus de pele de guaxinim](#) • [Alho, Dr. Pepper e metanfetamina](#) • [Clique, clique](#) • [De volta ao telhado](#) • [Denny Drayton tem uma arma, filho da puta](#) • [Exílio no Éden](#) • [Um encontro casual aos olhos do retrato de um presbiteriano, ou a canoa de Calvin Coolidge](#) • [Um chuveiro muito calmante](#) • [Infinita Milites!](#) • [Infinita Milites!](#) • [Robby, o teólogo](#) • [Satan e o pastor](#) • [Assassino em série, EUA](#) • [À procura de Wiggles](#) • [Sobre o bisão e o livre-arbítrio](#) • [Explosão populacional](#) • [Tudo de que alguém pode precisar e os dois melhores discos de rock de todos os tempos](#) • [O sangue de Deus](#) • [A bola de boliche cor-de-rosa de Wanda Mae](#) • [Regras são regras, mas a Sala dos Cérebros não é muito genial](#) • [Nunca procure sorvete em um freezer de esperma](#) • [Um verdadeiro pensador concreto de Iowa](#) • [À](#)

[noite no Éden](#) • [Que parecer termine](#) • [A luz do Sol me entedia](#) • [O tipo certo de cigarro para fumar pouco antes de matar alguma coisa](#) • [Não há Cup Noodles no Éden](#) • [Garotos-Rato de Marte e um incidente infeliz envolvendo uma baleia inflável](#) • [A batalha do Del Vista Arms](#) • [O fim do mundo](#) • [Desenhos de Robby e Shann](#) • [Os policiais intergalácticos de insetos](#) • [Enola Gay e a ereção de Beau Barton](#) • [A batalha da ponte sobre o rio Kelsey](#) • [Um vidro enorme](#)

EPÍLOGO: SORTUDO, UMA BUSCA POR CIGARROS E O BISÃO

PARTE 1:
EALING



LI EM ALGUM LUGAR que os seres humanos têm predisposição genética para registrar a história.

Acreditamos que isso pode evitar que façamos idiotices no futuro.

Contudo, apesar de termos arquivado cuidadosamente os registros elaborados de tudo o que já fizemos, também continuamos a fazer merdas cada vez mais idiotas.

Esta é minha história.

Ela tem alguns elementos: bebês de duas cabeças, insetos do tamanho de uma geladeira, Deus, o diabo, guerreiros sem braços e pernas, foguetes, sexo, sinos de mergulho, roubo, guerra, monstros, motores de combustão interna, amor, cigarros, alegria, abrigos antibombas, pizza e crueldade.

Assim como a história sempre foi.

KIMBER DRIVE

ROBBY BRES E EU fizemos a rua onde construíram o Shopping de Ealing.

Antes de superarmos nossa devoção pelas bicicletas BMX, os sulcos que abrimos em nossas idas e vindas pelo terreno que apelidamos de Selva de Gafanhotos se tornou o traçado natural da Kimber Drive, como se os tratores e engenheiros que a pavimentaram não tivessem opção a não ser seguir as trilhas marcadas por nós dois.

Robby e eu éramos os reis dos rios de concreto. E, como mostra a história, onde quer que garotos andem de bicicleta, logo atrás deles surgem pistas pavimentadas que parecem solitárias intestinais.

Depois o shopping foi construído — erguido como os dentes felizes de uma mandíbula. Ele sorriu por algum tempo, mas então, cerca de um ano atrás, algumas lojas começaram a fechar, escurecendo como cáries, quando as pessoas deixaram nossa cidade por lugares melhores.

Andar de BMX era coisa de pirralhos do ensino fundamental.

Ainda tínhamos nossas bicicletas, e acho que em alguns momentos Robby e eu pensamos em tirá-las dos cantos cobertos de teias de aranha das garagens de nossas casas. Mas agora que estávamos no ensino médio — ou pelo menos cursando *matérias* do ensino médio, já que estudávamos na Escola Luterana Curtis Crane desde o jardim de infância —, nós andávamos de skate e às vezes conseguíamos dar umas voltas escondidos no carro velho de Robby.

Estávamos no segundo ano do ensino médio, e Robby já sabia dirigir, o que era muito conveniente para mim e para minha namorada, Shann Collins.

Sempre podíamos contar com Robby. E eu tinha a esperança — minha fantasia erótica — de que uma noite ele nos levaria pelas estradas retas como agulhas que cortavam os mares de milharais em torno de Ealing, e Robby não diria nada quando eu montasse em Shann e transasse com ela bem ali, em cima das roupas encardidas dele que pareciam estar sempre espalhadas pelo Ford Explorer sujo e velho que seu pai havia deixado para trás.

CONSERTAR PÉS

NA SEXTA-FEIRA QUE ENCERROU a primeira semana terrivelmente lenta após as férias de primavera, Robby e eu pegamos os skates e fomos andar no beco imundo nos fundos da Selva de Gafanhotos.

Ninguém mais dava a mínima para skatistas.

Bem, pelo menos ninguém nas quatro lojas ainda abertas que sobraram no Shopping de Ealing depois que a fábrica da McKeon fechou: a lavanderia à qual Robby nunca ia, a Casa da Panqueca e as lojas de bebida e de artigos usados do padrasto de Shann.

Por isso podíamos andar de skate por ali e fazer quase qualquer coisa que quiséssemos.

A julgar pelas latas de cerveja vazias, pelo sofá-cama florido misterioso que tínhamos certeza ser infestado de chatos e pelo cheiro forte de mijo no beco, era óbvio que os outros moradores de Ealing também não se importavam com o código de conduta sem limites da Selva de Gafanhotos.

E isso se revelou uma questão desastrosa para mim e Robby naquela sexta-feira.

Tínhamos montado rampas com tábuas empenadas de compensado, que apoiamos em uma escada de concreto nos fundos de uma loja vazia onde antes funcionava um consultório médico especializado em pés.

— Que péssimo plano de negócios — comentou Robby.

— O quê?

— Consertar pés em uma cidade de onde todo mundo está louco para fugir.

Robby era tão inteligente que me doía pensar em como ele era melancólico às vezes.

— A gente deveria abrir um negócio — falei.

— Quer fumar um careta?

Robby gostava de chamar cigarros de *caretas*.

— Quero.

Não havia a menor chance de sentarmos naquele sofá florido. Viramos engradados de leite azuis e sentamos com os antebraços apoiados nos joelhos e os pés nos skates, deslizando-os para a frente e para trás como se flutuássemos sobre ondas mansas e invisíveis.

Robby fumava melhor do que eu. Conseguia tragar nuvens densas de fumaça e soprar fantasmas em tamanho real de nós dois quando se reclinava, relaxado, e exalava.

Eu gostava de cigarros, mas nunca fumaria se Robby não o fizesse.

— Que tipo de negócio? — perguntou Robby.

— Não sei. Eu podia escrever alguma coisa. Talvez histórias em quadrinhos.

— E você podia me desenhar. — Robby deu um longo trago no cigarro.
— Eu seria seu garoto-propaganda ou algo assim.

Eu preciso explicar.

Também tenho uma obsessão por histórias.

Em um canto do meu armário há uma pilha que vai do chão até a altura de minha coxa só de cadernos e fichários com o registro de todas as merdas que eu já fiz. Minha esperança era que, um dia, minha história idiota serviria de fonte para inúmeros relatos ficcionais sobre, bem, merdas.

E eu desenhava, também. Naqueles cadernos havia milhares de desenhos de mim, Shann e Robby.

Considero minha obrigação contar a verdade.

— O que exatamente faz um *garoto-propaganda*?

— Fala. E tem que ser bonito também. É um trabalho difícil, por isso espero ganhar uma grana decente.

— Multitarefa.

— *Pra cacete*, Porco-Espinho.

Robby me chamava de Porco-Espinho por causa do meu cabelo. Eu não me importava. Todas as outras pessoas me chamavam de Austin.

Austin Szerba.

É um sobrenome polonês.

Às vezes, quando paro para pensar, fico maravilhado com as conexões que se enredam através do tempo e do espaço: como um touro moribundo na Rússia tsarista pode ter sido responsável pelo fim do mundo em Ealing, no Iowa.

Essa é a verdade.

Quando era jovem, Andrzej Szerba, meu tataravô, foi eLivros de sua casa em uma pequena aldeia rural chamada Kowale. Andrzej Szerba se envolveu em um movimento radical de resistência à imposição da língua e da cultura russas sobre os poloneses. Como muitos jovens poloneses, Andrzej esperava que um dia seu país, tratado como uma salsicha disputada entre dois cachorros de impérios vizinhos egoístas, fosse capaz de se erguer sobre as próprias pernas.

A ideia era boa, mas não se realizaria enquanto Andrzej estivesse vivo.

Então meu tataravô foi obrigado a deixar Kowale e viajar para a Sibéria.

Ele não chegou muito longe.

O trem que levava o eLivros Andrzej descarrilou ao bater em um touro moribundo caído sobre os trilhos. Foi um acidente terrível. Andrzej foi abandonado, supostamente morto, no meio de um campo coberto de neve.

Andrzej Szerba usava um medalhão de prata com a imagem de São Casimiro, santo padroeiro da Polônia. Ele acreditava que São Casimiro tinha salvado sua vida naquele acidente de trem. Por isso, todos os dias, até o fim de sua vida, Andrzej beijava o medalhão e fazia uma oração em agradecimento ao santo.

Foi sorte minha Andrzej Szerba não ter morrido naquele campo nevado. Ferido, ele caminhou por dois dias até chegar à cidade de Hrodna, onde se escondeu dos russos e acabou se casando com uma moça polonesa chamada Aniela Masulka, minha tataravó.

O sêmen polonês saudável de Andrzej produziu quatro filhos católicos com Aniela, dois meninos e duas meninas.

Só um deles, o caçula, Krzys, foi parar perto de Ealing, Iowa.

Essa é minha história.

LOUIS FAZ UMA PERGUNTA RETÓRICA

NÓS NOS ENCOSTAMOS NO muro de concreto e ficamos fumando sob a sombra de uma caçamba de lixo verde com rodinhas. Mais ou menos na mesma hora em que convenci Robby a pegar o carro para nos levar até a nova casa velha de Shann Collins, olhei para cima e percebi que a população da Selva de Gafanhotos tinha crescido de maneira incômoda.

Quatro garotos da Herbert Hoover High School, a escola pública, estavam nos observando encostados no corrimão de aço zincado da escada que usávamos como rampa.

— Boiolas Candy Cane se preparando para dar uns amassos no Beco do Mijo.

Essa história de *Candy Cane*... Era assim que os garotos da Hoover gostavam de chamar os alunos da Escola Luterana Curtis Crane. Não só porque rimava. Também porque nós tínhamos que usar gravata. Quem inventou o uniforme podia ter pensado melhor e evitado a estampa de listras vermelhas e brancas. Porque, quando estávamos de gravata, camisa branca e o suéter azul com pequenas cruzeiras bordadas em corações vermelho-sangue, era impossível não nos ver como, bem, *candy canes*, aqueles doces patriotas e cristãos em forma de bengala!

Mas Robby e eu não éramos tão otários a ponto de andar de skate usando o uniforme.

Bem, na verdade estávamos mais fumando do que andando de skate.

Robby estava com uma camiseta com a estampa do apresuntado Hormel e uma calça jeans larga e cheia de buracos, tão frouxa que dava para ver metade de sua cueca com desenhos de limões e laranjas.

Não há frutas cítricas em Iowa.

Eu estava usando uma bermuda de basquete verde e amarela e uma camiseta preta dos Orwells. Então não *parecíamos* garotos da Curtis Crane.

Os Orwells são uma banda punk de Illinois.

A outra parte, a dos *boiolas*, bem, vamos dizer apenas que Robby era zoadado.

Bastante.

Eu só conhecia um dos garotos: Grant Wallace. É difícil não conhecer praticamente todo mundo em uma cidadezinha do tamanho de Ealing, mesmo que você não costume prestar muita atenção nas pessoas.

Mas de uma coisa eu sabia. Grant e seus amigos estavam ali com um único propósito: arrumar confusão.

Aquilo também prometia ser algo histórico.

E dois *boiolas* de sessenta quilos no segundo ano do ensino médio da Curtis Crane fumando e andando de skate não tinham muitas chances de impedir o que quatro alunos do último ano da Hoover criados à base de milho pretendiam fazer.

Robby continuou encostado no muro, fumando tranquilamente seu cigarro.

Ele me lembrou um cara daqueles filmes antigos em preto e branco sobre pelotões de fuzilamento, vendas nos olhos, a Legião Estrangeira e porcarias assim.

Um dos amigos de Grant, um cara gorducho com a cara cheia de espinhas e apenas uma sobrancelha, pegou o celular do bolso e começou a nos filmar.

Consultem a história: nada de bom acontece quando celulares são usados para gravar vídeos.

E acho que aquilo foi como uma ordem do diretor Grant para começar.

— Emprestem seus skates para mim e Tyler por uns minutos. A gente já devolve.

Tyler devia ser o garoto com cara de mula à direita de Grant, porque ele assentiu, todo animado, como um estímulo para que nós, os *boiolas Candy Cane*, fôssemos cooperativos.

Mas Robby negou antes mesmo que Grant terminasse de falar.

A verdade é que — e a história também vai confirmar isso —, quando garotos como Grant pedem a garotos como Robby e eu alguma coisa emprestada, como skates, duas coisas podem acontecer: ou esses skates serão roubados, ou garotos como Robby e eu vão apanhar e *depois* os skates serão roubados.

Para garotos como Robby e eu apanharem antes, basta um deles dizer não.

A aula de história acabou por hoje.

Levamos uma surra de Grant Wallace, Tyler e um outro garoto que fedia como se tivesse vomitado na própria camiseta, enquanto o quarto filmava com o celular.

Ah, e uma lição extra de história: nunca use bermudas largas com forro e cuecas samba-canção se for levar uma joelhada no saco. Saber isso pode ser útil no futuro.

Acho que nenhum de nós dois conseguiu ficar de pé quando os chutes e socos começaram. O nariz de Robby sangrou.

Grant pegou nossos skates e os jogou no telhado da Casa da Panqueca.

Então os quatro garotos da Hoover tiraram nossos tênis e os jogaram no telhado também.

E se os skates não tivessem feito um barulho tão grande quando caíram, Grant e seus amigos também teriam pegado as nossas calças e jogado para o céu dos tênis e skates. Mas o chinês chamado Louis que trabalhava na cozinha da Casa da Panqueca meteu a cara para fora da porta dos fundos e perguntou, com educação, o que a gente pensava que estava fazendo.

Eu não sei o que eu pensava que estava fazendo.

Mas só a pergunta, feita por um chinês que preparava panquecas chamado Louis, foi suficiente para Grant e os amigos darem a diversão por encerrada.

Eu fiquei encolhido de lado, com as mãos protegendo o saco, e a manga da minha camiseta dos Orwells grudada em uma mancha pegajosa de mijo no asfalto da Selva de Gafanhotos.

Grant e os garotos da Hoover foram embora, e Louis, aparentemente satisfeito com a falta de resposta para sua pergunta retórica sobre o que a gente achava que estava fazendo, fechou a porta.

Por um instante, me peguei pensando por que caras como Grant Wallace, que chamavam gente como Robby e eu de *boiolas*, sempre pareciam ter prazer em tirar as calças de garotos mais novos.

Achei que isso seria uma boa pergunta para os livros.

CAIU SANGUE NO SEU PRESUNTO

— VOCÊ SE MACHUCOU?

— Saco. Joelho. Cueca.

- Ah. Hum...
- Caiu sangue no seu presunto.
- Merda.

GRANT WALLACE ME ASSASSINOU

ROBBY ESTAVA SE SENTINDO mal. Não por causa do nariz sangrando, mas porque ele se culpava quando coisas como aquela aconteciam. Ele chorou um pouco, e isso me deixou triste.

Nós nos recuperamos.

A história mostra que, depois de uma situação como aquela, você tem duas opções: ou levanta de meias e fuma um cigarro com seu amigo sangrando, ou não faz isso.

Como não era hora de nenhum de nós dois morrer, resolvemos fumar.

Acho que Andrzej Szczerba deve ter sentido vontade de fumar quando se arrastou, todo ensanguentado, dos destroços naquele campo nevado na Polônia.

Há tantas teorias sobre como cuidar de um nariz sangrando quanto há espigas de milho em todos os silos de Iowa juntos.

Mas a abordagem de Robby foi artística.

Ele ficou de quatro como um cachorro e abaixou a cabeça, deixando cair as gotas de sangue do tamanho de moedas que escorriam de suas narinas ao mesmo tempo em que fumava um cigarro, pingando-pingadinho uma mensagem pontilhista no asfalto: *GRANT WALLACE ME ASSASSINOU*.

Eu observava e fumava e me perguntava se nossos tênis e skates no alto do telhado estariam se dando bem.

Infelizmente, por mais que achássemos aquilo engraçado, Robby parou de sangrar depois de formar o segundo A, então só conseguiu escrever *GRANT WA*.

- Ninguém vai saber o que isso significa — falei.
 - Eu deveria ter usado letras minúsculas.
 - Minúsculas gastam menos sangue, realmente. Uma fonte menor também. Todo mundo sabe isso.
 - Talvez você devesse me socar de novo.
- Eu me dei conta de que nunca tinha batido em ninguém na vida.
- Acho que não, Robby. Você tem moedas de vinte e cinco centavos?

— Por quê?

— Vamos levar nossas camisetas para a lavanderia. Você precisa aprender a usar aquelas máquinas, de qualquer forma.

Então Robby e eu mancamos até a entrada do shopping e fomos à Lavanderia Self-Service Ealing. Lá, para maximizar o retorno de nosso investimento, não lavamos apenas as camisetas, mas também as meias que estávamos usando.

— Isso é um saco — observou Robby, enquanto esperávamos a quinta moeda de dez centavos que depositamos na secadora eliminar com seu calor mágico a umidade e o detergente de nossas roupas. — Não é à toa que eu nunca venho aqui.

— O seu prédio não tem lavanderia?

— É nojenta.

— Pior que esta?

— Esta? Esta aqui parece o Havaí, Porco-Espinho. Ficar aqui sentado com você, sem camisa e descalço, assistindo a meias e outras porcarias girarem.

Robby morava com a mãe em um apartamento minúsculo de dois quartos em um lugar chamado Del Vista Arms, um prédio residencial de reboco a apenas três quadras da Selva de Gafanhotos. Caminhamos até lá vestindo nossas camisetas e meias úmidas recém-lavadas.

Dois apartamentos no andar de Robby tinham avisos de despejo por atraso de pagamento presos na porta.

— Espere aqui — disse ele, e entrou em silêncio.

Isso significava que a mãe estava em casa. Robby não gostava que as pessoas o visitassem quando a mãe estava lá. Eu sabia disso. De qualquer maneira, ele só ia pegar as chaves do Ford e me levar para dar uma volta.

Por isso eu esperei.

— O sangue não saiu da sua camiseta de presunto — avisei.

Pegamos o carro e seguimos pela Mercantile Street na direção da minha casa, e eu notei as manchas marrons de sangue lavado que pontilhavam o peito de Robby. E ele ainda estava só de meias.

— Vou emprestar uns tênis para você quando chegarmos na minha casa — ofereci. — Aí vamos buscar Shann e fazer alguma coisa.

Olhei por cima do ombro para verificar o banco de trás.

Eu me perguntei se um dia eu deixaria de sentir tesão, ou ficar confuso sobre meu tesão, ou confuso sobre por que eu sentia tesão por coisas que

não deveriam me dar tesão.

Como a história é meu juiz, provavelmente não.

— Acho que a gente deveria subir no telhado e pegar as nossas paradas de volta. De noite, quando ninguém estiver vendo. Aquele era o meu melhor tênis.

Na verdade, aqueles eram os únicos sapatos de Robby além dos de garoto colegial luterano.

Eu estava animado.

— Aposto que deve ter umas coisas legais naquele telhado — falei.

— Ah, é. Com certeza todo mundo de Ealing esconde suas coisas legais em cima do telhado da Casa da Panqueca.

— Ou talvez não.

O QUE FEZ ESTE PAÍS SER GRANDE

ROBBY TINHA UMA IRMÃ mais velha chamada Sheila.

Ela era casada e morava com o marido e o sobrinho de seis anos de Robby em Cedar Falls.

Eu tinha um irmão chamado Eric.

Eric estava no Afeganistão, atirando em pessoas e outras merdas assim.

Por pior que Cedar Falls fosse, por pior até que o Del Vista Arms fosse, Eric podia ter ido para um lugar melhor que o Afeganistão.

Tanto minha mãe quanto a de Robby tomavam pequenos comprimidos azuis para ficarem menos ansiosas. Minha mãe os tomava por causa de Eric, e a mãe de Robby precisava deles porque, quando estávamos no sétimo ano, o pai de Robby foi embora e nunca mais voltou. Meu pai era professor de história da Escola Luterana Curtis Crane e minha mãe era contadora do Hy-Vee, por isso nós tínhamos uma casa e um cachorro e merdas assim.

O Hy-Vee é um supermercado.

Meus pais eram previsíveis e pessimistas. Eles também não estavam em casa quando Robby e eu chegamos de meias e camisetas ainda úmidas.

— Cuidado com a bosta de cachorro — avisei enquanto atravessávamos o quintal.

— Austin, você deveria aparar a grama.

— Aí seria fácil demais ver a bosta de cachorro, e meu pai me mandaria catar. Aí eu teria que cortar a grama e catar bosta de cachorro.

— Foi esse tipo de pensamento que fez este país ser grande — disse Robby. — Sabe, se dessem um Prêmio Nobel pela habilidade de não trabalhar, todo ano algum cara branco de Iowa ganharia um milhão de dólares e uma viagem para a Suécia.

Pensar em mim e em Robby viajando para a Suécia me deu tesão.

A NOVA CASA VELHA DE SHANN

PRIORIDADES, É CLARO: PEGAMOS comida na cozinha.

Também deixamos rastros de sujeira no chão, porque meias são bastante eficientes quando se trata de redistribuir a imundície de calçadas, gramados, do Del Vista Arms e do velho Ford Explorer bagunçado de Robby.

Fervi água e levamos Cup Noodles e Doritos para o meu quarto.

Robby sentou na minha cama para comer e aguardou pacientemente enquanto eu registrava a última parte da história daquele dia no meu caderno.

— Aqui — falei, jogando meu telefone na cama. — Ligue para a Shann.

— Você já *cheirou* um *Doritos*?

— Hummmm... — Precisei pensar. Escrevi. — Provavelmente não.

— Só para saber — disse Robby. — Porque eles fedem como os pés do meu sobrinho.

— Por que você foi cheirar os pés de um garoto de seis anos?

— Boa pergunta.

Como sempre, Shann ficou brava porque fiz Robby ligar para ela do meu celular e, quando atendeu, ela achou que fosse eu. Isso, é claro, me deixou com tesão. Mas Robby explicou a ela que eu estava escrevendo, e disse que algo terrível tinha acontecido com a gente. Ele perguntou se podíamos passar na nova casa velha dela assim que acabássemos de comer.

Robby era um comunicador muito gentil quando se tratava de dar recados a Shann. Na verdade, eu acreditava que esse era um motivo importante por ela ser tão apaixonada por mim. Às vezes, eu queria poder cortar a cabeça de Robby e prendê-la ao meu corpo, mas havia algumas coisas erradas nessa ideia. Primeiro, embora fosse bem incômodo, eu meio que ficava com

tesão imaginando um híbrido de Robby/Austin transando com Shann. Além disso, decapitação era um assunto delicado em Ealing.

Bem, em qualquer lugar, na verdade. Mas em Ealing, no fim dos anos 1960, houve uma série de assassinatos bizarros que nunca foram solucionados. E todos envolveram corpos sem cabeça.

A história é cheia de decapitações, e Iowa não foge à regra.

Por isso, quando terminamos de comer, emprestei a Robby meias limpas, uma camiseta do Titus Andronicus (eu vesti uma do Animal Collective; todas as minhas camisetas são de bandas) e meu melhor par de tênis Adidas.

E fingimos não ver a caminhonete do meu pai estacionar na garagem quando saímos para encontrar Shann.

— Timing perfeito — falei.

Robby respondeu apertando o isqueiro do painel.

Além de toda aquela merda de cortar cabeças que havia acontecido cinquenta anos antes, Ealing também era conhecida pelo Dr. Grady McKeon, fundador das Indústrias McKeon, que, até seis meses atrás, empregavam metade da mão de obra da cidade. Grady McKeon era uma espécie de cientista e ganhou uma fortuna com programas de defesa durante a Guerra Fria. Quando a luta contra o comunismo acabou com os negócios de McKeon, ele adaptou a fábrica para produzir duchas e escovas de dentes ultrassônicas, que no fim se mostraram muito mais lucrativas se fabricadas na Malásia ou em algum lugar assim. Então a fábrica fechou, e era por isso que a maior parte do Shopping de Ealing estava deserta. Também era por isso que havia mais avisos de despejo a cada vez que eu visitava Robby no Del Vista Arms.

Essa é a história de meio século de uma cidadezinha de Iowa contada em cinco frases.

Grady McKeon já tinha morrido, mas seu irmão bem mais novo ainda estava vivo e administrava os negócios em Ealing. Johnny McKeon era o dono da loja de bebidas Grilo Embriagado e da loja de produtos usados Do Sótão ao Sucesso, duas das mais populares do shopping.

Johnny, responsável por criar sozinho os nomes dessas lojas, também era o padrasto de Shann.

E Shannon Collins (que Robby e eu chamávamos de Shann), a mãe dela (que recentemente se tornara Sra. McKeon) e Johnny tinham acabado de

comprar a casa dos McKeon, uma monstruosidade decrepita de madeira que estava no registro das construções históricas de Ealing.

Bem, na verdade era a *única* construção histórica de Ealing.

Robby e eu conseguimos fumar dois cigarros até chegarmos à nova casa velha de Shann.

O dia já tinha sido difícil.

Precisaríamos de outro maço.

INDO A UM LUGAR AONDE VOCÊ NÃO DEVERIA IR

SHANNON ME BEIJOU NA boca na porta de sua nova casa velha.

Ela deu um selinho em Robby, também.

Ela sempre dava um selinho em Robby depois de me beijar.

Isso me deixava com tesão.

Imaginava o que ela diria se eu lhe sugerisse um *ménage à trois* com nós dois em seu novo quarto velho ainda sem móveis.

Eu sei o que Robby diria.

Dã.

Eu me perguntei se eu era homossexual só por pensar em fazer um *ménage à trois* com Robby e Shann. E odiei constatar que seria mais fácil convidar Robby para fazer isso do que convidar minha própria namorada.

Senti que estava ficando vermelho e começando a suar em minha camiseta do Animal Collective, o que me deixava desconfortável.

Então percebi que por uns bons três minutos e meio eu fiquei parado na porta de um casarão vazio que cheirava a gente velha, pensando em um *ménage à trois* envolvendo meus amigos.

Aí me perguntei se aquilo significava que eu era gay.

Eu não estava ouvindo nada do que Shann e Robby conversavam, e, enquanto refletia sobre minha sexualidade, eles provavelmente pensavam em como eu era um idiota.

Eu podia muito bem ter sido um boneco inflável.

Essas são as coisas que não escrevo nos livros de história, mas provavelmente deveria.

Não acho que os historiadores já tenham escrito porcarias como essas alguma vez.

— Você tem que perdoar o Austin. Ele levou um chute no saco.

— Hein?

Robby me cutucou com o ombro e repetiu, mais alto, porque idiotas sempre entendem sua língua quando você grita com eles:

— VOCÊ TEM QUE PERDOAR O AUSTIN. ELE LEVOU UM CHUTE NO SACO.

Shann levou a mão espalmada ao meu rosto, do mesmo jeito que as mães de verdade, que não tomam tantos remédios por dia, fazem com garotinhos que elas desconfiam estar doentes. Mães de verdade têm sensores ou alguma porcaria dessas nas mãos.

A mãe de Shann, a Sra. McKeon, era uma mãe de verdade. Ela também tinha sido enfermeira antes de se casar com Johnny McKeon.

— Você está bem, Austin?

— Hã? Estou. Ah, desculpe, Shann. Eu estava meio viajando aqui.

Eu estava viajando sobre fazer um *ménage à trois* na Suécia com ela e Robby.

Mas não contei a ela.

O quarto de Shann *estava* vazio.

A casa estava quase toda vazia, por isso nossos passos e vozes ecoavam como efeitos sonoros de filmes de terror sobre três adolescentes que vão a algum lugar aonde não deveriam ir.

Pensar em coisas como essa com certeza não me deixava com tesão.

Na verdade, praticamente a única coisa que vi naquela casa que parecia um mausoléu mofado foram caixas fechadas, novinhas, repletas de chuveiros e escovas de dentes Pulse-O-Matic® da McKeon.

— A van da mudança vai chegar esta tarde. Eles acabaram de terminar lá em casa — explicou Shann e seu eco enquanto nós três ficamos parados, desconfortáveis, em seu quarto vazio.

Afinal, em um quarto vazio com piso de madeira rangente, a reação natural é apenas ficar parado, transferindo o peso de um pé para o outro, e pensar em sexo.

O VULCÃO DE ROBBY

SHANN E EU COMEÇAMOS a sair no sétimo ano.

Quando penso nisso, lembro que um monte de coisas aconteceu com a gente naquele ano.

Escrevi nove volumes inteiros, com todas as páginas em frente e verso, de *A história sem censura de Ealing, Iowa, por Austin Szerba*, só sobre aquele ano.

Naquele ano, Eric virou fuzileiro naval e me deixou em casa, sem irmão, com nossa cadela Ingrid, uma golden retriever chocolate com um sistema digestivo que parecia um verdadeiro dínamo.

As pessoas de Ealing usam expressões como *um verdadeiro dínamo* para qualquer coisa que se mova mais rápido do que o crescimento de um pé de milho.

Também foi naquele mesmo ano que o pai de Robby foi para a Guatemala filmar um documentário sobre uma erupção vulcânica. Muita coisa entrou em erupção naquele ano, porque o Sr. Brees conheceu uma mulher, engravidou-a e se mudou para a Guatemala.

E, como vários garotos do sétimo ano, também comecei a entrar em erupção com bastante frequência.

Um verdadeiro dínamo.

E, naquele ano, a mãe de Shannon Collins se mudou para Ealing, matriculou a filha na Escola Luterana Curtis Crane (onde éramos todos bons cristãos que não fumavam nem entravam em erupção) e se casou com Johnny McKeon, o dono da loja de produtos usados Do Sótão ao Sucesso e da loja de bebidas alcoólicas Grilo Embriagado.

E eu me apaixonei por Shann Collins.

Foi um período muito confuso. Por estar no sétimo ano naquela época, eu não sabia que as erupções e todas as outras coisas que estavam acontecendo comigo só iam ficar cada vez mais confusas no oitavo, no nono e no décimo anos.

Vou contar como consegui fazer com que Shann Collins também se apaixonasse por mim: meu melhor amigo, Robby Brees, me ensinou a dançar.

Eu me apaixonei por Shann no momento em que a conheci. Porém, como a garota nova da escola e de Ealing, Shann era muito reservada, principalmente em relação a garotos eruptivos de treze anos, verdadeiros dínamos cheios de tesão.

Robby percebeu como eu estava encantado por Shann, então me ensinou a dançar por puro altruísmo, bem a tempo da Festa de Fim de Ano Mista da Escola Luterana Curtis Crane. Normalmente, não era permitido misturar garotos e garotas na Escola Luterana Curtis Crane.

Por isso, durante duas semanas e meia, fui toda noite ao apartamento de Robby. Tocávamos discos de vinil em seu quarto, e ele me ensinava a dançar. Isso foi logo depois que Robby e a mãe tiveram que se mudar de sua casa para o Del Vista Arms.

Robby sempre foi o melhor dançarino que eu já conheci, e garotas como Shann adoram garotos que sabem dançar.

Como a história nos mostra, garotos que dançam têm muito mais probabilidade de transmitir seus genes do que garotos que não dançam.

Garotos que dançam são vulcões genéticos.

Mas eu ficava confuso dançando sozinho com Robby no quarto dele, porque era meio que, bem, divertido e fantástico, do mesmo jeito que fumar cigarros me deixava com tesão.

O sétimo ano também foi quando Robby e eu roubamos um maço de cigarros da mãe dele. Quando estávamos no décimo ano, a mãe de Robby começou a comprá-los para nós. Ela podia tomar remédios e não ter um daqueles sensores na palma da mão como as mães de verdade, mas a Sra. Brees não se incomoda quando garotos adolescentes fumam cigarros em sua casa e dançam juntinhos, sozinhos no quarto, e isso é muito significativo.

No fim daquele sétimo ano, Robby confessou que preferia dançar comigo do que com uma garota. Ele não quis dizer apenas *dançar*. Era muito confuso para mim. Só me fez questionar mais a mim mesmo, que já tinha muitas dúvidas, do que a Robby, a quem acho que amo.

Primeiro, achei que aquilo passaria — tipo, que Robby começaria a entrar em erupção como todo mundo.

Mas não havia nada de errado com o vulcão de Robby, e aquilo nunca passou de verdade.

Então foi na Festa de Fim de Ano Mista da Escola Luterana Curtis Crane que um Robby tranquilo e corajoso se aproximou da garota nova, Shann Collins, e anunciou:

— Meu amigo Austin Szerba é tímido. É aquele garoto ali. Ele é bonito, não acha? E também é um cara legal, escreve poesia e dança muito bem. Ele gostaria muito se você topasse dançar com ele.

Por mais confuso que aquilo tudo tenha sido, as coisas funcionaram às mil maravilhas para mim, Shann e Robby.

PORTAS QUE LEVAM A ALGUM LUGAR; PORTAS QUE NÃO LEVAM A LUGAR ALGUM

— ESTÁ BEM. ENTÃO basicamente esta casa está, tipo, infestada de demônios ou algo assim — contou Shann.

Infestações demoníacas de alguma forma fazem com que garotos não sintam tanto tédio.

— Ela está no *Registro de Construções Históricas de Ealing* — observei.

— Morreu gente aqui.

— Você deveria botar aquele troço purificador de ar que liga na tomada e mascara o cheiro de morte e decomposição com aromas primaveris — sugeriu Robby.

— Vejam isso — disse Shann. — Há portas que não levam a lugar algum, e juro que ouvi alguma coisa clicando e pulsando dentro da parede há pouco.

Shann usava expressões como *há pouco*.

Ela não era de Ealing.

Uma das paredes do quarto cheio de rangidos tinha duas portas. A parede em si era meio assustadora, forrada com um papel de parede de flores que pareciam flutuar como clones sem caule entre listras vermelhas e grossas. Se eu imaginasse um quarto onde fosse assassinar alguém, além dos instrumentos de tortura e outras merdas assim, ele teria esse papel de parede. Se eu estivesse no corredor da morte, aguardando a cadeira elétrica, usaria pijamas com essa mesma estampa.

Shann foi até a porta da esquerda e a empurrou.

Quando ela abriu, havia apenas a moldura, o batente e uma parede de tijolos atrás.

— Estão vendo?

Eu só conseguia pensar no que estaria do outro lado dos tijolos.

Robby, como sempre, sentiu-se compelido a dizer algo nada tranquilizador:

— Sugiro que você não liberte o que quer que esteja preso aí atrás.

Shann estava ficando brava. Eu sabia que deveria intervir, mas não sabia o que dizer.

— Hoje em dia as pessoas pagam uma grana por tijolos antigos como esses — falei.

Provavelmente foi melhor que Shann não estivesse prestando atenção em mim naquele momento.

— E olhem só para isso — alertou ela.

Quando abriu a segunda porta, uma escadaria longa e estreita descia para a escuridão lá embaixo. O abismo tinha pelo menos uns seis metros de profundidade, mas terminava em outra parede de tijolos antigos. Não dava para ver nenhuma porta saindo dali para qualquer direção.

— O que mais você pode esperar de uma casa velha desse jeito? — indaguei.

Era uma boa pergunta.

Mas eu estava pensando em fantasmas e outras merdas assim. Não dava para esperar encontrar minipôneis e pavões adestrados que distribuía chicletes e balas pelo rabo, não é?

— Não quero ficar sozinha neste quarto — disse Shann.

E aquilo me deixou de novo com muito tesão.

E eu também queria uma bala.

Shann, evidentemente preocupada, olhou para Robby, depois para mim.

— Preciso falar com você, Austin — disse, e acenou para que eu descesse com ela a escada da morte e decadência sem chicletes.

Robby entendeu a deixa.

— Hum. Eu preciso ir ao banheiro. Talvez escovar os dentes com uma Pulse-O-Matic®. Ou tomar um banho. Ou algo assim.

Ele moveu o peso de um pé para o outro em um passo hesitante enquanto eu seguia Shann pela porta número dois.

Nós sentamos lado a lado na escada.

Nossas pernas nuas se tocaram.

Shann tinha um corpo perfeito, um corpo de sexta-feira-depois-da-escola que estava visível principalmente porque ela estava descalça, usava um shortinho apertado e um top laranja. Só de ficar perto daqueles ombros nus, dos cabelos louros e dos peitos grandes de Shann, qualquer garoto ficaria louco.

Aquela escada para o nada era um calabouço adequado para garotos de dezesseis anos em erupção constante e verdadeiros dínamos como eu.

— Por que o Robby está usando as suas roupas e o que aconteceu com vocês dois?

Enquanto estávamos ali sentados, percebi três coisas importantes sobre Shann. Primeiro, notei que, como a maioria das garotas que eu conhecia, ela

fazia rajadas de perguntas como uma metralhadora, que atingiam o cérebro masculino com inúmeros pontos de interrogação totalmente sem relação uns com os outros. Segundo, embora não fosse algo declarado, ficava claro em sua entonação que Shann tinha ciúme de Robby, possivelmente a ponto de ficar um pouco em dúvida sobre minha sexualidade. Eu sei, talvez eu também sentisse a mesma confusão. Porque a terceira coisa, e a que mais me perturbava, era que, apesar de todas as fantasias, de todas as situações se/então elaboradíssimas que eu concebia envolvendo nós dois, sempre que surgia uma oportunidade para agir — como ficar sozinho com ela em um calabouço praticamente isolado —, eu ficava tímido e retraído.

Eu não conseguia entender por que isso acontecia.

A história mastiga os garotos sexualmente inseguros e depois os cospe em cartões de felicitações reciclados e genéricos para velhos solitários.

O Dr. Grady McKeon era um velho solitário. Só posso concluir daí que em algum momento ele foi um adolescente cheio de tesão e sexualmente confuso que entrava em erupção por qualquer coisa nos momentos mais inadequados. Ele tinha vinte e cinco anos e estava a caminho de construir um império de lucros quando seu irmão mais novo, Johnny, nasceu. Uma vez ouvi um criador de porcos que mascava tabaco dizer que em Iowa as pessoas gostavam de espalhar filhos como merda de cachorro em uma pista de dança.

O Dr. Grady McKeon seria o *tiaastro* — tio-padrasto — de Shann, se é que isso existe, se não estivesse morto. Ele havia sido a última pessoa a morar na casa histórica dos McKeon e morreu quando seu jatinho particular caiu no Golfo do México. Os motores foram sufocados pelas cinzas do monte Huacamochtli, o mesmo vulcão em erupção na Guatemala que o Robert Brees pai estava filmando para um documentário. E também foi naquele mesmo ano que Robby Brees e eu fumamos pela primeira vez, dançamos juntos e eu me apaixonei por Shannon Collins.

Johnny McKeon nunca quis morar na casa do irmão morto. A mãe de Shann precisou insistir durante uns quatro anos para que ele finalmente cedesse e tirasse a naftalina do local.

Segurei a mão de Shann, e ficamos ali sentados no calabouço com nossas pernas se encostando. Eu me senti tão frustrado que achei que fosse explodir, mas me concentrei e contei tim-tim por tim-tim tudo o que havia acontecido comigo e com Robby na Selva de Gafanhotos. Também

expliquei nosso plano de subir no telhado do Shopping de Ealing para pegar nossas coisas de volta.

— Vou com vocês — decidiu Shann.

— Subir no telhado, não — disse eu, com tanta autoridade que minha voz ficou mais grave.

Assumir um ar paternal com Shann na escuridão ressoante da escada que não levava a lugar algum me deixou com tesão, com ou sem demônios. Eu me aproximei dela e passei um braço em torno de sua cintura, de modo que meus dedos repousaram estendidos sobre a pequena faixa de pele exposta acima da cintura do shortinho.

— Eu espero no carro do Robby. Fico de guarda para vocês.

— Shann? — falei.

Quase me convenci a perguntar se ela não achava que estava na hora de transarmos, e essa ideia me deu vertigem. Eu me obrigaria a não ter mais nenhuma dúvida ou confusão, e a não acabar reciclado pela história.

— O quê?

— Esta escada é mesmo muito assustadora.

E bem quando eu a pressionei com firmeza na parede de tijolos antigos e investi minha boca aberta sobre a dela, Robby abriu a porta lá em cima e disse:

— A van da mudança chegou.

TOQUE DE RECOLHER

ENQUANTO A MÃE DE Shann, o pessoal da mudança e Johnny McKeon descarregavam e arrumavam todos os móveis que trouxeram da casa-velha-mas-muito-mais-nova, nós três fugimos no Ford Explorer de Robby com a missão de resgatar nossos tênis e skates.

Nas noites de sexta-feira em Ealing, Iowa, raramente acontecia algo mais animado do que subir no telhado de um shopping praticamente abandonado, e nós estávamos a fim de uma adrenalina.

Nas sextas-feiras, meu toque de recolher era à meia-noite, ou seja: se eu fosse silencioso o suficiente, podia ficar na rua até pouco antes de minha mãe servir o café na manhã de sábado.

Eu tinha que avisar aos meus pais para que eles soubessem que eu ainda estava vivo.

Contei a eles que ia comer pizza com Robby e Shann.

Não era uma mentira. Era uma abreviação.

Eu não estava preocupado em ir para o inferno.

Ninguém nascido e criado em Ealing, Iowa, tinha medo do inferno, do Afeganistão, nem de morar no Del Vista Arms.

No caso de Robby, avisar os pais significava dar uma passada em seu apartamento luxuoso de dois quartos no Del Vista Arms e pedir à mãe dele cinco dólares e um maço de cigarros novo, enquanto Shann e eu esperávamos no estacionamento.

Shann não fumava.

Ela era mais inteligente do que Robby e eu, mas não reclamava desse nosso hábito.

GENTE BURRA NUNCA DEVERIA LER LIVROS

DEMOREI MUITO TEMPO ATÉ tomar coragem para beijar Shann Collins, que foi a primeira e única garota que eu beijei.

Também é possível que eu nunca a tenha beijado, porque na verdade foi ela quem iniciou o beijo.

Aconteceu quase um ano depois da Festa de Fim de Ano Mista da Escola Luterana Curtis Crane.

Como Robby explicou a Shann, eu era tímido.

Eu estava na esteira rolante em direção à trituradora de papel da história junto com incontáveis outros garotos sexualmente confusos.

Depois da Festa de Fim de Ano Mista da Escola Luterana Curtis Crane, tentei fazer com que Shannon me levasse mais a sério.

Tentei todos os métodos razoáveis que consegui conceber. Entrei para o clube de arco e flecha quando descobri que ela era membro e me ofereci várias vezes para fazermos o dever de casa juntos. Infelizmente, nada parecia resultar em progresso de verdade.

No fim, tudo o que eu podia fazer era deixar que Shannon Collins soubesse que eu estaria lá sempre que ela precisasse de um amigo ou de um favor. Não acho que tive segundas intenções quando lhe disse essas coisas. Bem, para ser honesto, provavelmente eu tinha.

Eu escondia bilhetes para Shann em seus livros escolares elogiando as roupas dela. Ela ria dessas coisas. Shann sabia que era algo ridículo de se

escrever, já que todas as garotas da Escola Luterana Curtis Crane usavam uniforme. Mesmo assim, a história mostra que garotos pacientes com senso de humor, que também sabem dançar, costumam ter mais oportunidades de participar da evolução da espécie do que garotos que desistem e ficam se lamentando pelos cantos.

Mas eu comecei a me preocupar. Estavam começando a espalhar boatos pela Escola Luterana Curtis Crane sobre mim e Robby, embora nunca tenham falado nada na minha cara.

Então, no segundo semestre do oitavo ano, fui chamado para a sala do diretor por algo que havia escrito em um resumo de livro. Embora o livro em questão estivesse na biblioteca da Curtis Crane e também na Biblioteca Pública de Ealing, parecia que nenhum adulto o havia lido até eu fazer meu trabalho sobre ele.

O livro se chamava *The Chocolate War*, e o exemplar que li pertencia ao meu irmão, Eric. A Sra. Edith Mitchell, professora do oitavo ano, supôs que o livro falasse sobre um reino feito de doces ou algo assim. Provavelmente achava que também havia pavões falantes mágicos que atiravam balas e chicletes pelo rabo.

Mas havia adolescentes no livro, garotos católicos, que se masturbavam.

Garotos que frequentavam a Escola Luterana Curtis Crane não podiam se masturbar.

Meu pai quase perdeu o emprego porque eu escrevi o resumo de um livro que falava sobre garotos católicos e masturbação.

O pastor Roland Duff, diretor da Escola Luterana Curtis Crane, ficou muito aborrecido.

Ele estava com o único exemplar de *The Chocolate War* que havia na escola sobre a mesa quando entrei em sua sala.

Lá, ele me deu conselhos sobre masturbação e catolicismo.

— Meu medo é que, quando garotos resolvam ler livros como esse, imaginem que não exista nada de errado com masturbação, e possam, por pura curiosidade, tentar se masturbar. Na verdade, Austin, a masturbação tem efeitos nocivos muito graves. Ela deixa os rapazes física e espiritualmente fracos.

O diretor limpou a testa, que estava úmida, com um lenço que exibia o emblema da Escola Luterana Curtis Crane bordado no canto, uma cruz negra cercada por um coração vermelho-sangue. Eu me perguntei se o

treinamento religioso que ele havia recebido o preparara para conversar com adolescentes sobre masturbação.

Então ele prosseguiu:

— Ao longo da história, exércitos inteiros foram derrotados porque seus soldados se masturbavam com muita frequência. Aconteceu com os italianos na Etiópia.

Quando ele disse as palavras *com muita frequência*, eu me perguntei se havia um número maior do que uma ou duas vezes por dia que ainda me livrasse do inferno e das derrotas militares.

Em todo caso, eu esperava que ele estivesse certo. Torcia para que os vilões no Afeganistão — onde meu irmão Eric, dono do livro que me criou problemas, estava servindo — também exagerassem na masturbação, como os italianos.

O pastor Roland Duff continuou:

— A masturbação também pode transformar garotos em *homossexuais*.

Quando ele disse *homossexuais*, fez um gesto enfático como se estivesse modelando uma grande massa na forma de um *homossexual*, para que eu pudesse ver do ele estava falando.

Aquilo me apavorou e me deixou envergonhado e confuso.

Então ele chamou minha mãe à sala dele e também conversou com ela sobre masturbação.

Até aquele dia, eu tinha certeza de que minha mãe não sabia que existia essa coisa de masturbação.

Enquanto eu estava ali parado e incomodado, o pastor Roland Duff contou à minha mãe sobre os Sinais de Alerta da Masturbação, para que ela pudesse ficar de olho em mim.

Então ele me mandou para casa com minha mãe e me suspendeu das aulas por um dia.

Quando voltei para a escola, a Sra. Edith Mitchell mandou todas as garotas saírem da sala enquanto o pastor Roland Duff explicava as regras dos livros que nós, garotos, não tínhamos permissão de ler na Escola Luterana Curtis Crane. Não podíamos mais ler nenhum livro que falasse sobre masturbação, católicos ou pênis. O pastor Roland Duff fez para todos os garotos da turma o mesmo discurso que havia feito para mim sobre masturbação, fraqueza e homossexualidade.

Mais uma vez, ele culpou a masturbação pela derrota da Itália em guerras.

Esse tipo de merda também nunca aparecia nos livros de história.

Às vezes, durante o discurso, ele observava:

— Como eu expliquei para Austin Szerba...

E gesticulava como se estivesse modelando uma massa de Austin Szerba no ar, para que todos os outros garotos vissem como era um garoto que escrevia o resumo de um livro sobre masturbação e católicos.

Então ele fez uma oração com os garotos e nos liberou para que a Sra. Edith Mitchell tivesse uma conversa parecida com as meninas.

Robby e eu sussurrámos do lado de fora que um cigarro cairia bem depois de toda aquela conversa sobre masturbação.

Aquele foi o pior dia da minha vida desde que Eric saiu de casa.

Todo mundo soube que a culpa de toda aquela confusão sobre masturbação era minha. Não se podia falar no nome de Austin Szerba na Escola Luterana Curtis Crane sem pensar em masturbação.

Não abri a boca em sala de aula até o final do ano.

Robby achou engraçado e me disse que eu era corajoso.

Melhores amigos fazem essas coisas.

Quando os garotos foram tirados da sala, eu me perguntei se a Sra. Edith Mitchell estava contando às meninas sobre Austin Szerba e sobre como os garotos adolescentes se masturbam, ou se ela tinha encontrado um livro com garotas que se masturbavam. Pensar em um livro desses me deixou com muito tesão.

Por um bom tempo depois daquele dia, a biblioteca ficou mais silenciosa e vazia do que o normal.

Mas quando os garotos voltaram para a sala, Shann discretamente jogou um bilhete no meu colo por baixo de nossas carteiras. Achei que ela fosse me provocar por causa do lance da masturbação, mas o bilhete dizia o seguinte:

Está bem, eu admito, Austin Szerba, você enfim me conquistou. Eu também li The Chocolate War. Amo esse livro. Esta escola é cheia de babaquices. Vamos sair e tomar uma Coca depois da aula. Ah, por falar nisso, adorei sua roupa hoje.

Eu estava vestido exatamente como todos os outros garotos na Escola Luterana Curtis Crane.

Mais tarde naquele dia, Shann Collins e eu nos beijamos pela primeira vez.

Aconteceu logo depois que eu disse para ela:

— Gente burra nunca deveria ler livros.

A ARMA DE RAIOS MORTAIS

FALTANDO UMA HORA PARA a meia-noite, Shann e eu esperávamos dentro de um Ford Explorer velho estacionado atrás do Del Vista Arms. Robby Brees, vestido com as minhas meias brancas limpas, meus melhores tênis Adidas de andar de skate e minha camiseta do Titus Andronicus, tinha corrido ao apartamento dele para pegar mais cigarros e, enquanto isso, dar um alô para a mãe.

Os acontecimentos daquela noite dariam início a um desastre que provavelmente aniquilaria a vida humana do planeta. Naquela noite, eu diria uma coisa a Shann que nunca tinha dito a ninguém. Faria algo que nunca havia feito e veria coisas que não conseguia entender nem acreditava que existiam.

Isso é história e também é a verdade.

Eu estava sentado no banco da frente.

Como Robby se recusava a dirigir sozinho na frente como se fosse nosso motorista, eu ou Shann sempre tínhamos que andar no banco do carona. Essa regra aumentava o grau de dificuldade para realizar minha fantasia, que envolvia Shann e o banco de trás do carro de Robby.

Mas, naquele momento, Robby não estava lá.

— O que você está fazendo? — perguntou Shann quando eu me espremi entre os bancos da frente e passei por cima do console, onde ainda havia um monte de fitas cassete do pai de Robby.

Achei que era bem óbvio o que eu estava fazendo, por isso respondi:

— Procurando minha arma de raios mortais.

— Bem, se a sua arma de raios mortais não se parece nem com as meias nem com as cuecas de Robby, então ela não está aqui atrás.

Robby precisava parar de acumular tanta roupa suja daquele jeito, mas pelo menos assim o chão do quarto dele ficava limpo.

Meu pé ficou preso entre o banco do passageiro e o console. Meu tênis saiu. Eu o deixei ali.

— Vou ficar aí atrás com você até o Robby sair daquele armário minúsculo que é o apartamento dele.

— O Robby saiu do armário no sétimo ano — rebateu Shann.

Muitas coisas aconteceram no sétimo ano.

— Pronto — falei. — Nunca fiquei aqui atrás sozinho com você, Shann. É um tanto sexy.

Achei que usar a expressão *um tanto* me faria parecer mais maduro e como se eu não fosse de Ealing.

— Nunca ouvi você dizer algo assim antes, Austin — disse ela.

— *Um tanto?*

— Não. *Sexy* — explicou Shann.

Ela tinha razão. Eu nunca tinha falado sobre sexo com Shann. Eu tinha medo demais para fazer isso.

— Bom, é sexy — repeti.

Arranquei meu outro sapato e me aproximei de Shann. Então a abracei, me inclinei sobre ela e coloquei os pés em cima do banco. Levei os lábios ao seu pescoço e o lambi. Ela ofegou.

— Shann, quero dizer que estou apaixonado por você. Eu amo você, Shann.

Eu nunca tinha dito isso antes.

— Ah, Austin, eu amo você.

Também foi a primeira vez que Shann disse isso.

Então a luz no teto do Explorer acendeu. Robby abriu a porta do motorista.

— Vocês *não* vão transar no meu carro... em cima das minhas roupas! — exclamou ele.

Não me lembro exatamente como aconteceu, mas a bermuda de basquete que eu estava usando tinha ido parar quase na altura dos meus joelhos.

— Hum. Não, Robby. Não.

Nervosa, Shann tossiu e se aprumou, enquanto eu puxava minha bermuda de volta para os quadris.

— Um de vocês... — disse Robby, sério. — Para a frente, agora. Vamos lá buscar nossas paradas.

Eu me espremi de volta para o banco do carona.

Robby me lançou um olhar intenso e reprovador.

Então balançou a cabeça e riu para mim. Robby não estava com raiva. Robby estava tão surpreso quanto eu. Nós dois sabíamos o que

provavelmente teria acontecido se ele tivesse esperado só mais um minuto antes de voltar para o carro.

Tirei meu sapato do console. De alguma maneira, minhas meias também tinham saído dos pés. Comecei a procurá-las. As roupas às vezes têm uma mania de abandonar o navio.

Aí Robby jogou um maço de cigarros no meu colo e apertou o botão do cinzeiro no painel.

Ele ligou o carro.

— Acende um para mim, Porco-Espinho — pediu.

ROBBY PODIA TER SIDO PASTOR

NÓS ESTUDAMOS O SHOPPING de Ealing.

Estávamos do outro lado da rua, na Pizzaria do Stan, onde comemos e observamos pela janela.

A Pizzaria do Stan fechava à meia-noite. Stan ficou claramente bravo quando entramos e fizemos o pedido. Não tinha mais ninguém ali, e Stan queria ir para casa.

Pedi uma Stanpreme grande em uma tentativa de animar Stan.

— A gente quer uma Stanpreme grande, por favor. Para comer aqui — falei.

Assim como Johnny McKeon se orgulhava de ter inventado sozinho os nomes Grilo Embriagado e Do Sótão ao Sucesso, e assim como o Dr. Grady McKeon era considerado um gênio por inventar a marca Pulse-O-Matic®, Stan devia se orgulhar muito de ter criado o conceito da Stanpreme.

As pessoas de Ealing eram muito criativas.

Nós não tínhamos certeza se o nome verdadeiro de Stan era Stan. Nunca perguntamos.

Como Stan era mexicano, era provável que não.

Sentamos, comemos e observamos.

Stan nos observou.

Tudo estava escuro no Shopping de Ealing do outro lado da rua, menos o letreiro acima da Lavanderia Self-Service Ealing. A lavanderia nunca fechava. Não havia necessidade. Entre as duas e as seis da manhã, no entanto, ela funcionava mais como um banheiro público, um lugar para usar drogas ou transar do que propriamente como uma lavanderia.

Pensar em transar no chão da Lavanderia Self-Service Ealing de repente me deixou com tesão.

Não havia ninguém lá.

Assim era Ealing à noite.

Ninguém tinha qualquer motivo para estar na rua, a menos que estivesse parado no meio-fio assistindo à própria casa pegar fogo.

Eu me perguntei se Ollie Jungfrau tinha ido para casa. Ollie trabalhava na loja de bebidas de Johnny McKeon. A Grilo Embriagado também fechava à meia-noite, mas já estava às escuras quando Stan trouxe até nossa mesa perto da janela o disco de metal sobre o qual estava sua criação epônima.

Essa foi a primeira vez na história que uma pessoa de Ealing, Iowa, usou a palavra *epônima*. Você podia levar uma surra em Ealing por usar palavras como essa.

Assim como Robby e eu levamos uma surra por ficarmos sentados fumando e sendo boiolas. Mas eu não sei se sou mesmo boiola. Só algumas pessoas acham isso.

Comemos.

Robby pediu a Stan três águas com gelo, por favor.

Stan não estava muito feliz.

Não conseguimos terminar a Stanpreme. Era grande demais. Stan nos levou uma caixa para guardarmos as três fatias que sobraram sobre o disco de metal.

— Vocês acham que a gente deveria bolar um plano ou algo assim? — perguntei.

— Estamos em Ealing — lembrou Robby. — Bolar planos é proibido aqui.

Se a gente não odiasse tanto ser luterano, Robby podia facilmente ter sido pastor.

PIZZARIA DO STAN NÃO É UM BOM NOME

ROBBY ESTACIONOU O EXPLORER no fim da Selva de Gafanhotos.

Ele parou de frente para a Kimber Drive, para que pudéssemos fugir dali bem depressa se fosse preciso.

Como verdadeiros dínamos.

A ideia de fazer algo ousado e errado tornou o resgate de nossos tênis e skates uma missão ainda mais eletrizante para nós. Na verdade, ninguém daria a mínima para dois adolescentes que foram humilhados e espancados por uns babacas da Hoover e que subiram no telhado de um shopping irrelevante para pegar seus tênis de volta.

Shann esperou sentada no banco de trás.

Quando estávamos a uns três metros do carro, Robby teve uma ideia.

— Espere — disse ele. — A gente deveria deixar esses tênis no Explorer.

Fazia sentido, como a maioria das merdas que Robby me dizia. Quando chegássemos ao telhado, seria mais fácil se não tivéssemos que carregar tanta coisa na descida. Poderíamos colocar os tênis que estavam lá.

Ainda bem que Grant Wallace e aqueles outros babacas não tinham jogado nossas calças lá em cima também, pensei.

Voltamos até o carro.

Shann já estava dormindo em cima das cuecas de Robby.

Tiramos os tênis e os deixamos no banco da frente.

Robby pegou seu maço de cigarros e uma caixa de fósforos e disse:

— Agora podemos ir.

Preso na parede, havia uma escada estreita de aço com uns dois metros de comprimento que descia do telhado. Mas era impossível alcançá-la do chão, por isso Robby e eu empurramos a pesada caçamba de lixo verde pelo beco e a posicionamos embaixo da escada.

Aí subimos na caçamba de lixo de meias.

Eu achava que os lixeiros nunca esvaziavam aquilo. A caçamba estava grudada e vazou um líquido gotejante que fedia a mijó e vômito quando a empurramos da parede de concreto ao lado do sofá infestado de chatos.

Do alto da caçamba, mal conseguíamos alcançar o degrau mais baixo da escada. Eu servi de apoio a Robby para que ele subisse. Suas meias, que na verdade eram minhas, estavam molhadas e meladas quando pisaram nas minhas mãos trançadas.

Eu me senti especialmente viril ao fazer uma barra para subir sozinho na escada depois dele.

Logo estávamos no telhado, de onde podíamos ver toda a pequena e lúgubre extensão cancerosa de Ealing.

Acendemos cigarros.

Robby disse:

— Pizzaria do Stan não é um bom nome para uma pizzaria.

Ficamos parados, olhando para o plástico que protegia os longos tubos fluorescentes no letreiro da Pizzaria do Stan, do outro lado da Kimber Drive.

Alguém tinha pintado um *A* entre o *S* e o *T*, então o letreiro dizia:

Pizzaria do Satan

As pessoas sempre faziam isso com Stan.

Fizeram tantas vezes que Stan simplesmente desistiu de limpar a tinta e deixou que o letreiro dissesse o que as boas pessoas de Ealing queriam que dissesse: Pizzaria do Satan.

As pessoas de Ealing também tinham bastante senso de humor.

— Eu já vi o pastor Roland Duff comendo ali — falei.

— Ele pediu uma Satanpreme?

Foi difícil encontrar nossos tênis e skates no alto do telhado à noite. Como eu havia teorizado desde o começo, tinha um monte de paradas legais lá em cima, por isso Robby e eu toda hora nos distraíamos. Na verdade, não tinha muito problema, porque Shann tinha pegado no sono, de qualquer forma.

Encontramos um flamingo de plástico com um longo espeto de metal saindo da bunda para que alguém pudesse espetá-lo em um gramado e fazer as pessoas acharem que flamingos eram animais nativos de Iowa.

Robby encontrou duas garrafas de vinho com tampa de rosca, cheias e lacradas, e as colocou ao lado da escada.

Especulamos que talvez na época em que Ollie era mais magro, ele subisse ali para encher a cara e conversar com o flamingo. Ollie Jungfrau agora pesava quase duzentos quilos.

O Satan fazia entregas na Grilo Embriagado.

— Você já ficou bêbado, Porco-Espinho? — perguntou Robby.

— Não.

— Um dia desses, vamos encher a cara juntos.

— Está bem.

A ideia de tomar um porre pela primeira vez com Robby, bem como a maioria das coisas que contrariava alguma lista bem-intencionada de regras, me deixou com tesão.

Encontramos duas latas de alumínio com rolos de filmes de dezesseis milímetros. Ninguém mais via filmes em dezesseis milímetros. Havia um

projeto velho na Escola Luterana Curtis Crane, mas resolvemos não levar os filmes para lá, caso fossem pornô ou algo assim.

Mas nós queríamos levar o flamingo.

Robby botou o flamingo de plástico rosa ao lado das garrafas de vinho.

— Um de nós pode descer primeiro, depois o outro joga o flamingo e o vinho — sugeriu Robby.

Robby também encontrou uma máscara de Halloween. Era coberta de pelos e parecia um lêmure fazendo careta. Era a expressão que um lêmure faria em uma cadeira elétrica. Tínhamos que levar aquilo para casa, decidimos.

— Se um dia você quiser levar um tiro em Ealing, é só andar pelo quintal dos fundos de uma casa com uma máscara de lêmure — disse Robby.

SE VOCÊ QUISE LEVAR UM TIRO EM EALING

FINALMENTE ENCONTRAMOS NOSSOS TÊNIS e os calçamos.

Tive vergonha de admitir, mas fiquei meio emocionado por reencontrar nossas coisas depois daquele dia tão longo.

Dava para ver que Robby sentia a mesma coisa.

Colocamos nossos skates junto com as outras coisas que tínhamos juntado e então sentamos ao lado da saída de ventilação no telhado para relaxar e fumar mais um cigarro.

— É bom ter os meus tênis de novo — disse Robby.

— Se a gente não os encontrasse, eu daria os meus Adidas para você.

— Valeu.

Nós dois soltamos a fumaça ao mesmo tempo.

— Austin.

— O quê?

— Você percebeu que a gente apanhou por ser boiola?

— Eu sei.

— Mas você não é boiola — comentou Robby, solidário.

— Acho que não.

— Bem, me desculpe.

— Você não fez nada, Rob.

Às vezes eu o chamava de Rob.

— Eu nunca fiz nada — disse ele. — Nunca fui beijado nem nada, mas sempre levo porrada.

— Shann beija você o tempo todo.

— Não é disso que estou falando.

— Eu sei.

— Bem, se é para levar porrada por ser boiola, eu queria descobrir pelo menos uma vez como é ser beijado.

— Hum. Acho que você merece isso. Sabe, todo mundo merece não se sentir sozinho.

— Posso beijar você, Austin?

O clima de repente ficou tenso.

Eu pensei no assunto. E balancei a cabeça.

— Ia ser esquisito demais.

— Desculpe.

— Não precisa se desculpar.

Ficamos ali sentados, fumando.

Tudo estava confuso e uma droga.

Robby se sentia péssimo.

— Acho que beijaria você, Robby — falei.

— Não se sinta na *obrigação*.

— Não estou me sentindo.

Então Robby Brees, meu melhor amigo, o cara que me ensinou a dançar para que eu pudesse fazer Shann Collins se apaixonar, se aproximou.

Ele estava nervoso.

Eu estava apavorado.

Eu o vi engolir em seco algumas vezes.

Então Robby apagou o cigarro com cuidado no cascalho perto de seu pé. Ele colocou as mãos na minha nuca e me beijou.

Ele me beijou da mesma forma como eu beijo Shann, mas foi uma sensação diferente, intensa, assustadora.

A língua de Robby tinha gosto de cigarro quando entrou na minha boca. Gostei do sabor, mas aquilo me deixou mais confuso. Nossos dentes se bateram. Isso provocou um tilintar de sinos na minha cabeça. Eu nunca batia meus dentes nos de Shann quando a beijava.

Quando terminamos o beijo, Robby afastou o rosto e eu o vi lambe os lábios e engolir.

Os olhos dele estavam úmidos, como se ele fosse chorar ou algo assim.

Ele virou o rosto e enxugou os olhos.

— Desculpe — falou.

— Não. Tudo bem. Eu disse que podia. Eu disse para a gente fazer isso.

— Está tudo bem?

— Eu disse que está, Robby. Foi estranho. Sério. Você está legal?

— Acho que esse foi o melhor momento de toda a minha vida, Austin. —

Robby enxugou os olhos e disse: — Obrigado. Eu sempre quis pedir isso a você.

— Você podia ter pedido.

— Não queria que você me odiasse.

— Como eu poderia odiar você?

— Por querer fazer isso com você.

— Ah. Bem. Desculpe se foi desajeitado. Eu não sabia se tinha que fazer o papel do homem ou da mulher.

Robby pegou o cigarro.

— Você não tinha que *fazer o papel* de nada.

— Bom. Por que eu tenho quase certeza de que eu estava sendo apenas... hum... o Porco-Espinho.

Robby soltou uma baforada de cigarro.

— Sabe de uma coisa, Robby?

— O quê?

— Se um dia você quiser levar um tiro em Ealing, é só fazer *isso* no quintal da casa de alguém à noite.

O ALÇAPÃO

FICAMOS ALI SENTADOS SEM dizer mais nada até terminar de fumar nossos cigarros.

Tentei não pensar no que Robby e eu tínhamos feito.

Eu só *conseguia* pensar no que nós dois tínhamos feito.

Se eu estava confuso e dividido antes de subir no telhado com Robby, naquele momento eu havia sido triturado, pronto para ser cuspidos pela história, depois de passarmos alguns minutos ali.

Tentei pensar como se não tivéssemos feito aquilo de verdade, mas ainda sentia o gosto da boca de Robby na minha. Tentei ouvir Shann andando pela

Selva de Gafanhotos, assim não escutaria minha mente dizer que não teria problema se Robby um dia pedisse para me beijar de novo.

Seria emocionante e ousado.

Depois da meia-noite, Ealing é mais silenciosa do que um caixão de pedra.

Robby percebeu que eu estava confuso; viajando, como nós diríamos.

— Você está com raiva de mim? — perguntou ele.

— Porra. Não estou com raiva.

— Está bem. Olhe.

Eu não estava olhando para Robby. Até ele dizer isso, eu nem tinha percebido que estava encarando os cadarços dos meus tênis, acompanhando seu traçado em zigue-zague de cima a baixo e para um lado e para o outro com a ponta do dedo, como um trem subindo uma encosta por trilhos brancos sinuosos, de um tênis para o outro, sem parar.

Fazia a volta no laço, atravessava, ia e voltava.

Ergui os olhos.

Robby havia caminhado pelo cascalho para longe de mim.

Ele tinha levantado e aberto uma portinhola quadrada de metal no telhado. Eu nem havia notado que ela existia.

— Escada de acesso ao telhado — explicou Robby. — Desce direto no brechó.

— E deixaram aberta?

— Ninguém nunca vem aqui em cima.

— *Aqui em cima* tem um flamingo sentinela e uma cabeça de lêmure.

— Ninguém quer mexer com essas merdas.

Robby enfiou a cabeça dentro do buraco do alçapão.

Ele perguntou:

— Quer descer lá?

Eu já tinha feito com Robby algo que nunca acreditei que faria. Entrar na loja de artigos usados de Johnny McKeon no meio da noite era uma merda sem importância se comparada àquilo.

Eu disse:

— Seria legal.

Quando eu me levantei, estava zozzo.

Eu estava como a ponta do meu dedo, fazendo zigue-zague de um olho para outro, seguindo um fio, fazendo história.

Robby observou enquanto eu me levantava. Percebi seus olhos em minha direção. Eu sabia que nunca mais olharíamos um para o outro da mesma maneira, e não sabia o que achava disso. Eu o flagrei tentando ver se eu estava excitado. Puxei a camiseta para baixo tentando escondê-lo.

A bermuda de basquete e as cuecas tipo boxer que eu estava usando naquele dia revelaram ainda outro problema estratégico para os livros de história.

A história mostra que ereções acontecem nos piores momentos possíveis. E permanecem até que outra pessoa perceba. Muitas vezes, uma bibliotecária ou uma professora de inglês como a Sra. Edith Mitchell.

Andei até a beira do telhado e parei no alto da escadinha que tínhamos usado para subir até ali.

— A Shann — falei. — Só quero saber se está tudo bem com ela.

Robby não respondeu.

Expressões como *tudo bem* podem significar qualquer coisa.

Robby sabia que dizer qualquer coisa além disso podia especificar uma definição de *tudo bem* que não fosse o que nós queríamos ouvir.

O Explorer estava escuro e silencioso.

Shann ainda estava dormindo.

Não tinham se passado mais de vinte minutos, mesmo que naquele momento o tempo parecesse se arrastar.

Do outro lado da rua, o letreiro Pizzaria do Satan piscava. Quando desligaram as lâmpadas fluorescentes elas emitiram um chiado audível como o de uma vespa moribunda.

Robby desceu pelo alçapão.

Eu fui atrás.

JACK FAMINTO

NOS FINS DE SEMANA e nos verões, eu ganhava uma grana trabalhando para Johnny McKeon em sua loja de artigos usados Do Sótão ao Sucesso. Johnny se sentia obrigado a me ajudar porque eu era namorado de Shann.

Normalmente o trabalho envolvia limpar a loja.

Lojas de artigos usados são como os aspiradores de pó do mundo: elas aspiram as merdas de todos.

A história mostra que, como Ealing, quando as cidades estão morrendo, as últimas coisas que se contaminam com a praga são as lojas de bebidas e de artigos de segunda mão.

Johnny McKeon estava na crista da onda.

Às vezes, Johnny recebia novas mercadorias na Selva de Gafanhotos, e depois me encarregava de examinar e separar caixas, desenrolar e varrer tapetes e limpar as gavetas de cômodas e mesas de cabeceira.

Eu encontrava muitas camisinhas e bíblias nelas.

Johnny me disse que eu podia fazer o que quisesse com aquelas coisas.

Eu jogava as bíblias no lixo.

Robby e eu descemos pela escada. Ela nos levou, como se fôssemos alienígenas visitantes, para um quartinho de ligação entre a Grilo Embriagado e a Do Sótão ao Sucesso.

A escada era presa por suportes de metal a uma parede de reboco onde ficava o quadro elétrico da loja. Eu tinha visto aquela escada muitas vezes. Tinha até notado a placa de Acesso ao Telhado h presa na parede com uma seta apontando para cima, como se alguém não soubesse em que direção ficava um telhado.

Eu nunca tinha pensado em subir no telhado do shopping antes de ir lá com Robby.

Do outro lado da parede ficava o banheiro da loja. Era um espaço tão pequeno que dava para alcançar o papel-toalha e a saboneteira e lavar as mãos sem levantar da privada e sem tirar a cara da frente do espelho.

Ollie Jungfrau nunca poderia cagar ali.

Havia uma placa na porta que dizia: *Banheiro privativo*.

Todo mundo sabia que o banheiro público ficava na lavanderia, ou entre a lixeira e o sofá na Selva de Gafanhotos, se você não conseguisse se segurar.

Havia um mendigo que passava por ali em sua bicicleta velha cerca de uma vez por semana. A bicicleta estava sempre balançando, equilibrada com uma precisão ridícula por sacolas e trouxas enormes presas em todos os espaços disponíveis do metal enferrujado. Robby e eu o chamávamos de Jack Faminto, mas nunca lhe perguntamos seu nome.

Jack Faminto não tinha os dentes da frente.

Jack Faminto tinha lutado no Vietnã.

Quando passava por ali, Jack Faminto parava e entrava no latão de lixo para procurar coisas.

Robby e eu o flagramos cagando uma vez, entre a lixeira e o sofá.

Li que a memória olfativa é um dos tipos de informação mais poderosos que podem ficar registrados no cérebro humano. Apesar de parecer muito estranho para mim estar à noite dentro da Do Sótão ao Sucesso, o cheiro daquele lugar era totalmente familiar. A loja tinha um odor constante e perfumado de tristeza, morte, abandono, camisinhas e versículos da Bíblia que eu nunca havia sentido em nenhum outro lugar.

Eu me sentia tão em casa ali como alguém deve se sentir deitado no próprio caixão.

AS COISAS DE JOHNNY

— POR AQUI — murmurei.

Robby nunca tinha posto os pés no interior do brechó até aquela noite. Eu já havia falado várias vezes sobre aquele lugar.

— Isso é um tanto assustador — disse Robby.

Robby estava falando como um não ealingano.

— Quer ir embora?

— Não.

Robby Brees pôs a mão em meu ombro para não tropeçar em nada. Eu o levei para trás do balcão da loja, uma caixa de vidro retangular onde Johnny McKeon exibia relógios, joias, câmeras fotográficas, armas e três coleções de insetos emoldurados.

Apenas algumas coisas na Do Sótão ao Sucesso me interessavam. Os insetos estavam entre os itens abandonados de que eu mais gostava.

Um dos quadros continha apenas borboletas. Por algum motivo, sempre achei as borboletas sem graça. Mas os outros dois quadros eram maravilhas: um deles exibia quarenta e um besouros. Eu contei. Havia todo tipo de bizarrices no quadro, até besouros com chifres, e alguns quase tão grandes quanto meu punho fechado. Os besouros no centro estavam dispostos com as carapaças abertas e as asas vítreas estendidas.

O último quadro tinha quinze insetos. Havia uma centopeia enorme, toda enroscada em um dos cantos, e, no outro, um escorpião negro reluzente erguia sua cauda com o ferrão. No centro, sobre o fundo branco, havia um morcego-vampiro com olhinhos de vidro, congelado com a boca aberta de maneira agressiva.

— Essa merda não é legal pra cacete?

— Não — disse Robby.

Robby continuou grudado ao meu ombro e eu o conduzi pelo caminho circular que fazia a volta no andar principal da loja.

Johnny McKeon organizou o brechó de modo que os clientes, ou mesmo as pessoas que entrassem para pedir para usar o banheiro, tivessem que trilhar um caminho sinuoso da porta de entrada até o balcão dos fundos. Esse caminho passava por cada pilha de tralhas que Johnny tinha à venda. A Grilo Embriagado era diferente. Na loja de bebidas, o balcão ficava bem na frente, para barrar ladrões de cigarros e birita.

John McKeon era bom de marketing.

— Nunca vi tanta merda na vida — comentou Robby.

Havia mesinhas de cabeceiras sobre mesinhas de canto empilhadas perigosamente sobre mesas de jantar. E todas as superfícies planas de todos os móveis estavam cobertas de bibelôs, cinzeiros, pratarias, brinquedos, porta-retratos, relógios, crucifixos, velas, coleções de pedras, canivetes e um número incontável de outras coisas.

Eu também colava as etiquetas de preço em praticamente todos os produtos para Johnny.

Johnny McKeon ganhava muito dinheiro.

Assim que um canto da loja esvaziava, logo ele era preenchido outra vez. Muitas coisas vinham de imobiliárias e representantes de bancos. Alguns moradores de Ealing abandonavam o que não cabia nos porta-malas e assentos de seus carros quando os bancos tomavam suas casas.

Coisas abandonadas por moradores derrotados de Iowa encontravam uma maneira de migrar para as mãos de Johnny McKeon.

A mão de Robby deslizou do meu ombro.

Ele disse:

— Ops.

Objetos tilintaram no escuro. Bibelôs caíram.

— Cuidado — alertei.

— Aonde estamos indo?

— Quero ver o que Johnny esconde — falei.

Isso assustou Robby.

Ele segurou a minha mão.

— Pare de agir como um bebê — falei. — Você quis descer aqui. Eu sei aonde estou indo.

Robby começou a soltar minha mão.

— Está tudo bem — falei.

Puxei Robby pela mão como se ele fosse uma criancinha.

Johnny McKeon guardava coisas em seu escritório particular. Ele nunca me deixava entrar lá. Johnny nunca deixava ninguém entrar lá.

Havia coisas que Johnny não vendia. Uma delas era um globo de vidro lacrado que ele guardava em uma prateleira ao lado da porta. Eu era fascinado pelo globo. Ele tinha sido feito por uns cientistas do laboratório das Indústrias McKeon e continha um ecossistema perfeitamente equilibrado.

Havia água, terra, plantas, bactérias, uma pequena espécie de camarão, minhocas e até peixes translúcidos.

Era perfeito.

Era vedado e autossustentável.

Nada entrava nem saía.

Minha mão estava quente e úmida.

— Você está suando em mim — falei para Robby.

— Desculpe.

Eu girei a maçaneta do escritório de Johnny.

É claro que estava trancado.

Robby esbarrou em mim. Ele não estava prestando atenção e me prensou com o peito contra a porta do escritório.

— Fim da linha — disse Robby. — Acho que a gente deveria dar o fora daqui.

— Sei onde Johnny guarda a chave. Não é muito inteligente — avisei.

Apesar de sua criatividade para nomear empresas e de seu tino para estratégias de marketing, Johnny McKeon não era tão cuidadoso quando se tratava de confiar em adolescentes.

Lição de história: adolescentes observam você, mesmo quando fingem não dar a mínima para sua vida.

Johnny escondia a chave em cima do batente da porta.

Eu a peguei e destranquei o escritório de Johnny McKeon, onde ele guardava seus segredos.

Robby disse:

— Eu preciso muito de um cigarro.

O GAROTO DE DUAS CABEÇAS

FICAMOS PARADOS DENTRO DO escritório particular de Johnny McKeon.

Não havia janelas. Era impossível ver qualquer coisa no escuro.

Robby acionou o interruptor de luz. Eu dei um pulo quando ela acendeu.

Você não espera uma claridade repentina quando está nervoso por fazer alguma coisa que não deveria.

Robby deu de ombros, desculpando-se. Ele disse:

— A gente pode acender a luz aqui, ué. Não tem ninguém vendo.

Meu coração acelerou. Robby tinha razão. Não havia ninguém vendo.

Robby bateu a porta do escritório, que nos fechou lá dentro junto com as coisas de Johnny.

O show de horrores da vida real de Johnny McKeon.

O escritório cheirava como o resto da loja, mas não era tão atulhado. Na verdade, o escritório era *um tanto* arrumado.

Um tanto.

Eu disse de novo.

As três paredes que circundavam o escritório atrás da porta estavam cobertas de estantes de madeira escura. Johnny tinha conseguido as estantes da Biblioteca Pública de Ealing quando ela fora reformada três anos antes: nós estávamos no sétimo ano.

— Puta merda — disse Robby.

Veja por que ele disse isso: as prateleiras de Johnny McKeon estavam cheias de coisas horríveis e grotescas. Eram coisas das quais nenhum garoto de dezesseis anos consegue tirar os olhos. E havia quatro olhos de garotos de dezesseis anos no escritório de Johnny McKeon.

Uma das estantes exibia outro dos globos lacrados da McKeon, mas esse era diferente da esfera agradável e pacífica que Johnny mantinha na loja. O globo era mais ou menos do tamanho de uma bola de basquete e estava apoiado sobre um suporte preto laqueado com uma placa de metal dourado na frente, como se fosse uma espécie de troféu ou outra merda assim. Mas aquilo não podia ser um troféu.

Na placa estava escrito:

INDÚSTRIAS MCKEON 1969
CEPA DE PRAGA IM 412E CONTIDA

Dentro do globo havia um universo purulento.

O globo que Robby e eu observávamos continha algo que parecia um cérebro negro, enrugado e retorcido. A coisa com certeza não era um cérebro, mas sua superfície pregueada me lembrava um.

— Isso deve ser um objeto de cena de algum filme ou algo assim — disse Robby.

— Olhe ao redor, Robby. Todas estas merdas aqui parecem ser de verdade — falei.

De fato, depois nós descobrimos que tudo no interior do escritório de Johnny era de verdade. Não importava. Nenhum de nós acreditava mesmo que Johnny McKeon estivesse escondendo objetos de cena de filmes de terror.

A coisa negra dentro do globo pulsava e se retorcia como um coração palpitante e parecia mais viva quanto mais nós olhávamos para ela. Parecia meio que uma couve-flor gelatinosa. Em diversos pontos de sua superfície aveludada surgiam pequenos calombos, como uma picada de mosquito, uma espinha preta que inchava até explodir.

Pequenos vulcões em erupção.

Quando as espinhas estouravam, fileiras de glóbulos ovais, como se fossem pérolas amarelas e pálidas, se enroscavam e retorciam sobre a superfície da massa, então ficavam negras, cresciam pelos aveludados e se dissolviam na superfície do tal cérebro.

Enquanto o globo de vidro com peixes, camarões, plantas e minhocas fora do escritório de Johnny McKeon emanava uma aura plácida, quase esperançosa, aquela coisa exalava putrefação, morte e doença.

Robby e eu podíamos passar a noite inteira olhando a coleção secreta de coisas de Johnny.

Em outra estante havia vários vidros com diversos espécimes.

Todos eles tinham em comum uma etiqueta com os dizeres:

INDÚSTRIAS MCKEON 1969
CEPA DE REPRODUÇÃO HUMANA 4-VG-0

Um deles tinha uma cabeça humana. Era a cabeça de um homem. Ele estava com os olhos semicerrados e, apesar de embaçadas, suas pupilas e íris eram nitidamente visíveis. Ele tinha olhos azul-claros. Dava até para ver os minúsculos vasos sanguíneos no branco dos olhos. Ele tinha bigode. Seus lábios estavam apertados e franzidos.

— Ele não parece muito feliz — falei.

— Isso só pode ser falso. Quem guardaria uma merda dessas?

— Johnny McKeon — respondi. — Ele provavelmente encontrou isso quando a fábrica fechou e achou que era legal.

— Ele podia cobrar ingresso — comentou Robby.

Outro vidro continha um par de mãos humanas.

As palmas estavam unidas. Aquilo me lembrou uma pintura velha representando mãos sem corpo em oração que ficava pendurada no nível dos olhos dos adolescentes acima do mictório comprido no banheiro masculino da Escola Luterana Curtis Crane.

A imagem ficava ali para nos lembrar o que os adolescentes bonzinhos fazem com as mãos.

A jarra ao lado das mãos continha um pênis com testículos.

A posição dos vidros passava uma mensagem artística sobre o que acontecia com garotos que se masturbavam.

— Esse cara provavelmente estudou na Curtis Crane — disse Robby.

A voz dele vacilava; ele estava nervoso.

Não há nada mais profundamente assustador para um garoto de dezesseis anos do que se confrontar com a possibilidade de perder o pênis.

Tínhamos que sair dali, mas estávamos hipnotizados.

Contudo, a coisa naquela estante que mais atraiu nossa atenção foi o vidro que continha um menino com duas cabeças. Era um feto completo, de cor azulada e parecendo argila, pequeno, mas completamente desenvolvido.

Robby pegou o vidro e o girou, fazendo o menino dar uma pirueta enquanto flutuava na gravidade zero de seu vidro com vácuo.

Suas perninhas estavam curvadas e dobradas sob ele. Um cordão umbilical com um nó saía em espiral de sua barriga redonda. Uma das mãos, com os dedos tão perfeitos, estava aberta com a palma na frente de seu pênis. A outra estava fechada em um punho desafiador ao lado do quadril. E dos ombros do menino brotavam duas cabeças perfeitas, uma delas inclinada para o lado, repousando. As duas bocas estavam abertas, pequenas cavernas negras que deixavam à mostra a borda das gengivas e as pequenas elevações arredondadas das línguas. Os olhos estavam abertos e vazios. Cada cabeça do tamanho de uma ameixa era coberta por um tufo flutuante de cabelo acinzentado.

Havia algo absurdamente triste naquele menino.

Eu não sabia identificar o que era.

Robby disse:

— Isso não está certo.

Eu falei:

— Acho que sei exatamente como seria ter duas cabeças assim.

A última parede continha espécimes de insetos. Mas não eram insetos que eu conhecia. Eles também flutuavam no interior de vidros retangulares vedados preenchidos com solução conservante que pareciam quase aquários com criaturas alienígenas em seu interior.

Alguns dos insetos nos tanques eram tão grandes quanto uma criança de dez anos.

Eles pareciam louva-a-deus, ou talvez gafanhotos.

Os tanques maiores continham apenas pedaços de insetos: cabeças, apêndices, tórax.

As cabeças eram tão grandes quanto a minha e a de Robby.

Os tanques também estavam etiquetados.

INDÚSTRIAS MCKEON 1969
SOLDADO IRREFREÁVEL – CEPA 4 – VG-12

— A gente tem que cair fora daqui — disse Robby.

Eu concordei.

Mas era tarde demais. Robby e eu estávamos presos no escritório de Johnny McKeon. Havia alguém do lado de fora, na área principal da loja.

A pessoa também não estava fazendo a menor questão de ser discreta.

LUZ AZUL

— AI, QUE MERDA, Austin.

— Apague a luz — sussurrei.

Robby apertou o interruptor, mas o escritório de Johnny McKeon não ficou escuro.

O globo de vidro com aquela merda preta pulsante no interior se remexia e brilhava com uma luz azul. Pareciam brasas de cobalto que se retorciam aprisionadas dentro da esfera de vidro. A coisa na esfera, fosse o que fosse, obviamente reagia à luz.

Encontrar um esconderijo era a única opção, mas não havia um bom lugar para se esconder dentro do escritório de Johnny. Robby apontou para a escrivaninha. Empurramos a cadeira do lugar e nos encolhemos juntos, abraçados no pequeno espaço retangular embaixo do móvel.

Estávamos iguais ao pobre menino de duas cabeças que boiava no líquido dentro do vidro.

Nem pensamos em trancar a porta do escritório.

Por que alguém pensaria em fazer uma coisa dessas?

Porque seria inteligente, pensei.

A maçaneta da porta rangeu e girou. Som de passos. Alguém entrou no escritório. Baixei o rosto até o chão e espiei por baixo da mesa. Havia vários pés ali.

Alguém disse:

— Que porra é essa?

Pela posição dos sapatos, dava para perceber que a pessoa lá dentro com a gente estava olhando para o globo misterioso.

— Está vivo — concluiu outra voz.

— As pessoas sempre disseram que Johnny McKeon guardava coisas esquisitas aqui. Talvez seja um alienígena ou coisa parecida.

Os dedos de Robby apertaram o meu braço. Nós dois conhecíamos aquela voz. Era Grant Wallace. Ele e sua gangue, de algum modo, tinham conseguido entrar na loja.

— Vamos levar essa merda — disse o garoto chamado Tyler.

— Você vai carregar. Parece pesado — falou Grant. — Eu não quero essa merda. Estou atrás de álcool. Vamos.

Os garotos da Hoover aparentemente encontraram o caminho até a sala dos fundos que ligava a Grilo Embriagado ao brechó. Provavelmente tinham arrombado o consultório abandonado do ortopedista para chegar lá.

Era uma questão simples.

Até onde todos sabiam, Grant e sua gangue podiam estar planejando roubar a Grilo Embriagado havia muito tempo. Provavelmente aquilo tinha relação com nosso embate na Selva de Gafanhotos algumas horas antes.

Tecnicamente, nosso encontro com Grant Wallace ocorreu um dia antes, já que passava muito da meia-noite pelo nosso fuso horário.

— Isso é um pau? — perguntou um dos rapazes.

— É um pau — concluiu outro.

— Johnny McKeon guarda um pau em um vidro dentro do próprio escritório — afirmou Grant.

— Talvez seja dele — disse um dos amigos de Grant.

— Vamos levar — sugeriu outro.

— Eu não vou tocar nisso. É um vidro com um pau.

Acho que foi Tyler quem disse isso.

— Ah, é — falou outra pessoa. — E com bolas também.

— Isso é nojento. Eu não vou tocar nisso. Esperem aí. Vou tirar uma foto desse pau dentro do vidro com o meu celular — resolveu o cinegrafista.

— Depois envie para mim — disse um dos garotos da Hoover, rindo.

Desejei desesperadamente que eles parassem de falar sobre o pênis no vidro, mas Grant e seus amigos pareciam papagaios solitários em frente a um espelho.

Enfim, depois de esgotarem toda a especulação e conversa retórica sobre pênis em vidros, os garotos ficaram ali paralisados por uns minutos, aparentemente incapazes de desgrudar os olhos. Ouvi o som de algo pesado e sólido deslizar em uma das estantes.

As sombras azuis no escritório começaram a girar.

Tyler tinha levantado o globo.

Não era uma boa ideia.

— Vamos nessa. Estou com sede — disse ele.

Eles deixaram a porta do escritório de Johnny aberta.

A luz azul dançou até se apagar por completo na escuridão do fundo da sala.

Agarrei Robby pelo pulso e o arranquei de nosso esconderijo. Então o arrastei pela loja e pela escada até o telhado.

PRIORIDADES

ROBBY BREES E EU tínhamos nossas prioridades.

Assim que fechamos o alçapão e voltamos ao telhado, acendemos cigarros.

Dínamos fumantes.

— Merda — disse Robby.

— Merda — concordei.

A palavra *merda*, como a expressão *tudo bem*, pode significar várias coisas. Na verdade, na história que registrei em meu livro sobre aquela sexta-feira em Ealing, Iowa, acredito que usei a palavra *merda* em todos os contextos possíveis.

Vou ter que reler a história para conferir.

Nós dois dissemos *merda* — e só — mais umas onze vezes enquanto fumávamos nossos cigarros no telhado.

— O que você acha que era aquela merda dentro da bola? — perguntou Robby.

— Não sei. Você leu a placa de identificação. Dizia *Praga Contida*.

— Uma coisa boa nunca se chama *praga* — constatou Robby.

— Talvez fosse só uma parada experimental que brilha no escuro — falei.

— Eu já fiz uma experiência. A gente fez uma bateria a partir de um limão. Lembra? — perguntou Robby.

— Lembro. Foi uma boa experiência — concordei. Balancei a cabeça como faria um cientista. — A gente sabia o que aconteceria antes mesmo de começar. E funcionou.

— Mas não acho que coisas chamadas de *praga* sejam o tipo de objeto das experiências que a gente faz no laboratório da Curtis Crane — disse Robby.

Era isso, pensei, o que Robby e eu tínhamos feito lá em cima do telhado na Selva de Gafanhotos.

Uma experiência.

É perfeitamente normal que garotos *experimentem*. Li isso em algum lugar, que com certeza não era um livro da Escola Luterana Curtis Crane. Se foi em um livro, ele com certeza não faria mais parte da coleção da biblioteca da Escola Luterana Curtis Crane. Não depois da merda que eu fiz no oitavo ano.

Talvez eu tenha ouvido alguma psicóloga especializada em *sexualidade adolescente* falar umas merdas sobre coisas tipo “os garotos experimentam” em um desses programas vespertinos que só passam na TV para a satisfação de mulheres deprimidas e solitárias.

Mulheres deprimidas e solitárias precisam saber sobre a *sexualidade adolescente* e como é normal que garotos experimentem. Normal. É isso que a psicóloga diria. A psicóloga também seria magra, com cabelo estiloso, um sorriso sincero e tranquilizador e usaria joias modestas.

Que babaquice.

A história mostra que experiências de verdade, como aquelas que fizemos com o limão, sempre envolvem alguma expectativa prévia racional em relação ao resultado. Sobre como as coisas devem funcionar.

Robby enfiou o maço de cigarros no bolso de trás de sua calça jeans larga demais e nós pegamos nosso flamingo, o vinho, o lêmure fazendo careta e os skates. Descemos pela escada até a caçamba de lixo que tínhamos empurrado pela Selva de Gafanhotos.

— Não conte nada para Shann — alertei.

Eu não precisava dizer isso a Robby. Era uma das coisas que os garotos às vezes faziam para confirmar que há segredos que devem ser guardados.

Robby disse:

— Você quer dizer o que a gente viu no escritório do padraço dela ou o que a gente fez no telhado?

— Merda — falei.

Imaginei ter duas cabeças confusas que discutiam saindo dos meus ombros.

Me senti triste por aquele menino dentro do vidro no escritório de Johnny McKeon.

COMEÇA O INFERNO

SHANN ESTAVA DORMINDO PROFUNDAMENTE no banco de trás do Ford Explorer de Robby quando voltamos para o carro. Ela parecia confortável, esticada e com a cabeça deitada sobre umas meias amarrotadas e uma cueca de Robby com estampa de caminhões de bombeiros e dálmatas.

Ver Shann dormindo me deixou com tesão.

Eu estava completamente perdido.

Achava que talvez precisasse conversar com alguém sobre como eu me sentia sexualmente confuso. Não podia conversar com Robby sobre isso, não depois do que fizemos no telhado. Pensei, mas só por um segundo, em falar com o pastor Roland Duff. Mas eu já me sentia culpado o suficiente.

Achei que podia falar com meu pai.

Fiquei assustado ao pensar em fazer isso, mas meu pai saberia o que dizer. Ele poderia me ajudar a esclarecer as coisas. Eu só precisava criar coragem para começar a conversa. Aí tudo se encaixaria em seu devido lugar.

Tudo sempre se encaixa em seu devido lugar assim.

— Shann? — sussurrei.

Passei minha mão na perna dela para acordá-la.

Shann abriu os olhos devagar e sorriu para mim.

Eu me sentia culpado e triste.

— Você e Robby já foram? — perguntou ela.

Eu disse que sim, mas não contei que tínhamos demorado mais de uma hora. Eram quase duas da manhã.

Robby abriu o porta-malas do Explorer e guardou nosso flamingo, o lêmure fazendo careta, os skates e as garrafas de vinho.

Ele já estava com um cigarro apagado na boca quando sentou ao volante.

Robby me entregou o maço e ligou o motor. Acendemos nossos dois cigarros no mesmo círculo laranja que queimava na ponta do isqueiro do carro. Nossos rostos ficaram tão próximos que as bochechas se tocaram. Encarei Robby direto nos olhos enquanto nos inclinávamos para acender os cigarros. Foi estranho. Senti pena dele.

Virei para trás e estendi o braço entre os bancos da frente. Segurei a mão de Shann.

Atrás dela, avistei uma bola azul brilhante flutuar pelos degraus dos fundos do consultório vazio do ortopedista. Grant e os garotos da Hoover estavam saindo do shopping.

Eu olhei para Robby.

Tenho certeza de que ele viu a mesma coisa pelo espelho retrovisor. Nós dois sabíamos que não deveríamos dizer nada nem deixar Shann olhar para trás. Ela começaria a fazer várias perguntas. Ela podia até querer enfrentar aqueles delinquentes.

Em vários sentidos, Shann era mais durona do que Robby e eu.

Talvez os garotos já estivessem bêbados. Não dava para saber com certeza. Mas aconteceu alguma coisa que fez Tyler soltar o globo de vidro. Eu vi o círculo de luz azul despencar como uma lua cadente.

Robby tossiu.

A luz azul se espalhou por todo lado na Selva de Gafanhotos.

— Estou pronto para ir embora — falei.

— Hum, é — concordou Robby.

As mãos de Robby agarraram o volante, mas seus olhos estavam grudados no espelho retrovisor.

Grant e seus amigos foram as primeiras vítimas da Cepa de Praga IM 412E Contida.

Ninguém soube nada sobre isso.

Travis Pope e sua esposa, Eileen, eram contratados pela administração do Shopping de Ealing para limpar as áreas comuns toda semana. Eles dirigiam pelo estacionamento nas manhãs de sábado antes do amanhecer, e raramente faziam algo em relação ao entulho que se acumulava no beco dos fundos de um shopping prestes a ser abandonado.

Naquele sábado, Travis e Eileen pararam na Selva de Gafanhotos e cataram grandes cacos de vidro no beco. Travis Pope os jogou dentro do latão que alguém tinha empurrado para perto da parede dos fundos da Casa da Panqueca. Travis xingou os bêbados e adolescentes delinquentes da cidade por se embebedarem e transarem em público.

Travis e Eileen Pope foram a quinta e a sexta vítimas da Cepa de Praga IM 412E Contida.

Ninguém soube nada sobre isso.

Mais tarde, naquela mesma manhã, um velho que Robby Brees e eu chamávamos de Jack Faminto, que não tinha os dentes da frente e havia servido no Exército americano no Vietnã, entrou no latão de lixo que tinha em seu interior pedaços do universo doentio de Johnny.

Jack Faminto se tornou a sétima vítima da Cepa de Praga IM 412E Contida.

O inferno tinha começado. E estava espalhado no asfalto encharcado de mijo da Selva de Gafanhotos.

Ninguém soube nada sobre isso.

A HISTÓRIA É CHEIA DE MERDA

EU ESCREVIA NOS MEUS cadernos todos os dias.

Também desenhava.

Naquela noite, desenhei um flamingo de plástico rosa com um ferro saindo da bunda, um lêmure fazendo careta, garrafas de vinho; e uma imagem de mim com a bermuda abaixada até o joelho. No desenho, eu estava no banco traseiro do Ford Explorer de Robby, deitado em cima de Shann Collins, de algumas meias e da cueca do meu melhor amigo com estampas de carros de bombeiro vermelhos e cachorros dálmatas.

Desenhei um feto de duas cabeças aprisionado em um pote de conserva.

Naquela noite, sentei à minha mesa até o céu lá fora começar a se iluminar.

Tirei os sapatos, as meias e minha camiseta dos Orwells. Sempre escrevo relatos mais precisos das histórias quando estou usando o mínimo de roupas possível.

É difícil evitar a verdade quando você está pelado.

Meus sovacos fediam. Eu estava com muito cecê.

Isso também era verdade.

Ingrid, minha golden retriever, estava no meu quarto. Ela gostava de deitar embaixo da minha escrivaninha para que eu ficasse com os pés descalços em seu pelo. Ingrid, embora cagasse melhor do que qualquer cachorro que eu conhecia (um verdadeiro dínamo), nunca latia. Quando era filhote, ela teve um tumor no pescoço. Por causa disso, não podia latir, o que me facilitou chegar em casa escondido depois do toque de recolher inúmeras vezes.

Nossa casa foi roubada duas vezes, também.

— Boa menina, Ingrid — disse, remexendo os dedos em seu pelo.

Eu escrevi.

Mesmo quando tentei escrever tudo o que aconteceu, eu sabia que no fundo meus relatos não passavam de uma abreviação. Não que eu negligenciasse os detalhes — eu contei a verdade sobre o quarto de Shann, sobre a escada que não levava a lugar algum, sobre os principais ingredientes da pizza Stanpreme. Escrevi o que senti quando pressionei meu pênis nu contra a pele fria da coxa de Shann Collins.

Isso também era verdade.

Escrevi sobre Robby me beijando. Descrevi os detalhes, até o gosto e a sensação de sua língua. Fiz um registro preciso da quantidade de cigarros que fumamos e descrevi as coisas aprisionadas nos vidros que encontramos no escritório de Johnny McKeon.

Mas nenhum historiador jamais consegue enfiar *tudo* o que acontece em um livro.

O livro seria do tamanho do universo, e levaria um número incontável de vidas para ser lido.

A história *tinha* que ser uma abreviação.

Até aqueles primeiros homens obcecados em registrar sua história — que pintaram nas paredes de cavernas em Lascaux e Altamira — só contaram os detalhes importantes.

Matamos essa coisa grande e peluda e aquela coisa grande e peluda. E assim foi nosso dia. Você sabe o que quero dizer.

Meu nome é uma abreviação.

Três avôs atrás, um homem chamado Krzys Szczerba chegou aos Estados Unidos vindo da Polônia.

As pessoas nos Estados Unidos não sabiam o que fazer com todas as consoantes e essas merdas no nome de Krzys Szczerba. Elas decidiram trocar algumas das consoantes por vogais e apagar outras completamente, por isso meu avô três avôs atrás se tornou Christopher Szerba.

Eu imaginei. Às vezes eu desenhava este quadro: um edifício de pedra do governo, um repositório de todas as consoantes e essas merdas tiradas dos nomes dos refugiados quando eles chegaram à porta dos Estados Unidos da América. O prédio está lotado com pilhas por todos os cantos de letras que não consideramos úteis: Cs e Zs em grandes amontoados muito parecidos com fotos em preto e branco de malas ou sapatos da Segunda Guerra Mundial.

Krzys Szczerba.

A história, e os Estados Unidos da América, pode chamá-lo de Chris.

A história é cheia de merdas assim.

Krzys Szczerba chegou aos Estados Unidos quando tinha dezessete anos.

Em 1905, você já era um homem aos dezessete anos. Em 1969, quando Jack Faminto lutou no Vietnã, você já era um homem aos dezessete anos. Hoje em dia, não tenho tanta certeza. Meu irmão, Eric, que estava em algum lugar do Afeganistão, tinha vinte e dois.

Krzys Szczerba atravessou o Atlântico com seu pai. Eles planejavam trabalhar e ganhar dinheiro suficiente para que a mãe, o irmão e as duas irmãs de Krzys também pudessem se juntar a eles nos Estados Unidos. As pessoas que faziam isso eram chamadas de *Polacos do Pão*. Eles vinham para cá ganhar dinheiro.

O pai de Krzys Szczerba morreu no barco no meio do oceano.

Seu corpo nu foi jogado na água em meio a orações e com uma medalha de São Casimiro.

A família de Krzys Szczerba nunca foi se encontrar com o filho.

Chris Szerba acabou no sul de Minnesota, onde conheceu a filha do dono de uma mercearia chamada Eva Nightingale. Eva tinha peitos que pareciam cupcakes com cobertura e uma pele da cor de sorvete caseiro de pêsego. Seu corpo era um travesseiro macio e generoso de sobremesas infinitas. O sêmen de Chris Szerba encontrou seu caminho até o ventre de Eva

Nightingale, onde produziu um bom menino polonês católico e fumante chamado Andrzej.

Às vezes, quando escrevia minha história, eu colocava dentro do caderno algumas páginas com desenhos de Krzys Szczerba e sua vida solitária e triste nos Estados Unidos.

Às vezes eu tinha dificuldade de separar as conexões que se entrecruzavam na minha vida em Ealing como uma interseção de rodovias.

Era a verdade, e eu tinha que registrá-la.

E assim foi nosso dia. Você sabe o que quero dizer.

Tirei a cueca e fui para cama.

Eram seis e um da manhã.

O fim do mundo tinha umas quatro horas de idade. Era apenas um bebê.

Naquele momento, Johnny McKeon estava comprando duas dúzias de donuts.

Ollie Jungfrau estava acordando, tentando decidir se ia se masturbar ou não.

Passava um pouco das três da tarde no Afeganistão.

Louis, o cozinheiro chinês da Casa da Panqueca, cujo nome verdadeiro era Ah Wong Sing, estava cagando no banheiro público da Lavanderia Self-Service Ealing.

A história nunca fala sobre pessoas cagando. Não acredito nem por um instante que caras como Theodore Roosevelt ou Winston Churchill nunca cagaram. A história sempre abrevia as cagadas e o excesso de consoantes.

Em cerca de uma semana, as peças começaram a se encaixar.

Em uma semana, nós entendemos a história.

Com o tempo, saberíamos o seguinte:

Aquela coisa no interior do globo, a Cepa de Praga IM 412E Contida, era irrelevante, a menos que entrasse em contato com sangue humano.

A Cepa de Praga IM 412E Contida realmente *estava* contida e era inofensiva dentro do universo de vidro de Johnny McKeon.

Tyler derrubou aquele universo exatamente no lugar onde, horas antes, Robby Brees tinha começado a escrever *GRANT WALLACE ME ASSASSINO* com o próprio sangue.

A Cepa de Praga IM 412E Contida ficou feliz ao se encontrar com o sangue de Robby Brees.

Robby Brees era meu melhor amigo. Ele me ensinou a dançar. Nós fumávamos cigarros. Ele me beijou. Para ser honesto, eu também o beijei.

Robby era homossexual. Eu não sabia o que eu era.

Eu me perguntava o que eu era. Nada daquilo importava. Ninguém sabia nada sobre isso além de mim e Robby.

O homem cujo laboratório inventou a Cepa de Praga IM 412E Contida morreu quando seu avião caiu no oceano. Os motores foram destruídos por densas nuvens de cinzas calcinantes. As cinzas vieram de um vulcão na Guatemala. Ele se chamava Huacamochtli. O pai de Robby Brees estava filmando a erupção do Huacamochtli no exato momento em que o jato do Dr. Grady McKeon se desintegrou no impacto com a superfície do Golfo do México.

A água é inflexível quando você está a uma velocidade de oitocentos quilômetros por hora.

Quando aconteceu, estávamos no sétimo ano. Foi quando meu irmão, Eric Christopher Szerba, tornou-se fuzileiro do Exército americano. Ao mesmo tempo em que o pai de Robby filmava o Huacamochtli e o corpo do Dr. Grady McKeon se despedaçava com o impacto da queda, meu irmão, Eric, estava a caminho do campo de treinamento militar. O pai de Robby Brees nunca mais voltou para Ealing, Iowa. Ele não queria ver a mãe de Robby nunca mais.

Nós descobrimos isto depois:

A Cepa de Praga IM 412E Contida disse olá para o sangue de Robby Brees no asfalto da Selva de Gafanhotos.

E o fim do mundo começou por volta das duas da manhã, a cerca de um metro de um sofá-cama florido infestado de chatos abandonado em Ealing, Iowa. Uma vez, Travis Pope abriu o sofá e comeu sua mulher, Eileen, em cima dele.

Os dois pegaram chato.

Isso não importava.

História é a minha compulsão.

Eu vejo as conexões.

PARTE 2:
O MILHARAL
EM WATERLOO



PALÍNDROMOS

KRZYS SZCZERBA ERA CATÓLICO.

Ele fumava cigarros.

Christopher Szerba era católico.

Ele não largou os cigarros quando abriu mão do excesso de consoantes.

Todos os homens Szerba eram católicos fumantes até meu pai se apaixonar por minha mãe e se casar com ela. Ele parou de fumar, converteu-se e, como resultado, seu sêmen produziu dois filhos luteranos fortes dentro do corpo dela.

Seus nomes eram Eric Christopher e Austin Andrzej Szerba.

Meu pai catou algumas consoantes descartadas da pilha do lixo da história.

Pronuncia-se *Âhnz-rei*.

Não me pergunte por quê. É essa merda de polonês.

Eu fumo cigarros. Odeio igreja. Mas um dia, depois que eu conversar com meu pai sobre meus impulsos sexuais confusos, vou mudar meu nome de volta para *Szczerba*.

O nome do meu pai era Eric Andrew Szerba. Minha mãe era Connie Kenney antes de casar com ele.

As pessoas de Iowa gostam de vogais e rimas.

Os luteranos de Iowa gostam de tratores John Deere e cafés da manhã caprichados aos sábados.

Na maioria das vezes, meu pai só precisava parar na minha porta e dizer meu nome para me tirar da cama para nosso café da manhã de sábado. Naquela manhã, depois que Robby e eu subimos no telhado do Shopping de Ealing para buscar nossas merdas, meu pai teve que entrar no meu quarto e me sacudir pelo ombro.

— Você está fedendo, Austin — disse meu pai, que se chamava Eric.

— Estou com cecê — concordei.

— A Ingrid precisa cagar — avisou ele.

Foi assim que nos demos “bom dia” naquela manhã.

Eu me sentei.

Teria levantado da cama, mas lembrei que estava pelado por baixo do lençol. Tinha tirado todas as roupas quando terminei de escrever e fui deitar.

Nenhum garoto de dezesseis anos quer levantar e ficar pelado na frente do pai.

Pensei na minha decisão de conversar com meu pai. Queria perguntar se, por acaso, quando ele tinha a minha idade, havia ficado confuso sobre atração sexual. Ou talvez se ele ainda estava confuso em relação a sua orientação sexual. Experimentando. As coisas se encaixando em seu devido lugar. Onde mais elas podiam se encaixar, se não em seus devidos lugares? As coisas não saem simplesmente voando por aí. A gravidade funciona. O Dr. Grady McKeon com certeza sabia disso ao ver o Golfo do México chegando cada vez mais perto.

Talvez os caras que pintaram as cavernas em Lascaux e Altamira também estivessem sexualmente confusos.

Eu não conseguiria falar sobre sexualidade com meu pai enquanto estivesse pelado.

Resolvi que aquilo podia esperar.

As coisas teriam que ficar voando por aí um pouco mais.

Meu pai sabia que eu estava sem roupa. Ele ficou me observando, como se me testasse para ver se eu ia sair de baixo do lençol.

Mas eu estava pelado. Eu não ia sair dali.

Nós nos encaramos, os dois flagrados encarando os palíndromos das vidas um do outro.

Minha mãe tomava um ansiolítico chamado Xanax. Era um comprimidinho azul que parecia um caiaque minúsculo. A mãe de Robby também tomava. Nossas mães eram irmãs unidas pelo Xanax, só que elas

não sabiam muito uma sobre a outra além de seus nomes, quem eram os melhores amigos de seus filhos e as fofocas de Ealing.

Kayak e Xanax são palíndromos.

A mãe de Robby também se chamava Connie.

Sempre me fascinou pensar como as coisas poderiam ser perfeitas se você simplesmente deixasse as conexões acontecerem. Minha história mostrava como tudo se conectava em Ealing, Iowa.

Você nunca consegue enfiar *tudo* o que acontece em um livro.

Bons livros sempre são sobre tudo.

Minha mãe tomava seu ansiolítico quando sentia que o estresse ou o pânico se aproximavam. Em geral, nas manhãs de sábado ela não tomava. Tomava à tarde, nos feriados e sempre que tinha visitas de seres humanos em casa.

— Hum. Pai?

— O que foi, Austin?

— Você pode soltar a Ingrid lá fora para ela poder cagar, por favor?

— Sem problema, filho.

Eu levantei da cama e vesti um short.

Eu fedia.

Meu celular estava jogado no chão, embaixo da cueca amarfanhada que eu estava usando na véspera. Nada de caminhões de bombeiros nem cachorros. Elas eram de xadrez azul. Iowa era de xadrez azul. Essa é a verdade.

A bateria do meu celular estava quase no fim.

Às quinze para as quatro da manhã eu havia recebido uma mensagem de Robby. Ela dizia:

Desculpe, Austin.

Robby e eu sempre usávamos pontuação e ortografia correta em nossas mensagens de texto.

Nós dois detestávamos abreviações.

Eu enviei uma mensagem em resposta:

Não seja idiota, Robby.

Eu tinha certeza de que Robby estava dormindo naquele exato momento. Eu me senti mal por chamá-lo de idiota, porque talvez ele entendesse aquilo da maneira errada e não soubesse se eu o estava chamando de idiota por ter

pedido para me beijar ou se ele era idiota por pedir desculpas — que era o que eu queria dizer.

Então mandei outra mensagem para ele:

Não se preocupe comigo, Rob. Vamos conversar e fumar um careta mais tarde. Hahaha. Agora relaxe e me encontre na PIZZARIA DO SATAN às cinco, depois que eu sair do trabalho. Leve os skates.

Eu estava muito confuso.

Isso era verdade.

BANHO, BARBA E DECÊNCIA

SOU POLONÊS.

Meu cabelo é da cor de cascas de batata, e minha pele tem o tom de flocos de aveia.

Descrições que fazem comparação com comida funcionam bem em Iowa.

Os garotos poloneses têm olheiras naturais e persistentes. Acho que evoluímos ao longo de muitas noites sem dormir ou alguma merda assim. Se você ler a história da Polônia, coisa que eu fiz, provavelmente só vai balançar a cabeça e dizer: *Só tem merda*.

Sou o tataraneto de Krzys Szczerba.

Isso é a única coisa que sei sobre mim com absoluta certeza.

Acho que eu gostaria de fumar um cigarro com ele. Tenho a sensação de que Krzys Szczerba falava palavrão, tinha o cabelo da cor de batatas castanho-avermelhadas e pele de Aveia Quaker, assim como eu. Acho que poderia perguntar a ele qualquer coisa. Ele me diria o que fazer.

Ele chegou aos Estados Unidos quando Theodore Roosevelt, um homem que aparentemente nunca cagou na vida, era presidente.

Naquela manhã, Connie, minha mãe, me levou de carro para o trabalho no brechó de John McKeon, Do Sótão ao Sucesso.

Eu não tomei um café da manhã luterano caprichado com minha mãe e meu pai porque eu precisava muito mais de um banho.

Aos sábados eu me barbeio.

Na verdade, eu não *precisava* fazer a barba. Isso era uma coisa que os garotos de Iowa começavam a fazer aos dezesseis anos, quer precisassem mesmo ou não. Passei a ponta do dedo em torno dos lábios antes de aplicar

o creme de barbear. Os lábios de Robby tinham uns fiozinhos pontiagudos de bigode em volta. Eu os senti quando nos beijamos. Achei a sensação meio inesperada. Além disso, seus lábios eram mais finos e não tão volumosos quanto os de Shann. Eu nunca tinha pensado naquilo antes, como Shann devia sentir os pelos em volta dos meus lábios finos e magros espetarem enquanto nos beijávamos.

Eu estava com nojo de mim mesmo.

Liguei para Shann enquanto a banheira enchia e sentei na privada, trancado dentro do banheiro. Minha mãe e meu pai tomavam seu café da manhã luterano caprichado de sábado no andar de baixo.

Eu disse a Shann que a amava.

Ela disse que me amava.

Eu estava pelado, então sabia que estava dizendo a verdade.

Além disso, Shann não disse eu também amo você.

Todo mundo sabe que *eu também amo você* não significa *eu amo você*.

O *também* transforma a frase em uma concessão, um gesto, um instinto de cordialidade.

Lição de história para a manhã.

Fechei a torneira e entrei na banheira. Meu rosto começou a suar.

— Estou na banheira, Shann — falei.

— Você está pelado? — perguntou ela.

— Bem, normalmente eu estaria — respondi. — Mas como eu sabia que ia falar com você, fui lá e vesti um traje de banho decente.

Ela sabia que eu estava brincando. Fiquei com muito tesão ao admitir para ela que eu estava, de fato, totalmente pelado.

— Estou totalmente pelado — falei.

Shann me disse que dormiu bem, que não ficou com medo em seu novo quarto velho como achou que ficaria. No entanto, disse ela, exatamente às seis da manhã, começou o som de batidas dentro da parede. Shann explicou que parecia uma máquina de escrever.

Eu disse a ela que ninguém mais usava máquinas de escrever.

Exatamente às seis da manhã, eu estava tirando minhas roupas e indo dormir.

Johnny McKeon estava comprando donuts.

A Cepa de Praga IM 412E Contida estava morrendo, mas conseguiu se arrastar até três fatias de pizza Stanpreme que jogamos na lixeira, de onde saiu como um verme e chegou ao esôfago de seu último portador inicial:

um mendigo chamado Jack Faminto, que havia participado do assassinato de um vilarejo inteiro de mulheres, idosos e crianças no Vietnã.

Ollie Jungfrau devia estar se masturbando.

Ah Wong Sing estava cagando.

Alguma coisa fazia barulho dentro da parede de Shann Collins.

Ela disse que as batidas pararam após um instante. Shann usava palavras como *instante*. Seu jeito de falar me dava tesão. Eu pedi a ela que, caso as batidas recomeçassem, ela as gravasse com o celular, porque eu queria ouvi-las.

Ela me disse que ia fazer isso.

Eu fiz a barba.

— A Casa da Panqueca está cheia hoje — disse minha mãe quando parou no estacionamento em frente ao Shopping de Ealing. Depois ela acrescentou: — A gente deveria tomar café da manhã aí um dia.

— Está bem, mãe — concordei. — Se você quiser um donut, aos sábados Johnny sempre traz donuts e café para mim e Ollie Jungfrau.

— Johnny McKeon é um homem tão bom... — disse minha mãe.

— É — concordei. — Johnny cuida muito bem da gente.

Ela estacionou o mais distante possível do brechó sem sair da Kimber Drive. Minha mãe não era muito hábil em espremer nosso Chevrolet entre carros parados em vagas de estacionamentos.

Eu estava com uma camiseta do Modest Mouse, os tênis resgatados do telhado na véspera, cuecas limpas — xadrez Iowa — e calças Levi's 501 largas com cinto. Eu estava cheiroso. Meu cabelo ainda estava molhado do banho. Eu não gostava que minhas calças caíssem como as de Robby. Os garotos da Escola Luterana Curtis Crane tinham que usar cintos e meias combinando. Nós éramos mandados para a sala do pastor Roland Duff se nossa cueca aparecesse.

Os luteranos de Iowa são muito decentes.

— O que é um *Modest Mouse*? — perguntou minha mãe.

Ela estava com o cabelo preso por um troço de elástico. Era verde e parecia o cós da cueca de um cara gordo. Eu não sabia como se chamavam aquelas coisas. Você sabe, as mulheres de Iowa usam aquilo. No cabelo. As unhas dela estavam precisando de uma nova camada de esmalte. Estavam lascadas e as pontas tinham crescido.

Aparentemente, as unhas de minha mãe cresciam muito mais depressa do que as minhas. Verdadeiros dínamos. Ela usava um agasalho esportivo

verde aveludado com o zíper fechado até a altura do pescoço. Acho que era uma roupa de praticar corrida. Nunca tinha visto minha mãe correr uma vez sequer. Quem precisa correr quando pode ir de caiaque a qualquer lugar?

— Nada — respondi. — Não sei.

Ela estacionou o Suburban virado para a rua, bem na frente da Pizzaria do Satan.

Minha mãe estava muito calma naquela manhã.

Talvez tudo que eu precisasse fosse de um pequeno caiaque azul, para que as coisas se encaixassem em seus devidos lugares para mim.

Resolvi perguntar a Robby se ele já tinha andado em um dos caiaques de Xanax de sua mãe alguma vez. Provavelmente não. Como eu, Robby nunca tinha ficado bêbado.

Mas nós fumávamos cigarros como verdadeiros dínamos.

— Você precisa que a gente venha buscar você, amorzinho? — perguntou minha mãe.

Ela me chamava de *amorzinho* quando estava calma.

Quando ela dizia *a gente*, significava que previa estar chapada de remédios às cinco, e que meu pai poderia ir me buscar.

A história mostra que muito do que dizemos não está contido nas palavras, afinal. É por isso que aqueles caras das cavernas se limitavam aos desenhos de coisas grandes peludas e merdas assim.

— Vou andar de skate com o Robby — falei. — Ligo se for chegar tarde para jantar.

Minha mãe se inclinou e me deu um beijo.

JOHNNY E OLLIE

JÁ É HORA DE VOCÊ CONHECER ESSES DOIS.

Ollie Jungfrau me saudou com um doce de bordo na mão quando eu entrei pela porta da Do Sótão ao Sucesso. Era o tipo de gesto que um soldado bêbado em um bar faria para um camarada que chegasse cansado do campo de batalha atrás de uma bebida.

Mas foi feito com meio donut.

— Oi, Dínamo — disse Ollie, lançando uma piscadela para mim.

Ollie Jungfrau me chamava de Dínamo. Na primeira vez que ele falou isso, eu tive que procurar no dicionário. Quem é que fala *dínamo*? As

pessoas de Ealing, Iowa, falam.

Essa é outra palavra que eu vou tentar apagar da história e nunca mais pronunciar. Mas isso seria uma mudança de rumo desafiadora. Afinal, eu sou de Ealing, Iowa.

Eu queria muito que Robby estivesse ali, para que pudéssemos fumar um cigarro.

— Oi, Ollie — cumprimentei.

Ollie ofegava, contemplativo, entre mordidas em seu donut. Ele tinha um troço vermelho no queixo. As primeiras fileiras de donuts de geleia já haviam sido dizimadas pelo exército de tanques do apetite de Ollie.

— Café.

Ele gesticulou com a elegância de um grande copo de papel para mim, como se estivesse apresentando um homem e uma mulher em seu primeiro encontro em uma festa caipira.

— Obrigado — falei, agradecido pelo comportamento discreto de minha acompanhante.

O café é uma garota que nunca diz não aos rapazes. A ideia de uma parceira tão dócil teria me deixado com tesão, mas eu estava com muita fome, ainda com bastante sono, e também observava Ollie Jungfrau comer um donut no momento exato em que os pensamentos sexuais envolvendo uma garota quietinha e submissa em uma festa caipira em Iowa passaram pela minha cabeça.

Eu gostava de café. E de cigarros. Nenhuma dessas verdades era bem-vinda em minha casa. Eu, contudo, não gostava de donuts de geleia. Melhor para Ollie e os clientes. Geleia só combina com uma coisa. Duas, acho, se você tiver uma torrada decente.

História.

— *John-nnny!* — chamou Ollie na direção do escritório de Johnny McKeon.

O garoto chegou!

Ouvi Johnny mexer em umas coisas nos fundos da loja. Eu já havia confirmado comigo mesmo que não me sentia culpado por ter entrado na loja à noite. Eu era um funcionário. Robby e eu não tínhamos feito nada errado. Bem, não tínhamos feito nada errado *dentro* da loja, pelo menos. O que Grant Wallace e os outros garotos haviam feito teria acontecido de qualquer maneira, estivesse eu lá para ver ou não.

Então eu não me sentia culpado em relação à parte da noite que acontecera debaixo do telhado.

Sentei em frente a Ollie do outro lado do balcão mostruário. Escolhi um donut coberto de glacê branco salpicado de gotas azuis e amarelas como do xadrez de Iowa que formavam uma galáxia de açúcar em sua superfície.

Ollie assentiu. Ele tinha a expressão de um santo recebendo a visão de um Jesus ensanguentado. Ollie Jungfrau seria o santo padroeiro dos donuts. Não que eu pudesse acreditar em santos.

Eu também não acreditava em Jesus, e não acreditaria mesmo se ele fosse bom em escolher donuts. Eu também não podia dizer isso.

Talvez eu não devesse botar essa merda no livro.

— Boa escolha — elogiou Ollie.

— Este estava me chamando, Ollie — falei.

— Como a voz de um anjo.

Ollie levava seus donuts a sério.

Johnny McKeon parecia agitado. Ele parou ao lado de Ollie no balcão, com as mãos espalmadas sobre o vidro e os cotovelos esticados. Johnny parecia uma girafa, e suas mãos eram como polvos gêmeos. Eu nunca tinha visto ninguém com dedos tão longos quanto os de John McKeon.

Se Johnny McKeon fizesse o gesto internacional de *ok*, juntando o polegar e o indicador, poodles treinados poderiam saltar através dele.

Talvez até golfinhos.

Olhei para além dos dedos e vi o morcego-vampiro e os insetos nas coleções abaixo de nossos donuts. A maioria das pessoas provavelmente não iria querer comer donuts ali.

— Bom dia, Johnny — falei.

Às vezes eu dizia alguma coisa brega, tipo: “Tudo supimpa, Johnny?”

Mas não naquele dia.

Johnny McKeon perguntou:

— Ainda é de manhã?

Isso era o que Johnny sempre me dizia.

Johnny McKeon não parava quieto. Ele levantava todo dia às cinco da manhã. Fazia as coisas. Eu gostava muito dele, e ele sabia disso. Johnny também sabia que eu fumava. Ele ficava bravo comigo por isso, mas às vezes me dava cigarros de graça quando abria pacotes especiais de maços para abastecer as máquinas de vendas da Grilo Embriagado.

— Se o seu pai ou a sua mãe comentarem alguma coisa sobre isso, vou dizer que você os roubou.

Era o que ele também sempre me dizia.

Naquela manhã, Johnny McKeon falou:

— Vou deixar você cuidando da loja agora de manhã, Austin. Você vai dar conta. Preciso ir a Waterloo buscar umas placas de compensado e outras coisas. Ontem à noite algum FDP invadiu a loja pelo consultório do ortopedista.

Johnny nunca falava palavrão. Ele devia estar com muita raiva para falar algo tão ousado quanto *FDP*.

— Alguém entrou aqui? — perguntei.

— É — respondeu Johnny. — Atravessaram direto a droga da parede.

Olhei para Ollie Jungfrau. Ele estava comendo um donut coberto de açúcar que parecia uma gravata-borboleta e balançava a cabeça. Aparentemente, já sabia todos os detalhes. Claro que saberia. Era sábado, dia do donut, e Ollie era sempre o primeiro a chegar, antes de a Grilo Embriagado abrir.

— Sinal dos tempos — analisou Ollie, balançando a cabeça em ritmo de eu-sabia-que-isso-ia-acontecer.

— Você chamou a polícia? — perguntei.

Meu coração acelerou. O café estava me fazendo suar. Nos meus sovacos, as bolhas químicas de meu desodorante em bastão começaram a explodir como vulcões em miniatura de laboratório. Lá fora, na Selva de Gafanhotos, a Cepa de Praga IM 412E Contida já estava completamente morta. Tinha se transportado para os corpos de sete hospedeiros. Robby Brees estava dormindo em sua cama no Del Vista Arms. Ingrid estava cagando.

— Os policiais ficaram aqui a manhã inteira. Fazer o quê? — disse Johnny. — “O senhor deveria ter câmeras de segurança. O senhor deveria ter um alarme”, disseram eles. Mas estamos em Ealing.

Nunca houve nada que valesse a pena ser filmado em Ealing, a menos que você fosse um dos amigos de Grant Wallace assistindo enquanto ele metia a porrada em uns *boiolas da Curtis Crane*.

Em Iowa, há câmeras apontadas para milharais, para você ver o milho crescer.

— Minha casa foi roubada — contei. — Porque minha cachorra não late. Eu deveria ensinar a ela a cagar nas pessoas.

Ollie mastigou, pensativo.

— Meu tio tem um pastor alemão que faz isso. Ele só aceita ordens em alemão. *Scheiß, Dieter, Scheiß!*, e ele larga um barro no alvo.

Ollie Jungfrau era cheio de *Scheiße* (ou seja, merda).

— Eles levaram alguma coisa? — perguntei.

Johnny respondeu:

— Uma caixa de gim Gilbey's. E os filhos da mãe também entraram no meu escritório. Roubaram uma coisa que eu tinha lá.

Bebi meu café e fitei a galáxia de doces no meu donut. Ela flutuava em um plano de vidro perfeito acima do besouro-de-chifre.

Johnny continuou sem ninguém ter perguntado nada:

— Eu tinha um daqueles globos de vidro que os cientistas da I.M. fizeram. Esse tinha um mofo fotoluminescente vedado dentro dele. Eu gostava muito daquele troço. Emitia um brilho azul lindo quando eu acendia a luz à noite.

— Opa, opa, opa — interveio Ollie. — *Qual* tipo de mofo?

— Fotoluminescente — repetiu Johnny.

Ollie deu uma mordida no donut e balançou a cabeça com violência.

— Não. Essa palavra não existe — decidiu.

Ollie tinha se formado no ensino médio como o terceiro melhor aluno de sua turma na Herbert Hoover High School.

Ollie Jungfrau era um exibido.

— Acho que significa que brilha no escuro — sugeri.

Ollie abriu os dedos cobertos de açúcar. Estava contando alguma coisa.

— Então por que você não diz apenas que *brilha no escuro*, Johnny? Tem menos sílabas.

— Ele era... hum... valioso? — perguntei.

— Não — disse Johnny. — Acho que não. Como eu vou saber? Era uma das bizarrices que eu recebi em umas caixas depois que a I.M. fechou. Não sei nada sobre aquilo.

Johnny esticou o braço sob o balcão e pegou uma trena de metal Stanley. Ele colocou a trena e um lápis sobre um bloco de folhas pautadas e o deslizou pelo balcão expositor na direção de minha xícara de café. Então disse:

— Pegue essas coisas, Austin. Preciso que você venha aqui atrás e me ajude a tirar umas medidas para eu consertar a porcaria da parede. Assim, eles nunca mais vão conseguir invadir a loja de novo.

Eles nunca mais conseguiriam, com ou sem compensado.
Ninguém sabia disso, também.

O REMENDO

A HISTÓRIA FUNCIONA ASSIM: ela é onisciente.

Todo mundo confia na história.

Pense nisso: quando lemos livros de história, ninguém pergunta *Como você descobriu isso se aconteceu antes de você nascer?*

A história é incontestável, sublime.

É meu trabalho.

Posso contar coisas que ninguém jamais poderia saber, porque *eu as registro*. Descobri tudo a tempo, mas estou abreviando. Cortando as merdas.

Você tem que confiar em mim.

Isto é história.

Você sabe o que quero dizer.

Por que você não confiaria em mim? Eu confessei tudo. Pense em como essas verdades são embaraçosas para mim.

A maior parte do que eu descobri só se revelou muito mais tarde, depois do fim do mundo, quando Robby e eu saíamos em busca de cigarros. Você vai ver. Eu fiz o trabalho da história, a minha tarefa. Encontrei pistas e artefatos por toda parte e fiz as conexões. Descobri exatamente o que aconteceu.

É por isso que você pode confiar em mim.

Eu não conseguiria pensar em explicar *por que* as coisas aconteceram. O *porquê* não cabe a mim.

Eu adoraria conversar com Krzys Szczerba, ou mesmo com meu pai. Talvez eles soubessem. Eles poderiam me dizer *por que* eu sou do jeito que sou.

Tudo o que posso fazer é manter minhas listas *do que* aconteceu.

É isso que faço.

E assim foi nosso dia. Você sabe o que quero dizer.

Pensei em contar a Johnny McKeon sobre Grant Wallace e os garotos da Hoover. Eu tinha medo de pensar no que poderia acontecer se eu contasse. Nada de bom aconteceria, pensei. Shann perguntaria por que Robby e eu não dissemos nada a ela quando saímos da Selva de Gafanhotos. Ela saberia

que havia algo errado comigo. Eu abriria o jogo. É abrindo o jogo que a história é registrada. Shann descobriria a merda toda.

Quando pensava que algo ruim podia acontecer entre mim, Robby e Shann, eu sentia minhas bolas encolhendo para dentro do meu corpo.

Essa é a verdade.

Lição de história do dia: minhas bolas são barômetros de tempestades emocionais.

Então eu ajudei Johnny McKeon a medir a parede na parte em que os garotos da Hoover a arreventaram para entrar na sala dos fundos. Segurei a ponta da trena no zero e Johnny puxou a fita. Ele disse os números para mim e eu os anotei a lápis no bloco de papel. Como os pintores de caverna na França.

— Que tipo de bizarrices? — perguntei.

Acho que eu estava tendo uma conversa imaginária na minha cabeça.

Johnny disse:

— O quê?

— Quero dizer, que tipo de bizarrices vieram nas caixas da I.M. depois que ela fechou?

— Ah. — Johnny fez outra marca na parede. — Não acredito que eles derrubaram uma parede só para roubar um gim porcaria. Eram principalmente coisas de experiências que eles estavam fazendo, acho, do depósito de meu irmão. Era um monte de tralha dele que eu acabei herdando, acho, mas nunca vi o que era até a chegada daquele monte de caixas. Para ser sincero, eu não sabia o que fazer com aquilo. Era tanta coisa que joguei boa parte no lixo. Guardei outra parte no escritório. Larguei até coisas no telhado. Não sei em que estava pensando, mas eram do meu irmão, sabe? Vai entender... Então. É isso.

— Ah — falei. — Hum. Eu... hum... gosto de experiências. Será que eu posso ver essas coisas um dia desses?

Eu me senti como se estivesse perguntando a Johnny McKeon como estava o menino de duas cabeças.

Johnny deu de ombros.

— Errr... Quem sabe um dia desses, Austin. São coisas meio... bem... mórbidas, na minha opinião.

— Parece que pode ser maneiro — comentei.

— Errr — disse Johnny.

Nós medimos. Johnny recitou os números e itens, tipo *um centímetro de compensado, pregos, massa de gesso e fita adesiva*, e outras merdas assim. Aquilo soava extremamente másculo. Senti minhas bolas crescerem só de escrever aquelas merdas.

Escrevi tudo em maiúsculas. Era mais másculo.

— Ei, Johnny — chamei. — Esta noite eu queria levar a Shann para jantar e depois ao cinema. Talvez em Waterloo. Tudo bem?

— O que você está fazendo? Pedindo autorização para sair com a sua namorada? — perguntou Johnny.

— Não. Estou pedindo uma carona. Acha que pode nos dar uma carona?

— Posso ver o filme também? Posso sentar no meio? — disse Johnny.

Ele estava brincando.

— Hum.

— Você não acha que está na hora de tirar sua carteira de motorista?

Tinha feito dezesseis anos em fevereiro. Faltava uma semana para o começo de maio.

— Minha mãe e meu pai ainda não querem que eu dirija.

— Acho que é isso — disse Johnny, e recolheu a trena. — Claro que eu levo vocês, crianças. Só não pode ser muito tarde. Não quero ter que buscar vocês em Waterloo depois da meia-noite.

— Passo na sua casa por volta das seis — falei. — Obrigado, Johnny.

DIGA POR FAVOR

WATERLOO, IOWA, SE ESPALHAVA ao longo do rio Cedar, a trinta e cinco quilômetros de Ealing.

Johnny McKeon pegou minhas anotações e a lista de compras que ele havia ditado e me deixou tomando conta da Do Sótão ao Sucesso.

Saber que Johnny confiava em mim fez com que eu sentisse que era alguma coisa — alguma coisa bem viril —, mesmo que minha intenção fosse voltar e conferir se ele ainda guardava a chave do escritório em cima do batente da porta.

Eu também estava planejando fumar pelo menos um cigarro.

Eu quase nunca fumava sozinho, mas precisava de um trago.

Na verdade, até aquele dia, eu nunca tinha fumado sozinho.

Eu só tinha que tomar coragem e ir comprar um maço na máquina na loja de bebidas.

Ollie Jungfrau foi embora na hora de abrir a Grilo Embriagado, que não tinha horário fixo. A loja de bebidas abria quando já havia duas ou três pessoas esperando na porta. Elas costumavam bater no vidro com moedas ou chaves de carro para avisar a Ollie e Johnny que havia cidadãos de Iowa com sede e dinheiro que precisavam gastar em álcool.

A loja de artigos usados, como sempre, cheirava a inseticida, camisinhas e desespero, com um toque adocicado de orações não atendidas, formol, caixas de papelão para donuts e chicória, tudo misturado. Esperei alguns minutos só para garantir que Johnny não voltaria atrás de algo que tivesse esquecido, então atravessei a sala dos fundos até o linóleo verde-claro e as luzes fluorescentes da loja de bebidas Grilo Embriagado.

Fiz muito barulho enquanto pegava o caminho pela sala dos fundos.

Não queria assustar Ollie Jungfrau nem flagrá-lo vendo pornografia no computador nem se masturbando atrás do balcão.

Fazer barulho era uma questão de educação.

— Está com medo de ficar sozinho, Dínamo?

Ollie me deu um sorriso solidário quando viu minha entrada intencionalmente desajeitada perto do freezer de cerveja nos fundos.

— Não — respondi, com uma concisão eficiente.

Eu estava ali com um único objetivo e não podia perder tempo. Eu não queria decepcionar Johnny.

Ollie Jungfrau estava jogando um jogo em um laptop conectado à rede sem fio do escritório de Johnny. Ele jogava o dia inteiro, sentado atrás do balcão da Grilo Embriagado. Eu não entendia a graça daquele passatempo em especial. Para um cara como Ollie, contudo, era preferível ter seu ego sugado para a fantasia de ser um soldado musculoso de roupas justas preso em uma estação espacial infestada de alienígenas do que enraizar sua identidade no aqui e agora.

Ollie Jungfrau matava milhares de alienígenas todos os dias.

Isso o deixava com tesão.

— Aliás — disse Ollie. — Procurei a palavra *fotoluminescente* na internet. Significa brilhar no escuro.

— Certo — concordei.

— Que babaquice — concluiu Ollie.

Ollie Jungfrau não desgrudou os olhos da tela do laptop enquanto conversávamos. Ele atirou em algo com uma pancada espasmódica na barra de espaço, ou alguma merda assim. O monstro na tela de Ollie uivou de dor. Sua perna caiu.

Ollie riu e pausou o jogo.

Ele estava suando.

— Vim comprar cigarros — contei.

— Para quem? — perguntou Ollie.

— Para mim.

— Acho que é *eu*.

— Mim.

— O que seus pais achariam disso?

Isso era uma pergunta sem sentido, pensei. Por que razão Ollie Jungfrau iria querer se meter em uma conversa entre mim e meus pais sobre cigarros?

Então eu disse:

— Eles diriam para eu pedir *por favor*.

UM RETRATO

OLLIE ME VENDEU OS cigarros que eu pedi. Eu queria mostrar a Robby como eu era corajoso e independente. Comprei dois maços e um isqueiro descartável, depois voltei para a loja.

Eu tinha colhões.

Liguei para Shann pouco antes do meio-dia.

Perguntei se ela queria ir ao cinema e jantar comigo em Waterloo à noite.

— E Robby? — perguntou ela.

— Robby está bem — respondi. — Hum. E como está sua mãe?

— Bem — disse Shann. — Do que você está falando?

— Achei que você só estivesse perguntando de bobeira sobre as pessoas da cidade que a gente conhece — expliquei.

— Não. Quero saber se vamos sair nós *três* juntos hoje à noite.

— Isso não tem nada a ver com Robby. Eu estava planejando sair só com você, Shann — disse. — Johnny me falou que leva a gente e tal.

Johnny McKeon não se importaria se eu e Shann fôssemos sentados no banco de trás durante a viagem. Era uma estrada longa e reta até Waterloo.

A ideia de transar com Shann no carro enquanto o padrasto dela nos levava até Waterloo me deixou com muito tesão.

Então a porta da frente da loja abriu. Uma família de turistas — um homem, uma mulher e seus filhos gêmeos idênticos vestidos identicamente que pareciam ter uns seis anos e sem dúvida tinham pés igualmente fedorentos, como Robby confirmaria — entrou e começou sua expedição familiar pela trilha de maravilhas e desespero de Johnny.

Eles marcharam pelo labirinto como se estivessem desfilando. A mãe, na frente, controlava a velocidade. Ela parava de vez em quando para admirar uma leiteira em forma de vaca ou um apoio de metal para panelas na forma de um galo achatado. Abria gavetas de cômodas e mesas de cabeceira.

Ela não ia encontrar nenhuma camisinha.

Mas algumas gavetas ainda continham bíblias.

Os gêmeos iam atrás, lado a lado e de mãos dadas. Se chegassem um pouco mais perto um do outro, pareceriam o menino de duas cabeças no vidro que Johnny McKeon guardava no escritório. O pai encerrava o desfile. Ele carregava um saco de lona, uma bolsa masculina, como eu e Robby chamávamos, atravessada no tronco.

Eles com certeza não eram de Iowa.

Talvez de Minneapolis.

Não era raro que turistas parassem na Do Sótão ao Sucesso aos sábados.

Essa família provavelmente estava a caminho do litoral e se viu presa no centro de um continente enorme. Deviam estar atrás de cartões postais para enviar mensagens desesperadas como:

Mandem ajuda imediatamente! E assim foi nosso dia. Você sabe o que quero dizer.

Mas Johnny McKeon não vendia cartões postais na loja de artigos usados Do Sótão ao Sucesso. Ele vendia, porém, camisinhas na loja de bebidas Grilo Embriagado. Acho que a maioria das camisinhas que ele vendia acabava grudada no chão da Lavanderia Self-Service Ealing ou em gavetas de mesas de cabeceira e cômodas que eu limpava quando seus donos perdiam as casas e a esperança.

E esse é o retrato da economia americana e de uma cidade moribunda de Iowa.

— Seria tão bom sairmos juntos só você e eu, Austin... — disse Shann.

— Até parece que a gente nunca faz isso, Shann — retruquei.

A família foi se aproximando devagar de mim no balcão. No caminho, a mãe tinha apanhado alguns objetos.

— Eu sei — disse Shann. — Mas é... bem... diferente agora, você não acha?

Meu coração bateu mais rápido.

— Ah — falei. — É.

Eu não sabia o que ela queria dizer. De repente me senti culpado outra vez, como se Shann soubesse de tudo.

— Amo você, Austin — disse Shann.

Então a ficha caiu. Eu entendi.

Fiquei aliviado e me sentindo um idiota ao mesmo tempo.

— Amo você, Shann. — Eu não disse *também*. Mas, de qualquer modo, eu estava totalmente vestido. — Eu já contei que estou sozinho na loja? O Johnny precisou ir a Waterloo pegar umas coisas. Tem clientes aqui.

Olhei para os dois maços de cigarros que empilhei no mostruário de vidro acima da minha coleção de insetos favorita.

— Austin?

— O quê?

— As batidas na parede voltaram — disse ela, que parecia um pouco assustada.

Era exatamente meio-dia.

— Deixa eu ouvir.

Shann levou o telefone até a parede. Ela tinha descrito o ruído perfeitamente: batidas em uma máquina de escrever. Não consegui pensar em outra coisa quando ouvi aquele barulho. Mas o ruído de máquina de escrever parou em questão de segundos.

Era exatamente meio-dia.

Haviam decorrido dez horas do fim do mundo.

Ninguém sabia nada sobre isso.

BARGANHA

— PAGO CINCO DÓLARES pelo globo de neve da cidade de Iowa, por esse saca-rolhas e o saleiro e a pimenteira de espigas de milho.

A mãe, o general da banda do desfile turístico, colocou seus espólios em cima do balcão ao lado dos meus cigarros. O menino de duas cabeças e

quatro braços e pernas apertou seus narizes contra a frente do mostruário de vidro e deixou marcado em catarro transparente dois sinais de exclamação sem ponto na frente da coleção de insetos. O pai, no fim da fila, enfiou a mão na bolsa e tirou uma carteira.

— Hum.

Johnny McKeon barganhava com os clientes. Etiquetas de preço em lojas como a Do Sótão ao Sucesso podiam muito bem ser formulários, no que dependesse da maioria dos clientes.

Johnny sabia o que fazer.

Eu, não.

— Hum — falei outra vez.

— E então? — perguntou a mulher, que me achou burro. Eu conhecia aquela expressão. — Cinco dólares?

— Eu... Eu só estou tomando conta do balcão para o pai da minha namorada — expliquei.

De repente, eu me senti viril, capaz de procriar, com tesão. Mas os gêmeos me assustavam. Seus narizes no vidro apontavam para cima, se distorcendo em dois vulcões de catarro.

Meu trabalho incluía manter os mostruários de vidro limpos.

— Não tenho permissão para negociar preço — observei.

— Pfft!

A mãe, obviamente acostumada a conseguir o que queria, estava indignada. Ela tinha que fazer as contas.

Ninguém gosta de fazer contas.

Peguei os objetos e somei os preços enquanto o marido silencioso contava as notas.

— Onze dólares e cinquenta centavos — informei.

Aumentei o preço em um dólar só porque eu podia e porque eu teria que limpar duas manchas de catarro deixadas pela Liga da Amizade de Minnesota.

O homem pagou o que pedi. Eu embrulhei minha primeira venda.

Então o homem com a bolsa perguntou:

— Aqui é Ealing?

— Eu sei. Muita gente não acredita que finalmente chegou quando para em Ealing — falei. — Mas sim, é só isso mesmo.

— É só isso... hehe — zombou o homem. Ele sacou um pequeno guia lustroso da bolsa e continuou: — Ealing, Iowa. Sete decapitações não

solucionadas em 1969.

— Hã.

Ele ergueu o livro com orgulho para que eu pudesse ver a capa, onde estava escrito: *Serial killers dos Estados Unidos*.

— Estamos fazendo uma excursão! — O homem com a bolsa cantava como um passarinho contente.

Os gêmeos fungaram e encatarraram o vidro.

— Pode riscar mais um da lista — decidiu a mãe. Depois ela acrescentou: — Por favor, cuidado com minhas espigas de milho.

Eu precisava de um cigarro.

O MENINO NO VIDRO

SAÍ E FUMEI PARADO no estacionamento. Observei o movimento das pessoas que entravam e saíam e entravam e saíam da Casa da Panqueca, da lavanderia, da Grilo Embriagado e, do outro lado da rua, da Pizzaria do Satan também.

Ao meio-dia e quarenta e cinco, liguei para Robby.

Acendi outro cigarro. Eu estava no comando.

Robby ficou impressionado, talvez com inveja, por eu estar sozinho e fumando um cigarro sem ele, que ainda estava na cama quando liguei. Pelo telefone, escutei-o acender um enquanto conversávamos. Então Robby e eu fumamos um cigarro juntos pelo celular.

É bom fumar um cigarro com seu melhor amigo.

Contei a ele tudo o que tinha acontecido — a história daquela manhã —, até sobre os garotos gêmeos melequentos de Minneapolis que encatarraram o mostruário de vidro, e também que cobre um dólar a mais só porque não tinha gostado deles. Robby perguntou se eu tinha voltado ao beco da Selva de Gafanhotos. Eu disse que não. Eu não ia voltar lá.

Tudo parecia bem.

Era apenas mais uma tarde de sábado em Ealing, Iowa.

Mas eu não conseguia esquecer a sensação de que algo absurdamente importante tinha acontecido nas vinte e quatro horas anteriores. Talvez fosse apenas a onisciência do registrador que se lembra da história enquanto pinta as paredes de sua caverna. Essas merdas.

Depois que você dá alguns tragos, uma tonteira agradável penetra com tranquilidade em sua cabeça como um bando de borboletas anestesiadas. Sob o efeito da nicotina, voltei para o interior da loja de artigos usados Do Sótão ao Sucesso, circulei pelo labirinto de exposição de Johnny McKeon e me vi parado mais uma vez em frente à porta trancada do escritório de Johnny McKeon.

Estava claro que Johnny McKeon não ligava muito para esconder as coisas que guardava dentro do escritório. Talvez tivesse vergonha delas. Talvez apenas não soubesse o que fazer com as coisas que haviam pertencido a seu irmão morto. Pensei em perguntar isso a Johnny se um dia ele me mostrasse suas *experiências*.

Eu queria saber *por quê*.

Enquanto meus dedos tateavam pela ranhura do batente, pensei no que eu faria com as coisas de Eric se ele nunca mais voltasse para casa.

Eu provavelmente as guardaria em meu quarto e não deixaria mais ninguém vê-las.

Eu entendia Johnny McKeon.

A chave ainda estava lá, onde Johnny sempre a escondia.

Eu entrei no escritório.

Johnny McKeon não falou nada sobre o globo desaparecido para os policiais que foram lá naquela manhã. Se tivesse falado, teria sido obrigado a mostrar o resto das coisas em seu escritório. Johnny nunca faria isso.

Havia manchas na velha estante de biblioteca onde os dedos de Tyler tinham passado pela poeira na base do globo. Ele nem se deu ao trabalho de levar a base. Ela ainda estava lá, ainda anunciando a Cepa de Praga IM 412E Contida.

Que já não estava mais tão contida.

Aquela foi a primeira vez que considerei a possibilidade de aqueles quatro garotos acabarem ficando doentes.

Mas lembrei que toda aquela merda era de 1969, segundo as datas nas etiquetas. Nada incurável jamais poderia vir de 1969.

Os Beatles e os Stones vinham de 1969.

E, como Johnny McKeon dizia, era só mofo fotoluminescente, afinal de contas.

O menino de duas cabeças, apesar de ser pouco maior do que um melão, era mais velho do que eu. Eu conversei com ele.

— Você está chegando à meia-idade, meu chapa. Deve estar cansado de ficar dentro desse vidro.

Aproximei o rosto do vidro, apoiando o queixo na prateleira para fitar diretamente as pequenas órbitas escuras dos olhos do menino.

Espalmei a mão na curva fria do vidro.

O menino lá dentro se contorceu.

O movimento foi muito sutil. Só um espasmo nervoso dos dedos, mas eu vi.

Tirei a mão do vidro em um susto e dei um passo para trás.

Bati com tanta força na escrivaninha de Johnny McKeon que pareceu que eu tinha feito um buraco na minha calça jeans.

DE SKATE E CAIAQUE

O BECO ATRÁS DA Pizzaria do Satan não era tão comprido ou apropriado para skatistas como a Selva de Gafanhotos. A pizzaria era uma loja solitária, por isso tudo o que podíamos fazer lá era zanzar em pequenos círculos. De qualquer maneira, zanzar em pequenos círculos era o que eu e Robby costumávamos fazer quando andávamos de skate.

Quando cheguei, Robby estava com a máscara do lêmure fazendo careta e a camiseta do Tito Andronicus que eu tinha emprestado a ele na noite anterior.

Depois do que havia acontecido comigo no escritório de Johnny McKeon, tudo o que eu via naquele dia parecia saído direto de um pesadelo bizarro. Eu não parava de repetir para mim mesmo que talvez estivesse apenas imaginando coisas, por estar com nicotina demais e oxigênio de menos no cérebro.

Não havia como aquele menino ter mexido os dedos para mim.

— Tudo supimpa, Garoto Lêmure? — cumprimentei.

Robby levantou os braços, retorcendo os dedos como garras acima da cabeça peluda de lêmure. Ele congelou daquele jeito, sem dizer nada, parado com um pé no shape do skate. O meu skate estava bem ao lado do dele.

Lêmures fazendo careta são um pouco assustadores.

— Impressionantemente realista.

Robby permaneceu em silêncio e imóvel, como um experimento taxidérmico de cruzamento entre um garoto luterano e um lêmure empalhado.

Dei de ombros, afastei meu skate do dele, subi e saí andando.

— Ei, espere aí — chamou Robby.

Ele veio atrás de mim.

Quando chegou ao meu lado, ainda com a máscara, Robby disse:

— Fui lá na Selva, Porco-Espinho.

— Você viu alguma coisa? — perguntei.

— Não — respondeu Robby. — Alguém empurrou a caçamba de volta para o lugar. Tudo estava igual a como sempre foi.

— Os chatos do sofá estão felizes e satisfeitos? — perguntei.

— Prosperando — disse Robby. — Alguns deles pegaram carona comigo e querem dar uma volta com você. Vamos fumar um careta.

— Tudo bem. Você consegue fumar usando esse troço?

— Ainda não tentei — respondeu Robby. — Provavelmente não é antichamas. Ou deve ser cancerígeno, ou então vai alterar o meu sêmen e me fazer ter bebês de duas cabeças e essas merdas.

— É — concordei. — Você não ia querer fumar cigarros usando uma máscara de lêmure fazendo careta que é cancerígena e pode alterar o seu sêmen.

— Ninguém quer sêmen alterado.

— Sêmen alterado é a máquina caça-níqueis evolucionária que vai destruir a humanidade.

Robby e eu estávamos conversando sobre sêmen.

Robby disse:

— Por quanto tempo vamos falar sobre sêmen?

— Não sei — respondi. — As pessoas não falam tanto sobre sêmen quanto deveriam. Mas eu me sinto meio estranho.

Robby tirou a máscara. Seu rosto estava corado e molhado de suor.

Olhamos um para o outro. Ele sorriu e assentiu. Eu sabia que estava tudo bem entre nós. Ele estendeu a mão, e eu a apertei.

Foi um verdadeiro aperto de mão estranho-e-suado-do tipo-pastor-luterano de Iowa.

— Que merda é essa? — indaguei. — A gente está apertando as mãos. A gente nunca aperta as mãos.

Robby disse:

— Eu sei. Bom, eu só, hum, queria dizer a você...

— Você não precisa dizer nada, Rob.

Dei um tapinha em seu ombro.

— Acho que não — retrucou ele. Peguei um dos maços de cigarro que Ollie tinha me vendido, e Robby acrescentou: — Acho que é sempre adequado encerrar uma conversa sobre sêmen com um aperto de mão suado.

— É — concordei.

Sentamos lado a lado em nossos skates e fumamos.

Todo sábado, Robby me perguntava quantos donuts Ollie Jungfrau havia comido. Eu não tinha muita certeza, mas naquele dia acho que contei nove. Robby me pediu para jurar que tiraria fotos com meu celular se um dia Ollie Jungfrau explodisse.

Então contei a Robby que tinha entrado outra vez no escritório de Johnny McKeon e que fiquei assustado por achar que o menino de duas cabeças dentro do vidro mexeu os dedos para mim quando falei com ele.

Robby balançou a cabeça com desdém.

— Depois de toda a merda que aconteceu ontem à noite, a gente provavelmente ficou traumatizado. Você estava vendo coisas.

— Não acho que eu esteja traumatizado, Robby — retruquei.

— Acho que essa máscara de lêmure deixou minha cara fedendo — disse Robby.

Ele soprou uma nuvem grande e gasosa de fumaça.

— Você ainda está usando a camiseta que emprestei a você — comentei.

— Vou devolver depois de lavar.

— Ah, claro, Rob. E como vai o flamingo? — perguntei.

— Bem. Muito bem. — Robby balançava de um lado para outro no skate. — Na segunda à noite, minha mãe vai trabalhar dois turnos seguidos. Você podia ir lá para casa e encher a cara comigo.

— Pode ser boa ideia — falei. — Eu estava pensando. Você já tomou um daqueles tranquilizantes azuis da sua mãe?

— Um Xanax? — perguntou Robby.

— É. Já experimentou? Fiquei curioso. Eles parecem barquinhos, não é? Caiques. Só imaginei que eles devem deixar a gente calmo, essas merdas. Viajando. Como se a gente não tivesse problemas e estivesse tudo resolvido.

Robby disse:

— Nunca tomei nenhum. De qualquer forma, *você* não tem nenhum problema nem nada para resolver.

— Ah, claro. Claro que não tenho — rebati.

— Tipo o quê? — perguntou Robby.

— Tudo bem — disse eu.

Tudo bem, às vezes, é eficiente para encerrar conversas difíceis entre adolescentes.

Aí eu disse:

— Eu vou lá na segunda encher a cara com você.

— Vou deixar você usar a máscara de lêmure.

— Não quero que minha cara fique fedendo.

— É. Melhor não.

Quando estávamos no nosso segundo cigarro, criei coragem para contar a Robby sobre o encontro que tinha combinado com Shann. Também era idiota eu me sentir esquisito e culpado por causa daquilo, mas isso era só outro elemento de minhas confusões. Robby não pareceu se importar. Eu fiquei mais confuso. Achei que ele ia se sentir excluído, como se Shann e eu o estivéssemos rejeitando.

Ele me ofereceu uma carona até a casa da Shann para que eu não tivesse que ir de skate até lá. Robby disse que ir de skate me deixaria com cecê, e que eu provavelmente não ia querer estar com cecê em um encontro com Shann.

— Você tem razão — concordei. — Não quero estar com cecê.

Robby disse:

— Se você estiver com cecê, pode até ter o sêmen alterado que não vai fazer diferença.

— Nisso você tem razão — falei.

Robby pegou a máscara do lêmure fazendo careta e cheirou o interior dela.

— Isso é nojento — disse ele.

— Achei que você fosse ficar chateado — comentei. — Porque vamos sair sábado à noite sem você.

— Mas é Shann — disse Robby. — É sua namorada. Vocês precisam sair juntos. É isso que namorados fazem.

— É. Bem, eu me sinto mal.

— Por quê?

— Não sei direito, Robby. O que *você* vai fazer hoje à noite?

Robby respondeu:

— Eu? Lavar roupa, acho. Alguma merda assim.

— Certo.

— Venha — chamou Robby. — Vamos lá pegar o Explorer.

— Vamos ver se amanhã a gente faz alguma coisa. Só eu e você.

— Podíamos dobrar minhas roupas lavadas — sugeriu Robby.

ÉDEN CINCO PRECISA DE VOCÊ

SHANN COLLINS E EU comemos hambúrgueres e anéis de cebola no Cozinha Rústica da Jackie em Waterloo, Iowa, depois do cinema.

As pessoas em Iowa são verdadeiros dínamos quando se trata de batizar empresas.

Os filmes chegavam a Waterloo cerca de um mês depois de passar em outras partes do continente. O filme a que Shann e eu assistimos havia sido visto por todos os garotos na Escola Luterana Curtis Crane no dia da estreia, semanas antes. Eles o viram só para poder contar para todo mundo que não tivesse assistido sobre o que o filme era e se era bom ou não.

Todos os garotos da Escola Luterana Curtis Crane concordaram que o filme era sensacional.

Provavelmente era o filme mais idiota que eu tinha visto em toda a minha vida.

Contudo, como eu estava com Shann, na verdade não prestei muita atenção a ele.

É difícil um filme prender minha atenção. Acho que esse é outro problema que eu tenho. É tudo parte da grande história confusa por trás de Austin Andrzej Szerba. Não sei por que sou como sou. Sei que deveria conversar com meu pai sobre as coisas. Só precisava descobrir um jeito de começar essa conversa.

Shann e eu sentamos no canto da última fileira.

O filme se chamava *Éden Cinco Precisa de Você 4*. Eu não havia assistido às três primeiras partes, mas não importava, já que todo mundo na Escola Luterana Curtis Crane tinha visto e contado tudo o que acontecia. Também não fazia diferença, porque aparentemente a trama do filme não era um elemento essencial para a experiência de assisti-lo.

Éden Cinco Precisa de Você 4 era um filme de ficção científica muito barulhento e de visual impactante sobre um adolescente abduzido por alienígenas benevolentes e levado para um planeta chamado Éden Cinco.

Os quatro primeiros Édens deviam ser uma merda.

Os alienígenas benevolentes abduziram o adolescente porque a Terra estava morrendo com todas as guerras e destruição ambiental infligidas pelo ser humano e merdas assim. Por isto os alienígenas benevolentes escolheram o adolescente: porque queriam seu sêmen para dar início a uma nova população de seres humanos nesse outro planeta agradável chamado Éden Cinco. Bem, o garoto não queria que seu esperma fosse o único responsável por toda a gênese de uma nova raça humana em Éden Cinco, porque não queria ser culpado por todas as merdas que os seres humanos são geneticamente levados a fazer: guerras, crucificações, genocídio, religião, televisão.

Ele tinha prestado atenção suficiente à história para saber que Adão deveria ter usado camisinha.

Então o adolescente rouba uma nave espacial dos alienígenas benevolentes e vai à Terra a fim de buscar seu melhor amigo, outro adolescente, para voltar a Éden Cinco com ele, e o sêmen dos dois ser usado na criação de uma nova raça humana. Desse modo, nenhum deles poderia ser cem por cento responsável por toda a merda que os seres humanos são propensos a fazer por natureza.

Você sabe, um culpando o outro por seu sêmen ser alterado.

É sobre isso que é a história.

Enquanto isso, o presidente dos Estados Unidos, que tinha sido diretor da Agência Central de Inteligência, a CIA, soube do plano de iniciar um mundo novo em Éden Cinco. O presidente ficou contrariado porque não seria *dele* o esperma usado para iniciar uma nova raça. Ele ordenou que a Agência Espacial Americana enviasse foguetes e destruísse a nave que tinha, àquela altura, dois adolescentes a bordo. As naves espaciais americanas também estavam carregadas com embriões congelados, todos criados a partir do sêmen do presidente.

As naves americanas também pareciam duas gigantescas bolas voadoras.

Hollywood é boa em sutilezas.

Como eu disse, foi o filme mais idiota que já vi.

O ator que interpretava o adolescente tinha trinta anos na vida real, mas ninguém na plateia parecia se importar porque ele era muito bonito e

arrumadinho.

Na verdade, não sei como o filme terminou, ou se houve uma conclusão clara para a história. Enquanto esperávamos na fila da bilheteria, ouvi alguns garotos na nossa frente falando sobre o lançamento de *Éden Cinco Precisa de Você 5* no ano seguinte, então o filme devia deixar um belo suspense no final.

Os garotos à nossa frente mascavam tabaco. Eles carregavam copos de café de papel que já estavam cheios até a metade com saliva grudenta marrom. Deixaram os copos no chão do cinema, para o futuro. Se você algum dia resolvesse fundar um novo planeta e precisasse de um pouco de sêmen, aqueles garotos não estariam em sua lista.

Durante o grande combate espacial entre os testículos voadores americanos e os adolescentes cujos sêmens iam criar uma nova raça de seres humanos inocentes, Shann e eu estávamos com a língua na boca um do outro.

Não que o filme nos desse mais tesão. Se estivéssemos realmente prestando atenção a ele, talvez tivéssemos ficado anestesiados. Li um mito popular em algum lugar que dizia que as escolas em Iowa costumavam misturar um produto químico chamado salitre na merenda de seus alunos. As pessoas acreditavam que o salitre evitava que os garotos tivessem ereções.

Era tudo um monte de merda, claro.

Nada, exceto talvez prestar atenção a *Éden Cinco Precisa de Você 4*, pode impedir que garotos tenham ereções.

Enfiei a mão por dentro do suéter largo que Shann estava usando e acariciei seus peitinhos perfeitos.

O filme era barulhento demais.

Eu nunca tinha tocado os seios nus de Shann antes. Ela gostou.

Acho que eu gostei mais.

Na verdade, Shann deixou a mão cair entre as minhas pernas e me acariciou. Ela nunca tinha posto a mão ali antes. Isso provocou uma erupção muito repentina e acidental do Monte Austin Andrzej Szerba dentro da minha calça jeans.

Eu levei um susto e engoli em seco.

Aconteceu no exato momento em que o filme idiota ficou totalmente silencioso.

Fiquei petrificado. Quase desmaiei.

Shann percebeu o que tinha acontecido. Foi óbvio.

Os brutamontes que mascavam tabaco à nossa frente também deviam ter percebido o que aconteceu.

Eu me afundei em minha poltrona.

E me perguntei se era possível alguém morrer de vergonha.

— Ah — disse Shann.

— Hum — disse eu.

Shann sussurrou:

— *Éden Cinco precisa de você.*

Então, enquanto nos olhávamos comendo hambúrgueres e anéis de cebola, tirei meu pé do tênis e acariciei a perna de Shann por baixo da mesa do Cozinha Rústica da Jackie. Eu estava lhe contando a história do pastor alemão do tio de Ollie Jungfrau que podia cagar no alvo quando requisitado, e como o sêmen alterado provavelmente era responsável por todas as grandes calamidades causadas pelo homem na história, quando Shann me disse:

— Você sabe o que realmente amo em você, Austin?

Eu não sabia o que ela realmente amava em mim. Provavelmente não era minha resistência.

Eu disse:

— Não. Me diga.

Shann disse:

— Amo o jeito como você conta histórias. Amo o modo como, sempre que conta uma história, você vai para a frente e para trás e me conta *tudo* o que poderia estar acontecendo em todas as direções, como uma explosão. Como uma flor desabrochando.

— É mesmo? — perguntei. — Eu... Hum... Nunca tinha percebido isso em mim antes.

Fiquei envergonhado outra vez, mas nem perto do mesmo nível da vergonha que senti quando nos deparamos com uma erupção acidental durante a cena dolorosamente silenciosa pós-batalha épica de *Éden Cinco Precisa de Você 4*.

— Acho você fofo ao extremo, Austin Szerba — disse Shann.

— Obrigado, Shannon Collins — falei. — Vou aceitar o elogio.

Vou contar o que aconteceu naquela noite.

Sete pessoas em Ealing, Iowa, pararam de se alimentar. Começaram a bater em paredes e a cagar. Elas estavam muito doentes.

Ollie Jungfrau estava constipado. Tinha comido donuts demais naquele dia, e o ingrediente principal de seu jantar foi queijo.

Havia apenas seis casas na rua em que eu morava. Duas delas tinham sido apropriadas pelo banco. Suas portas e janelas estavam cobertas com avisos impressos em letras bem pequenas. No exato momento em que *Éden Cinco Precisa de Você 4* ficou embaraçosamente silencioso e eu entrei em erupção, uma terceira casa naquela rua ficou vazia quando seus donos foram despejados por oficiais de justiça de cara fechada que brandiam ordens judiciais.

Naquela casa, enfiado no fundo da gaveta de uma mesa de cabeceira abandonada, havia quatro camisinhas fechadas e um *Livro de Mórmon* roubado de um hotel Marriott em San Diego, Califórnia.

A família tinha ido ao Sea World.

O pastor Roland Duff comeu uma pizza tamanho individual sabor Stanpreme na Pizzaria do Satan. Sentado sozinho, Roland Duff lia o jornal de Waterloo e examinava a programação dos cinemas. Ele achou que talvez fosse gostar de ver *Éden Cinco Precisa de Você 4*. O pastor Roland Duff nunca tinha visto o Oceano Pacífico.

O padraço de Shann, Johnny McKeon, que também era meu chefe, foi a Waterloo nos buscar no Cozinha Rústica da Jackie às dez e meia.

Na viagem de volta para Ealing, Shann sentou ao meu lado com a cabeça apoiada no meu ombro.

Foi uma viagem silenciosa.

Durante a maior parte do caminho, eu tentei concluir se o que havia acontecido comigo podia tecnicamente ser chamado de *transar*; se aquela tinha sido a primeira vez que eu *tinha transado* com alguém. Concluí que foi próximo o suficiente. Próximo o suficiente para repovoar *Éden Cinco*. Próximo o suficiente para ser tema proibido na biblioteca da Escola Luterana Curtis Crane.

Pensar no que havia acontecido no cinema me fez torcer para que Shann me tocasse daquele jeito outra vez.

Também estava desesperado para trocar minha cueca xadrez toda melada.

— E então, gostaram do filme? — perguntou Johnny.

— Hein? — perguntei.

Suado, úmido e estranhamente energizado, cheguei em casa às onze e quinze. Meus pais previsíveis já estavam dormindo àquela hora. A casa estava escura. Ingrid abanou o rabo e estremeceu de animação. Ela enfiou o

focinho que parecia um pino de boliche na minha virilha quando eu abri a porta.

— Vai lá largar um barro, Ingrid — falei.

Parei nos degraus da porta da frente e esperei que Ingrid cagasse. Então nós dois subimos para meu quarto, onde, enfim, eu pude me livrar de minhas roupas imundas.

À meia-noite e quatro, entrei debaixo dos lençóis frios bem no momento em que meu celular tocou.

Achei que fosse Robby, mas era Shann.

Ela me disse que o som de máquina de escrever tinha voltado, e ela estava com medo.

— Amanhã, depois da igreja, Robby e eu vamos passar aí — avisei. — Vamos descobrir o que tem dentro da parede.

— Está bem — disse Shann. — Amo você, Austin.

— Éden Cinco precisa de mim — falei.

Eu estava com muito tesão de novo.

MUITA MATEMÁTICA

WENDY MCKEON SE PARECIA tanto com a filha, Shann, que as pessoas às vezes achavam que elas eram irmãs.

Robby e eu fomos direto para a casa de Shann depois da igreja. Johnny e Wendy não levaram Shann ao culto naquela semana. Deram a desculpa de que estavam ocupados arrumando sua nova casa velha depois da mudança. Quando você não ia à igreja em Ealing, às vezes era quase necessário enfiar uma placa em seu jardim pedindo perdão aos vizinhos.

Deus alivia a barra de pessoas que precisam arrumar a casa depois de uma mudança, mas os vizinhos talvez não aliviem.

Os alunos da Escola Luterana Curtis Crane eram obrigados a usar as gravatas e os suéteres do uniforme na igreja, embora a maioria das pessoas em Ealing não se arrumasse assim aos domingos.

— Como vocês dois estão bonitos — disse Wendy McKeon quando nos cumprimentou à porta.

Robby e eu ainda não tínhamos vestido nossas roupas não luteranas.

— Parecemos bastões doces com essas gravatas — falei.

— Meio que dá vontade de bater na gente, não dá? — perguntou Robby.

— Só você, Robby — disse Wendy, rindo, e espalmou a mão no peito dele.

Robby era muito mais engraçado e bonito do que eu. Eu achava que Wendy às vezes se perguntava por que Shann não namorava Robby em vez do garoto polonês. Robby não tinha saído do armário para ninguém além de mim e de Shann. Wendy McKeon não sabia nada sobre garotos adolescentes, a não ser que tivesse aprendido em um daqueles programas vespertinos da TV.

Wendy McKeon não teria achado normal que Robby e eu *experimentássemos*.

A van de uma empresa de desratização estava estacionada em frente à casa dos McKeon. Shann tinha contado à mãe sobre os ruídos de dentro da parede, e Johnny e Wendy concluíram que deviam ser ratos.

— Casas antigas como esta realmente *costumam* ter ratos — comentei com Shann quando eu e Robby chegamos a seu quarto.

Não consegui evitar fantasiar com a ideia de propor a Shann um *ménage à trois* inspirado em *Éden Cinco Precisa de Você 4* comigo e com Robby. A quantidade de matemática nesse pensamento me deu dor de cabeça.

— Ratos com máquinas de escrever — acrescentou Robby.

— Esses ratos escrevem na máquina de seis em seis horas — explicou Shann, continuando o ataque numérico à minha cabeça. — Exatamente às seis e às doze horas. Eu tenho contado.

— Então eles são ratos obsessivo-compulsivos com máquinas de escrever — observou Robby.

— Esperem só um pouco — disse Shann.

Ela olhou para o relógio de pulso. Faltavam dez para o meio-dia.

Eu estava com tesão e matematicamente confuso.

Os homens da empresa de desratização rastejaram por todo o chão, à procura de buracos que os ratos pudessem usar para entrar nas paredes. Como não encontraram nada, rastejaram no sótão e em torno das fundações da casa, montando armadilhas e espalhando pratos atraentes de um veneno que parecia bala.

Eles não encontraram ratos porque não havia nenhum.

Exatamente ao meio-dia, o barulho no interior das paredes de Shann recomeçou. Dessa vez, nós três estávamos lá, e todos nós ouvimos. O som parou em menos de um minuto, mas registramos com os olhos o ponto exato na parede onde ele se originava.

— Meninos, vocês querem almoçar? — perguntou Wendy de algum ponto nas profundezas da casa.

Eu assenti para Shann, que gritou uma resposta para a mãe. A casa era tão grande que não seria um grande absurdo usar celulares. Nas casas, os adolescentes tendem a se comunicar com seus pais com gritos a distância.

— É alguma espécie de máquina — falei.

Aquela parede era toda feita de tábuas de madeira encaixadas umas nas outras. Algumas ripas estavam soltas e podiam ser manuseadas. Eu tinha certeza de que conseguiríamos espiar por trás de uma ou duas delas sem causar nenhum dano permanente à parede do quarto de Shann. Pedi a ela que pegasse umas facas de manteiga ou chaves de fenda de ponta chata, qualquer coisa que eu e Robby pudséssemos usar para afastar as tábuas.

Bem na hora que Wendy McKeon gritou que o almoço estava na mesa, Robby e eu afastamos uma tábua de quinze centímetros de largura e descobrimos a origem do barulho que assombrava Shann quatro vezes ao dia.

O fantasma no interior da parede de Shann era uma máquina.

A coisa estava montada entre a parede do quarto dela e um banheiro que havia do outro lado. Ficava sobre uma prateleira baixa de pinho coberta de poeira. Cabos grossos emborrachados saíam da parte de trás e seguiam os caminhos de estacas e vigas da parede, para cima e para baixo, até sumir de vista.

A máquina também estava coberta de poeira. Era feita de baquelite e metal azul arredondado no mesmo estilo de uma torradeira ou um automóvel clássico. Na frente havia um teclado igual ao de uma máquina de escrever, mas a coisa era muito maior do que uma máquina de escrever comum.

Aquilo era o que se chamava de teletipo.

De trás do cilindro metálico, um rolo amarelado de papel perfurado imprimia metros e mais metros da mesma mensagem repetida, em tinta preta e letras maiúsculas, formando degraus como em uma escada.

O FLAMINGO ALERTA SOBRE A PRESENÇA DE 412-E NO AMBIENTE.

GERADORES DO SILO ATUALMENTE ATIVADOS. COMUNICAR AO SILO COM A URGÊNCIA NECESSÁRIA.

O FLAMINGO ALERTA SOBRE A PRESENÇA DE 412-E NO AMBIENTE.

GERADORES DO SILO ATUALMENTE ATIVADOS. COMUNICAR AO SILO COM A

URGÊNCIA NECESSÁRIA.

O FLAMINGO ALERTA SOBRE A PRESENÇA DE 412-E NO AMBIENTE.

GERADORES DO SILO ATUALMENTE ATIVADOS. COMUNICAR AO SILO COM A URGÊNCIA NECESSÁRIA.

Eu olhei para Robby.

Ele olhou para mim.

Ambos dissemos ao mesmo tempo:

— Ah.

Robby disse:

— Ninguém fala “*com a urgência necessária*”.

— Quem diria uma coisa dessas? — acrescentei.

Shann perguntou:

— O que está acontecendo, Austin?

Eu respondi:

— Hum.

TALLY-HO!

— ACHO QUE SÓ vou precisar comer de novo depois do Dia de Guy Fawkes — declarei.

— *Tally-ho* para isso — disse Robby.

“*Tally-ho*” é o que caçadores gritam para os cães quando estão atrás de raposas.

— Hip, hip e tal — acrescentei.

Naquela noite, Robby dirigiu pela autoestrada plana e reta que ligava Ealing a Waterloo. Estávamos saindo só nós dois, como eu tinha prometido.

Robby disse que viajaríamos no tempo, e que talvez não fosse agradável.

Eu não sabia por que Robby queria ir a Waterloo e viajar no tempo. Eu só esperava que ele não quisesse assistir a *Éden Cinco Precisa de Você 4*.

Wendy McKeon cresceu no sul de Indiana. Os regionalistas às vezes se referiam àquela área como Kentucky do Norte (nos Estados Unidos, o estado de Kentucky fica abaixo de Indiana). O almoço, para uma pessoa nascida naquela parte do continente, consistia no seguinte: frango frito, salada de batata, purê de batatas, creme de milho, ovos temperados, salada

de frutas enlatadas, pepino em conserva, fatias de queijo amarelo, pão branco, margarina, leite, bolo e manteiga de amendoim.

Depois da orgia do almoço de Wendy McKeon, desligamos o teletipo antes de sair. Robby e eu levamos as mensagens impressas e ajeitamos a tábua solta no quarto de Shann.

Ter um teletipo instalado dentro da parede do quarto não era tão estranho, opinei, levando em consideração que o quarto de Shann também incluía uma porta que não levava a lugar algum e uma escada que descia até um calabouço para garotos luteranos com tesão.

Shann concordou. Era só uma casa esquisita.

— Mas está no *Registro de Construções Históricas de Ealing* — lembrou Robby.

— Uma profusão de tijolos antigos e desgastados — comentei.

— Quem sabe que outras bizarrices os McKeon faziam naquela casa? — questionou Shann.

— É — concordei. — Quem sabe?

Havia algumas coisas a descobrir.

Se eu e Robby não tomássemos cuidado, descobrir algumas coisas envolveria algum tipo de confissão a Shann. Eu não queria contar as coisas que tinham acontecido no escritório de Johnny McKeon e não queria dizer a ela o que eu e Robby tínhamos feito no telhado do Shopping de Ealing.

Mas eu não minto. Se Shann alguma vez perguntasse sobre isso, eu lhe contaria.

Então Robby e eu optamos por um período de reflexão silenciosa antes de explorar as possibilidades que a mensagem do teletipo poderia significar.

Voltamos para a minha casa e tiramos nossas fantasias de garotos luteranos super-heróis. Emprestei a ele outra roupa de Austin Szerba de meu armário. Em pouco tempo, pensei, todas as minhas roupas, assim como as de Robby, estariam espalhadas, sujas, no banco de trás de seu Ford Explorer.

— Não há nenhum silo na casa dos McKeon — falei. — Eu procurei.

Peguei uma calça jeans e enfiei os pés em uns tênis de skate meio frouxos.

— Eu também — disse Robby.

Dei para ele vestir uma Levi's e uma camiseta do Pink Floyd. A minha era do LCD Soundsystem.

— Você não está planejando me levar para ver *Éden Cinco Precisa de Você 4*, está?

— Não — respondeu Robby. — Vou conhecer um lugar que sempre quis ver como era, mas tinha medo de ir sozinho.

— Parece com o que eu diria sobre *Éden Cinco* — comentei.

No fim, fiquei aliviado. Estava feliz por Robby não estar interessado de verdade no filme que eu havia visto com Shann na noite anterior.

Robby nem reduziu a velocidade quando passamos pelo Cinezar de Waterloo.

Outro empresário de Iowa que tinha escolhido muito bem o nome de seu negócio.

Robby parou o Explorer no estacionamento de um pequeno shopping de rua baixo e escuro. O lugar era deplorável, mas nem de perto tão acabado e abandonado quanto o Shopping de Ealing na Selva de Gafanhotos. Os letreiros de todas as lojas estavam acesos, embora a maioria estivesse fechada no domingo à noite.

Havia uma lavanderia self-service que parecia limpa e sem camisinhas. É claro que havia uma loja de bebidas, outra chamada Tragos Baratos (que tinha o adesivo de uma folha de maconha no canto da vitrine), uma barbearia e um campo de tiro coberto que também era uma loja de armas chamada Fogo no Will.

Com certeza Waterloo era o lugar.

No final do shopping, havia uma área com quatro ou cinco carros estacionados sob uma única luz, que iluminava a porta de um bar chamado Tally-Ho!.

O Tally-Ho! era bem conhecido na região como um local secreto para homens homossexuais se encontrarem.

O segredo não era muito bem guardado.

As pessoas de Ealing simplesmente não falavam sobre o Tally-Ho! ou, se falavam, baixavam muito a voz para que outros ouvidos não ficassem atentos à menção do nome.

O Tally-Ho! era o único bar gay de Waterloo, Iowa.

— Hum — falei.

— O quê? — perguntou Robby.

— Por que você veio ao Tally-Ho!, Robby?

— Eu queria ver como era — explicou ele.

— A gente não pode entrar — argumentei. — As pessoas podem achar que nós somos... prostitutas ou algo assim.

— Você realmente disse *prostituto*? — perguntou Robby.

— Não tenho muita certeza — falei. — Acho que sim.

— Não podemos *entrar* porque só temos *dezesseis anos* — disse Robby.

— Você *quer* entrar? — perguntei.

— Você está me convidando para sair, Austin? — indagou Robby.

— Não.

Eu estava muito confuso.

Robby continuou:

— Eu queria vir aqui só para ver como o futuro vai ser. E se eu acabar *aqui*, sem nenhum outro lugar aonde ir? Que imagem eu vou passar?

— Você pode usar a máscara do lêmure fazendo careta — sugeri.

— Sempre fiquei imaginando quem frequenta este lugar — disse Robby.

— Acho que todo mundo tem a mesma curiosidade, mas não tem coragem de admitir — ponderei.

Robby tirou alguns cigarros do maço e o estendeu para que eu pegasse um. Apertei o isqueiro do painel. Pensei que sabia por que Robby tinha ido até ali. Era triste.

Nós fumamos.

— Quer dar uma olhada? — perguntou Robby.

— O quê? Tipo *lá dentro*?

— Não. Talvez a gente possa meter a cabeça pela porta e dizer algo tipo “estamos perdidos e queríamos saber o caminho de volta para Ealing”.

— Ninguém acreditaria nisso — falei. — Ninguém *nunca* quer voltar para Ealing.

— Talvez você tenha razão — disse Robby. — Mesmo assim, o que eles poderiam fazer com a gente?

— E se eles acharem que a gente é gay ou algo assim?

— O que você quer dizer com isso, Austin?

— Hum. Desculpe, Rob. — Dei um trago no cigarro. — Acho melhor eu calar a boca.

Robby saiu do carro.

Robby não estava com raiva nem chateado com o que eu tinha dito. Um amigo de verdade sabe o que o outro realmente quer dizer quando fala coisas idiotas ou atrapalhadas. A história mostra isso.

A história também mostra que não há registro de muitos amigos *de verdade*.

Por isso eu também saí do carro.

A TUMBA INTERIOR

FOI ASSUSTADOR E EXCITANTE acompanhar Robby até a porta do Tally-Ho!

Parecia que havia olhos ocultos na escuridão do estacionamento nos observando e inventando estórias — histórias — sobre o que aqueles dois garotos da Escola Luterana Curtis Crane estariam aprontando.

Descobrimos que o Tally-Ho! nada tinha de vibrante e agitado.

Era exatamente o que Robby esperava.

Ele parou com a mão na porta. Havia uma placa pendurada por ganchos em S presos por ventosas de plástico na parte de dentro do vidro. Ela dizia:

PROIBIDO PARA MENORES DE 21 ANOS

Eu esperava ouvir música animada escapando pela porta, o som de risadas e conversas barulhentas de bar, mas o Tally-Ho! não irradiava uma atmosfera dessas de seu pequeno mundo enclausurado.

O lugar era silencioso como um cemitério em uma manhã de neve.

Robby respirou fundo, empurrou a porta e entrou.

E, como um chihuahua sedado em uma coleira de joias, eu o segui.

Eu estava tão nervoso que achei que meus joelhos iam ceder. Minha cabeça nadava em mares agitados de conflito e dúvida: e se as pessoas achassem que nós éramos gays? Por que eu me importava com o que as pessoas achavam? E se eu *fosse* mesmo gay? Afinal de contas, eu tinha beijado Robby. O que Shann diria sobre nós estarmos ali? E se alguém comesse a dar em cima de mim ou de Robby? E se nos encrencássemos por entrar naquele lugar? E se levássemos porrada de novo de babacas como Grant Wallace e seus amigos?

Robby Brees era muito mais corajoso do que eu jamais poderia ser.

Ficamos ali parados, quietos e abobados no refúgio escuro em frente à entrada do Tally-Ho!.

O lugar era tão desanimado e depressivo quanto a biblioteca da Escola Luterana Curtis Crane depois do escândalo da masturbação. Ninguém

sequer se virou para olhar os dois garotos nervosos que estavam parados à porta.

Eu me escondi atrás de Robby.

O barman estava lavando copos. Ele usava uma camiseta justa demais. Ela acentuava sua pança. Ele era calvo e tinha uma tatuagem desbotada da Bettie Page encoberta sob os grossos pelos negros encaracolados de seu antebraço. Havia dois outros homens sentados no bar. Ambos pareciam cansados, na casa dos quarenta anos. Olhavam fixamente para a frente como se observassem alguma coisa que não seus próprios reflexos no espelho atrás do barman.

Eles estavam separados por três bancos.

O mais próximo dos dois tinha mãos sujas. Ele também roía as unhas.

No fundo do salão havia uma mesinha de sinuca com o feltro puído. Estava muito próxima da parede para que fosse possível jogar nela. Um homem com boné de beisebol dos Royals jogava sinuca sozinho. Ele mirava a bola branca enquanto nós observávamos. Depois de dar mais uma tacada, ergueu os olhos para mim e Robby. Sorriu.

Eu sussurrei:

— Você não vai perguntar a eles? Sabe... Dizer que estamos perdidos, alguma merda dessas?

Robby balançou a cabeça e se virou para mim. Ele disse:

— Não. Vamos embora daqui, Austin.

Robby se inclinou e me empurrou para trás.

Sáimos em silêncio pela porta.

Ninguém sequer reparou que fomos embora.

E EIS O NÚMERO CINCO

ROBBY E EU SENTAMOS na traseira do Explorer. Fumamos e observamos os carros na estrada. Robby disse que nós deveríamos ter levado nossos skates conosco.

— Andar de skate seria bom — comentei.

O beco atrás do Tally-Ho! parecia um lugar bem legal para andar de skate.

— Eu nunca soube que havia quatro gays em Waterloo — falei.

Esse número significava supor que o barman fosse gay também.

— É domingo — disse Robby. — Aposto que, quando esse lugar fica muito movimentado, deve ter uns cinco ou seis.

— Você não vai virar um desses caras, Rob — observei. — Quero dizer, solitário e essas merdas.

— É isso que você pensa? — perguntou Robby.

— Tenho bastante certeza de que é isso que eu penso — garanti.

Na autoestrada, um carro desacelerou e entrou no estacionamento do estande de tiro Fogo no Will. Era um Honda Accord mais novo. O carro passou pela primeira fileira de vagas e então entrou à esquerda em uma vaga ao lado dos outros veículos enfileirados em frente ao Tally-Ho!.

Robby e eu observamos do nosso esconderijo atrás do Ford velho.

— E aí está o número cinco — falei.

A porta do Honda se abriu. Calças recém-passadas e mocassins pretos bem engraxados com franjinhas penduradas que balançavam sobre o peito do pé como orelhas de beagle saíram da porta do motorista. Então o pastor Roland Duff saltou, endireitou-se, tirou a poeira da calça, fechou a porta e entrou no Tally-Ho!.

— Hum — disse eu.

— Hum — respondeu Robby.

— Eu me pergunto o que o pastor Roland Duff está fazendo aqui — falei.

— Você se pergunta *mesmo*? — questionou Robby.

— Acho que não — respondi.

— Ele deve ser solitário.

— Vou acreditar nisso, Robby — disse eu. — Mas se o pastor Roland Duff é solitário, não é por ser gay. É porque ele é um *bostex*.

Robby assentiu, pensativo, e deu um trago no cigarro.

— Também vou acreditar nisso, Austin.

— Eu queria outro cigarro, Robby — falei.

Robby pegou o maço amarfanhado do bolso de trás e o passou para mim.

Ele disse:

— De onde você tirou essa palavra? Gostei dela.

— Qual? *Bostex*?

— Aham.

— Era o nome da nave espacial alienígena em *Éden Cinco Precisa de Você 4* — expliquei.

— Você está inventando isso — disse Robby.

— Eu sei. Eu não prestei nenhuma atenção àquela *bostex* de filme, Rob.

TRAGANDO

— VOCÊ FICOU COM medo lá dentro? — perguntei.

— Não fiquei, não — respondeu Robby.

— Eu fiquei — confessei.

— Dava para sentir seu coração bater pelo piso de madeira. Pensei que fosse porque você tivesse achado o barman bonito.

— Hum. Ele *era* bonito? — perguntei.

— Mais ou menos — disse Robby.

Eu dei um trago no cigarro.

— Você acha que eu sou gay, Rob? — perguntei.

— Não me *importo* se você for gay — disse Robby. — *Gay* é só uma palavra. Como laranja. Eu sei *quem* você é. Não há um rótulo para isso.

Eu acreditei nele.

— Eu sei que não sou laranja — falei.

— Talvez um pouco cor de aveia — disse Robby.

Eu sempre deixava Robby ler os livros que eu escrevia. Ele era o único autorizado a entrar no departamento de história de Austin Andrzej Szerba.

— Às vezes eu fico confuso — revelei. — Na verdade, fico confuso quase o tempo inteiro. Eu me pergunto se sou normal. Acho que vou perguntar ao meu pai sobre isso. Sabe, se ele alguma vez já se sentiu assim. Ou se ele às vezes ainda se sente. Porque eu sinto... Hum... Eu me pergunto se sou gay ou alguma merda assim.

— Você deveria perguntar ao seu pai, Porco-Espinho — disse Robby.

— Você perguntaria ao *seu* pai?

— Meu pai está cagando para mim — rebateu Robby.

— Hum.

Eu dei mais um trago.

— Eu me senti estranho naquela noite. Mas eu não paro de pensar em você, e acho que fazer aquilo que fizemos significa que tem alguma coisa errada comigo.

— Desculpe. Nunca mais vou fazer aquilo. Você sabe. Desculpe, Austin.

— Não — rebati. — Não é nada para se desculpar. Eu só não sei o que fazer, Rob.

— Você se preocupa demais — disse Robby.

— Eu sei.

E então Robby disse:

— Mas eu amo você.

— É, Rob, eu sei.

Soprei uma nuvem de fumaça. Tentei fazer com que ela saísse perfeita e descolada como Robby fazia, mas não funcionou. Então eu disse:

— Eu amo você, Robby.

Eu não disse *também*.

— Eu sei disso, Austin. Mas é bom ouvir você falar — respondeu Robby.

— Pena que não trouxemos nossos skates.

— Aham.

Eu não sabia o que fazer.

UM VISITANTE CHEGA E PARTE

ENTÃO FICAMOS ALI PARADOS e terminamos de fumar nossos cigarros.

No coma parálítico que é uma noite de domingo em um estacionamento de shopping pavimentado sobre os remanescentes de um milharal em algum lugar nas cercanias imprecisas de Waterloo, Iowa, o barulho excitante de carros passando em alta velocidade ocorria uma ou duas vezes a cada cinco minutos, mais ou menos.

E assim foi nosso dia. Você sabe o que quero dizer.

O Tally-Ho! acabou não sendo tanto uma decepção para Robby, e sim a triste confirmação de tudo o que ele esperava ver.

Quer dizer, exceto pelo fato de o pastor Roland Duff aparecer.

Mas, como a história prova sistematicamente, sempre que alguns caras visitam um lugar aonde nunca foram antes, eles vão ver merdas que nunca esperavam ver.

A Idade das Descobertas tinha chegado a Ealing, Iowa.

Experiências e merdas assim.

Krzysz Szczerba nunca esperara ver os seios de cupcakes no corpo almofadado de sorvete de pêssgo de Eva Nightingale. Ele nunca achou que fosse ver seu pai, que também se chamava Andrzej, afundar no oceano Atlântico verde-escuro e frio com nada além de uma corrente de prata de São Casimiro flutuando sobre a brancura tipo aveia Quaker de seu peito vazio e imóvel.

E por mais esquisito e desconfortável que tivesse sido ver o diretor da Escola Luterana Curtis Crane saltar do carro em roupas bem passadas e

entrar despreocupado no Tally-Ho! com o jeito de um homem que entra no lugar mais familiar do planeta, o que vimos depois foi ainda mais esquisito.

Saindo da escuridão atrás de nós, carregada de sacos plásticos, montes de roupas, malas e uma caixa de papelão amarrada por três elásticos a um bagageiro quebrado que chacoalhava sobre um pneu traseiro meio vazio, uma bicicleta velha, enferrujada, cambaleante e barulhenta veio rangendo até a luz do poste.

Jack Faminto tinha chegado para fazer uma visita.

Jack Faminto até que se virava bem para um velho em uma bicicleta toda torta.

— Ele é um verdadeiro dínamo sobre duas rodas — observei.

— Não acho que ele seja o tipo de cara que frequente o Tally-Ho! — disse Robby.

— Nunca se sabe — opinei.

Robby deu mais uma baforada e balançou a cabeça.

— Você nunca sabe, Porco-Espinho.

Era Robby quem havia conversado com Jack Faminto antes.

Eu tinha medo do velho desdentado que havia cometido crimes de guerra.

Robby era muito mais corajoso que eu, menos quando se tratava de merdas como invadir a loja de artigos usados Do Sótão ao Sucesso no meio da noite.

Robby já tinha dado cigarros a Jack Faminto antes e, de vez em quando, os dois fumavam juntos na Selva de Gafanhotos enquanto eu trabalhava na loja de Johnny McKeon. Foi assim que Robby descobriu toda a história de Jack Faminto e as coisas que ele havia feito no Vietnã.

— Quer saber como é? — perguntara Jack Faminto a Robby.

— Como é? — disse Robby.

Jack Faminto contou:

— Você podia fazer o que quisesse lá.

— O que eu ia querer fazer era entrar em um barco e voltar para casa — disse Robby.

— Nada de barcos! — Jack Faminto começou a pular para cima e para baixo e repetiu: — Nada de barcos! Não tinha nenhuma porra de barco para voltar para casa! Você é o quê, um bebê chorão?

— Acho que devo ser um bebê chorão — admitiu Robby.

— Você podia fazer o que quisesse — disse Jack Faminto. — Usar qualquer droga que quisesse. Heroína. Maconha. Heroína. Heroína. Você podia foder com qualquer coisa que quisesse. O tempo todo. Drogas e trepadas. Aposto que você ia gostar de foder qualquer coisa, não ia? Não ia?

— Hum — disse Robby. — Eu não acho que ia querer foder com *qualquer coisa*.

— Ah, sim, você ia foder com qualquer coisa — rebateu Jack Faminto.

— Não ia, não — afirmou Robby.

— Você ia, sim — insistiu Jack Faminto.

Robby me disse que essa disputa de pingue-pongue verbal cheia de bolas rebatidas continuou por várias rodadas.

— Bem, era isso que *nós* fazíamos — disse Jack Faminto. — Fodíamos com qualquer coisa. Fodíamos todo mundo que ficasse parado por tempo suficiente. Foderíamos o planeta se quiséssemos. E nada de barcos! Mas sabe o que aconteceu?

— Acho que você fritou o seu cérebro de tanta droga, e depois apareceram feridas no seu pau, que acabou caindo de tanta merda imunda que você fodeu — arriscou Robby.

— Assim que um dos rapazes atira, todo mundo começa a atirar — contou Jack Faminto. Depois Jack Faminto disse: — Aí chega a hora de voltar para casa.

Então Jack Faminto contou a Robby sobre todas as pessoas que morreram na aldeia.

Robby me contou.

Mas eu nunca falei com Jack Faminto nem antes nem depois daquele dia em que Robby me contou as histórias daquele velho.

Então, naquela noite, Robby Brees e eu estávamos lá parados no estacionamento do Tally-Ho!, que era o único bar gay de Waterloo, Iowa.

Eu pensei em foder coisas.

E, enquanto pensava em foder coisas, e Robby e eu fumávamos, nós testemunhamos em primeira mão o que acontece com uma pessoa que come um pedaço de pizza Stanpreme contaminada pela Cepa de Praga IM 412E Contida.

Eis o que aconteceu:

Jack Faminto cambaleou em nossa direção. O pneu dianteiro de sua bicicleta balançava de um lado para outro, mas de algum modo ele

continuava pedalando. Os olhos de Jack Faminto estavam fixos em Robby e em mim.

Quando parou a bicicleta, Jack Faminto estava a três metros de distância de nós. Ele se deteve no limite da escuridão, perto do pequeno declive que separava o asfalto negro do estacionamento do asfalto negro da estrada.

No início, o velho ficou imóvel, montado no quadro de sua bicicleta, com um pé plantado de cada lado. O queixo de Jack Faminto estava melado de baba, mas isso não era raro de se ver nele.

Jack Faminto não tinha os dentes da frente.

Ele olhava fixamente para Robby. Jack Faminto conhecia Robby. Pelo que percebi, eu estava invisível para o homem.

Robby deu um trago profundo em seu cigarro e disse:

— Ei, Jack, quer um cigarro?

Jack encarou e babou.

— Ele está surtando por sua causa, Rob — murmurei. — Vamos embora.

— Talvez ele esteja exausto pela longa viagem — disse Robby. Então perguntou de novo: — Quer um cigarro, Jack?

Jack Faminto cambaleou. Ele levantou o joelho direito e desceu da bicicleta.

Jack Faminto soltou o guidão e a bicicleta tombou com um estrondo. Uma garrafa térmica com uma pequena quantidade de gasolina rolou na direção da sarjeta.

Robby deu um trago.

Jack Faminto olhou para Robby. Ele deu dois passos em nossa direção e parou. Durante todo esse tempo, não vi o velho piscar nem uma vez.

Ele também não disse nada a Robby.

Então Jack Faminto se virou e saltou a cerca viva baixa que circundava o estacionamento. Com o andar pesado como o de um sonâmbulo, ele chegou na autoestrada. Jack Faminto entrou bem na frente de uma picape Dodge que vinha acelerada de Ealing.

A picape não reduziu a velocidade, mesmo depois do baque surdo que o corpo do velho fez quando Jack Faminto saiu girando e rolando pela estrada.

Coisas assim aconteciam em Iowa o tempo todo, mas Robby e eu nunca tínhamos visto uma delas bem na nossa frente.

— Puta merda, Rob — falei.

Robby disse:

— Puta merda.

A COISA NO MILHARAL

OUTRA COISA TAMBÉM ACONTECEU.

Não falamos sobre ela na escola.

Shann quis saber por que Robby e eu estávamos tão aborrecidos no dia seguinte. Dissemos a ela que estávamos cansados. Perguntei se o barulho na parede tinha voltado, mas desligar o teletipo tinha acabado com o problema dos ratos datilógrafos na casa dos McKeon.

— O que nós vamos dizer, Rob? — perguntei a ele. — Vamos contar a Shann que estávamos parados no estacionamento de um bar gay fumando e que vimos o pastor Roland Duff entrar, pouco antes de um sem-teto se jogar debaixo de uma picape? Vamos contar o que aconteceu depois?

Robby disse:

— O que afinal *aconteceu* depois disso, Austin? Eu ainda não acredito que a gente viu aquela merda.

Porque o que aconteceu foi o seguinte:

Nós corremos para a estrada para ver se podíamos ajudar Jack Faminto.

Foi terrível.

Levamos vários minutos para encontrá-lo.

A picape tinha arremessado o corpo do velho a mais de trinta metros de distância. Encontramos Jack Faminto jogado em um milharal que batia na nossa cintura, do lado da estrada oposto ao Tally-Ho!.

Seus sapatos tinham sido arrancados, e suas calças sujas tinham sido puxadas para baixo, viradas totalmente do avesso e enroladas em torno de suas pernas quebradas.

Jack Faminto não estava apenas morto. Ele estava destruído.

Eu nunca tinha visto ninguém morto antes. Nem Robby. Pensei em Krzys Szczerba se despedindo do pai no navio no meio do oceano, em como ele devia ter sentido medo e solidão. Pensei em São Casemiro e no pastor Roland Duff do outro lado da rua à nossa frente.

— Puta merda, Rob — falei de novo.

Eu me aproximei dos restos disformes do velho.

Robby disse:

— Não toque nele.

— Ele se jogou direto na frente daquela merda — observei.

— Precisamos chamar alguém — disse Robby.

Tirei o celular do bolso e o liguei.

Então Jack Faminto mexeu os braços. Seu peito se encheu e contraiu, e ele se contorceu na terra em meio aos pés de milho que haviam sido cortados quando seu corpo rolou sem parar pela plantação.

— Fique parado! — tentei dizer a ele.

Robby e eu nos afastamos, com medo de chegar perto demais. Pela luz na tela do meu celular, dava para ver que havia sangue por toda parte. Havia pedaços de Jack Faminto para fora de sua barriga e do alto de sua cabeça.

Mas o velho ofegava e se retorcia no chão.

Parecia que ele estava se despedaçando.

Ele estava se desfazendo como um ovo quente, vazando sangue gosmento e grosso que parecia a gema.

— Vamos chamar alguém — disse Robby.

Minha mão tremia tanto que eu não conseguia nem digitar os três números da emergência no meu celular. Também não conseguia tirar os olhos daquele monte estrebuchando no milharal.

Jack Faminto se partiu ao meio, do mesmo jeito que uma casca de amendoim torrado, do crânio até a bifurcação da virilha. Então ele começou a virar do avesso.

Foi exatamente isso que aconteceu.

Não era que Jack Faminto estivesse de fato *virando do avesso*, mas alguma coisa estava saindo *de dentro* da casca de amendoim que era o corpo do velho. A coisa tombou e se arrastou com movimentos rígidos, como um bezerro recém-nascido, toda melada e coberta de sangue e gosma pegajosa.

— Puta merda — dissemos os dois, várias vezes.

Robby agarrou meu ombro.

Eu fiz o mesmo.

Ficamos ali parados, tremendo e segurando um ao outro enquanto observávamos um inseto de seis pernas do tamanho de um homem sair andando, como uma espécie de brinquedo mecânico de corda, de dentro dos restos mortais vazios de Jack Faminto.

A coisa se esfregou e se limpou com quatro de suas patas, levando as mãos farpadas às mandíbulas e se lambendo com ruídos estalados de inseto.

A cabeça da criatura era triangular. Ela parecia um louva-a-deus, só que era da nossa altura.

Era idêntica àquelas coisas — pedaços de insetos gigantes — que Robby e eu tínhamos visto boiando dentro dos aquários vedados no escritório de Johnny McKeon duas noites antes.

Aquelas coisas não estavam vivas.

Essa estava.

E tinha saído do corpo de Jack Faminto.

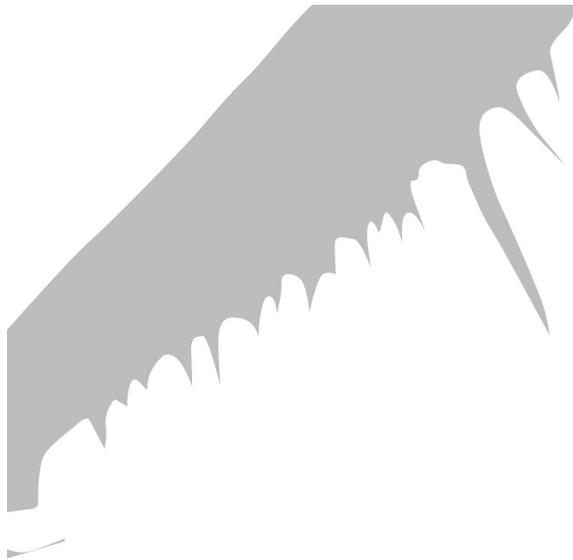
A criatura sibilou e veio em nossa direção. Sua cabeça girou em um círculo quase completo. Ela parou com a ponta da mandíbula bem na direção de Robby, olhando, olhando, e então recuou.

Eu puxei a camisa de Robby com tanta força que ela quase saiu pela cabeça.

Nós saímos correndo dali.

Não olhamos para trás.

PARTE 3:
O SILO



O VERDADEIRO NOME DE São Casimiro era Kazimierz.

Ele morreu muito jovem, aos vinte e poucos anos.

Kazimierz se recusou a casar, apesar de seu pai ter arranjado uma princesa como noiva para o rapaz. Por causa disso, Kazimierz é reverenciado por sua castidade e pureza. Ele é considerado o santo padroeiro da Polônia e também o santo padroeiro dos jovens.

Talvez São Kazimierz tenha sido considerado o padroeiro dos jovens por ter se recusado a obedecer às ordens do pai.

A história mostra que todos os garotos adolescentes se identificam com isso.

Mas talvez Kazimierz não tenha se casado com a princesa porque estivesse confuso em relação ao que queria e ao que era esperado dele, assim como eu.

Entre os milagres atribuídos a Kazimierz, há um relato de como o jovem príncipe, de algum modo, contribuiu miraculosamente para a vitória do Exército polonês sobre os russos.

Parece que os russos se masturbavam demais.

UM DIA DIFÍCIL NA ESCOLA LUTERANA CURTIS CRANE

LIÇÃO DE HISTÓRIA DO dia: quanto mais tempo você espera para contar a alguém um segredo que está guardando, mais complicado é sair da

encrenca.

— O que eu vou fazer, Ingrid? — perguntei.

Naquele dia, fui direto da escola para casa. Joguei no chão do quarto meu uniforme de garoto luterano patriótico e boiola e sentei à minha escrivaninha. Tentei entender as coisas enquanto desenhava e escrevia minhas histórias, mas tudo só se tornava mais embaralhado e confuso.

Tinha sido um dia difícil na escola.

Eu não sabia o que dizer a Robby. Tentei durante todo o dia pensar em uma história coerente para contar a Shann. A história teria sido abreviada, é claro, mas eu precisaria falar do momento em que eu e Robby a deixamos sozinha no banco traseiro do Ford Explorer na sexta-feira à noite na Selva de Gafanhotos.

Eu não falaria das *experiências* nem do que era ou não era normal que garotos adolescentes fizessem, segundo a psicóloga popular que, apesar de ser uma mulher de meia-idade com cirurgia plástica nos lábios, era uma autoridade reconhecida em garotos adolescentes. Pensei em como descreveria as coisas que eu e Robby vimos no interior do escritório do padraço de Shann, e só me restava torcer para que ela não me perguntasse por que, para começo de conversa, eu tinha levado Robby até lá.

Eu não sabia exatamente por que Robby e eu tínhamos descido até lá. Eu só sabia que gostava de fazer com Robby coisas que não *deveríamos*, fossem elas normais ou não.

Enrosquei os dedos dos pés no pelo de Ingrid.

Ela soltou um suspiro longo e satisfeito, como se estivesse exalando a fumaça relaxante de um cigarro.

— O que vou dizer a Shann, Ingrid?

Em seguida, Robby telefonou. Perguntou se eu estava com raiva dele, e eu disse claro que não. Foi bobagem dele perguntar.

Então ele disse:

— Tudo bem, Porco-Espinho. Eu só estava com medo por que você não falou comigo na escola. Você pode ir de skate até a Selva de Gafanhotos? Preciso mostrar uma coisa a você.

Eu também precisava de um cigarro. Por isso respondi:

— Tudo bem, Robby. Só espera quinze minutos.

Saí vasculhando meu guarda-roupa espalhado pelo quarto.

Eu estava ficando sem roupas de garoto não luterano.

Vesti minha bermuda de basquete. Fechei os olhos e imaginei uma oração a São Kazimierz para me proteger de alguém chutar meu saco ou de ter uma ereção na frente de alguém. Vesti uma camiseta preta do The Shins, encontrei umas meias embaixo da cama, peguei meus tênis de skate, o skate e saí para o corredor.

Eu disse a Ingrid:

— Não vai largar nenhum barro até papai deixar você sair.

Ingrid deu um suspiro de cachorro e deitou o focinho entre as patas.

INSETOS FAZEM DUAS COISAS

NAQUELA SEGUNDA-FEIRA À NOITE, Robby Brees e eu ficaríamos bêbados juntos pela primeira vez em nossas vidas.

Nós já havíamos planejado. Eu tinha conseguido permissão da minha mãe e do meu pai para passar a noite no Edifício de Luxo Del Vista Arms e ir à escola no dia seguinte com Robby.

Eu não podia mais dar para trás.

Eu já havia dormido no Del Vista Arms antes. Meu pai confiava em Robby. Robby nunca se atrasava para as aulas na Escola Luterana Curtis Crane. Robby nunca causava grandes polêmicas na escola por fazer coisas como ler livros sobre garotos católicos que se masturbam. Além disso, não havia nenhuma razão para alguém *não* confiar em Robby Brees.

Eu confiava em Robby o suficiente para dormir no Del Vista Arms.

Duas pessoas que moravam no andar de Robby fumavam metanfetamina.

Na noite anterior, domingo, Robby e eu estávamos parados em um milharal e assistimos ao corpo de Jack Faminto se partir ao meio. Vimos um inseto do tamanho de um urso pequeno sair de dentro dele.

As outras seis vítimas da Cepa de Praga IM 412E Contida ainda não tinham chocado.

Insetos fazem duas coisas.

Eles comem e trepam.

Insetos são soldados, máquinas, assim como era Jack Faminto.

O Inseto Um, aquele que foi incubado em Jack Faminto, queria comer e trepar. Ele devorou quase tudo o que restara de Jack Faminto. Ele queria encontrar Eileen Pope, a mulher de Travis Pope. Ele queria fazer mais insetos com ela.

Ealing, Iowa, era como Éden Cinco para soldados cheios de tesão.

Robby já estava no beco quando eu cheguei à Selva de Gafanhotos. Ele estava esperando por mim atrás da loja de bebidas Grilo Embriagado. Quando me aproximei de skate, ele estava com um cigarro ainda não aceso na boca.

Robby sempre me esperava. Aquilo fazia com que fumar fosse ainda melhor.

Louis, o cozinheiro da Casa da Panqueca cujo nome verdadeiro era Ah Wong Sing, tinha acabado de jogar na caçamba de lixo uma caixa de papelão cheia de cascas de batatas, caixas de leite vazias e cascas de ovo. Ele deixou cair algumas cascas no sofá-cama. Espanou-as com as mãos.

— Será que ele sabe o que são chatos? — perguntou Robby.

— Eu já vi Louis cochilando naquele sofá — comentei.

Louis sorriu e acenou com a cabeça para nós quando atravessou o beco.

Louis não falava inglês muito bem, por isso, quando Robby me perguntou se eu queria um careta, Louis ficou sem graça. Ficou óbvio que ele estava tentando não nos ouvir, o que deixou óbvio que ele *estava* nos ouvindo.

— Oi, Louis — cumprimentei.

Robby riscou um fósforo para mim e eu acendi meu cigarro.

Louis disse:

— Oi, Dínamo.

Ah Wong Sing achava que Dínamo fosse meu nome de verdade.

Louis era amigo de Ollie Jungfrau. Eles jogavam jogos on-line de perseguição de alienígenas e viam pornografia juntos. Eu pensei que talvez me sentisse mais normal e menos confuso se fizesse mais merdas assim com Robby.

Louis continuou sorrindo, nervoso, e desapareceu pela porta dos fundos da cozinha da Casa da Panqueca.

Nós fumamos.

— Você ainda vem tomar um porre comigo, não é? — disse Robby.

— Não sei se vou tomar um porre, Rob. Esses últimos dias foram muito estranhos. Talvez eu apenas veja *você* ficar bêbado. Sabe, pra tomar conta de *você* , essas merdas — falei. — Como as pessoas nos anos 1960 faziam com os amigos quando eles tomavam ácido.

— Eu não vou tomar ácido nem vou ficar bêbado sem *você* — disse Robby.

Eu me senti culpado por minha tentativa de dar para trás.

Descemos o beco de skate sem dizer nada.

Quando chegamos perto da caçamba, parei e perguntei a Robby o que ele queria me mostrar. Ele estava com o primeiro caderno do jornal *Waterloo News and Gazette* enrolado no bolso de trás. Quando ele o abriu, eu já tinha um pressentimento de que haveria alguma coisa sobre o acidente perto de Waterloo, sobre o que tinha acontecido com Jack Faminto.

— Veja isso — disse Robby.

Havia uma fotografia dos sapatos sujos e sem cadarços de Jack Faminto jogados no canto da estrada. No fundo granulado, estava o Tally-Ho! e a Loja de Armas e Campo de Tiro Fogo no Will. A foto era como olhar através de um portal no tempo.

A reportagem curta dizia que um transeunte tinha sido atropelado e morto por um motorista, e que não havia testemunhas.

Transeunte é uma forma mais suave de dizer *sem-teto*. A palavra *sem-teto* faz as pessoas pensarem em desespero. Faz você pensar que os Estados Unidos da América não se importam com as pessoas.

A palavra *transeunte* soa como se a pessoa tivesse sede de correr o mundo.

Essa sede de correr o mundo é parte do espírito americano.

O transeunte da reportagem tinha uma carteira de identidade militar com o nome de Charles R. Hoofard.

O verdadeiro nome de Jack Faminto era Charles R. Hoofard.

Ele tinha nascido em Indianápolis em 1950.

Em 1950, Harry S. Truman era o presidente dos Estados Unidos.

Até onde sei, Harry Truman também nunca cagou na vida.

Em 1950, no mesmo ano em que o menino chamado Charles R. Hoofard nasceu em Indianápolis, o presidente Harry S. Truman enviou tropas militares para ajudar os franceses, que estavam tentando manter sua colônia católica no Vietnã. A ajuda militar cresceria e chegaria a tal ponto que um garoto de Indiana com sede de correr o mundo chamado Charles R. Hoofard parou de foder o que quer que ele gostasse de foder e foi participar da matança de uma aldeia inteira de mulheres, velhos e crianças.

A história está cheia de merdas como essa.

Todas as estradas se cruzam em páginas na minha mesa.

Todas as estradas surgem ao longo de trilhas feitas por garotos em bicicletas.

Todas as estradas passam por estandes de tiro, lojas de bebida e bares gays.

Essa sede de correr o mundo é parte do espírito americano.

A reportagem dizia também que o corpo de Charles R. Hoofard tinha sido atacado por coiotes antes de ser descoberto por um fazendeiro na manhã de segunda-feira.

Ela pedia que qualquer pessoa com alguma informação ligasse para a Patrulha Estadual de Illinois.

— Hum — falei.

Enrolei o jornal e o devolvi a Robby.

Nós nunca ligamos para ninguém para contar o que aconteceu com Jack Faminto.

Nós havíamos ficado em um silêncio estranho dentro do Explorer de Robby no estacionamento em frente ao Tally-Ho!.

Robby voltou a toda a velocidade para Ealing.

Nós fumamos sem parar.

Além disso, acho que Robby estava chorando.

Robby e eu estávamos em estado de choque.

Essa é uma péssima desculpa para quem se sente obrigado a registrar a história, mas foi o que aconteceu.

Assim foi nosso dia, e você *sabe* o que quero dizer.

— A gente *viu* a mesma coisa, Rob. As pessoas achariam que *a gente* estava tomando ácido — ponderei.

— Uma merda dessas não deveria acontecer — disse Robby.

— Mas aconteceu — rebati. — Talvez a gente devesse *mesmo* encher a cara.

Então Robby falou:

— Aquele inseto. Era a mesma coisa que vimos dentro do escritório do Johnny.

— Como eu falei, nós vimos a mesma coisa, Robby.

Estava começando a anoitecer. Resolvemos pegar o carro de Robby e pegar meu uniforme da escola e meu saco de dormir.

Eu sempre dormia no chão no apartamento de Robby. Se encostasse o ouvido no chão, às vezes dava para ouvir as discussões das pessoas que fumavam metanfetamina naquele andar.

Contudo, quando voltamos de skate pelo beco, assim que chegamos ao local onde Grant Wallace e os garotos da Hoover tinham nos dado uma

surra três dias antes, Robby e eu notamos alguma coisa no asfalto preto coberto de mijo:

GRANT WA

Foi a mensagem que Robby começou a escrever com o sangue que escorria de seu nariz.

As letras refletiam um brilho azul pálido à luz fraca do anoitecer.

— Hum — disse Robby.

— É. Também estou vendo isso, Robby — falei.

UM PRESENTE DE JOHNNY MCKEON

JOHNNY MCKEON ESTAVA TRANCANDO a porta da frente da loja de artigos usados Do Sótão ao Sucesso quando Robby e eu passamos de skate.

Ele franziu a testa para mim, balançou a cabeça e levou dois dedos à boca em uma espécie de repreensão em linguagem de sinais por nós dois estarmos andando de skate em frente à sua loja com cigarros na boca.

Eu fiquei envergonhado.

— Desculpe, Johnny — falei, jogando o cigarro no asfalto.

Robby fez a mesma coisa.

Johnny disse que era uma feliz coincidência eu ter passado por ali, pois ele tinha recebido uma coisa naquela tarde que queria levar para mim. Eu senti culpa e medo, porque Johnny McKeon nunca tinha me dado nada além do meu salário e de alguns maços de cigarro grátis. Eu também nunca tinha pedido nada além disso a Johnny McKeon.

— Esperem aí — disse Johnny, entrando na loja.

Robby e eu esperamos.

— Encontrei isto hoje em uma caixa de joias — disse Johnny quando voltou.

Ele trancou a porta do brechó e estendeu a mão para mim. A mão estava fechada, do jeito que uma criança faria para segurar um inseto ou coisa assim.

— Achei que você talvez se divertisse com isso, Austin — falou Johnny.

Robby estava curioso. Ele se aproximou para ver o que Johnny McKeon estava me oferecendo. Quando Johnny desdobrou seus dedos de tentáculos, vi uma corrente prateada enrolada com um medalhão oval pendurado. No centro do pingente havia a imagem de um homem com uma auréola, o

queixo apontado para baixo em uma pose que sugeria modéstia. A bugiganga estava gasta, mas o homem segurava na mão o que parecia ser um ramo de árvore. Havia uma inscrição gravada em relevo ao redor da borda: SÃO KAZIMIERZ.

Johnny McKeon disse:

— Isso não é o máximo? Você me contou sobre esse cara outro dia, e eu nunca tinha ouvido falar dele antes. Nunca. Isso não é o máximo?

— É o máximo, Johnny — concordei.

— Enfim — disse Johnny. — É para você, Austin. O que eu faria com uma coisa dessas, afinal?

— Não sei — respondi. — Obrigado, Johnny.

Robby me observou pendurar a corrente no pescoço.

— Isso é a coisa mais legal do mundo — acrescentei.

Eu estava falando sério.

— De nada — disse Johnny.

A sensação era fresca e poderosa sobre minha pele. A ideia de usar o medalhão na Escola Luterana Curtis Crane debaixo das minhas roupas de garoto luterano e no meu corpo pelado fez com que eu me sentisse encapetado e ousado. Também me deixou com muito tesão pensar que eu estava quebrando uma lista tão grande de regras antigas teoricamente inquebráveis para garotos luteranos.

Eu decidi que nunca iria tirá-la.

— Muito obrigado, Johnny — falei mais uma vez. — Que máximo.

— Foi isso que eu pensei — disse Johnny. — Que máximo, não é?

Johnny McKeon estava com um espírito generoso. Ele se ofereceu para dar uma carona para mim e Robby até minha casa para eu pegar roupas e as outras coisas de que precisava para passar a noite no Del Vista Arms.

Ele e Robby até esperaram no carro enquanto eu soltava Ingrid para que ela desse uma cagada.

Eu não parava de mexer no medalhão debaixo da minha camiseta. Eu o apertava contra o peito. Eu o tirei pelo menos umas dez vezes para olhar para São Kazimierz.

Aquilo fazia eu me sentir mágico.

O TELEFONEMA DE SHANN

IMAGINEI UMA CORRENTE DE prata sendo levada pelas ondas do litoral frio de Massachusetts ou do Maine. De algum modo, aquilo tinha se soltado do corpo de Andrzej Szczerba e fora arrastado lentamente ao longo de um século até ser descoberto em uma massa emaranhada de algas e linhas de pesca.

Ela *tinha* que chegar a Ealing.

Ela *tinha* que ir parar no pescoço de Austin Andrzej Szczerba.

Sentei no banco da frente, e Johnny McKeon nos levou da minha casa até o Del Vista Arms. Shann ligou quando estávamos no meio do caminho.

— Descobri uma coisa — disse ela.

— O quê? — perguntei, curioso.

Eu achava que Shann pudesse estar falando de muitas coisas, mas nenhuma delas estava certa.

— Eu encontrei o silo — disse ela.

— Hum — falei.

Havia muitos silos em Iowa. Eu não sabia do que Shann estava falando.

— Sabe a mensagem da máquina dentro da parede? — continuou ela. — Bem, hoje depois da escola eu fui até a prefeitura e procurei no *Registro de Construções Históricas de Ealing*.

— Você procurou? E eles têm *mesmo* isso? — perguntei.

Aquele era um livro que podia ter absolutamente tudo sobre seu tema contido em suas páginas.

— Vi fotos de minha casa. Antigas. Havia um silo na propriedade. Eu *encontrei* o silo — disse ela.

Mas não havia mais nenhum silo na propriedade.

Eu disse isso a Shann.

— Nós temos que procurar, Austin — retrucou ela.

— Mas já está escuro e tal — ponderei. — Você acha que tem alguém escondendo o silo dos McKeon?

É impossível esconder um silo em Iowa.

O melhor que se poderia fazer talvez fosse disfarçá-lo para que parecesse o silo de *outra* pessoa, ou talvez algo que lembrasse um pênis.

Mas as pessoas de Iowa geralmente eram recatadas demais para esse tipo de ousadia.

— Não — ralhou Shann. — Não acho que alguém tenha escondido nosso silo. Mas *havia* um por aqui em algum momento.

— Hum — falei.

— Amanhã. Depois da aula. Você, Robby e eu. Vamos ver se sobrou alguma coisa dele. Eu tenho uma cópia da foto.

— Hum — falei de novo.

Olhei para trás, para Robby.

Shann sabia que nós íamos tomar um porre. Nós tínhamos contado a ela, que não aprovava. Fazer o quê?

Em algum lugar, havia uma psicóloga bonita de meia-idade com lábios artificialmente voluptuosos que, como distinta especialista em garotos adolescentes, poderia explicar a Shann com tranquilidade que os garotos, às vezes, precisam ser garotos e fazer coisas idiotas que podem meter os garotos em encrenca e merdas assim.

Mas Shann não via muita televisão.

— Tudo bem, Shann — concordei. — Acho que podemos fazer isso. Afinal de contas, talvez tenha alguma coisa aí.

— Eu sei que vamos encontrar alguma outra bizarrice que Grady McKeon estava fazendo por aqui — disse Shann.

Eu concordei e disse:

— Deve ter mais coisas do que a gente imagina.

Aí Shann disse:

— Amo você, Austin.

Olhei para Robby no banco de trás, depois para Johnny ao volante, e disse:

— Hum. Eu também, Shann.

Em minha defesa, e com muita história para me apoiar, era uma resposta perfeitamente aceitável considerando a situação naquele ambiente com que eu precisava lidar.

Shann sem dúvida entendeu a tradução: *Eu estou sentado ao lado do seu padrasto e do meu melhor amigo.*

Você sabe o que quero dizer.

OS PEQUENOS CAIAQUES AZUIS DE MINHA MÃE

EU ESTAVA COM DOIS dos pequenos caiaques azuis da minha mãe.

Eles estavam escondidos dentro de um par de meias cinza do uniforme masculino da Escola Luterana Curtis Crane que levei comigo até o apartamento de Robby para ir à escola no dia seguinte.

Robby não sabia que eu os levara.

Desenrolei o saco de dormir no chão do quarto de Robby e coloquei minha pilha de roupas de garoto luterano na cômoda. Robby trouxe uma garrafa de vinho que havia escondido no fundo da geladeira.

A mãe dele nunca soube nada sobre aquilo.

A garrafa estava tão gelada que o vidro embaçou e começou a suar.

Então mostrei a Robby os comprimidos de Xanax que eu tinha roubado. Ele não ficou muito contente.

— Eu *nunca* tomaria um desses, Porco-Espinho — disse Robby.

— Hum — falei. — Por que não? Todo mundo toma.

Lição de história para o início da noite: quando um adolescente diz *todo mundo faz isso*, ele não está sendo matematicamente preciso. Robby sabia disso. Nós falávamos a mesma língua.

— Eu só não quero nunca fazer essas merdas — disse Robby.

Eu saí em minha defesa, racionalizando:

— Eu sempre achei que eles me fariam sentir melhor.

— Melhor do que o *quê*? — perguntou Robby.

— Não sei — respondi. — Melhor do que na merda e com medo o tempo todo.

— Não seja idiota, Austin — disse Robby.

Robby desenroscou a tampa do vinho. Eu o observei beber. Ele gostou.

— Bem, eu vou tomar um mesmo assim — comuniquei.

— Vá em frente — disse Robby.

Robby não tomou. Ele pareceu contrariado quando eu botei o pequeno comprimido azul na língua. Mas aquilo era algo que sempre tive curiosidade de fazer. Eu esperava que o pequeno caiaque da minha mãe me ajudasse a compreender as coisas.

Que fizesse as coisas se encaixarem em seu devido lugar.

Eu o engoli com um pouco de vinho.

O vinho era doce e queimava minha garganta ao mesmo tempo.

Robby tinha guardado no quarto a máscara do lêmure fazendo careta e o flamingo de plástico. Experimentei a máscara de lêmure. Ela deixou minha cara fedendo, e as lentes nos olhos deixavam tudo com um aspecto estranho. Havia alguma espécie de prisma refrativo nas lentes da máscara que faziam Robby ficar azul. Eu a tirei.

— É — confirmei. — Agora minha cara está *mesmo* fedendo.

— Eu avisei — disse Robby. — O Xanax fez algum efeito em você?

— Hum. Acho que não — falei. — Mas faz só um minuto que eu tomei. Eu peguei o flamingo e o sacudi.

— O que você está fazendo? — perguntou Robby.

— Sacudindo o flamingo de plástico — expliquei.

— Por quê? — perguntou Robby.

— Quero ver se vai sair bala da bunda dele — respondi.

Talvez eu estivesse *começando* a me sentir diferente.

Nós bebemos mais vinho, direto do gargalo. Eu fui meio estabanado. O vinho escorreu pelo meu pescoço. A bebida batizou São Kazimierz. Mas também fez meu rosto feder menos.

— Talvez a mensagem fosse sobre *este* flamingo — comentei.

Eu fiquei bastante impressionado com minha genialidade.

— Hum — disse Robby.

Robby não estava prestando muita atenção. Ele abriu a vitrola e começou a vasculhar uma estante com LPs de vinil que tinham pertencido a seu pai.

— É — continuei. — Talvez seja tipo um detector de fumaça para aquela merda no globo que Tyler deixou cair. As indústrias McKeon *realmente* faziam detectores de fumaça Pulse-O-Matic®.

— Acho que você está chapado, Porco-Espinho — disse Robby.

Ele balançou a cabeça e colocou com cuidado a agulha na borda do disco que girava.

Não sei exatamente o que o Xanax fez comigo. Só lembro como me senti relaxado e nada tenso. Eu não me importava com nada.

Tudo estava bom, muito bom.

Sentado no canto da cama de Robby, eu estava consciente de que nada mais importava, e não estava confuso por me sentir feliz.

Eu estava viajando.

Nós finalmente podíamos esquecer tudo.

Robby colocou para tocar um vinil cheio de chiados de *Exile on Main Street*, dos Rolling Stones, e ficamos bêbados com vinho de tampa de rosca e fumamos cigarros e tiramos nossas camisetas.

Abri meu caderno e fiz esboços de Robby enquanto ele estava deitado no chão, sem camisa, sob a luz azul-cinzenta da rua que entrava pela janela aberta do apartamento.

Estava quente, e lá fora o som dos insetos noturnos estava elétrico.

A música soava melhor que qualquer coisa que eu já havia escutado.

Eu nunca tinha me sentido tão feliz em toda a minha vida.

Brinquei com a medalhinha de metal no meu peito nu.
Escrevi poemas enquanto estávamos ali sentados no escuro.
Conversamos sobre nossos poemas e livros favoritos, rimos e fumamos.

E Mick Jagger cantava para nós:

*Trying to stop the waves behind your eyeballs,
Drop your reds, drop your greens and blues.*

PÁGINAS DA HISTÓRIA

DE MANHÃ, O DESPERTADOR de Robby tocou como se fosse um alarme de ataque antiaéreo.

Nós tínhamos que levantar para ir à escola.

Quando abri os olhos, estava deitado ao lado de Robby na cama dele. Meu braço estava esticado no espaço entre nós dois, e minha mão aberta estava espalmada no meio do peito de Robby. Nossas pernas se encostavam. Um dos meus pés estava totalmente enfiado debaixo da panturrilha dele.

As cobertas de Robby tinham sido jogadas no chão em volta do pé da cama, e nós estávamos deitados apenas sobre o lençol.

Eu estava só de cuecas, com a meia esquerda e a corrente prateada de São Kazimierz que Johnny McKeon tinha me dado em volta do pescoço.

Eu sentei, ainda bêbado e zozzo por causa do remédio.

Eu me sentia exaurido e acelerado, como se meu cérebro tivesse dado a descarga em si mesmo no vaso sanitário da minha garganta.

Percebi vagamente que Robby havia sentado. Ele desligou o despertador e olhou para mim enquanto eu rolava as pernas para fora da cama. Era tudo o que eu podia fazer para não vomitar até conseguir sair do quarto de Robby, cambaleante e aos tropeços em minhas cuecas frouxas.

Eu precisava encontrar o banheiro.

O poema favorito de Robby é “Dulce Et Decorum Est”, de Wilfred Owen. É um poema sobre guerra e mentiras, juventude e roubo.

Encolhidos como velhos mendigos debaixo de sacos,

Cambaleantes, tossindo feito velhas, nós praguejamos em meio à lama.

Robby tem muito bom gosto para palavras. Meu poema favorito é “O imperador do sorvete”, de Wallace Stevens. É um poema sobre todas as outras coisas: sexo, luxúria, prazer, solidão e morte.

Ele começa assim:

*Chame o enrolador de grandes charutos
O musculoso, e peça-lhe que bata
Em xícaras da cozinha cremes concupiscentes.*

Robby recitou seu poema de cor aquela noite, e eu me enrolei nos últimos versos do meu até conseguir acertar.

Os dois eram tão bonitos, e o som, quando os declamamos um para o outro sobre a música, fez nossos peitos se encherem de algo elétrico e vibrante, como amor e magia.

Quando terminei de vomitar, dei a descarga e liguei o chuveiro de Robby.

Deixei minha meia solitária e minhas cuecas xadrez caídas no chão embaixo da pia. Entrei na banheira e debaixo d'água.

Estava fria, e havia um anel marrom de sujeira acumulada no fundo. O apartamento só tinha um banheiro, que ficava no meio do corredor em forma de T que separava o quarto de Robby do de sua mãe.

Connie Brees ainda não tinha chegado do trabalho.

Enfieei o rosto embaixo da água. Eu me sentia péssimo. Meus olhos estavam turvos, eu segurava a medalha de São Kazimierz observando seus olhos modestos e a pequena auréola de cabeça para baixo. Botei a medalha na boca.

Ouvi a porta do banheiro se abrir.

Robby disse:

— Austin? Você está bem, Austin?

— Estou bem — respondi, com certa irritação na voz. — Você pode me dar *cinco minutos*, Robby? Tudo bem?

— Claro — disse Robby. — Eu trouxe a roupa da escola para você.

Robby estava triste porque eu estava agindo como um babaca.

Eu não queria ir à escola.

Eu não queria sair nunca daquele chuveiro sujo.

Eu não queria olhar para Robby Brees.

— Tudo bem. Obrigado — falei.

Mas eu disse isso em um tom que significava: *saia daqui e me deixe em paz*.

Exatamente naquele instante, Shann estava comendo um bagel torrado e olhando para uma foto em preto e branco da casa dos McKeon.

E, enquanto eu ficava parado embaixo do chuveiro no apartamento de Robby, Travis Pope desmaiou atrás do volante de sua picape Nissan e bateu em uma vala de drenagem rasa nos campos de atletismo da Herbert Hoover

High School. Sua mulher, Eileen, estava sentada ao lado dele. Ela estava sem cinto de segurança. Eles estavam eclodindo.

Alguém no fim do corredor no andar de Robby estava segurando um isqueiro embaixo de um cachimbo de vidro e inalando fumaça de metanfetamina.

Ollie Jungfrau enfim estava cagando. Ele ia se atrasar para o trabalho.

Johnny McKeon estava indo de carro para o Shopping de Ealing. Estava de bom humor. Johnny estava sempre de bom humor.

Ah Wong Sing estava assistindo a um vídeo pornô em um site holandês. Ele iria se atrasar para o trabalho.

Eu estava passando o condicionador de Robby pelo meu cabelo. Ele cheirava a chiclete.

Meu irmão, Eric Christopher Szerba, estava a caminho de um hospital na Alemanha. Ele tinha perdido os testículos e a perna direita do joelho para baixo. Dois outros rapazes tinham morrido na mesma explosão. Nós só saberíamos disso no dia seguinte.

Robby Brees estava sentado na cama, de cueca. Ele enfiou o rosto entre as mãos e chorou.

ORAÇÕES DA ESCOLA

TUDO ACABOU MESMO SE encaixando em seu devido lugar.

Mas as coisas aconteceram tão de repente que o mundo inteiro desabou.

Eu aprendi o seguinte:

Os pequenos caiaques azuis da minha mãe navegavam muito bem. O Xanax realmente fez com que eu não me sentisse estressado. Eles acabaram com a minha confusão e preocupação. Eles me fizeram acreditar que eu só tinha uma cabeça, e que essa cabeça tinha entendido tudo. Tudo fica lindo, suave e normal quando você está flutuado no caiaque.

Mas eu precisaria tomá-los para sempre se quisesse que as coisas continuassem daquele jeito.

Só restava um Xanax.

Ele estava dentro da meia cinza limpa do uniforme masculino da Escola Luterana Curtis Crane que Robby tinha levado até o banheiro para mim enquanto eu estava no chuveiro.

Joguei o comprimido pela descarga junto com o final do meu vômito.

Enquanto Robby tomava banho, eu saí em silêncio de seu apartamento no Del Vista Arms. Contei três avisos com ameaça de despejo colados em portas no andar de Robby. Fui andando sozinho até a Escola Luterana Curtis Crane.

Não me atrasei para a aula.

Não avisei nada a Robby.

Toda manhã começava com uma oração. Robby chegou à aula. Ele quase se atrasou pela primeira vez na vida. Estava agitado, e seu rosto, vermelho. A gravata de Robby estava torta, e a parte de trás de sua camisa estava aparecendo por baixo do suéter como se ele tivesse corrido. Era óbvio que ele estava me procurando. Robby precisaria se ajeitar, senão o pastor Roland Duff o chamaria para aconselhá-lo sobre a aparência adequada de garotos luteranos.

Eu orei com os outros alunos na sala, mas só pensava em Robby Brees e na corrente em torno do meu pescoço.

Depois daquilo, fiquei dias sem falar com Robby.

Eu precisava conversar com meu pai.

Eu não tinha ideia do que dizer.

Falei para Shann que estava doente.

Ela achou que eu estava de ressaca por beber vinho com Robby na véspera. Isso podia ser verdade. Eu não tinha como saber se qualquer coisa era verdade ou não naquela terça-feira depois de passar a noite com Robby.

Então eu disse a ela que nós iríamos procurar o silo invisível depois da aula na quarta-feira. Eu precisava ir para casa, soltar Ingrid e depois ir para cama e outras merdas assim, eu disse a Shann. Ela entendeu.

Já era tarde demais para impedir que o mundo despencasse no abismo que tinha se aberto aos nossos pés na Selva de Gafanhotos. Eu só conseguia pensar em como a força da gravidade estava ferrando um pobre garoto polonês de Ealing, Iowa.

Shann disse:

— Eu acho que *vocês dois* estão de ressaca. Robby parece estar ainda pior do que você.

— Hum — falei.

— Espero que vocês aprendam alguma coisa com isso — ralhou Shann.

— Eu também — respondi.

— Fale para Robby vir amanhã — disse Shann.

— Hum. Robby pode fazer o que quiser.

Shann e eu saímos andando da Escola Luterana Curtis Crane ao fim do dia. Robby já havia ido para casa sem falar nada com nenhum de nós.

— O que aconteceu com você? — perguntou ela.

— Não tenho certeza — respondi.

Era a verdade.

Shann repetiu sua aula de história do dia:

— Espero que vocês tenham aprendido a lição, é tudo o que vou dizer.

— Desculpe, Shann — falei. Depois acrescentei: — Eu amo você, Shann.

Shann olhou ao redor para ver se havia alguém prestando atenção em nós.

Estávamos sozinhos.

Ela pressionou o corpo no meu. Foi um gesto muito ousado para um casal de adolescentes luteranos a curta distância do portão da Curtis Crane.

Por algum motivo, o medalhão de São Kazimierz pareceu ficar pesado e queimar no meu peito. E eu voltei a pensar em Robby.

Shann sussurrou:

— Amo você, Austin.

Esfreguei meu quadril no dela. Eu tinha que dizer:

— Shann, você acha que... Hum... Talvez... se eu arranjasse umas camisinhas...

Ela me cortou logo.

— Não! Vá para casa, Austin Szerba. Você está doente. Não está nem pensando como um garoto normal.

Eu achava que era sobre *aquilo* que os garotos normais pensavam.

Tentei provar uma coisa, mas meu experimento não deu certo.

— Desculpe, Shann. Hum. Você tem certeza?

— Você pode parar de ser bobo por um instante, Austin? — disse ela.

Ela disse *instante* outra vez. Eu estava com tesão, com medo e muito confuso quanto a tudo.

— Vou parar — falei. — Eu preciso me deitar. Desculpe.

Eu não estava pensando como um garoto normal.

O que eu ia fazer?

AS BOLAS DO VICE-PRESIDENTE

MINHA MÃE TRABALHAVA NO Hy-Vee até tarde algumas noites, então meu pai e eu tínhamos que preparar nosso jantar.

Já houve um tempo em Iowa em que era ilegal que uma mulher deixasse pais e filhos prepararem o próprio jantar.

Agora, garotos como Robby Brees e eu muitas vezes tínhamos que nos virar por conta própria comendo merdas como Cup Noodles e Doritos.

Mais do que tudo, eu queria ir para cama e chapar, mas naquela noite eu preparei palitos de peixe empanados e batatas fritas congeladas para meu pai. Esperei ele chegar em casa depois da aula para podermos conversar.

O peixe dos palitos supostamente vinha do Alasca.

As batatas não eram francesas. A embalagem dizia que eram plantadas no Oregon e em Idaho.

Se tem uma coisa que os Estados Unidos fazem bem é congelar coisas.

Eu esperei.

Estava quase dormindo com a cabeça na mesa quando meu pai chegou.

— Você ficou acordado até tarde ontem à noite com Robby, não foi? — perguntou meu pai, que se chamava Eric.

— Hum — respondi.

Eu levantei a cabeça e esfreguei os olhos. Ainda estava usando a gravata e o suéter de garoto luterano.

Naquela hora, lembrei pela primeira vez que tinha deixado saco de dormir, cueca, meias, escova de dente, tênis e celular no quarto de Robby. Pelo menos eu havia tido o bom senso de guardar meus cadernos de história na mochila de garoto luterano.

— É — falei. — Acho que não estou me sentindo bem, pai.

Meu pai sentou à mesa e começou a comer. Eu levantei, fui até a geladeira e peguei o ketchup. Meu pai era louco por ketchup; eu, não.

O ketchup era feito em Nebraska.

Então eles fazem alguma coisa por lá, no final das contas.

Fiquei olhando para ele.

Ele comia.

Eu estava me preparando para dizer alguma coisa. Só precisava saber com que palavras começar.

Meu pai disse:

— Tem alguma coisa errada, Austin?

— Hum — falei. Eu estava decidido a fazer aquilo. Por isso disse: — Pai, quando você tinha mais ou menos a minha idade... Você alguma vez...

Hum... Experimentou uma... Quer dizer... Você alguma vez teve algum... Um amigo com quem... Hum... Você já teve alguma *experiência* com outro... Hum...

Foi um caos.

E foi exatamente assim que as palavras saíram da minha boca.

Meu pai parou de mastigar. Palitos de peixe não são uma comida que exija força das mandíbulas.

Desejei que meu irmão, Eric, ainda estivesse em casa.

Ele tinha ido embora havia tanto tempo que era como se eu fosse filho único. Ter um irmão naquela situação ajudaria. Eric era alguém com quem eu podia ter conversado sobre coisas como ereções e sexo e cometer erros e erupções acidentais e ficar confuso e essas merdas todas.

Exatamente naquele momento, Eric Christopher Szerba estava em um coma induzido por morfina.

Enquanto eu ficava ali sentado, nervoso, observando meu pai, acontecia um pequeno terremoto na Guatemala. Robert Brees pai estava dormindo nu em uma cama *queen size* com sua nova mulher guatemalteca, Greta. O filho de dois anos de Robert Brees pai, que se chamava Hector, estava deitado sobre o peito de Robert. No céu acima deles, uma coluna de cinzas de um vulcão chamado Huacamochtli começou a subir silenciosamente para a atmosfera.

E naquele exato momento havia três insetos em Ealing, Iowa: Jack Faminto, Travis Pope e a mulher de Travis, Eileen. Todos eles só queriam fazer duas coisas.

Os quatro garotos da Hoover ainda não tinham eclodido. Eles estavam doentes. Jovens são mais resistentes.

Robby Brees estava deitado em sua cama no Edifício de Luxo Del Vista Arms. Ele usava a minha camiseta e as cuecas que eu havia tirado e deixado no chão de seu banheiro. Robby estava ouvindo Rolling Stones.

Shann Collins estava escrevendo em um diário que ela guardava trancado na mesinha de cabeceira. Ela teorizava sobre como poderia lidar com seu desejo de transar com o namorado, que, como uma pessoa sensível, prometeu a ela que usaria camisinha.

Quando meu pai e minha mãe souberam o que tinha acontecido com Eric, eles saíram de Iowa e viajaram para o hospital militar na Alemanha onde meu irmão estava internado. No início, tentaram se organizar para que eu ficasse no Del Vista Arms com Robby e a mãe dele. Implorei que eles me

deixassem sozinho em casa porque já tinha idade suficiente e, além disso, alguém precisava soltar Ingrid para ela cagar.

Mas era só porque eu estava com medo de encarar Robby Brees. Eu sabia que teria que encará-lo em breve, mas ainda não queria fazer isso.

Meus pais não queriam me levar com eles.

Eles disseram que eu deveria ficar na escola e que me ligariam duas vezes por dia.

Enquanto Eric Christopher Szerba se recuperava de seus ferimentos, o vice-presidente dos Estados Unidos foi ao hospital e o visitou.

O vice-presidente era de Delaware.

Eu nunca tinha conhecido ninguém que tivesse sequer *ido* a Delaware.

Naquele dia, o vice-presidente dos Estados Unidos da América deu uma cagada no banheiro masculino do refeitório do hospital militar antes de visitar o quarto do meu irmão. O vice-presidente dos Estados Unidos da América tinha dois testículos dos quais gostava muito, e nenhuma de suas pernas tinha sido arrancada em uma explosão.

Quando o vice-presidente dos Estados Unidos da América era adolescente, ele também tinha *experimentado*.

Meu pai parou de mastigar e olhou para mim. Eu podia ver em seus olhos que ele sabia exatamente do que eu estava falando. Há um certo olhar sombrio e distante que um pai exhibe quando o filho se arrisca de maneira desconfortável a fazer perguntas sobre pênis e outras merdas assim.

Eu percebi esse olhar imediatamente.

— Hum — disse ele. — Tipo em uma *aula de química*?

— Hum — falei.

Nas últimas aulas de química na Escola Luterana Curtis Crane, produzimos um polímero branco leitoso, escorregadio e gosmento a partir de borato de sódio e outras merdas.

Um polímero é uma coisa pesada e grossa feita de um monte de moléculas pequenas. A palavra *polímero* vem da Grécia.

Os gregos eram bons em inventar palavras para essas merdas.

Robby Brees era meu parceiro no laboratório.

Robby disse que o polímero que tínhamos feito na aula de química parecia e tinha exatamente a mesma consistência de sêmen. Todo mundo na turma também achou que era exatamente igual a sêmen.

Na verdade, nem *todo mundo*. Só os garotos de corpo e espírito fracos que se masturbavam achavam que o polímero se parecia e tinha exatamente

a mesma consistência de sêmen. Isso abarcava todos os garotos da turma, já que estávamos todos no ensino médio e com quinze ou dezesseis anos de idade, o que fazia de nós masturbadores de corpo e espírito fracos, nos quais nunca se poderia confiar de verdade para defender os Estados Unidos contra invasões estrangeiras. Só umas duas meninas acharam que nosso polímero de borato de sódio parecia e tinha exatamente a mesma consistência de sêmen.

Shann achou. Mas ela estava sentada ao meu lado durante a erupção constrangedora na sessão de *Éden Cinco Precisa de Você 4*.

O Sr. Duane Coventry, nosso professor de química, ficou furioso e constrangido com o comportamento dos garotos da turma. Ele obviamente também achava que aquilo era exatamente igual a sêmen. Então o Sr. Duane Coventry levou pequenos frascos de corante azul e nos fez tingir nossos experimentos de sêmen de polímero de borato de sódio para que eles não ficassem tão parecidos com sêmen.

— É, pai. Na aula de química — disse eu.

— Uma vez eu fiz uma bateria com um limão — disse ele.

— Hum, eu também fiz isso, pai — comentei. — Todo mundo faz essa merda na escola.

Meu pai passou seu palito de peixe do Alasca na poça de ketchup do Nebraska.

— É, Austin — disse ele. — Eu *tive* experiências na sua idade.

Ele disse aquilo para encerrar o assunto e com alívio.

Aquele foi o fim da lição de história sobre meu pai e o que ele fazia quando era adolescente.

— Hum. Obrigado, pai. Bem, boa noite.

— Boa noite, filho — disse meu pai.

Eu fui para cama.

Eu me dei conta de que aquela foi a última vez na vida em que tentei conversar com meu pai sobre sêmen, ou sobre minha curiosidade sexual e sentimentos confusos. Para mim, daria no mesmo assistir aos programas femininos que passavam à tarde na TV ou conversar com Ollie Jungfrau sobre esse tipo de coisa. Ou mesmo com um completo desconhecido sentado em um banco de ônibus.

No caos da manhã antes da escola, meus pais estavam acordados conversando com dois oficiais do Exército na cozinha quando eu desci. Aquele foi o dia em que eles viajaram até a Alemanha para ver meu irmão,

Eric, que não tinha mais bolas. Minha mãe e meu pai concordaram que não haveria problema se eu ficasse na cama aquele dia.

Então eu não fui à escola.

MICTÓRIOS

KRZYS SZCZERBA ABRIU UMA fábrica em Minnesota.

Ele fabricava mictórios.

Há algo de grandiosamente americano nessa história.

Krzys Szczerba chegou aos Estados Unidos e ganhou a vida fazendo coisas nas quais os caras mijavam. Os mictórios que ele produzia eram grandes. Chegavam à altura do ombro, ocupando paredes inteiras com fundos grossos de porcelana e ralos de esgoto que corriam por todo o piso e de onde você afastava com cuidado as pontas de seus sapatos.

Americanos gostam de mijar em coisas grandes.

Naquela época, os homens não sentiam necessidade de privacidade ou espaço pessoal quando mijavam. Homens e garotos americanos se alinhavam ombro a ombro e mijavam sem vergonha sobre tudo à frente deles como um exército coreografado.

E assim foi nosso dia.

Os mictórios de Krzys Szczerba eram grandes o suficiente para que dez ou mais caras conseguissem mijar juntos na mesma parede, todos ao mesmo tempo.

Nós tínhamos um mictório grupal parecido na Escola Luterana Curtis Crane. Era aquele com imagens de mãos em oração, bem na altura dos olhos, para nos fazer lembrar de não ter nenhuma ideia *experimental* com as mãos enquanto elas estivessem segurando nossos pênis.

Mas o mictório da Escola Luterana Curtis Crane era de aço inoxidável, batia na altura do joelho e tinha a forma de um bebedouro de gado. O mictório retinha um som musical sempre que os garotos mijavam sobre o fundo liso de metal. E só quatro garotos podiam usá-lo ao mesmo tempo. Qualquer número além disso acarretaria uma invasão desconfortável do espaço pessoal vizinho.

Nós mantínhamos os olhos nas mãos em oração.

Além de congelar coisas e transformá-las em comida, os garotos americanos sempre foram verdadeiros dínamos quando se tratava de mijar

nas coisas.

Krzys Szczerba chamava seus mictórios de Rouxinol por causa da mulher, Eva Nightingale (que significa rouxinol). Ela, assim como os mictórios fabricados por Krzys, era grande, receptiva e perfeitamente branca.

Havia pássaros com fitas penduradas em seus bicos felizes gravados no alto dos mictórios Rouxinol de Krzys Szczerba.

Eu achava que era um bom nome para um mictório.

A fábrica de mictórios de Krzys Szczerba fechou durante a Grande Depressão.

Acho que, durante a Grande Depressão, os garotos americanos mijavam onde bem entendiam.

Também havia um mictório comprido de aço inoxidável na Pizzaria do Satan, mas só era largo o suficiente para dois caras o usarem ao mesmo tempo. Era muito estranho fazer dupla com um completo estranho em uma pizzaria.

Era como sair num encontro às cegas.

Seria ainda pior se eu estivesse lá parado mijando e então outro cara entrasse no banheiro dos homens, parasse do meu lado, baixasse o zíper e, quando eu olhasse para o lado, fosse Louis, o cozinheiro da Casa da Panqueca, ou talvez Ollie Jungfrau ou o pastor Roland Duff.

Eu sempre tentava segurar o xixi quando comia na Pizzaria do Satan.

Mas, às vezes, a gente não consegue.

Havia fotografias coloridas antigas da Itália penduradas em quadros envidraçados acima do mictório da Pizzaria do Satan. Uma delas mostrava o Coliseu, em Roma, e outra mostrava a estátua do Davi de Michelangelo.

Você sabe o que quero dizer.

Que cara não pensa na Itália e na civilização e em merdas assim quando está segurando o pênis e mijando em uma canaleta de aço?

Eu sou o tataraneto de Krzys Szczerba, um sujeito que fabricava coisas para outros caras mijarem em cima.

Meu irmão, Eric Christopher Szerba, foi tratado como um mictório.

De certa forma, Krzys Szczerba fez a mim e a meu irmão. Quando a gente pensa sobre isso, a fábrica de Krzys Szczerba ainda estava em pleno funcionamento, e nós éramos seus Rouxinóis da modernidade.

Todo mundo na Escola Luterana Curtis Crane soube o que tinha acontecido com o filho do Sr. Szerba, que estava no Afeganistão.

Robby também não foi à aula naquele dia.

Havia algo errado com nós dois, mas não era nada parecido com o que estava acontecendo com aqueles garotos da Hoover, embora houvesse pouca coisa que Robby Brees ou eu pudéssemos fazer em relação àquilo.

SHANN, O GAROTO POLONÊS COM TESÃO E SATAN

JOHNNY MCKEON FOI À minha casa naquela tarde. Ele disse que queria ver como eu estava e saber se eu precisava de alguma coisa. Eu precisava de muitas coisas, mas Johnny não podia me dar nenhuma delas.

Eu com certeza não podia conversar com Johnny McKeon sobre a minha confusão, sobre o que estava acontecendo entre mim e Robby ou entre mim e Shann.

— Vim ver se você precisa de alguma coisa — disse Johnny quando eu abri a porta da frente. Ele acrescentou: — Sabe, se tiver algo que eu possa fazer por você, Austin.

Eu ainda estava de cueca. Tinha ficado o dia inteiro na cama. Ingrid se espremeu entre minhas pernas, passou agitada por Johnny e correu para o jardim. A pobre cadela estava prestes a explodir.

Eu passei os dedos pelo meu cabelo despenteado e disse:

— Obrigado, Johnny. Acho que estou legal. Mas um cigarro cairia bem.

— Eu trouxe alguns para você — disse Johnny. — Estão no carro. Espere aí.

— Cuidado com a bosta de cachorro, Johnny — avisei. — E obrigado.

— Se o seu pai ou a sua mãe comentarem alguma coisa sobre isso, vou dizer que você roubou os cigarros.

Johnny sempre falava isso.

Então Johnny McKeon ficou ali comigo na varanda da frente enquanto eu fumava um cigarro e conversava com ele. Eu tinha esquecido totalmente meu plano de procurar o silo desaparecido dos McKeon com Shann. Tudo havia sido um pesadelo confuso desde que Robby Brees e eu levamos porrada e fomos chamados de boiolas por aqueles quatro babacas no beco da Selva de Gafanhotos.

Era como nadar em uma grande tigela de sopa de letrinhas, com todas as letras vivas e fazendo showzinhos de terror dançantes para você: lêmures fazendo careta, bebês de duas cabeças, erupções acidentais no Cinezar de

Waterloo, pequenos caiaques azuis, louva-a-deus verdes enormes, mãos em oração, o Tally-Ho!, meu irmão ferrado, Eric Christopher Szerba, e meu melhor amigo, Robert Brees Jr., que eu amava muito e por quem, ao mesmo tempo, sentia grande tristeza.

— Boa menina, Ingrid — falei.

Ingrid deitou entre meus pés descalços, e eu estava sentado em uma cadeira de vime, ainda de cueca, fumando um cigarro com Johnny McKeon na frente da minha casa.

Naquele momento, meus pais estavam em um avião sobrevoando a Escócia.

— Por que você não se veste e eu levo você e Shann para comer uma pizza ou algo assim? — perguntou Johnny McKeon.

— Você está dizendo que não quer me levar para jantar só de cueca, Johnny? — falei.

Johnny balançou a cabeça com seriedade. Para uma pessoa que estava sempre de bom humor, Johnny McKeon nunca sabia muito bem quando as pessoas estavam brincando com ele.

— Não, garoto — disse ele. — Vá vestir uma calça e uma camisa, senão eu não levo você a lugar nenhum.

Eu balancei minha medalha de São Kazimierz para Johnny e disse obrigado, mas que torcia para ele não querer ficar no meio, levando em conta que levaria a mim e sua enteada de carro em mais um encontro.

Ele também não entendeu *isso*.

Johnny disse:

— Vou deixar vocês, depois passo para buscá-los. Mas em Ealing, não em Waterloo. Agora vá vestir uma calça, Austin.

Encontrei uma Levi's que não estava muito suja. Estava jogada no chão do meu quarto. Vesti a camiseta de presunto de Robby. Ele havia deixado na minha casa no dia em que subimos o telhado do Shopping de Ealing. A blusa ainda tinha algumas marcas de sangue e cheirava a Robby, o que me deixava meio triste. Não me dei ao trabalho de botar meias. Peguei os Adidas que tinha emprestado a Robby alguns dias antes e os calcei.

Vestir a camiseta de Robby fez eu me sentir solitário.

Fui fazer xixi no banheiro masculino da Pizzaria do Satan antes que nossa Stanpreme chegasse à mesa. Era um risco, pois a pizzaria estava estranhamente cheia para uma noite de quarta-feira.

Ninguém apareceu para dividir o mictório nem as fotos de Roma e do Davi nu comigo.

Sentei ao lado de Shann e olhamos pela janela para a Selva de Gafanhotos do outro lado da Kimber Drive e para o Shopping de Ealing.

Nós conversamos.

No início, foi quase tão desconfortável quanto ficar ao lado de Ollie Jungfrau no pequeno mictório para dois nos fundos da Pizzaria do Satan. Eu não parava de pensar em Robby. Eu me sentia muito culpado pelas coisas que tínhamos feito.

Eu não minto, mas não queria contar a Shann sobre Robby nem queria contar a Robby sobre Shann.

Por isso fiquei ali sentado pensando em como estava dividindo meu coração ao meio, separando-o em guetos como Varsóvia durante a Segunda Guerra Mundial (*esta área para Shann; essa outra só para garotos boiolas*), e me perguntando como era possível estar ao mesmo tempo sexualmente atraído e apaixonado pelo meu melhor amigo, um garoto, e por minha melhor amiga, uma garota: duas pessoas completamente diferentes.

Eu estava confuso demais.

Devia haver algo errado comigo. Eu tinha inveja de Shann e Robby por serem tão confiantes em quem eles eram e sobre o que sentiam, e por saberem em qual parte do meu coração dividido em guetos eles moravam.

Por fim, Shann criou coragem para falar comigo sobre Eric.

Nesse momento, nós estávamos comendo pizza e eu tinha empurrado todos os pensamentos sobre meu irmão para um lugar sombrio da minha mente. O gueto do garoto polonês ferrado. Naquele momento, uma luz brilhou sobre esses pensamentos.

Então eu disse a ela o seguinte:

Eric Christopher Szerba e eu nos ferramos. Eu não conseguia me lembrar de nenhuma imagem de meu irmão em que não éramos meninos juntos. Eric Christopher Szerba ainda era um menino. Eric Christopher Szerba era meu irmão mais velho. Agora ele estava arrasado, destruído. Na próxima vez em que conversássemos, ele seria outra pessoa. Seria esquisito, como mijar ao lado de um desconhecido. Eu e Eric estávamos ferrados. Todo mundo estava. Ninguém estava melhor em lugar nenhum. Ninguém aprendeu uma lição. Ninguém se salvou.

Depois disso, não consegui comer mais pizza.

Acho que talvez eu estivesse chorando.

Preciso ser honesto. Isto é história. Eu *estava* chorando ali sentado na Pizzaria do Satan, olhando pela janela para a Selva de Gafanhotos. Estava chorando, e não só por Eric Christopher Szerba. Era por Robby Brees, pela minha mãe, pelo meu pai, pela mãe de Robby, por Krzys Szczerba e também por São Kazimierz.

Shann estava chorando. Ela encostou o rosto no meu pescoço.

Shann disse:

— Sempre fui apaixonada por você pelo jeito como você diz as coisas, Austin. Desde aquele dia no oitavo ano quando nos sentamos juntos e bebemos Coca-Cola e conversamos sobre *The Chocolate War*. Você se lembra disso?

— Lembro — respondi. — É aquele livro sobre o pavão que caga chiclete e bala, não é?

Shann riu um pouco e nós nos beijamos.

E eu disse a ela:

— Shann, às vezes eu faço coisas muito idiotas e não penso nas pessoas que posso magoar. Quero que saiba que amo você, por mais idiota que eu seja. Não importa o que eu faça.

Eu estava tentando contar a ela a verdade (minha verdade abreviada) sobre mim e Robby. Shann achou que eu estava falando do dia anterior na escola, quando eu tentei começar uma conversa sobre o uso de camisinhas.

— Você não é idiota, Austin — disse Shann. — Amo muito você. Eu estava pensando sobre o que você disse sobre... Hum... Você sabe. Se você usasse uma camisinha.

Eu quase caí do banco da Pizzaria do Satan quando ela disse isso.

— Você quer dizer que *toparia*? — perguntei.

Tentei imaginar um jeito de levar Shann Collins para minha casa vazia *naquela mesma noite*.

— Talvez a gente pudesse tentar fazer aquilo um dia desses. Quando for a hora certa — disse Shann.

Eu achava que era a hora certa.

Ouvir Shann dizer as palavras *fazer aquilo* me deixou com muito tesão.

Shann tentou mudar de assunto. Ela colocou a bolsa em cima da mesa ao lado dos restos da nossa Stanpreme. Quando abriu a bolsa, eu esperava que ela fosse me mostrar que tinha levado um pacote de camisinhas ou alguma merda assim. Não que fosse necessário. Eu tinha conseguido dezenas de

camisinhas limpando móveis para Johnny McKeon na loja de artigos usados Do Sótão ao Sucesso.

Eu estava em conflito.

O gueto estava em rebelião.

Essa é a verdade.

Eu estava sendo um grande babaca com meus dois melhores amigos.

Resolvi calar a boca. Como Shann me disse, ela ia me avisar quando fosse a hora certa de *fazer aquilo*, e isso era muito mais próximo de um *sim* do que de um *não*.

Éden Cinco precisava de mim.

Talvez no fim eu acabasse provando alguma coisa para mim mesmo e visse como tudo se encaixaria perfeitamente em seu devido lugar.

Shann tirou uma pequena foto preto e branco da bolsa. Era a foto que ela tinha pegado do *Registro de Construções Históricas de Ealing*.

E, sim, eu fiquei decepcionado, e também com muito tesão.

QUATRO FOTOGRAFIAS

Aqui, nossa história olha para quatro fotografias:

1. ESTE É O SILO DOS MCKEON.

Em preto e branco granulado, ele parece um pênis de aço galvanizado com foguetes Saturno, parado em uma plataforma de lançamento quinhentos metros atrás da casa histórica de Shann, pronto para decolar rumo a Éden Cinco.

— Eu o encontrei — disse Shann.

2. ESTA É UMA FOTOGRAFIA MINHA COM MEU IRMÃO, ERIC Christopher Szerba. A foto foi tirada quando Eric tinha doze anos. Com isso, eu devia ter uns cinco ou seis. Na foto, nós estamos parados às margens do lago Minnewonka, no Canadá. O sol está se pondo em nossos olhos. Nossa mãe, Connie Szerba, tinha um obsessão mórbida por mostrar o sol brilhando em nossos rostos brancos poloneses sempre que posávamos para fotos.

Na fotografia, meu cabelo está bagunçado, com várias pontas espetadas para cima. Ele também era muito mais claro do que é hoje. Estou usando tênis das *Tartarugas Ninja* com fecho de velcro. Eles tinham luzes na lateral da sola que acendiam quando eu andava. Eu amava aqueles tênis.

Eric é alto e magro. Está usando uma camisa xadrez vermelha para fora da calça: um garoto de Iowa, afinal de contas. Eric também está com uma calça Levi's novinha com a bainha dobrada. Quase posso sentir a rigidez do jeans na foto. Suas pernas parecem palitos de fósforos. A calça ainda não tinha sido lavada. Eric Christopher Szerba está com o braço em volta do meu ombro, mas sua posição não é a postura desconfortável de um garoto prestes a virar adolescente que foi coagido a abraçar o irmãozinho para congelar falsamente um momento pacífico em uma foto de família durante as férias.

Nós dois temos olheiras de garotos poloneses.

Eric é muito bonito. O cabelo dele é cor de mel, e ele tem um monte de sardas nas bochechas. Seu sorriso exhibe os dois dentes grandes da frente. Seus lábios estão úmidos. A sombra do meu pai se estende além de nossos calcanhares. Dá para ver em sua silhueta no chão como os cotovelos dele se projetam para fora como as asas de um rouxinol, na altura em que ele segura a câmera.

3. NENHUM DOS RAPAZES mortos na mesma explosão que tirou as bolas e uma perna de Eric Christopher Szerba era mais novo do que meu irmão. Mas eles também eram garotos. Julio Arguelles tinha trinta e quatro anos. Há uma foto dele tirada quando tinha seis anos de idade. Ele cresceu no Brooklyn e, na imagem, está parado na entrada da garagem ao lado de sua casa. Há um muro baixo de tijolos vermelhos no fim dessa entrada. Do outro lado do muro, é possível ver erguido o T branco do poste de um varal de madeira. Há algumas camisetas brancas e roupas íntimas penduradas nas cordas. Parece não haver vento. Julio está usando uma camiseta do Super-Homem com gola vermelha, o S dentro do triângulo e músculos abdominais desenhados no tecido que cai solto sobre o peito do menino de seis anos. Na parte mais baixa da camiseta há uma faixa amarela, o cinto do Super-Homem, e uma listra vermelha que marca a parte de cima da sunga. É uma camiseta engraçada. Eu a teria usado quando era criança. O cabelo cor de chocolate de Julio Arguelles cai sobre a testa, e Julio está fazendo o sinal de número um com a mão. Não consigo imaginar a que pergunta Julio estava respondendo quando a foto foi tirada. Julio Arguelles tem um leve bigode de fresco de laranja. Ele está usando calças de moletom azuis enroladas até os joelhos. Está com tênis pretos sem meias. Julio Arguelles tinha três filhas, a mais velha delas com nove anos.

4. A FAMÍLIA DE PAAVI SEPPANEN veio da Finlândia. Paavi significa pequeno. Paavi também morreu na explosão que arrancou a perna do meu irmão do joelho para baixo e destruiu os dois testículos de Eric Christopher Szerba. Paavi Seppanen tinha vinte e seis anos quando morreu no Afeganistão. Há uma fotografia de Paavi tirada na Páscoa quando ele tinha dez anos. Paavi tem cabelo escorrido, fino e louro-avermelhado da cor de mel de cravo. Ele está usando uma camisa branca de botão e manga comprida enfiada dentro de calças pretas sociais com cinto. Paavi também exhibe uma gravata com nó pronto e está parado entre o irmão e a irmã mais novos. Ele parece ser o protetor. Dá para ver que os mais novos pensam isso de Paavi. Paavi está com os braços em volta do irmão e da irmã, e eles estão sorrindo. O irmão e a irmã estão segurando cestos de vime vazios nas mãos. A caça aos ovos ainda não começou. A menina deve ter uns três anos na foto, e o irmão de Paavi está usando calças cinza, gravata e suspensórios. Paavi era homossexual. Ninguém sabia nada sobre isso.

O SÊMEN DO PRESIDENTE

— EU ENCONTREI — disse Shann.

— Acho que deve ser difícil não ver — concordei. — Talvez esteja pintado com a cor do céu, em vez de como um pênis, e por isso hoje a gente não o veja mais.

Shann me cutucou com o ombro.

Johnny McKeon não percebia quando as pessoas estavam brincando com ele, mas sua enteada percebia.

— Quero dizer que eu achei *mesmo* — insistiu Shann. — Eu saí andando pelas estradas de serviço antigas. Há uns galinheiros abandonados por lá e uns bebedouros velhos para as vacas leiteiras.

— Talvez sejam mictórios — sugeri.

— Fala sério — pediu Shann.

— Hum. Está bem.

Eu resolvi falar sério.

Shann disse:

— Eu descobri a antiga fundação do silo. É de concreto e tem uma escotilha redonda no meio. Parece uma coisa por onde você sobe para entrar em um sino de mergulho ou algo assim.

— Hum — falei. — Ninguém usa sinos de mergulho em Iowa. Não é natural. Além disso, não tem nada para ver abaixo da superfície de Iowa.

— Eu não consegui abrir — contou Shann.

— Você tentou?

Eu estava impressionado.

— Bem... não. Na verdade, fiquei com medo de fazer isso sozinha — admitiu Shann.

— Isso foi provavelmente uma decisão inteligente, Shann. Pode haver marinheiros russos perdidos lá embaixo — sugeri. — Eles estariam com muito tesão se estivessem lá embaixo desde que Iowa foi coberta por um vasto mar pela última vez. Ou talvez aquilo esteja cheio de sêmen do presidente.

Isso fez Shann rir.

Eu estava com tesão.

Eu senti que tinha marcado pontos e estava mais perto de conseguir levá-la para minha casa vazia. Eu desejava desesperadamente que ela fosse, mas não ia pedir por favor para ela fazer isso. Johnny, de qualquer maneira, provavelmente diria *não*, apesar das camisinhas.

Mas Johnny McKeon esperou no carro e fingiu não nos observar enquanto Shann me acompanhava até a porta e nós dávamos um beijo de despedida.

O SANTO VIRGEM E SEU PROTEGIDO

EU ESCREVI.

No pé da primeira página, fiz o desenho de um grande silo de aço galvanizado que se erguia a distância atrás da casa dos McKeon — o único verbete solitário de Ealing, Iowa, no *Registro de Construções Históricas*.

Ingrid estava espremida entre meus pés descalços. Ela levantou as orelhas. Se não tivesse sofrido de câncer quando era filhote, talvez tivesse latido. Ela parecia estar com vontade de latir. Então achei que talvez ela quisesse latir para mim porque queria cagar, que era a característica mais previsível de Ingrid.

Ela era uma fonte silenciosa de merda e confiabilidade.

Lá fora, ao longe, uma sirene de polícia uivou como um coiote triste.

Nós nunca ouvíamos sirenes em Ealing. Não que nunca acontecessem coisas ruins aqui, só que ninguém se dava ao trabalho de reclamar sobre elas quando aconteciam.

A alguns quilômetros de minha casa, Ollie Jungfrau estava trancando a Grilo Embriagado. Ele havia chamado a Patrulha Estadual de Iowa informando que algum tipo de animal selvagem tinha atacado Wayne DeLong no estacionamento após sair da loja de bebidas. Wayne estava carregando um saco de papel com uma garrafa de vodca El Capitan e uma embalagem com doze camisinhas extrassensíveis Dura-Flex.

O animal selvagem que atacou Wayne DeLong foi Jack Faminto.

Os amigos de Wayne o chamavam de Wayne-O. Wayne-O era piloto. Ele dizia que não costumava beber muito na véspera de um voo. Em seis horas, ele pilotaria um voo regional de Cedar Rapids para Omaha.

Wayne-O não conseguiria pilotar esse voo.

Ollie Jungfrau contou aos policiais da Patrulha Estadual de Iowa que o animal que ele tinha visto atacar Wayne DeLong parecia um gafanhoto de um metro e oitenta de altura. Os policiais pediram que Ollie Jungfrau soprasse no bafômetro.

Wayne DeLong foi devorado bem em frente à Lavanderia Self-Service Ealing. As únicas coisas que sobraram de Wayne-O foram a fivela de seu cinto, os óculos e o saco de papel da Grilo Embriagado com a embalagem de doze camisinhas que Wayne-O nunca usaria e a garrafa de vodca El Capitan que Wayne-O também nunca beberia.

— Tudo bem, Ingrid — falei. — Vamos lá.

Levantei da cadeira. Ingrid saiu correndo na minha frente e correu escada abaixo até a porta, arfando e abanando o rabo.

— Hum. Espere, garota — pedi.

Voltei. Tinha esquecido no quarto os cigarros que Johnny McKeon trouxera para mim.

Era uma noite agradável.

Sentei na varanda da frente vestindo apenas minha cueca e a camiseta de presunto de Robby Brees. Apoiei meus pés descalços no gradil enquanto Ingrid saía farejando pelo jardim. Acendi um cigarro e pensei em faltar à aula pelo segundo dia consecutivo.

Achei que Robby tinha razão. Eu iria surpreender o meu pai limpando toda a bosta de cachorro e cortando a grama antes que ele e minha mãe voltassem da Alemanha.

— Lá se vai meu Prêmio Nobel e minha viagem à Suécia com Robby Brees — falei.

Eu estava falando com São Kazimierz.

Fumei um cigarro.

São Kazimierz tinha decidido manter-se virgem até a morte.

Eu não conseguia entender aquilo muito bem.

São Kazimierz devia ser um verdadeiro dínamo em dizer *não* para seu pênis.

Depois de morrer virgem aos vinte e poucos anos, o corpo de São Kazimierz foi envolto em seda. O cadáver de São Kazimierz supostamente curava todo tipo de gente afligida por doenças incuráveis. Ele chegou até a ressuscitar uma garota.

Isso é tudo verdade.

Em minha opinião, a preservação da virgindade era mais impressionante do que todas aquelas outras merdas.

Eu não conseguia imaginar como um garoto polonês era capaz de fazer isso.

Eu me perguntei se, nos anos 1400 na Polônia, ser um rapaz virgem significava que você ainda podia tecnicamente *experimental*, ou que pelo menos podia produzir um pouco de polímero de vez em quando. Se não, aquilo devia ser alguma fraude ou, talvez, um milagre genuíno.

Cheguei à conclusão de que os santos, como Kazimierz, *eram* super-humanos de verdade.

Quando o túmulo original de Kazimierz desmoronou, o clero resolveu transportar o corpo do rapaz para uma cripta nova. Quando os padres abriram o túmulo, o corpo do santo estava milagrosamente preservado e cheirava a flores.

Talvez aconteçam merdas assim com qualquer garoto polonês que consiga combater a ânsia de perder a virgindade.

Eu era um caso perdido.

Estava destinado a ser um cadáver polonês fedorento que nunca iria curar doenças nem qualquer merda parecida.

Uma névoa cinza de faróis surgiu violenta como uma tempestade de areia pelo meio da rua.

Ninguém nunca dirigia daquele jeito no meio da noite.

Então o velho Ford Explorer de Robby Brees parou e estacionou junto ao meio-fio na frente da minha casa.

Eu levei um susto, mas também fiquei muito feliz por ver Robby.

Eu tinha sido um grande babaca com Robby Brees nos dois dias anteriores. E então ali estava eu: flagrado sozinho na varanda, fumando, de cueca e com a camiseta de presunto de Robby que ele estava usando quando fomos chamados de boiolas e levamos porrada dos garotos da Hoover.

Ver Robby Brees sair do carro me fez sentir culpado e nervoso. Foi o mesmo que eu tinha sentido no dia em que o pastor Roland Duff me chamou até a sala do diretor da Escola Luterana Curtis Crane para me aconselhar sobre a história e as consequências da masturbação.

Robby não esperava me ver sentado ali na varanda da frente, fumando de cueca. Na verdade, ele nem me viu, por isso soltou um grito agudo de susto quando eu disse:

— Oi, Robby. Que bom ver você.

Ninguém nunca espera ser recebido com alegria à meia-noite por um garoto fumando de cueca em uma rua deserta de Ealing, Iowa.

Eu podia muito bem ser um louva-a-deus de um metro e oitenta de altura ou alguma merda assim.

Robby recuperou a compostura.

Ele disse:

— Oi, Porco-Espinho.

— Quer um cigarro? — perguntei.

— Hum — disse Robby.

Ele olhou ao redor, como se estivesse tentando descobrir se estavam lhe pregando alguma peça. Ingrid apareceu, cheirou a mão dele e então se transformou em um tapete canino embaixo da minha cadeira.

Baixei meus pés descalços do gradil da varanda e enrosquei os dedos nos pelos da cachorra.

Ela suspirou, satisfeita.

Eu disse:

— Boa menina, Ingrid.

As sirenes ao longe silenciaram.

Robby disse:

— Eu não queria incomodar você, Austin. Só vim deixar umas coisas na sua varanda. Não achei que você fosse estar aqui fora.

Ele voltou até o carro para pegar o que tinha trazido.

— Cuidado com a bosta de cachorro — avisei.

— Eu *estou* tomando cuidado — confirmou ele.

Devia ser o fim do mundo ou alguma merda assim. Robby Brees, que nunca lavava as roupas, tinha passado o dia inteiro lavando roupa, e era por isso que ele não havia ido à escola. Isso era *parte* da razão por que Robby não tinha ido à aula. A maior parte da razão era que seu melhor amigo polonês estava agindo como um completo babaca.

Ele trouxe nos braços uma pilha bem dobrada com metade do meu guarda-roupa de garoto não luterano.

No topo havia dois pares de tênis, minha escova de dentes e o celular.

— Desculpe demorar tanto para devolver essas coisas — disse Robby. — Seu saco de dormir também está no Explorer.

Eu peguei a pilha de roupas de Robby. Nossas mãos se tocaram.

Tudo estava com um cheiro muito bom.

— Isso está com um cheiro muito bom — comentei.

Robby disse:

— Obrigado. Eu tentei.

Robby deu de ombros.

— Você realmente lavou *toda* a sua roupa hoje? — perguntei.

— Foi — respondeu Robby. — Não foi tão ruim. Mas não encontrei uma das suas meias.

Minhas meias e cuecas sempre dão um jeito de sumir.

— Talvez esteja embaixo da sua cama — sugeri.

Na mesma hora, eu me senti corar de vergonha. Orei em silêncio a São Kazimierz para não me deixar falar mais nada tão idiota quanto o que eu havia acabado de dizer a Robby.

— Seu pai ligou algumas vezes — disse Robby.

— Hum.

— Eu falei com ele. Ele disse que vai ficar tudo bem. Espero que você não se incomode por eu ter atendido seu celular — disse Robby. — Austin, eu sinto muito mesmo por Eric.

Robby era mesmo uma pessoa muito boa.

— Você é um ótimo amigo, Rob — comentei.

Dei um cigarro a ele. Depois fomos buscar meu saco de dormir no carro dele. Eu mal acreditei no que vi. O banco de trás do carro de Robby Brees estava completamente limpo. Não havia nenhuma roupa suja. Era como se aquele fosse um novo Robby.

— O novo Robby — falei.

— É — concordou ele.

— Hum — comentei. — Agora me sinto culpado por usar sua camisa de presunto. Acho que devo estar com cecê. Fiquei o dia inteiro na cama.

— Austin, você *está* com cecê — confirmou Robby. — Dá para sentir o cheiro daqui. Você está fedendo a pizza esquecida em um vestiário.

Robby, para quem Doritos fediam como os pés de uma criança de seis anos, tinha olfato apurado.

— Hum, amanhã também vou lavar roupa — falei. — Vamos ser, tipo, companheiros de lavanderia, ou alguma merda assim, e poderemos conversar sobre o que fazemos para as roupas cheirarem tão bem.

Sentamos na varanda ao lado da pilha de toda a minha roupa limpa e cheirosa da qual faltava pelo menos uma meia, e de Ingrid, minha golden retriever, de quem faltavam as cordas vocais, e fumamos juntos.

Tentei puxar conversa.

— Comi uma Stanpreme hoje com Shann — contei.

— Ah — disse Robby.

— Ela é sempre mais gostosa quando você está lá. Acho que Satan não gosta de você — comentei.

— Ele odeia todo mundo que pede água gelada. O que você esperava? Ele é o *Satan* — teorizou Robby.

— Ah, sim — concordei.

Robby também entendia muito de teologia.

— Olha, eu queria dizer uma coisa, Porco-Espinho — começou Robby.

— Não diga nada, Rob. Não quero que diga.

Gesticulei com a mão no ar entre nós como se apagasse as palavras de um quadro-negro invisível.

— Tudo bem — disse Robby.

O SINO DE MERGULHO

NÓS TRÊS CAMINHAMOS EM meio a ervas daninhas e arbustos na altura da cintura e por campos que já foram plantações de milho até a plataforma de lançamento de Shann.

Shann Collins encontrou o silo invisível dos McKeon.

O silo era exatamente como Shann o havia descrito: uma plataforma circular de concreto com cerca de dez metros de diâmetro. No contorno da circunferência, chumbadores enferrujados que fixavam a parede externa da

estrutura se projetavam como os dedos enferrujados de uma múmia. Bem no centro havia uma escotilha de ferro, totalmente selada por um volante de metal raiado que parecia muito algo que você encontraria no alto de um antigo sino de mergulho.

Eu estava nervoso.

— A gente deveria ter trazido lanternas — falei. E então acrescentei: — Vamos voltar e buscar umas lanternas.

Robby, que nunca tinha medo de nada a menos que estivéssemos arrombando o museu de horrores de Johnny McKeon no meio da noite, disse:

— Vamos fumar um cigarro e depois abrir essa merda, Porco-Espinho.

— Vocês fumam demais, garotos — disse Shann.

Então Robby e eu acendemos cigarros e, antes do segundo trago, Robby se agachou sobre a roda da escotilha e começou a forçá-la no sentido anti-horário.

Assim que o volante girou um quarto de volta, ouvimos um zumbido abafado vindo lá de baixo.

— Hum — falei. — Robby? Esse lugar está cheio de insetos ou uma merda assim.

— Ele não está cheio de insetos — argumentou Robby.

— Se estiver cheio de insetos, vou ficar brava — avisou Shann.

— Se for o tipo de inseto que estou imaginando, você não vai ficar brava por muito tempo — comentei.

— Ele está pensando em borboletas que cagam cupcakes de framboesa na sua cabeça — disse Robby.

Aquilo me deixou com vontade de comer cupcakes.

— Não — discordei. — Não estou pensando em borboletas que cagam cupcakes de framboesa, Rob.

Robby sabia o tipo de inseto em que eu estava pensando, mas ele não estava com medo.

Enfim, a roda parou de girar. A escotilha se soltou, Robby levantou e a abriu.

O buraco tinha um metro de diâmetro. Assim que a portinhola se ergueu, o interior da câmara abaixo dela se iluminou com uma luz verde fluorescente e tremeluzente. O zumbido ficou mais alto, mas já estava claro que ele era produzido por algum gerador de energia, e não por um louva-a-deus de um metro e oitenta de altura devorador de homens.

Eu dei um trago, soltei a fumaça e disse:
— Acesso para o telhado, Rob.

A GAROTA POPULAR

EXATAMENTE NO MESMO MOMENTO em que Robby Brees abriu a escotilha do silo dos McKeon, minha mãe e meu pai estavam ao lado da cama de Eric Christopher Szerba. Era quase meia-noite na Alemanha. Meus pais tentavam convencer Eric a falar com o irmão mais novo no celular. Meu pai segurava o telefone acima da cama de Eric como se fosse um passarinho frágil. Eric não queria falar com o irmão mais novo. Eric Christopher Szerba disse ao meu pai para sair daquela droga de quarto e deixá-lo sozinho.

Naquele momento, meu celular estava na mesa de centro de nossa sala ao lado de uma embalagem vazia de Cup Noodles sabor frango.

Eu sempre esquecia de levar o telefone comigo.

Naquele momento, Grant Wallace caiu em seu banheiro enquanto mijava. Grant bateu com a cabeça na beira do vaso. Não era um mictório Rouxinol. A cabeça de Grant Wallace se partiu ao meio. Não importava. Grant estava eclodindo. O inseto que saiu de Grant era jovem e poderoso. Estava com fome e também cheio de tesão. Ele precisava comer e precisava encontrar Eileen Pope. Ele conseguia sentir o cheiro de Eileen Pope e ouvi-la, embora ela estivesse a mais de cinco quilômetros da casa de Wallace.

Grant Wallace fez uma grande lambança em seu banheiro. Não sobrou um canto livre de manchas de sangue quando ele terminou de comer. Mas Grant ainda estava com fome, e ele também queria trepar e fazer mais insetos com Eileen Pope.

Quando saiu do banheiro, Grant Wallace devorou seus dois irmãos mais novos, sua mãe e o yorkshire terrier da família, que se chamava Butterfly.

O pai de Grant Wallace, Will Wallace, ainda não tinha chegado em casa do trabalho, que ficava em Waterloo.

Will Wallace era o dono da Loja de Armas e Campo de Tiro Fogo no Will.

Naquele momento, Will Wallace estava vendendo uma Ruger de nove milímetros no balcão para um bêbado que dizia querer usá-la para atirar no gato da ex-mulher.

Will Wallace tinha uma placa atrás do balcão. A placa trazia os dois lemas favoritos de Will. Ela dizia o seguinte:

ARMA NÃO É BRINQUEDO
NÃO ACEITAMOS DEVOLUÇÕES

Os três garotos da Hoover com quem Grant Wallace gostava de andar eclodiram com diferença de poucos minutos entre eles. Assim como Grant, Travis Pope e Jack Faminto, eles só queriam fazer duas coisas.

Naquele momento, havia sete insetos em Ealing, Iowa: Eileen Pope e seus seis pretendentes — Jack Faminto, Travis Pope, Grant Wallace, Tyler Jacobson, Devin Stoddard e Roger Baird. Eileen Pope se tornaria uma garota muito popular.

A agenda social de Eileen estava cheia.

Naquele momento, o vice-presidente dos Estados Unidos da América estava se submetendo ao seu autoexame testicular mensal. Suas bolas pareciam estar ótimas. O vice-presidente dos Estados Unidos da América chamava suas bolas de Theodore e Franklin. Theodore era um pouco maior que Franklin.

E Johnny McKeon estava em seu escritório. Ele observava o pequeno bebê de duas cabeças dentro do vidro. Johnny tinha visto o bebê se mexer antes. Naquele momento, o menino de duas cabeças estava mexendo as mãos: abrindo e fechando, abrindo e fechando, abrindo e fechando.

Johnny disse:

— Isso não é o máximo?

Johnny achava que a coisa dentro do vidro era algum tipo de brinquedo bizarro.

Meninos de Duas Cabeças não são brinquedos.

Ollie Jungfrau estava deitado na cama. Ele morava em um apartamento de quarto e sala no Del Vista Arms. Ele precisou tirar o dia de folga depois do incidente estressante com Wayne DeLong que ocorreu no estacionamento da Selva de Gafanhotos na noite anterior. Ollie Jungfrau achou que se masturbar o faria se sentir melhor. Ele também ligou e pediu pizza na Pizzaria do Satan.

Os fregueses da Grilo Embriagado precisavam chamar Johnny McKeon na loja de artigos usados quando queriam comprar bebida, cigarros ou camisinhas. Johnny não se importava. Johnny McKeon nunca se importava muito com nada.

Louis, o cozinheiro chinês da Casa da Panqueca, cujo nome verdadeiro era Ah Wong Sing, encontrou Connie Brees no beco na Selva de Gafanhotos.

Os dois voltaram juntos para o Del Vista Arms.

Exatamente no mesmo momento em que a escotilha no silo dos McKeon se abriu para o céu de Iowa pela primeira vez em quarenta anos, Connie Brees estava se certificando de que o filho, Robert Brees Jr., não estava em casa. Ela foi ao quarto de Robby procurando uma caixa de camisinhas que havia encontrado no chão na tarde de terça-feira enquanto Robby estava na escola. Ah Wong Sing estava sentado, nu, esperando Connie Brees no quarto dela, que ficava bem ao lado do banheiro onde eu havia vomitado e tomado uma ducha na terça-feira de manhã.

E, no exato momento em que Robby abriu a escotilha antiga e a câmara subterrânea abaixo de nossos pés se iluminou com uma luz verde fluorescente e pálida, eu estava pensando em fazer um *ménage à trois* subterrâneo com Shann e Robby, e me senti corar de suor, vergonha e tesão.

Eu também queria comer cupcakes.

BEM-VINDOS AO ÉDEN

SE IR DE CARRO até o Tally-Ho! com Robby Brees foi como fazer uma viagem ao futuro, então descer nas entranhas do silo dos McKeon com ele foi como voltar no tempo.

Primeiro, Robby desceu pela escada de aço tubular. Shann e eu o seguimos. Quando Robby chegou no meio do caminho até o chão, que ficava cinco metros abaixo da abertura da escotilha, um som de boas-vindas nos recebeu no interior do silo.

Era a gravação de uma voz feminina muito estéril e anestesiada que dizia:

Bem-vindos ao Éden. Favor fechar a escotilha após entrar.

Bem-vindos ao Éden. Favor fechar a escotilha após entrar.

Bem-vindos ao Éden. Favor fechar a escotilha após entrar.

— Hum — falei. A mensagem ficava repetindo sem qualquer indicação de que iria parar. Eu acrescentei: — Shann, se este lugar estiver cheio de sêmen, eu vou embora.

O lugar realmente continha sêmen. Nós descobrimos isso depois.

Vocês vão ver.

— É como se fossem nossas mães falando ou algo assim — disse Shann.
— Aposto que essa mulher não vai calar a boca até um de nós fechar a porta da frente.

Shann apontou para a escotilha no alto e o círculo de céu azul de Iowa acima de nossas cabeças.

Shann era muito inteligente.

Eu achei que era como se fossem nossas mães falando porque a voz da gravação parecia a das duas Connies, Connie Brees e Connie Szerba, quando elas estavam flutuando em pequenos caiaques azuis.

Bem-vindos ao Éden. Favor fechar a escotilha após entrar.

Bem-vindos ao Éden. Favor fechar a escotilha após entrar.

— Tudo bem — comentei. — Não aguento mais isso.

Mas antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, Robby tinha voltado ao topo da escada e estava fechando a escotilha acima de nós.

O anúncio de boas-vindas parou.

Robby olhou para nós do alto da escada.

— Hum — falei. — E se a gente não conseguir sair, Rob, e essa câmara de repente começar a se encher de sêmen ou alguma merda assim?

Robby disse:

— Éden Cinco precisa da gente, Porco-Espinho.

— Hum — repeti.

— Você se preocupa demais — disse Robby.

Aquilo era a pura verdade.

Todo mundo sabia que eu me preocupava demais.

Distraidamente, brinquei com a medalha de São Kazimierz pendurada na corrente em torno do meu pescoço.

ALGUM TIPO DE SINAL

O SINO DE MERGULHO se revelou muito mais do que um sino de mergulho. Era um bunker fortificado, um cenário preservado (como a arte em cavernas do Paleolítico) da paranoia que dominou Ealing, Iowa, e os Estados Unidos durante a Guerra Fria.

Tinha tudo do mundo inteiro lá embaixo.

Vocês vão ver.

O primeiro salão abaixo da escotilha era uma espécie de vestiário. Havia bancos ao longo de toda a parede circular, com ganchos para casacos e chapéus posicionados a distâncias regulares acima deles. A parede era pintada em um tom de cinza industrial em que letras maiúsculas amarelas e grossas diziam:

COMPLEXO DE INFESTAÇÃO DAS INDÚSTRIAS MCKEON
PROJETO ÉDEN – EALING, IOWA

Havia um par de sapatos oxford gastos embaixo de um dos bancos, além de um anoraque azul-claro pendurado em um cabide. Também havia um conjunto de três daqueles mesmos flamingos de plástico rosa com hastes de metal saindo da bunda. As hastes de metal se encaixavam perfeitamente em orifícios perfurados nos bancos. Os flamingos estavam com os bicos virados para o centro do vestiário, como se estivessem nos observando.

— Isso deve ser alguma espécie de abrigo nuclear — disse Rob.

— Não — rebati. — Isso tem alguma coisa a ver com aquela merda que Tyler derrubou no chão.

Shann disse:

— Do que vocês estão falando?

— Vamos ver o que tem aqui embaixo — sugeri.

Uma única porta de metal saía do cômodo de entrada. O fato de aquela porta também ter um mecanismo de vedação me convenceu de que o silo tinha sido criado para algum desastre. Um observador razoável poderia chegar à conclusão de que o Dr. Grady McKeon havia preparado a estrutura, como fizeram muitos americanos nos anos 1960, como uma espécie de abrigo antibomba para sua família. Contudo, depois do que eu tinha visto no escritório de Johnny McKeon na loja de artigos usados, eu sabia que havia muito mais coisas envolvidas naquele silo e nas criações de Grady McKeon.

Eu tinha certeza de que Robby também achava isso.

Nenhum de nós poderia saber disso na época, mas Robby Brees e a mensagem de sangue que ele havia deixado no asfalto da Selva de Gafanhotos tinham tanto a ver com o fim do mundo quanto já teve o velho e falecido Dr. Grady McKeon.

Passamos pela primeira porta.

Robby disse:

— Acho que você deveria manter este lugar em segredo dos seus pais, Shann, para que a gente possa fazer a maior festa aqui embaixo.

— *Tipo uma orgia* — sussurrei.

— Hum — disse Shann.

— Nós podíamos governar o mundo deste lugar — sugeriu Robby.

Eu, na verdade, não estava escutando o que eles diziam. Estava nervoso por estar ali, e estava me comunicando em silêncio com São Kazimierz, perguntando se ele podia me fazer parar de pensar em uma orgia.

No início dos anos 1970, época em que entraram pelas últimas vezes no silo dos McKeon, que tecnicamente se chamava Projeto Éden, os cientistas e funcionários das Indústrias McKeon realmente desciam até lá para fazer orgias.

Nós descobriríamos isso mais tarde, para o constrangimento de Shann.

A porta conduzia a um amplo corredor azulejado com armários, que se abria à direita para um grande chuveiro coletivo; e à esquerda para pias e espelhos com molduras reluzentes de aço inoxidável e piso e paredes limpos como os de um hospital. Eu entrei na área dos chuveiros. As duchas eram montadas como girassóis brotando da ponta de tubulações centrais que pareciam periscópios de submarinos antigos. Vinte pessoas podiam tomar banho ali ao mesmo tempo. Era óbvio que o lugar tinha sido projetado com a ideia de não segregar por gênero aqueles que tomavam banho ou trocavam de roupa.

Eu abri uma das torneiras.

A água saiu quente.

O lugar comportava um exército, e também estava pronto para uso.

— Pena que eu já tomei banho hoje — comentei.

— É. Que pena — disse Shann.

Ela estava brincando.

Na câmara dos chuveiros, no canto onde havia bancos de madeira polidos e prateleiras para toalhas e roupas, havia três cubículos com portas e vasos sanitários, além de um imenso mictório coletivo de porcelana com seis metros de largura. Examinei o topo do mictório. Havia desenhos de pássaros com fitas penduradas em seus bicos felizes. O mictório era um Rouxinol antigo.

Eu sabia que teria que mijar naquele troço.

Meu destino me chamava.

Mais uma vez, todas as estradas se cruzavam aos meus pés. Esfreguei a medalha de São Kazimierz no peito e agradei ao garoto virgem.

Robby tinha aberto alguns armários. Todos continham conjuntos idênticos de suprimentos: toalhas limpas e kits de banho com sabão, lâminas de barbear, macacões de nylon azul e brancos que fechavam com zíper na frente, pacotes lacrados com meias e boinas, tudo bordado com a logo do Departamento de Laboratórios Científicos das Indústrias McKeon em fios dourados e azuis.

Todos os macacões eram numerados e tinham *Éden* escrito no peito.

— Será que a gente tem que mudar de roupa ou alguma merda assim? — perguntou Robby.

— Se tiver um aí escrito *Éden Cinco* eu vou vestir — decidi.

Robby agitou um cabide como se fosse um estandarte à minha frente. No lado esquerdo do peito do macacão estava escrito:

ÉDEN

5

— Isso parece um sinal ou uma merda assim — falei.

“GIMME SHELTER”

O UNIFORME ME DEIXOU parecendo um vendedor de cachorro-quente e sorvete de casquinha.

Fiquei só de cueca e logo vesti o macacão. Shann e Robby cederam ao desejo de seguir a onda. No fundo, todos os adolescentes querem ser exatamente iguais, então por que eles não cederiam?

Shann e Robby também vestiram os macacões.

Ver Shann e Robby tirarem a roupa me fez perceber que macacões de nylon também não eram muito bons para esconder ereções. São Kazimierz me manteve forte.

Eu queria um cigarro.

Shann Collins era *Éden 49*.

Robby Brees virou *Éden 133*.

Vestimos nossas meias e bonés brancos. Agora éramos um exército.

Havia muitos armários lá embaixo, suficientes para encontrar roupas que coubessem perfeitamente em nós. Suficientes para durar para sempre.

— Vocês acham que este lugar pode explodir ou alguma merda assim se a gente fumar aqui embaixo? — perguntei.

Robby disse:

— Eu estava me perguntando a mesma coisa, Porco-Espinho.
O lugar não explodiu.

Percebi que havia cinzeiros embutidos na parede do vestiário. Todo mundo fumava nos anos 1970, especialmente em Iowa. Quem não fumaria se estivesse trancado embaixo da terra e o mundo acima estivesse mergulhando em um esgoto cósmico?

Caminhando em silêncio pelo chão frio e liso com nossas meias brancas novinhas do Departamento de Laboratórios Científicos das Indústrias McKeon, saímos do vestiário pela única porta estanque na extremidade oposta à entrada.

Saímos em um auditório enorme com fileiras de assentos estofados que davam para um pódio e lousas de correr na frente da sala.

Parecia um salão de conferências.

A área do palco estava iluminada por refletores que apontavam para o púlpito, de forma que a atenção do público se concentrasse na pessoa que estivesse lá em cima dizendo a eles todas as merdas importantes que precisavam saber.

Em uma das lousas atrás do pódio do palestrante, havia um diagrama desenhado.

Ele era assim:

412E → SANGUE HUMANO HOSPEDEIRO →
ESTÁGIO LARVAL → METAMORFOSE →
REPRODUÇÃO SEXUAL → INFESTAÇÃO

Era como uma aula de biologia com girinos.

Eu odiava biologia e, até onde sabia, girinos não eram capazes de destruir o mundo. Mas também eu nunca prestava atenção às aulas de biologia a menos que a professora estivesse falando de reprodução sexual humana.

Nossa professora de biologia do nono ano na Escola Luterana Curtis Crane se chamava Sra. Edna Fitzmaurice. Ela tinha bigode e não tolerava nenhum risinho nervoso quando dizia palavras como *pênis* ou *vagina*. A principal função de Edna Fitzmaurice na Escola Luterana Curtis Crane era deixar os adolescentes com um medo mórbido de sexo.

Lição de história: ao longo dos séculos na história da educação, apesar do esforço corajoso de intermináveis exércitos de pedagogos, a tentativa de deixar os adolescentes com medo de sexo se revelou uma batalha perdida.

O auditório tinha várias portas que saíam de suas três paredes curvas. Havia muita coisa para explorarmos. O lugar era pelo menos cinco vezes maior do que a casa dos McKeon onde Shann morava, talvez mais do que isso.

A primeira porta que abrimos nos levou a uma espécie de lounge. Parecia o cenário de uma comédia de TV dos anos 1960, com sofás baixos de espaldar reto equilibrados sobre pés finos de madeira, carpetes felpudos e mesas de centro em formato de feijão. Em uma das mesinhas havia algumas revistas. Estavam lisinhas, sem poeira, praticamente intocadas. O ano mais recente entre as revistas era 1971.

Havia fotos emolduradas nas paredes: uma imagem da bandeira dos Estados Unidos fincada na superfície da lua, os rostos dos presidentes esculpidos no Monte Rushmore, uma manada de gado da raça longhorn, um cenário que parecia os milharais de Iowa, Willie Stargell rebatendo na final da World Series de beisebol de 1971 e uma foto em preto e branco do presidente Richard Nixon com a família, tirada na Casa Branca na frente de uma lareira, além de uma pintura do presidente George Washington. Era tudo o que fazia valer a pena viver nos Estados Unidos em uma caverna subterrânea, enquanto o resto do mundo afundava completamente na merda.

E assim foi nosso dia. Você sabe o que quero dizer.

E havia uma máquina de cigarros na sala.

Descobri-la exerceu um impacto quase religioso sobre mim e Robby.

— Obrigado, São Kazimierz — falei.

Tirei a medalha de dentro do macacão e beijei o santo.

— Você vai para o inferno por virar católico — disse Robby.

Robby puxou uma das alavancas da máquina. Dela saiu um maço vermelho de cigarros Pall Mall e uma caixa de fósforos com um anúncio sobre como você podia entrar para uma escola de artes desenhando um cervo bonitinho chamado Winky.

Não era preciso inserir dinheiro na máquina para que ela liberasse cigarros.

Aquilo era um milagre.

Robby disse:

— Obrigado, São Kazimierz.

Sentamos em um dos sofás e fumamos.

Os cigarros Pall Mall estavam um pouco velhos, mas eram de graça.

Eu tinha lido em algum lugar que os fabricantes de cigarros nos anos 1970 também misturavam salitre no tabaco. Eu me perguntei se os americanos tiveram menos ereções durante os anos 1970 do que em outras décadas. Ao que parecia, o salitre do meu Pall Mall não estava fazendo muito efeito sobre o meu pênis. Eu sentei ao lado de Shann e esfreguei minha perna na dela. A sensação dos macacões era muito boa. Eu botei minha mão em seu pescoço. Nós nos beijamos, e eu enfiei a língua dentro da boca de Shann.

Eu achava que Robby beijava melhor do que eu. Tentei beijar Shann como Robby a beijaria.

Robby nos observava. Ele não estava nem um pouco incomodado pelo que eu estava fazendo com Shann.

Ele levantou do sofá e foi até a parede, onde uma prateleira embutida circundava um velho tape deck de rolo. Havia um grande rolo de fita encaixado nos cabeçotes de reprodução da máquina.

Robby apertou o botão de ligar, e os dois mostradores no pé da máquina piscaram com uma luz amarela. Neles, havia agulhas vermelhas finas como pelos de crina de cavalo, e elas se moveram no interior de cada display. Robby girou um botão. Que fez um estalido baixo, e as engrenagens se moveram e giraram.

Começou a tocar música a toda a nossa volta.

Era uma gravação do disco dos Rolling Stones *Let It Bleed*.

Robby disse:

— Ah, agora sim!

Robby dançava e fumava.

Ele dançava muito bem. Foi como quando ele me ensinou a dançar em seu quarto no Del Vista Arms para que eu pudesse chamar a atenção de Shann quando estávamos no sétimo ano. Eu queria dançar com Robby, também.

Robby disse:

— Não quero sair do silo de Shann nunca mais.

Mick Jagger cantou “Gimme Shelter”.

A história mostra que “Gimme Shelter” é uma das melhores músicas já gravadas. Ela soava linda lá embaixo no silo de Shann. Robby dançava de macacão, cujo zíper ele tinha aberto até abaixo do umbigo, deixando aparecer sua cueca colorida que não era xadrez nem de Iowa. Elas tinham

desenhos de bolas redondas de sorvete colorido derretendo em casquinhas com padrão de losangos em gotas sugestivas.

Robby sempre tinha as cuecas mais maneiras.

Ele agitava as mãos e inclinava o cigarro ousadamente nos lábios.

Oh, a storm is threatening

My very life today.

Levantei e dancei com Robby de macacão e meia sobre o carpete grosso e felpudo do lounge. Tudo estava ótimo. Shann se juntou a nós. Nós três dançamos juntos. Aquilo me deixou com muito tesão.

Eu disse:

— Não quero sair do silo de Shann nunca mais.

Shann sorriu e dançou entre nós dois.

Nós estávamos no Éden.

O Éden precisava de nós.

Todas as estradas se cruzavam em nossa pista de dança.

O DESFILE DE DRAGÕES

NÓS DANÇAMOS E DANÇAMOS.

A fita tocou. Ficamos suados, hipnotizados e nos jogamos na música que jorrava por todos os lados sobre nós.

Eu disse:

— Amo você, Shann. Amo você, Robby.

O que eu ia fazer?

Shann e Robby sorriram para mim.

Shann passou os dedos pelo meu cabelo molhado. Robby tocou na minha mão.

Nós dançamos e dançamos.

E enquanto eu dançava com Robby e Shann embaixo da terra, coisas aconteciam na superfície.

Ingrid, minha golden retriever que não conseguia latir, estava exausta de ficar do lado de fora e me ver cortar a grama e catar bosta de cachorro o dia inteiro. Ela estava encolhida embaixo da minha mesa, dormindo satisfeita, me esperando voltar para casa.

Ah Wong Sing e Connie Brees estavam deitados nus na cama. Eles tinham feito sexo três vezes em uma hora.

Ah Wong Sing era um verdadeiro dínamo para um cara tão quieto.

O cozinheiro da Casa da Panqueca e Connie Brees fumaram um cigarro de maconha que Ah Wong Sing tinha apertado antes de chegar ao Del Vista Arms. Eles também tinham usado a última camisinha que Connie Brees encontrara no chão do quarto de Robby.

A família de Minnesota que tinha chegado a Ealing no sábado anterior em sua viagem inspirada em assassinatos em série estava voltando para casa em Minneapolis. Eles compraram uma pizza Stanpreme para viagem e fizeram um piquenique nos bancos do Parque Amelia Jenks Bloomer.

Não foi uma boa ideia.

Ninguém em Ealing, Iowa, ia ao Parque Amelia Jenks Bloomer.

Alguns parques ficam inexplicavelmente assim: sem uso, como se houvesse um consenso silencioso de que pudesse haver alguma nuvem tóxica pairando sobre eles. Na verdade, o Parque Amelia Jenks Bloomer foi construído sobre o terreno de uma antiga indústria de fresagem química. Os tanques haviam se deteriorado, e metais venenosos vazaram para o solo. Beber água das fontes naturais do Parque Amelia Jenks Bloomer era só um pouco mais seguro do que beber direto de uma mangueira de combustível no posto de gasolina da Kimber Drive. Ninguém sabia nada sobre isso. Os gêmeos beberam e beberam das fontes do Parque Amelia Jenks Bloomer em Ealing, Iowa. Eles encheram pistolas de água várias vezes com a água potável do Parque Amelia Jenks Bloomer.

Isso não importava.

A família estava sentada e olhava para suas memórias no guia de viagem. Antes de o Parque Amelia Jenks Bloomer se tornar um parque abandonado, o estacionamento da United Chem-Etch Incorporated ocupava o exato local onde ficavam as mesas de piquenique. Em 1969, a cabeça decapitada de um homem branco adulto foi descoberta naquele estacionamento. Era um lugar perfeito para um piquenique de família. O pai observou como a linguça da pizza Stanpreme que eles tinham comprado era fresca.

Os garotos da Hoover — pelo menos os insetos que tinham eclodido dos garotos da Hoover —, Tyler, Devin e Roger, corriam com espasmos bruscos e estalidos mecânicos pelo campo de beisebol infantil ao lado da área de piquenique.

Eles zumbiam audivelmente de tédio e fome.

Um dos irmãos gêmeos os viu. Ele disse:

— Vejam, um desfile de dragões!

Não era um desfile de dragões.

Louva-a-deus são muito rápidos. Não que os insetos que eclodiram dos garotos da Hoover e das outras vítimas da Cepa de Praga IM 412E Contida fossem exatamente louva-a-deus, mas sua fisiologia era bem parecida, com as cabeças triangulares e os braços trisegmentados com farpas afiadas. E eles também tinham um metro e oitenta de altura.

Em uma luta, um louva-a-deus de um metro e oitenta de altura pode derrotar com facilidade um urso de um metro e oitenta de altura. Eles eram como ursos com blindagem de aço e braços rápidos como raios equipados com várias fileiras de dentes de tubarão.

Os insetos que eclodiram das vítimas da Cepa de Praga IM 412E Contida gostavam de capturar suas presas pela cabeça, e então as devoravam ainda se debatendo direto até os sapatos.

O desfile de dragões fez um banquete sangrento no Parque Amelia Jenks Bloomer.

Eles foram muito rápidos.

Comeram até o que tinha sobrado da pizza Stanpreme da família de turistas antes de dispararem em busca de mais comida e também de Eileen Pope, a quem eles podiam ouvir, cheirar e com quem queriam transar.

E enquanto nós dançávamos sem parar, minha mãe tomava outro de seus pequenos caiaques azuis. Ela tinha voltado ao hotel com meu pai. Meu pai estava deixando uma mensagem na caixa postal do meu celular exatamente no mesmo momento em que Shann e Robby estavam dançando comigo.

A mensagem era a seguinte:

“Oi, Austin. Estávamos com Eric, e ele parece bem. Muito bem. Ele vai ficar bem, filho, então não precisa se preocupar com seu irmão mais velho. Ele é um herói. Ligue para mim e me diga como estão indo as coisas na escola. Espero que esteja se alimentando bem, e não apenas de Cup Noodles e merdas assim. E não se esqueça de soltar a Ingrid. Amo você, filho.”

O happy hour estava começando no Tally-Ho!.

As quintas-feiras lá eram bons dias para homens que queriam conhecer novos homens ousados o bastante para finalmente tentar a sorte no Tally-Ho!. Will Wallace estava bebendo uma cerveja no bar enquanto Shann passava os dedos pelo meu cabelo e Robby esfregava suavemente sua mão em minha mão suada.

Will Wallace não era homossexual. O chope no Tally-Ho! custava setenta centavos no happy hour de quinta-feira. Will Wallace também gostava da atenção que recebia dos homens que apareciam no único bar gay de Waterloo, Iowa, pela primeira vez.

Will Wallace não tinha ideia de que estava passando sua última noite na Terra em um bar para homossexuais.

Ao mesmo tempo que Will Wallace terminava seu segundo chope no Tally-Ho!, o Sr. Duane Coventry, nosso professor de química da Escola Luterana Curtis Crane, estava batendo na porta da frente da loja de bebidas Grilo Embriagado. Ele precisava de uma garrafa de uísque. Duane era solteiro e bebia muito. Ninguém abriu a porta para ele, por isso ele voltou para o carro e dirigiu até o Hy-Vee, onde Connie Szerba trabalhava como contadora.

No Hy-Vee, Duane Coventry comprou duas caixas de anti-histamínicos para sua alergia. Ele não tinha alergia. O professor de química da Escola Luterana Curtis Crane era um verdadeiro dínamo quando se tratava de produzir metanfetamina em sua cozinha. Duane Coventry era muito solitário. Ele deveria tentar frequentar o Tally-Ho!.

Jack Faminto, cujo nome verdadeiro era Charles R. Hoofard, mas que agora era um inseto verde enorme que parecia um louva-a-deus, e Travis Pope, que também era um inseto verde enorme que parecia um louva-a-deus, estavam de volta ao beco da Selva de Gafanhotos. Estavam disputando entre si para acasalar com a mulher de Travis, Eileen Pope, que também era um inseto verde enorme que parecia um louva-a-deus.

Não fazia diferença. Travis já a havia inseminado umas dez vezes naquele dia, e naquele momento estava com mais fome do que tesão. Ainda havia Eileen Pope para todo mundo.

Eileen Pope estava prestes a se tornar rainha de um mundo novo.

Uma vez que seus seis pretendentes a encontrassem, eles fertilizariam coletivamente milhões de ovos no interior do ventre germinante de Eileen Pope. Ela precisaria de vários dias para produzir e depositar seus ovos, mas depois, em apenas algumas horas, haveria mais filhotes daquelas primeiras sete vítimas da Cepa de Praga IM 412E Contida do que o número de habitantes de todo o estado de Iowa.

O mundo teria apenas cerca de sete dias antes que os insetos começassem a dominá-lo.

E insetos só querem duas coisas.

Por isso Travis Pope se submeteu a Jack Faminto e disparou pelo beco atrás do Shopping de Ealing.

Travis Pope foi caçar alguém para comer.

Jack Faminto se juntou a Eileen Pope enquanto ela se agarrava com quatro de suas patas ao sofá-cama imundo na Selva de Gafanhotos e zumbia com arrulhos satisfeitos e crepitantes como uma tomada em curto-circuito.

Dançamos até que a fita terminou de tocar e sua ponta começou a girar solta no rolo em um *loop* anti-horário infinito.

Shann, Robby e eu estávamos encharcados de suor. Nós três caímos no carpete grosso e felpudo, ofegantes e com os olhos fixos no teto alto.

Shann disse:

— Vamos tentar achar algo que não seja água de chuveiro para beber.

Eu falei:

— Eu quero mijar no mictório do meu tataravô.

— Eu também — disse Robby.

A história às vezes dava voltas completas.

O rolo de fita não parava de girar.

SOPA EM LATAS DE TINTA

A NOME AMERICANO DE Andrzej Szczerba, aquele com consoantes trocadas e essas merdas, era Andrew Szerba. Andrzej Szczerba era meu bisavô. A mãe dele era Eva Nightingale, e seu pai era Krzys Szczerba, a quem os americanos rebatizaram de Christopher Szerba, fabricante de mictórios palacianos.

Robby e eu mijamos por toda a parede reluzente e receptiva do belo mictório de Krzys Szczerba.

— Este é o melhor mictório que eu já vi — comentei.

Robby olhava para o ponto na parede onde as mãos em oração estariam penduradas se ali fosse a Escola Luterana Curtis Crane.

— Muito confortável e nada opressivo — observou Robby.

— Se o ato de urinar tivesse autoestima, sem dúvida se sentiria melhor consigo mesmo depois de ocorrer em um local tão esplêndido — falei.

— Com toda a certeza, esta é a coisa mais legal em que eu já mijei, talvez com exceção da Harley-Davidson nova do marido da Sheila — disse Robby.

Sheila era irmã de Robby e morava em Cedar Falls.

— Você mijou na Harley-Davidson do seu cunhado? — perguntei.

— Ele não era meu cunhado na época, mas, sim, Porco-Espinho, eu mijei no banco inteiro — explicou Robby.

— Por quê? — perguntei.

— Não sei muito bem — disse Robby. — Alguma coisa dentro de mim me disse que aquela moto precisava de uma boa mijada.

— Bem, eu nunca mijei em nada que tenha sido especialmente agradável. Exceto, talvez, no gramado do campo de futebol americano da Escola Luterana Curtis Crane — contei.

— Você *mijou* na nossa escola? — perguntou Robby.

— Mijei — disse eu. Depois perguntei: — Robby, a gente já terminou de falar sobre mijo?

— Com certeza a gente já disse tudo o que havia para ser dito, Austin — respondeu Robby.

— A gente provavelmente deveria apertar as mãos — observei.

— Me encontre perto da saboneteira — respondeu Robby.

Andrzej tinha dezessete anos quando saiu de casa, a mesma idade que tinha seu pai quando Krzys Szczerba se viu completamente sozinho no meio do oceano Atlântico. A Grande Depressão tinha chegado aos Estados Unidos, e os mictórios, mesmo os bonitos e com nomes sonoros, não estavam mais em alta.

Enquanto crescia, Andrew (Andrzej) sempre sentiu que havia algo silencioso e perturbador que o fazia diferente dos outros rapazes.

Você sabe o que quero dizer.

O filho de Krzys Szczerba estava sempre com medo e confuso, exatamente como outro Andrzej que viria a ser seu bisneto. Desde que ele nasceu, seu pai, Krzys, só falava com o filho em polonês.

Quando tinha treze anos, Andrzej Szczerba resgatou um passarinho machucado. Isso deve ter sido mais ou menos quando ele estava no sétimo ano na escola em Minnesota, onde seu pai administrava a empresa Louças Sanitárias Rouxinol.

A história mostra que acontece muita merda com garotos poloneses quando estão no sétimo ano.

Não sei por quê, mas esse não é meu trabalho. Meu trabalho é dizer *o quê*. As merdas que acontecem com a gente, garotos poloneses, têm relação direta com as nossas olheiras.

O pássaro encontrado por Andrzej era um estorninho europeu. Andrzej cuidou dele e criou o passarinho como animal de estimação. Ele chamou a ave de Baby.

Quando Andrzej tinha dezessete anos e saiu de casa, Baby sabia falar. Baby falava inglês tão bem quanto polonês, o que desagradava Eva Nightingale. Para ela, Krzys e o filho costumavam conspirar contra sua vontade e tramavam naquela língua de anarquistas deles. Ela achava que o passarinho também estava na conspiração polonesa.

Se Baby entendia ou não as coisas que dizia sempre foi algo a ser decidido pela pessoa que estivesse ouvindo Baby falar.

Andrzej amava Baby. Ele nunca mantinha o pássaro em uma gaiola. Na verdade, Andrzej tentava encorajar o passarinho a voar por aí e encontrar uma parceira apropriada ou um lugar mais natural para viver, mas Baby não abandonava Andrzej. Baby preferia ficar o tempo todo dentro do casaco de Andrzej ou empoleirado perto de seu colarinho.

As pessoas no sul de Minnesota, onde Andrzej foi criado, achavam que ele era louco. Afinal, você deve ser louco se um passarinho ama você.

Em 1933, quando Andrzej tinha dezessete anos, ele e Baby se viram bem no centro de um vasto continente. Eles estavam em algum ponto no estado de Iowa, em um lugar chamado Boatman's Bluff. Andrzej, como muitos jovens durante a Grande Depressão, era mais ou menos um andarilho.

Também não sei por que as pessoas dizem *mais ou menos*. Tudo é *mais ou menos* qualquer coisa que você possa pensar. Iowa é *mais ou menos* como a Riviera Francesa. A Riviera Francesa tem o maior consumo de presunto per capita do mundo, *mais ou menos*.

Isso é mais ou menos a verdade.

Andrzej era um andarilho.

Em uma manhã gelada de abril, Andrzej foi ao leilão de execução da hipoteca de uma fazenda. Às vezes, ele ia a esses leilões só para ficar no meio das pessoas, onde conseguia se manter aquecido. Muitas vezes, quando os frequentadores dos leilões viam como Andrzej era jovem e como seu rosto era bonito, eles convidavam Andrzej para suas casas, lhe davam comida e permitiam que tomasse um banho quente ou dormisse um pouco em algum local em suas propriedades.

Era natural que pessoas de bom coração sentissem uma espécie de tristeza ou obrigação quando olhavam para o jovem Andrzej, tão sozinho e desamparado. Ele parecia um anjo, ou um passarinho ferido.

Talvez fosse porque as pessoas também eram atraídas pelo estranho passarinho falante que ficava dentro da gola de Andrzej, aninhado contra o pescoço do rapaz, que era da cor de milho de canjica.

Era essa bondade que as pessoas às vezes demonstravam com Andrzej que o rapaz procurava naquela manhã de abril no leilão de execução da hipoteca de uma fazenda. Andrzej estava com muita fome, e o solo da fazenda morta estava congelado com sulcos negros tão profundos que machucou seus pés quando ele caminhou pela multidão.

Andrew encontrou outro andarilho em meio às pessoas no leilão: um garoto de dezenove anos chamado Herman Weinbach, de Michigan. O cabelo liso de Herman Weinbach, que era da cor de molho ferrugem, caía sobre um de seus olhos. Sua pele era da cor de broa de milho.

Herman Weinbach tinha sido membro do Partido Comunista Americano, mas abandonara a atividade política por causa da fome, explicou. As pessoas estavam deixando o Partido Comunista Americano no início dos anos 1930, e Herman simplesmente não acreditava que as coisas iriam mudar, quer estivessem destinadas a isso, como dizia Karl Marx, ou não.

Herman Weinbach também era homossexual, mas ninguém sabia nada sobre isso.

Quando Herman Weinbach viu Andrzej Szczerba no leilão, perguntou se Andrzej era judeu. Andrzej respondeu que não, que era católico, e Herman disse que esse seria seu próximo palpite, depois de quacre.

Herman Weinbach era judeu, mas ninguém tampouco sabia nada sobre isso. Ele disse a Andrzej que era ateu.

Andrzej Szczerba nunca tinha conhecido um ateu antes. Ao menos nunca conhecera ninguém corajoso o suficiente para dizer que era ateu. Só a ideia de negar a Deus assustava Andrzej, que, como eu, costumava tocar uma medalha de São Kazimierz que sempre usava em uma corrente no pescoço.

Antes de morrer, Herman Weinbach disse a Andrzej Szczerba que ser um judeu comunista homossexual em Iowa em 1933 era como ser um estorninho europeu que falava duas línguas.

Andrzej não entendeu o que Herman quis dizer com aquilo, mas eu acho que ele queria dizer que era algo belo e maravilhoso.

Os rapazes encontraram um homem fumando na multidão. Ele deu um pouco de tabaco aos dois para que enrolassem cigarros. Cigarros eram uma boa maneira de não sentir tanta fome.

Naquele dia, Andrzej e Herman se tornaram grandes amigos e companheiros de viagem. Eles compartilhavam a fome, e Andrzej mostrou a Herman os truques que sabia fazer com Baby.

Naquele dia, os dois tiveram que ir a um sopão em Ames para comer uma refeição. Precisaram esperar que outros rapazes terminassem de comer para pegarem emprestado algo onde servir a sopa. Herman e Andrzej não tinham nada além de um passarinho falante chamado Baby.

Eles comeram em latas de tinta emprestadas.

Os rapazes que emprestaram as latas de tinta para eles esperaram que Herman Weinbach e Andrzej Szczerba terminassem suas refeições.

Você simplesmente não distribui suas latas de tinta vazias quando há sopa precisando de recipientes.

Essa é a verdade. Assim eram os Estados Unidos, e os Estados Unidos tinham muito pouco a oferecer a rapazes como Herman Weinbach e Andrzej Szczerba.

Herman disse que ia para a Califórnia. Ele contou a Andrzej sobre seu tio, um homem chamado Bruno Wojner, que tinha treinado cachorros para um número sensacional em um circo.

O título do número circense era *Os Incríveis e Maravilhosos Cães de Bruno*. Herman disse que seu tio, Bruno Wojner, ficaria muito animado com o passarinho falante de Andrzej, e talvez eles pudessem trabalhar no circo de Bruno na Califórnia.

Andrzej achava que a Califórnia seria muito melhor do que Iowa, mesmo que fosse apenas um lugar diferente para passar fome e frio, por isso os garotos resolveram tentar ir juntos para a Califórnia e encontrar o Tio Bruno e seus cães maravilhosos.

Eles fizeram um pacto para ficarem juntos: Herman, Andrzej e Baby.

É claro que Andrzej nunca conseguiu sair de Iowa, mas a ideia era boa e romântica. É disso que todos os garotos poloneses gostam quando têm dezessete anos: ideias românticas e um lugar aonde ir.

Andrzej e Herman tomaram sua sopa nas latas de tinta e guardaram metade do pão para mais tarde, e também para alimentar Baby.

Eram coisas assim que tornavam os Estados Unidos um grande país: romantismo, passarinhos falantes, comer refeições em latas de tinta e sair com seu amigo para conhecer o mundo.

Havia um mundo inteiro dentro do silo de Shann, que na verdade se chamava Éden.

O mundo estava congelado no tempo desde cerca de 1971.

Esse mundo incluía telefones conectados a cabos nas paredes. Os aparelhos eram feitos de plástico pesado. Os bocais eram conectados à maquinaria do telefone com cabos de borracha espiralados. Os telefones tinham discadores giratórios e botões quadrados iluminados ao longo da base com os nomes de outros ramais dentro do silo chamado Éden.

Nenhum de nós jamais tinha usado um telefone como aqueles que encontramos no silo.

Ouvi um sinal de discagem neles, e tenho certeza de que poderia ter descoberto como fazer uma ligação, mas, no final das contas, chegamos à conclusão de que não havia ninguém com quem nós gostaríamos de falar.

Descobrimos que os celulares de Shann e Robby não funcionavam dentro do silo.

Descobrimos o refeitório do Éden, uma peça de museu em aço inoxidável e fórmica.

Havia máquinas de refrigerante atrás dos bufês, que deviam produzir cubos de gelo por vários dias. A única marca de refrigerante que reconheci foi Coca-Cola. Também havia algo chamado Nesbitt's, que era laranja, e outra bebida cor de mijo chamada Vernors. As máquinas funcionavam. Os refrigerantes saíram gelados e com gás.

Era outro milagre.

Refrigerante grátis.

E havia um armazém cheio de comida. Toda a comida estava em caixas de papelão e armazenada em latas verdes com praticamente todas as misturas imagináveis que alguém poderia comer. Havia embalagens de papel-alumínio de manteiga de amendoim, e todas as caixas tinham pequenos maços de cigarros. Aquele era o mesmo tipo de coisa que os Estados Unidos mandavam para as tropas que lutavam no Vietnã, com cigarros e tudo.

— Obrigado, São Kazimierz — falei.

— Obrigado, São Kazimierz — repetiu Robby.

Shann não comprometia seu luteranismo vacilante, provavelmente porque ela não fumava.

— Robby e eu fomos à igreja no domingo — observei.

— Eu estava fazendo minha mudança — explicou Shann. — Ninguém espera que você vá à igreja quando está desencaixotando coisas.

Havia tantas caixas no Éden para abrimos que nunca mais teríamos que ir à igreja de novo.

OS DIREITOS DE REPRODUÇÃO DOS GIDEÕES

O QUARTO DE SHANN tinha uma porta que levava a uma parede de tijolos e outra que terminava no pé de uma escada. Era o que eu chamava de um calabouço para garotos poloneses com tesão.

Na verdade, o silo chamado Éden se estendia até embaixo da fundação da casa dos McKeon, e as portas no quarto de Shann foram seladas com tijolos quando as equipes de construção do projeto Éden terminaram a obra do abrigo subterrâneo do Dr. Grady McKeon.

Assim como os cientistas das Indústrias McKeon nos anos 1960 brincavam com universos autossustentáveis que aprisionavam em globos de vidro, o projeto da bolha maior em que eles trabalharam ficava embaixo do quarto de Shann e se estendia para além dos milharais abandonados no terreno do Dr. Grady McKeon.

Descobrimos o seguinte: o Éden tinha um ginásio, uma academia com piso de madeira polida, equipamentos de musculação, sauna e mais um chuveiro coletivo. Havia uma pequena lavanderia que humilhava a Lavanderia Self-Service Ealing em termos de limpeza e ausência de camisinhas usadas e guimbas de cigarros no chão.

Havia até um salão de beleza com aqueles secadores de cabelo antigos que pareciam máquinas de tortura cerebral de filmes de ficção científica, cadeiras de barbeiro e ferramentas para cortar cabelo.

Shann olhou para seu cabelo no espelho. Como sempre, estava lindo, da cor do trigo maduro no final de agosto. Sua pele era perfeita e imaculada.

Eu disse:

— Você quer que a gente faça alguma coisa no seu cabelo?

— Algum de vocês sabe alguma coisa sobre cortes? — perguntou Shann.

E Robby deu prosseguimento a nossa série de perguntas sem resposta ao dizer:

— Por que vocês dois estão olhando para mim? Acham natural que eu, tipo, goste de fazer penteados e essas merdas?

Mais tarde, encontramos os dormitórios de Éden. Como era de se esperar, não consegui andar pelos quartos com Shann e Robby sem sentir tesão e

culpa. Eu me perguntei se já havia rolado algum *ménage à trois* no silo de Shann.

Cada quarto tinha duas camas de casal. Eles tinham um estilo parecido com o de quartos de hotel, exceto por não terem banheiros, que ficavam todos no centro de um entroncamento de corredores que ligavam o complexo esportivo, o auditório e o salão de entrada onde trocamos nossas roupas de habitantes da superfície de Iowa.

Não havia muito espaço para argumentação na discussão que tivemos enquanto explorávamos os quartos: o Éden tinha sido construído para abrigar sobreviventes do fim do mundo. Nós podíamos dizer que a ideia era proteger alguns espécimes humanos no caso de uma guerra nuclear, mas Robby e eu sabíamos que o Éden provavelmente tinha sido construído com um propósito bem diferente.

A ideia de que Robby, Shann e eu estávamos em um tipo de complexo de procriação para a gênese de toda uma nova espécie de seres humanos era particularmente emocionante e atraente.

— Se a gente nunca saísse do Éden, nós três seríamos capazes de dar início a toda uma nova raça de habitantes subterrâneos de Iowa — falei.

— Hum.

Robby não parecia muito entusiasmado.

— Bem, se fosse preciso — argumentei. — Entre mim, você e Shann, nós teríamos diversidade genética suficiente para não gerar meninos de duas cabeças e merdas assim.

Eu de algum modo estava trabalhando em uma estratégia de longo prazo para um *ménage à trois*.

— Hum — repetiu Robby.

— Aposto que era isso que Grady McKeon tinha em mente com todo esse conceito do Éden: começar tudo de novo — opinou Shann.

— Todo mundo que saísse daqui só acabaria fazendo a mesma merda idiota que sempre aconteceu lá em cima — falei, apontando o polegar para o mundo acima de nós.

— A gente deveria deixar um exemplar de *A história do mundo, por Porco-Espinho* aqui embaixo, só para poupar a humanidade desse trabalho — disse Robby.

— Isso seria uma boa estratégia — concordei. — Quando vocês acham que podemos começar a trabalhar na produção de novos espécimes?

Shann revirou os olhos e empurrou meu peito.

Eu gostei disso.

Ela também mudou de assunto.

— Deve haver livros e coisas assim aqui embaixo — falou.

Robby pulou em uma das camas como se fosse uma cama elástica. Ele disse que todos deveríamos fazer isso, por isso eu e Shann nos juntamos a ele. Foi divertido. Nós fizemos uma bagunça naquele quarto. Ele era nosso, afinal. Ninguém podia nos impedir.

Puxei minha medalha de São Kazimierz, olhei para ele e pensei em como a vida do rapaz-santo devia ter sido difícil.

Saltei para o chão. Abri as gavetas das mesas de cabeceira da cama de casal na qual Shann e Robby estavam pulando. Havia uma Bíblia dos Gideões, mas, é claro, não havia camisinhas no Éden.

Todo quarto tinha uma Bíblia dos Gideões.

Grady McKeon devia ter feito algum acordo com esses gideões. Talvez tivesse prometido a eles que poderiam deixar algum esperma lá embaixo, além de um monte de bíblias, pensei.

Não tínhamos a menor noção da hora lá embaixo no Éden.

Também não tínhamos noção do que estava começando a acontecer acima de nós, em Ealing.

Ninguém tinha.

A RAINHA DO UNIVERSO

ENCONTRAMOS A BIBLIOTECA DO Éden exatamente no mesmo momento em que os garotos da Hoover e Grant Wallace encontraram Eileen Pope e Jack Faminto no beco da Selva de Gafanhotos.

Agora Eileen estava muito ocupada. Estava sendo preenchida com as sementes de uma nova espécie dominadora do planeta Terra. Ela estava feliz. Eileen era a rainha do novo universo. Mas ela também estava com fome.

Enquanto Devin Stoddard, o mesmo garoto da Hoover que tinha me dado uma joelhada no saco na sexta-feira anterior e agora era um monstro louva-a-deus gigante de um metro e oitenta, bombeava futuras gerações de pequenos insetos Devin no ventre crescente de Eileen Pope, ela girou a parte superior de seu tórax no sentido horário e segurou a cabeça de Devin entre as clavas farpadas de suas patas dianteiras. Devin Stoddard não

resistiu. Continuou a bombear sem parar. Continuou a bombear sêmen dentro de Eileen Pope mesmo depois que ela devorou sua cabeça inteira.

Eileen Pope estava fazendo as duas coisas que os insetos gostam de fazer.

Os outros insetos observavam e esperavam. Eles queriam outras rodadas com Eileen Pope, mesmo que ela ainda estivesse com fome após comer Devin Stoddard. Quando Eileen Pope terminou de comer, a única coisa que sobrara de Devin Stoddard era uma mancha gosmenta sobre o sofá florido na Selva de Gafanhotos.

E, naquele exato momento em que encontramos a biblioteca de Éden e Eileen Pope estava mordendo o exoesqueleto de Devin Stoddard para alcançar a parte boa e nutritiva no interior de seu parceiro, Johnny McKeon estava trancando a Do Sótão ao Sucesso no fim do expediente.

Johnny resolveu levar uma caixa de lixo para a caçamba no beco da Selva de Gafanhotos.

Não foi uma boa ideia.

A BIBLIOTECA E O NOVO TALLY-HO!

A HISTÓRIA MOSTRA QUE uma análise da coleção pessoal de títulos da biblioteca de qualquer homem fornece um vislumbre de sua alma.

Esse foi o caso da biblioteca subterrânea do Dr. Grady McKeon.

Ali estava a coleção de livros do Dr. Grady McKeon: havia uma parede com romances. E todos os romances na biblioteca do Dr. Grady McKeon eram americanos. Além disso, eram todos romances escritos por homens.

Antes de descer até o Éden, eu nunca soube que homens americanos tinham escrito tantos livros e merdas assim. Os homens que escreveram os livros da biblioteca do Dr. Grady McKeon não eram apenas *caras*, eles eram monumentos, e tinham nomes como Melville, Hawthorne, Twain, Fitzgerald, Faulkner, Dreiser e por aí vai. O romance mais recente, se é que se podia chamar assim, era *O velho e o mar*, de Ernest Hemingway.

Não havia, porém, nenhum exemplar de *The Chocolate War*, mas isso tinha uma razão.

Outra parede na biblioteca do Dr. Grady McKeon era repleta de livros sobre todos os temas científicos: botânica, evolução, taxonomia, genética e reprodução. Os livros sobre reprodução humana chamaram minha atenção.

Contudo, eles eram muito antigos e redigidos com vocabulário bastante conservador.

Mas a característica mais maravilhosa da biblioteca do Dr. Grady McKeon eram as fileiras de mesas, cada uma delas organizada com material para escrever e desenhar.

O Éden estava destinado a ter seu historiador.

— Isso estava destinado a acontecer — falei.

Sentei a uma das mesas e examinei a variedade de canetas e cadernos em branco com capa de couro. Passei os pés pelo chão acarpetado embaixo da mesa. Era difícil me concentrar para escrever de maneira adequada sem a Ingrid suspirando embaixo dos meus dedos dos pés.

Então eu disse:

— O que eu vou fazer, Shann?

Shann disse:

— Não sei, Austin.

Shann era inteligente. Ela sabia que eu estava confuso em relação a algumas coisas. Ela sempre me dava espaço. De certa maneira, Shann era como Ingrid.

— Aqui é onde eu vou escrever a história do fim do mundo — declarei.

— Hum — disse Shann.

Então peguei marcadores permanentes grossos e abri suas tampas. É claro que os cheirei. Não sei por que, pois esse não é meu trabalho, mas a história mostra que sempre que um adolescente abre um marcador, ele primeiro o cheira antes de decidir o que fazer para desfigurar o planeta.

Foi isso que fiz.

Na parede vazia acima da mesa onde estava sentado, desenhei uma coisa grande e peluda — um bisão —, o mais parecido possível com o que foi desenhado muitos séculos antes nas paredes de uma caverna em um lugar chamado Altamira. Talvez tenha sido meu tataramil-vezes-avô quem desenhou o bisão de Altamira. Isso aconteceu na época em que o mundo era assim: confuso e venenoso, e alguns espécimes perdidos descobriram o caminho para o interior de uma caverna chamada Altamira que podia muito bem ter sido um silo chamado Éden.

Eles teriam entrado na caverna para recomeçar tudo. Talvez meu tataramil-vezes-avô também fumasse cigarros e usasse a medalha de um santo virgem polonês pendurada no pescoço. Ele também teria *experimentado*. Talvez também vivesse confuso em relação às pessoas que amava. Talvez se

perguntasse se havia algo errado com ele por se sentir muitas vezes atraído sexualmente pelo cara com quem tinha crescido.

Você sabe o que quero dizer.

Pensar em estar dentro de uma caverna com Robby e Shann me deixou com muito tesão.

Robby disse:

— Bela vaca, Austin.

— É um bisão — observei.

— Ah — disse Robby. E acrescentou: — Belo búfalo, Porco-Espinho.

Robby e Shann eram ótimos amigos, amigos de verdade. Os dois me davam o espaço de que eu precisava. Enquanto eu escrevia a história de nosso dia no interior de Éden, Shann e Robby ficaram sentados e esperaram em silêncio. Mas ainda havia muito a explorar no silo, por isso me apressei e abreviei, e quando fiquei satisfeito por ter chegado aos detalhes importantes de nossa descoberta, guardei o caderno debaixo do braço, saímos da biblioteca e mergulhamos mais fundo nos mistérios do universo isolado do Dr. Grady McKeon.

Do outro lado do corredor, bem em frente à biblioteca do Éden, havia um bar.

Um bar de verdade, dentro de um complexo destinado a ressuscitar a humanidade.

Robby disse:

— Eu batizo esse bar de Novo Tally-Ho!.

— Éden Cinco precisa de um bar gay — disse Shann.

— Todo lugar precisa de um bar gay, Shann — observei.

Isso era verdade.

Entramos no Novo Tally-Ho!.

Da mesma maneira que a Lavanderia Self-Service Grátis Éden envergonhava a lavanderia imunda da Selva de Gafanhotos, o Novo Tally-Ho! era incomensuravelmente mais luxuoso do que o único bar gay de Waterloo, Iowa.

Havia adegas de vinho embutidas e todo tipo de bebida alcoólica de que eu já tinha ouvido falar na vida, e outras que nem conhecia.

Havia uma garrafa de algo chamado *Krupnik*, que vinha da Polônia.

Mais uma vez, todas as estradas se cruzavam onde eu estava.

O Novo Tally-Ho! tinha móveis imponentes, com um balcão de mogno e um espelho que ia do chão ao teto atrás de prateleiras com garrafas e copos

de cristal arrumados de maneira impecável. Havia uma mesa de sinuca com superfície de feltro perfeita. Ela ficava no meio do ambiente, e havia bastante espaço em volta para se jogar à vontade. Havia um alvo de dardos pendurado em uma parede. O quadro-negro ao lado ainda registrava uma partida de quatro décadas antes, entre alguém chamado Doc e outro jogador chamado Virgil. Doc, aparentemente, não era um grande jogador de dardos.

Nós matamos aquela coisa grande e peluda. Nós jogamos dardos. E assim foi nosso dia.

Nenhum de nós estava no clima de experimentar beber álcool. Beber era irresponsável, e fazia com que não nos preocupássemos em fazer merdas estúpidas.

— Hum — falei. — Não vamos ficar bêbados, Robby.

Concordamos em guardar a experiência para outra hora.

Robby sabia o que eu queria dizer.

Depois da nossa excursão pelo bar, encontramos um consultório médico que parecia equipado para fazer cirurgias.

— Tem muitas drogas aqui — disse Shann.

— Uma marinha inteira de caiaques — acrescentei.

O Éden havia sido construído como uma estrela-do-mar. Seus braços irradiavam a partir do salão que chamamos de auditório, que ficava logo após os vestiários e chuveiros onde o Dr. Grady McKeon de algum modo tinha conseguido instalar um mictório Rouxinol antigo restaurado.

No fim daquele braço que abrigava o consultório médico, havia uma pista de boliche oficial, com duas raias completas e uma estante de bolas e sapatos, todos eles personalizados com os nomes de seus donos.

Ver aquelas relíquias, assim como o placar para os jogos de dardos no bar, me fez de repente tomar consciência de que todas as primeiras pessoas que estiveram lá embaixo no interior de Éden provavelmente já estavam mortas.

— Isso é meio assustador — comentou Shann.

Ela estava olhando para uma bola de boliche cor-de-rosa com manchas cintilantes, furos delicados para os dedos e letras gravadas em dourado que diziam *Wanda Mae*.

Wanda Mae foi a primeira rainha do Éden.

Ela era fértil, canhota e gostava de transar com vários parceiros. Wanda Mae também gostava de jogar boliche.

As pessoas em Iowa gostavam de boliche.

Robby disse:

— Boliche também me assusta, Shann. Exceto pelo fato de ser o único esporte que estimula seus praticantes a fumar cigarros.

Eu queria um cigarro.

Dei um tapinha no ombro de Robby. Eu não precisava dizer nada a ele. Robby Brees sempre sabia o que eu estava pensando, mesmo quando eu estava pensando em outra coisa que não fosse fumar.

Acendemos cigarros e caminhamos até o braço final inexplorado daquele lugar chamado Éden.

E lá encontramos o tesouro mais importante que o silo já havia nos oferecido: o Cinema Éden.

Eu vou contar a vocês.

“VENTILATOR BLUES”

DE VOLTA AO LOUNGE, Robby descobriu uma coleção de fitas de rolo no armário embaixo do gravador.

— Eu seria feliz se ficasse aqui para sempre — disse Robby.

— O futuro da humanidade está... hum... dentro de nossos macacões — falei.

— Eu queria saber que horas são — disse Shann.

— É hora de dar início à reconstrução do planeta com crias híbridas de Austin-Shann-Robby — respondi.

Eu não queria que Shann pensasse em sair do silo.

Robby ergueu uma caixa com uma foto em preto e branco lustrosa impressa na tampa. Nela, havia uma cópia em rolo de *Exile on Main Street*.

— É um milagre. Isto aqui é um paraíso — disse Robby.

— O Éden — corriji.

Exile on Main Street, segundo Robert Brees Jr., era o disco de rock mais genial já criado pelo homem.

— É sempre anos 1970 no Éden — afirmou Robby.

— Nunca mais quero voltar para casa — comuniquei.

Robby queria que passássemos a noite no silo de Shann.

Ele disse:

— Vamos dormir aqui hoje.

— Eu preparo o jantar — ofereci.

A oportunidade era ousada e empolgante para mim. Meu coração acelerou com a ideia de uma festa do pijama no Éden.

— Não posso passar a noite com dois *garotos*. O que minha mãe iria dizer? — falou Shann.

— Ela provavelmente diria para você usar camisinha — retruquei.

— Cale a boca! — exclamou Shann.

— Você tem razão, Shann. O Éden precisa que a gente não use camisinha. É nosso dever repovoar a Terra com nossos belos filhos nascidos em Iowa — afirmei.

Robby encaixou a nova fita na máquina.

Robby e eu fumamos. Nós três estávamos nos divertindo muito no Éden. Rimos, e eu desenhei Shann e Robby de macacão dançando juntos.

Pedi a Robby para recitar “*Dulce Et Decorum Est*”, e ele recitou. Foi lindo. Eu queria ver Robby beijar Shann. Queria que Robby a beijasse de verdade, como eu a beijaria, mas ele não faria isso de jeito nenhum.

A música que estava tocando se chamava “*Ventilator Blues*”.

*Everybody walking 'round
Everybody trying to step on their Creator*

ALGO SEMPRE ACONTECE QUANDO OUTRA PESSOA ESTÁ DANÇANDO

ACONTECEU O SEGUINTE ENQUANTO Shann e Robby dançavam juntos, e eu fantasiava sobre ver Robby enfiar a língua na boca de Shann:

Johnny McKeon saiu para o beco da Selva de Gafanhotos. Ele carregava uma caixa de feira de papelão que alguém esquecera na garagem de uma casa em Ealing vendida para pagar a hipoteca.

Johnny McKeon pretendia jogar o lixo na mesma caçamba em que Jack Faminto comia pelo menos uma vez por semana.

O nome verdadeiro de Jack Faminto era Charles R. Hoofard. Charles R. Hoofard nasceu em Indiana. Ele tinha servido ao Exército americano no Vietnã, onde participou do extermínio de uma aldeia inteira de mulheres, crianças e idosos. Jack Faminto tinha se tornado uma criatura parecida com um louva-a-deus de um metro e oitenta de altura armado com garras e estava esperando na fila para trepar com Eileen Pope.

Eileen Pope havia passado o dia inteiro acasalando e estava à beira da exaustão. Eileen Pope também era um louva-a-deus de um metro e oitenta de altura armado com garras que tinha acabado de devorar seu último parceiro sexual, o garoto da Hoover chamado Devin Stoddard. Devin Stoddard me dera uma joelhada no saco na sexta-feira anterior, quando ele e seus amigos bateram em mim e em Robby Brees por sermos boiolas.

Eu tinha bastante segurança de que não era exatamente boiola.

Mas não tinha certeza.

Devin Stoddard nasceu em Crete, Nebraska. Uma vez foi demitido de um emprego de meio período como empacotador em um supermercado Hy-Vee por fumar maconha em um carro estacionado quando deveria estar juntando carrinhos de compras.

Naquele momento, o marido de Eileen Pope, Travis Pope, estava dentro da Casa da Panqueca, que parecia ter sido lavada com uma mangueira de sangue e carne moída.

Travis Pope comeu nove pessoas dentro da Casa da Panqueca.

Foi uma confusão enorme.

Travis Pope tinha ficado com muita fome depois de trepar com Eileen o dia inteiro desde que eles eclodiram nos destroços da caminhonete Nissan de Travis. Travis Pope também gostou do sabor açucarado de xarope artificial de bordo derramado sobre seres humanos crus.

Travis Pope nunca gostara de xarope de mirtilo.

O xarope artificial de bordo servido na Casa da Panqueca era produzido em Nova Jersey.

Ao mesmo tempo, Johnny McKeon abriu a porta dos fundos da loja de artigos usados Do Sótão ao Sucesso, e Eileen Pope pinçou suas quatro patas superiores farpadas no tecido grosso do sofá da Selva de Gafanhotos enquanto Grant Wallace a emprenhava sem parar.

Jack Faminto e os dois garotos da Hoover restantes, que agora também eram louva-a-deus de um metro e oitenta de altura com garras, se aprumaram e sibilaram com os braços farpados erguidos, lutando para decidir quem seria o próximo a depositar seu sêmen dentro de Eileen Pope.

Eileen Pope estava quase terminando de ficar grávida. Ela estava quase tão fertilizada quanto um milho geneticamente modificado do Kansas, e estava ficando pronta para botar seus milhões de ovos que pareciam espuma. Eileen Pope também ainda estava com fome.

Eileen Pope resolveu que comeria Grant Wallace em breve, e depois encontraria um lugar escuro e protegido para depositar seus milhões de ovos que pareciam espuma.

Johnny McKeon não percebeu o enxame de insetos acasalando enquanto caminhava pela Selva de Gafanhotos carregando sua caixa de detritos.

A caixa que Johnny levava estava cheia de fitas VHS com filmes pornográficos.

Os filmes tinham sido produzidos em um lugar chamado San Fernando Valley, perto de Los Angeles, na Califórnia.

Johnny McKeon não gostava mais de ver pornografia. Ele tinha se cansado dessa atividade. Johnny teria dado as fitas a Ollie Jungfrau, mas Ollie havia ficado em casa e não fora trabalhar na Grilo Embriagado naquele dia.

Ollie teve sorte.

Ollie Jungfrau teria gostado de ganhar aqueles filmes. Ollie era um *connoisseur* de pornografia, e gostava especialmente de filmes eróticos dos anos 1980, época em que os da caixa foram gravados.

Passava um pouco das oito da noite daquela quinta-feira.

Ingrid ainda estava dormindo embaixo da escrivania no meu quarto.

Will Wallace estava voltando de carro do Tally-Ho! em Waterloo. Will Wallace estava bêbado. Ele se olhava repetidas vezes no espelho retrovisor e pensava sobre o rapaz de Vinton, Iowa, que havia dado em cima dele durante o happy hour no Tally-Ho!.

O homem que tinha dado em cima Will Wallace era paramédico. Ele era bonito e solitário. Will Wallace se perguntou como seria se ele tentasse ser boiola. Ele nunca havia *experimentado* quando era adolescente, mas tentou se imaginar fazendo algo sexual com o paramédico jovem e bonito de Vinton. Will Wallace estava bêbado e ficou excitado com a ideia. Ele estava com muito tesão quando chegou a Ealing. Will sabia o que faria com a mulher assim que surgisse a oportunidade.

Will Wallace tinha feito uma vasectomia.

Ele pensou em comprar camisinhas na Grilo Embriagado só para o caso de um dia ficar especialmente bêbado e ousado com alguém em Waterloo.

Will Wallace tentou ligar para casa pelo celular, mas ninguém atendeu. Às vezes, a mulher ficava com raiva porque ele chegava bêbado em casa do único bar gay de Waterloo, Iowa. Will imaginou que a mulher não estivesse atendendo ao telefone por estar zangada com ele. A verdadeira razão de ela

não ter atendido ao telefone foi por ter sido devorada por Grant Wallace, que já havia sido filho de Will.

Will Wallace resolveu compensar por ter flertado com um homem gay. Ele parou na Pizzaria do Satan e comprou uma Stanpreme para surpreender a mulher e os filhos. Para a sobremesa, ele achou que a esposa, que se chamava Dorothy, gostaria de algo doce e alcoólico. Por isso, Will Wallace foi de carro até a Grilo Embriagado, do outro lado da rua, onde pretendia comprar camisinhas para ele e licor de café e sorvete de baunilha para Dorothy Wallace.

Não foi uma ótima ideia.

Foi isto que aconteceu na Selva de Gafanhotos enquanto eu via e sonhava com Shann e Robby dançando juntos:

Johnny McKeon deixou cair a caixa de fitas VHS pornô a seus pés. Ele disse algo como *Que diacho?* ou *Isso não é esquisito?* quando viu os insetos de um metro e oitenta de altura que zumbiam e vibravam em torno do sofá abandonado no beco.

John McKeon nunca falava palavrão.

Eileen Pope estava mastigando a cabeça triangular de Grant Wallace. Grant ainda estava bombeando sêmen no oviduto dela, e suas pinças se prendiam com firmeza no tórax de Eileen. Uma das patas de Grant se soltou e continuou a se mexer, abrindo e fechando, se remexendo na mistura de mijo e sêmen de inseto no asfalto da Selva de Gafanhotos.

Tyler Jacobson, um dos outros garotos da Hoover que agora era um monstro de um metro e oitenta de altura e patas farpadas, pegou a pata que ainda se movia de Grant Wallace e começou a comê-la como se fosse um enorme talo de aipo. Roger Baird, o último inseto da Hoover, tentou montar em Eileen Pope e emprenhá-la enquanto ela devorava Grant Wallace, que ainda estava enganchado em Eileen no ato final de criar aglomerados de pequenas larvas de Grant Wallace dentro dela.

Jack Faminto girou a cabeça na direção do barulho da caixa de fitas pornô. Suas patas se estenderam para o alto e suas asas inúteis se projetaram do interior da carapaça que cobria suas costas. Era uma pose imponente e ameaçadora para um louva-a-deus macho grande. Então Jack Faminto disparou pelo beco até Johnny McKeon.

Johnny provavelmente disse *Que diacho?* de novo e voltou pela porta aberta dos fundos para dentro da loja de artigos usados Do Sótão ao Sucesso.

Will Wallace estava acabando de estacionar em frente à Grilo Embriagado. Ele estava bêbado e com tesão, e o interior de seu Volvo cheirava a pizza Stanpreme. Ele nem notou Travis Pope parado em frente à Casa da Panqueca. Will Wallace achou que Travis Pope fosse apenas alguém fumando um cigarro em um intervalo do trabalho, em vez de alguém transmutado pela Cepa de Praga IM 412E Contida em um inseto carnívoro gigante mais poderoso do que um tigre selvagem.

Quando os olhos de Will Wallace assimilaram a forma anormal de Travis Pope, ele já estava no raio de alcance das patas farpadas e rápidas como um raio. Travis Pope não estava com muita fome, mas presas o excitavam tanto quanto o oviduto de Eileen Pope.

Travis lançou suas patas farpadas sobre Will Wallace e esmagou a caixa torácica de Will entre elas. O homem nem teve tempo de respirar.

Travis arrastou Will Wallace, que se contorcia e se debatia inutilmente, para dentro da Casa da Panqueca. Travis Pope esfregou o cabelo de Will Wallace por uma poça de xarope artificial de bordo. Então Travis o devorou como se fosse uma fatia de rabanada.

Johnny McKeon conseguiu fechar a porta grossa e maciça de sua loja de artigos usados que dava para o beco dos fundos da Selva de Gafanhotos. Johnny tinha se deparado com a cena de insetos canibais do tamanho de ursos que trepavam e comiam ao mesmo tempo, as duas coisas que os insetos gostam de fazer.

Jack Faminto estava a meio segundo de alcançar Johnny McKeon quando este fechou a porta. Assim que Johnny a trancou, Jack Faminto enfiou suas patas espetadas na madeira. As farpas nas patas de Jack Faminto atravessaram dois terços da porta.

Insetos não são inteligentes.

Jack Faminto podia ter golpeado sem esforço a porta até transformá-la em palitos de dentes.

Assim que a porta fechou, Jack Faminto esqueceu completamente Johnny McKeon. Apesar de saber que ainda estava com fome, Jack Faminto voltou para esperar por uma nova rodada com Eileen Pope.

Eileen Pope e os dois garotos da Hoover que restavam haviam desaparecido.

Jack Faminto farejou o ar sem parar, tentando sentir o cheiro dela, mas Eileen Pope não estava mais exalando os hormônios poderosos que haviam atraído a ele e aos outros machos.

Johnny McKeon era inteligente.

Desde o arrombamento da Grilo Embriagado na sexta-feira anterior, Johnny tinha instalado um sistema de alarme que ligava suas lojas à Patrulha Estadual de Iowa.

Johnny McKeon ativou o alarme.

A Patrulha Estadual de Iowa, que operava de um posto em Waterloo, recebeu o alerta para uma emergência no Shopping de Ealing. Uma viatura com um policial estadual de Waterloo estava a caminho.

Não foi uma boa ideia.

Naquele momento, era de manhã cedo na Alemanha. Meu irmão, Eric Szerba, estava deitado de costas em uma cama de hospital. Um tubo intravenoso injetava remédios e fluidos em seu braço. Outras coisas também haviam sido presas com esparadrapo ao corpo dele para verificar se Eric Szerba ainda estava vivo.

Um tubinho fino de plástico estava enfiado no orifício do pênis de Eric Szerba para que ele pudesse urinar.

O tubo era fabricado em Ohio.

Ele se chamava cateter, diferente de um Rouxinol.

Eric apertou os números no teclado de um celular. Eric Szerba estava me ligando, mas eu tinha esquecido o telefone em casa. Eric Szerba não tinha como saber que celulares não funcionam no Éden.

Eric Szerba estava chorando.

Ingrid rolou para fora de seu lugar sob minha escrivadinha. Ela atravessou o quarto e puxou uma cueca azul xadrez suja de baixo da cama. Ela cheirou a cueca e deitou seu focinho úmido sobre ela. Ingrid às vezes fazia isso quando estava solitária, ou quando precisava esquecer que estava com vontade de cagar.

Era o modo silencioso de Ingrid me beijar.

Ah Wong Sing, que a maioria das pessoas chamava de *Louis*, beijou Connie Brees pela última vez antes de sair do Del Vista Arms. Connie estava no chuveiro. Ela estava em pé nua na mesma banheira suja onde eu tinha tomado um banho na terça-feira antes da aula. Eu também tinha vomitado naquele mesmo banheiro.

Louis afastou a cortina amarelada e olhou para Connie Brees. Ele queria fazer sexo de novo, mas Connie disse que não, porque o filho dela provavelmente chegaria em casa a qualquer momento.

Connie Brees tinha que se arrumar para o trabalho.

Ela tomou dois Xanax assim que Ah Wong Sing deixou o apartamento. Quando a música terminou de tocar, Shann beijou Robby e lhe agradeceu por dançar com ela.

Não foi o tipo de beijo que eu esperava ver. Shann beijou a bochecha de Robby. Eu olhei para o pescoço e o queixo perfeitos de Robby. Os seios de Shann pareciam especialmente cheios e firmes sob o brilho do macacão. Robby ficou um pouco sem graça. Ele sabia o que eu estava pensando.

Robby sempre sabia o que eu estava pensando.

Robby Brees ficou vermelho quando Shann o beijou.

Eu acendi um cigarro.

SORTUDO, EM NOME DE GAROTO POLONÊS

LIVROS BONS SÃO SOBRE tudo.

Esta é a minha história.

Andrzej Szczerba e Herman Weinbach se tornaram grandes amigos.

Andrzej Szczerba também era meu bisavô.

Depois que saíram do sopão em Ames, Andrzej Szczerba e Herman Weinbach caminharam pela noite. Tentaram encontrar um lugar onde pudessem dormir e se manter aquecidos. Alimentaram Baby com migalhas de pão, e o pássaro quase imediatamente começou a imitar Herman Weinbach.

Herman costumava usar expressões como *Ach!* e *Nu?*

Baby também começou a dizer *Ach* e *Nu*. Andrzej achava isso engraçado.

Os rapazes achavam que iam para a Califórnia, mas no dia seguinte pegaram carona na caminhonete de uma família carregada com todos os seus pertences, e Herman Weinbach e Andrzej Szczerba foram parar em uma fazenda abandonada perto de um lugar chamado Midvale, que também ficava em Iowa.

Ninguém nem soube que os rapazes se mudaram para aquele lugar.

Eles moraram ali juntos com Baby, um estorninho europeu falante, por quase um ano. Na terceira noite habitando a casa de fazenda abandonada, Andrzej Szczerba e Herman Weinbach dormiram juntos.

Herman Weinbach era homossexual.

No início, Andrzej Szczerba achou a situação estranha e frustrante.

O que Herman Weinbach e Andrzej Szczerba faziam juntos evoluiu para algo bem maior do que uma *experiência*. Por isso Andrzej ficou confuso, de modo bem parecido com seu bisneto, que também iria se chamar Andrzej. Mas Andrzej Szczerba também gostava da intimidade de dormir com Herman Weinbach.

Andrzej nunca tinha beijado outra pessoa além de sua mãe, Eva Nightingale, e seu pai, Krzys Szczerba, em toda a sua vida. O jovem Andrzej gostava muito de beijar Herman Weinbach. Herman Weinbach era experiente, e Andrzej sentia tremendos prazer e satisfação em participar do sexo que os dois desfrutavam juntos.

Ninguém sabia nada sobre Andrzej e Herman.

Eles se apaixonaram tão profundamente um pelo outro quanto qualquer outra pessoa na história da humanidade.

Essa é a verdade.

Andrzej amava Herman, mas lhe disse que nunca viraria comunista.

Herman Weinbach riu disso.

Baby imitava tudo o que os rapazes diziam um para o outro.

Baby dizia: *Ach! Ser um judeu comunista homossexual em Iowa é como ser um passarinho que fala polonês*. E Baby também dizia: *Acho que estou apaixonado por você, Herman Weinbach e Amo você com todo o meu coração, Andrzej Szczerba*.

Os rapazes caçavam e pediam esmolas, e às vezes mendigavam comida para sobreviver. Eles eram muito felizes juntos em Midvale. Ninguém os incomodava em nada. Baby voava pela casa com eles, e toda noite Andrzej e Herman dormiam juntos em seu leito de amantes. Eles haviam encontrado a cama no sótão da casa na manhã após sua primeira *experiência*. Eles levaram a cama até a sala de estar para que pudessem dormir junto da lareira, onde queimavam móveis e às vezes até as portas dos armários da cozinha para se aquecer.

Eles se amavam.

Em janeiro de 1934, Herman Weinbach contraiu pneumonia. Ele morreu na cama, nos braços de Andrzej.

Andrzej Szczerba ficou completamente perdido sem Herman.

Andrzej perguntou ao pássaro: *O que eu vou fazer, Baby?*

Andrzej chorou por dias e dias, sem sair de casa. Enfim, Andrzej Szczerba cobriu o corpo acinzentado de Herman Weinbach com as roupas de cama e levou o amigo para fora em um inverno congelante.

Baby voava em volta de Andrzej Szczerba e pousava em sua gola ou em cima de sua cabeça enquanto o rapaz se esforçava para cavar a sepultura de Herman Weinbach.

Durante o tempo inteiro, o passarinho cantava sobre quanto Herman amava Andrzej e vice-versa. Baby também dizia coisas sexuais e insinuantes, coisas que os rapazes às vezes falavam abertamente um para o outro na solidão de sua casa ocupada.

De muitas maneiras, Andrzej Szczerba era como eu. Ele se sentia confuso e perturbado em relação às coisas, e amava seu amigo tanto quanto era possível amar alguém. Mas também houve outras coisas que fizeram Andrzej Szczerba uma pessoa diferente de mim.

Foi isto que aconteceu:

Andrzej sabia que tinha de ir embora de Midvale após enterrar Herman Weinbach na velha fazenda. Talvez ele estivesse louco de tristeza. Acho que essa era a verdade. Andrzej sabia que não podia mais manter Baby com ele. Baby dizia coisas que podiam criar problemas demais para um jovem em Iowa em 1934. Andrzej Szczerba tinha dezoito anos em 1934.

Andrzej Szczerba matou o passarinho e deixou a casa de fazenda em Midvale, Iowa, na mesma noite em que enterrou o corpo de Herman Weinbach em um milharal destruído.

Naquela primavera, Andrzej Szczerba foi parar em Iowa City. Ele ainda estava muito atormentado pelas coisas que tinha feito com Herman Weinbach e por ter perdido tudo o que amava.

Andrzej Szczerba precisava provar algo a si mesmo.

Nesse sentido, ele era muito parecido comigo.

Arranjou um emprego como faxineiro em um açougue. Lá, Andrzej conheceu uma jovem chamada Phoebe Hildebrandt. Phoebe Hildebrandt, aos dezessete anos de idade, era sem graça e desinteressante. O pai dela era o açougueiro que havia contratado Andrzej como faxineiro.

Ele conhecia meu bisavô como Andrew Szczerba.

Phoebe Hildebrandt e o pai, que se chamava Edmund, ficaram com pena de Andrew por causa de sua idade, da delicadeza de seus traços e por seu silêncio e tristeza. Eles nunca souberam nada sobre o amor de Andrew por um garoto chamado Herman Weinbach.

Andrew Szczerba, cujo nome polonês era meu nome, Andrzej, também tinha olheiras.

Andrzej significa homem, em nome de garoto polonês.

Certa noite de junho, Andrzej Szczerba e Phoebe Hildebrandt saíram para passear. Andrzej se insinuou sexualmente para Phoebe. Phoebe Hildebrandt não lutou contra suas investidas.

Phoebe chorou. O ato sexual foi doloroso. Ela deitou de costas na terra, imaginando quanto tempo levaria para ele terminar. Mas ela também permitiu que Andrzej Szczerba inserisse seu pênis ereto em sua vagina. Isso machucou Phoebe Hildebrandt, que era virgem.

Andrzej Szczerba queria descobrir algo sobre si mesmo, e conseguiu. Ele descobriu que pensava somente em Herman Weinbach enquanto praticava o ato sexual com Phoebe Hildebrandt.

Depois, Andrzej Szczerba ficou com nojo de si mesmo, e também com nojo de Phoebe e de sua personalidade sem graça.

Mas o sêmen de Andrzej Szczerba encontrou o caminho até as profundezas do corpo de Phoebe Hildebrandt naquele ato sexual sem amor em junho de 1934, perto de um lugar chamado Iowa City, Iowa.

Phoebe Hildebrandt foi minha bisavó.

Em 1935, um menino chamado Felek Szczerba nasceu. Isso aconteceu só dois meses depois que Andrzej e Phoebe se casaram.

Andrzej Szczerba nunca mais colocou seu pênis dentro de Phoebe Hildebrandt depois daquela primeira vez ao lado de uma estrada de terra em Iowa City.

E assim foi nosso dia. Você sabe o que quero dizer.

Andrzej amava Felek, seu filho, mais do que amara qualquer coisa, mas Andrzej Szczerba era muito infeliz.

Felek significa sortudo, em nome de garoto polonês.

O nome americano de Felek Szczerba era Felix Szerba.

Felix Szerba era meu avô.

NOITE DE CINEMA NO ÉDEN

O CINEMA DO ÉDEN tinha metade dos lugares do Cinezar de Waterloo.

Ele era confortável e limpo. Como tudo no Éden, o cinema estava sem uso, novinho, e ao mesmo tempo havia sido preservado como uma espécie de fóssil.

Foi ali que aprendemos mais coisas sobre a história das Indústrias McKeon, e sobre as coisas que começaram a acontecer acima de nós, em

Ealing, depois da infeliz coincidência de Tyler Jacobson derrubar o globo de Cepa de Praga IM 412E Contida exatamente sobre o sangue de Robby Brees.

A tela do Edenzar era um pouco menor do que a tela de Waterloo. O projetor ficava em um suporte sobre uma plataforma elevada atrás das fileiras de cadeiras de veludo molhado. Levando tudo em conta, contudo, era um dos cinemas mais legais naquela região de Iowa.

Desde a infância, Robby Brees sempre foi o *operador de projetor* em nossas aulas na Escola Luterana Curtis Crane. Ele sabia tudo sobre como operar um projetor de filmes dezesseis milímetros. Não foi preciso esforço para que ele se oferecesse para ver o que tinha sido deixado para trás no Éden para nosso deleite visual.

Enquanto ele procurava nos armários atrás de nós, Shann e eu sentamos na última fileira. Eu escorreguei a mão para o ponto quente entre as coxas dela.

— Éden Cinco precisa de você — falei.

— Éden Cinco tem que esperar até Éden 5 crescer — disse Shann.

Robby ergueu uma grande lata de filme e nos disse que o filme dentro dela se chamava *Cada um Vive como Quer*.

Achei o nome engraçado. Eu também estava esperando. Eu achei que *já estava* crescendo. Desejei que Shann me chamasse para ir a um dos quartos do dormitório com ela enquanto Robby *experimentava* com o projetor.

— Nunca ouvi falar — comentei.

— É de 1970. E provavelmente é o melhor filme de todos os tempos — esclareceu Robby.

Robby não nasceu na época certa por quatro décadas de diferença.

Meu pai, Eric Andrew Szerba, tinha dez anos de idade em 1970.

O nome polonês de Eric Andrew Szerba seria Arek Andrzej Szczerba.

O pai dele, Felek, a quem todos chamavam de Felix, tinha trinta e cinco anos quando *Cada um Vive como Quer* foi feito.

— Você deveria ter vivido nos anos 1970, Rob — falei.

— Deveria mesmo — afirmou Robby.

Nós não assistimos a *Cada um Vive como Quer* naquela noite. Robby encontrou outra pilha de latas identificadas como *Série de orientação para o Éden*. Parecia uma doutrinação para um exército ou alguma merda assim. Eu esperava que fosse um exército para repovoar planeta. Por isso, pensar

sobre minha missão ali embaixo no Éden com Shann e Robby me deixou com muito tesão.

— O dever chama — informei.

— Hã? — perguntou Shann.

Eu disse a Robby que era nosso dever sermos orientados.

— Nós devemos isso ao mundo e à história, assistir à *Série de orientação para o Éden*, Robby — observei.

Havia três rolos de filme no total, e eu percebi que eles estavam numerados Um de Cinco, Dois de Cinco e Três de Cinco.

Duas latas de cinco filmes estavam faltando.

Robby também encontrou latas de um filme chamado *Laranja Mecânica*, mas os rolos Quatro e Cinco da *Série de orientação para o Éden* não estavam em lugar nenhum do cinema.

Isso porque aqueles rolos específicos estavam no alto do telhado da Selva de Gafanhotos. Eles estavam lá quando encontramos o flamingo de plástico com um espeto de metal enfiado na bunda, uma máscara de lêmure fazendo careta que deixa o rosto fedendo e duas garrafas de vinho, uma das quais Robby e eu bebemos na noite de segunda-feira em seu apartamento no Del Vista Arms.

Robby e eu demoramos um pouco para descobrir essa parte.

Mas não muito tempo. Nós provavelmente éramos um pouco mais inteligentes do que a maioria dos homens das cavernas.

Você sabe o que quero dizer.

Robby Brees encaixou o início do primeiro rolo no projetor, e uma imagem granulada de contagem regressiva se agitou e dançou na tela à nossa frente.

Robby pulou por cima das cadeiras e sentou ao meu lado.

Eu estava no meio, entre Shann e Robby. Eu sempre ficava no meio deles. Isso me fazia ficar com tesão e meio desconfortável.

A maioria dos garotos teria sentado ao lado de Shann.

Os garotos da Escola Luterana Curtis Crane jamais sentariam um ao lado do outro no cinema sem uma cadeira vazia entre eles. É isso que garotos luteranos fazem. Eles projetam seu medo de serem vistos como homossexuais, por isso fazem coisas desconfortáveis como sentar com lugares vazios entre eles, e depois acabam se perguntando se eles ou o amigo do outro lado da zona de segurança poderiam ter curiosidade sobre ser gay. O severo Código de Conduta do Garoto Luterano heterossexual

travado exige a presença de UM LUGAR VAZIO entre garotos no cinema, para que você não pense em nada engraçadinho sobre seu amigo, e ninguém que olhe para você tampouco ache que você seja boiola.

Os garotos luteranos de Iowa conhecem essas regras e as seguem como lêmings em uma corrida de primavera.

Mas não Robby Brees. Ele sentou tão perto de mim que nossos joelhos roçaram um no outro.

Shann sabia que Robby estava apaixonado por mim.

Como ela poderia *não* saber?

Ela provavelmente sabia que eu também amava Robby. Afinal, eu falei isso quando estávamos dançando. E eu falei sério. Shann com certeza sabia que eu também estava apaixonado por ela.

O que eu ia fazer?

Eu me senti nervoso e culpado quando Shann segurou minha mão e o joelho de Robby pressionou o meu de maneira tão confortável.

— Será que tem pipoca no refeitório? — perguntou Shann.

— Ou sorvete — acrescentou Robby.

Ele tocou minha mão. Aquilo me deixou eletrizado.

— Chame o enrolador de grandes charutos — falei.

Esse era o primeiro verso do meu poema favorito, “O imperador do sorvete”.

O verso parecia ter uma insinuação bem sexual. Era algo que Herman Weinbach poderia ter dito a seu amante, Andrzej Szczerba. Eu me senti ficando vermelho e quente.

Então começou o som do filme.

E surgiu o rosto do Dr. Grady McKeon.

O BOM DOUTOR EXPLICA A HISTÓRIA

O DR. GRADY MCKEON parecia um antigo astro do cinema.

Bem, ele parecia um antigo astro do cinema com um tique no olho direito, que era ampliado pelas lentes grossas de seus óculos de aro preto. O Dr. Grady McKeon parecia um antigo astro do cinema com um tique de psicopata no olho. Ele parecia calmo e confiante, bem como você imaginaria um serial killer olhando para você enquanto amolasse suas facas e discutisse que partes do seu corpo dariam a melhor carne de salsicha.

O Dr. Grady McKeon também tinha uma cicatriz em forma de L pequenininha entre as sobrancelhas. Aos doze anos, Grady McKeon fora atingido na cabeça por um balanço de madeira vazio. O balanço estava vazio porque ele tinha acabado de empurrar a irmã mais nova, que se chamava Arlene, de cara no chão.

Grady McKeon não queria que a irmã brincasse no balanço.

Arlene não era muito talentosa quando se tratava de sentar em coisas como bancos de balanços. Em 1974, ela caiu de um teleférico de esqui em Jackson Hole e morreu.

Jackson Hole fica em Wyoming.

Arlene era um verdadeiro dínamo sobre esquis. Mas nem tanto em teleféricos de esqui.

O Dr. Grady McKeon estava confortável narrando a história filmada de suas realizações. O cabelo de Grady McKeon era perfeito. Ele se parecia muito com o padrasto de Shann, Johnny McKeon, que era o irmão décadas mais novo e muito menos talentoso de Grady McKeon. Além disso, Grady McKeon nunca maltratara Johnny fisicamente como havia machucado a irmã deles, Arlene.

Arlene McKeon também foi Miss Iowa em 1969.

Os nativos de Iowa adoram moças formosas com nomes que tenham muitas vogais longas rimando, mesmo que seus irmãos sejam psicopatas.

O filme era em preto e branco, mas afirmo com segurança que o cabelo do Dr. Grady McKeon era da cor de pastilhas para tosse Smith Brothers de alcaçuz, e a pele, da mesma cor de creme desnatado para café sabor baunilha francesa.

O Dr. Grady McKeon também usava um macacão azul e branco do Éden.

O macacão tinha o nome dele bordado, da mesma forma que o jaleco de um médico em um hospital. O bordado dizia:

DR. GRADY

ÉDEN

1

O Rolo Um abria com uma mensagem do Dr. Grady McKeon para a plateia. Era uma introdução assustadoramente sóbria, embora o Dr. Grady McKeon mantivesse um sorriso confiante de açougueiro enquanto falava.

O Dr. Grady McKeon parecia estar viajando em vários pequenos caiaques azuis. Ele podia muito bem estar sentado a uma mesa à nossa frente, vendendo caixões de primeira linha para nossos entes queridos falecidos. Quem quer que eles fossem.

Depois da apresentação, o filme prosseguia com uma história das Indústrias McKeon desde sua fundação, em 1957, até 1971, quando os filmes *Série de orientação para o Éden* foram produzidos.

Em 1971, um filme chamado *Operação França* ganhou o Oscar de melhor filme. Os membros votantes da Academia provavelmente não tiveram oportunidade de assistir à *Série de orientação para o Éden*.

Foi exatamente isto que o Dr. Grady McKeon disse no início do filme:

Bem-vindos ao Projeto Éden, meus amigos.

Bem-vindos, bem-vindos.

Se houver algum membro da família McKeon na plateia, você poderia se levantar e se apresentar?

Era aí que o Dr. Grady McKeon sorria e assentia e girava a cabeça de um lado para o outro da tela, como se de algum modo conseguisse olhar para nós de seu universo de celuloide em preto e branco.

— Levante, Shann — falei.

— Levante — insistiu Robby.

— Isso é tão bobo — disse Shann.

Ela se levantou. Robby e eu batemos palmas para ela.

Shann disse:

— Calem a boca.

Então o Dr. Grady McKeon assentiu e prosseguiu.

Obrigado.

Cada um de vocês tem a sorte de fazer parte do Projeto Éden. Vocês têm a sorte de terem sobrevivido, mas também têm uma tremenda responsabilidade em relação à humanidade.

Vocês precisam se reproduzir, meus amigos. Precisam se reproduzir.

— Vocês ouviram o cara — disparei.

— Shhh — ordenou Shann.

O Dr. Grady McKeon pareceu fazer uma pausa, como se soubesse que as instruções que acabara de transmitir pudessem causar comentários nervosos

na plateia.

Robby disse:

— Hum.

E Grady McKeon continuou:

O acontecimento que os trouxe aqui hoje foi um de duas coisas.

Primeiro, se foi detectada uma grande quantidade de partículas resultantes de explosões nucleares na atmosfera, vocês foram dirigidos aos chuveiros assim que chegaram. O mundo lá em cima não é mais habitável. Vocês serão avisados quando o retorno à superfície se tornar novamente apropriado. Até lá, este é o Novo Mundo, meus amigos, e vocês todos são os Novos Homens e Mulheres. Os homens e mulheres do futuro.

Vocês têm a responsabilidade de se reproduzir.

Não se desesperem.

Eu não estava desesperado.

Nessa parte, o Dr. Grady McKeon exibiu uma expressão muito séria e clínica. A câmera deu zoom, e o rosto do Dr. Grady McKeon ocupou a tela inteira. O globo ocular direito com tique do homem ficou tão grande quanto uma melancia dos montes Ozark. O Dr. Grady McKeon olhava da tela com a mesma expressão que um médico assume quando segura seu saco e manda você tossir durante um exame clínico.

Quando um médico segura seu saco, como você pode conseguir pensar em tossir?

Tossir com alguém segurando suas bolas exige tanta concentração quanto andar de monociclo carregando uma melancia dos montes Ozark.

A história mostra que, quando alguém segura suas bolas, você só consegue pensar nelas e mais nada.

— Viram? Eu disse a vocês que é por isso que estamos aqui — falei. — Éden Cinco precisa de nós.

Shann observou que não havia nenhuma guerra nuclear acontecendo naquele momento.

— Ninguém jogou nenhuma bomba — disse Shann.

Para mim, aquilo foi uma certa decepção.

— Ah — falei.

Robby disse:

— Hum.

Então o Dr. Grady McKeon prosseguiu:

Em segundo lugar, no caso de um alerta 412E, o mundo da superfície infelizmente vai se transformar em um campo de batalha entre espécies, extremamente perigoso para seres humanos. Vocês devem prestar muita atenção a todos os filmes de treinamento que preparamos. Sua sobrevivência e o futuro da humanidade dependem disso.

Prestem atenção e reproduzam-se, meus amigos.

Reproduzam-se.

Se o flamingo na câmara de entrada não ativou um alerta quando vocês chegaram, então estão todos seguros e livres de contaminação pelo 412E.

Mas atenção: se a contaminação pelo 412E já durar mais de 24 horas em seu ciclo, vocês não devem retornar à superfície a menos que tenham preparado as ferramentas adequadas.

Vocês receberão treinamento, meus amigos.

Este é seu mundo novo, e vocês são a nova raça.

Vocês são Irrefreáveis.

Por favor, amigos, não se desesperem. Acho que vocês vão gostar de viver neste mundo bastante extraordinário.

Viver em amor. Viver em amor.

O Éden é amor, meus amigos.

No Éden, uma nova raça humana vai nascer. É seu dever realizar isso. Vocês vão descobrir que o Complexo do Projeto Éden tem recursos suficientes para durar anos, talvez décadas. Vocês devem se preparar para recapturar o mundo dos exércitos de louva-a-deus na superfície. Se vocês chegaram dentro da janela da infestação, então talvez consigam impedir o que pode ser o fim do mundo.

Mas vocês precisam agir.

Prestem muita atenção, meus amigos.

Prestem atenção e se reproduzam.

Então o Dr. Grady McKeon deu um sorriso muito assustador, como se estivesse imaginando filmes pornô do Éden. Por acaso eu também estava

imaginando pornôns do Éden, e eles envolviam nós três: Shann, Robby e a mim.

O plano de apresentação do Dr. Grady McKeon se dissolveu em trechos de cinejornais antigos que nos levaram pela história de Ealing e de seu cientista mais famoso, o Dr. Grady McKeon, fundador das Indústrias McKeon.

Robby disse:

— Que psicopata do caralho.

Robby e eu nunca falávamos esse palavrão.

Obviamente, o impacto do Dr. Grady McKeon sobre ele tinha sido tão forte quanto em mim, mesmo que eu tivesse gostado da orientação frequente de fazer sexo lá embaixo em nosso mundo novo.

Shann estava inquieta na poltrona. Ela disse:

— Hum. Eu estou enganada, meninos, ou vocês dois na verdade *sabem* alguma coisa que eu não sei sobre o que ele está falando?

— Hum — falei.

— Hum — disse Robby.

MILHO IRREFREÁVEL! MILHO IRREFREÁVEL!

TODAS AS ESTRADAS SE CRUZAVAM AOS NOSSOS PÉS.

Assistimos aos três rolos da *Série de orientação para o Éden*.

Foi isto que nós aprendemos:

O empreendimento original do Dr. Grady McKeon, que ele fundou em Ealing, Iowa, em 1957, o mesmo ano em que seu irmãozinho, Johnny, nasceu, começou produzindo fertilizantes destinados a aumentar a produção de milho. Na época, as Indústrias McKeon tinham um quadro de funcionários composto de três cientistas, uma secretária e um homem que levava encomendas em sua caminhonete e varria o chão da garagem velha que Grady McKeon tinha alugado. O fertilizante produzido foi um tremendo sucesso em todo o Cinturão do Milho, e as Indústrias McKeon se expandiram rapidamente.

Em 1961, o ano seguinte após o nascimento de meu pai, Eric Andrew Szerba, as Indústrias McKeon se mudaram para sua fábrica principal, aquela que tinha sido fechada havia pouco tempo em Ealing. Nas novas instalações, o Dr. Grady McKeon revelou o novo símbolo da empresa.

O Grande Símbolo das Indústrias McKeon parecia algo tirado de um romance de Ayn Rand.

Ayn Rand era um autor que não tinha nenhum livro nas estantes da biblioteca do Dr. Grady McKeon no Éden.

O novo símbolo das Indústrias McKeon retratava uma mulher gigantesca sentada de maneira tranquila com as pernas cruzadas, com o rosto a sessenta metros de altura que parecia olhar para os belos e produtivos campos de Iowa. Ela tinha a expressão de quem havia acabado de tomar alguns caiaques azuis.

Eles claramente precisariam ser caiaques em tamanho natural, já que a mulher era da altura de uma torre de petróleo.

Arrumados à frente de seus joelhos nus (ela estava usando um vestido simples que cobria de maneira apropriada suas coxas perfeitas), como os brinquedos de uma criança no Natal, havia miniaturas de fábricas com chaminés, uma moderna locomotiva reluzente de aço e, por alguma razão qualquer, três homens de macacão e peito nu trabalhando atrás do que pareciam parelhas de bois.

À frente da mulher absurdamente imensa, cresciam pés de milho da altura de sequoias, se estendendo sem fim até o horizonte de Iowa. Em torno da borda curva no pé do símbolo da McKeon, estavam escritas as palavras:

INFINITA FRUMENTA! INFINITA FRUMENTA!

Infinita frumenta! é Milho Irrefreável! em latim, ou alguma merda assim.

Se você escrevesse qualquer coisa que quisesse em latim no pé de uma imagem, as pessoas em Iowa poderiam tanto meter porrada em você quanto achar que você era um mensageiro de Deus.

O Dr. Grady McKeon achava que era Deus.

Ele pregava o evangelho do *infinita frumenta*.

A história fornece provas de que o *infinita frumenta* fez do Dr. Grady McKeon uma das pessoas que mais lucrou com a Guerra Fria. Seu sucesso foi totalmente causado por um acidente da natureza.

No Rolo Dois da *Série de orientação para o Éden*, o Dr. Grady McKeon narrava em off imagens de cientistas esforçados em jalecos brancos perfeitamente imaculados, enquanto olhavam em microscópios, agitavam cigarros com inteligência arrogante e interagiam em discussões acadêmicas.

Os cientistas adoravam fumar nos anos 1960.

Também havia cinzeiros embutidos nos braços das poltronas do cinema do Éden. Quando Robby e eu vimos aqueles cientistas inteligentes e trabalhadores acendendo seus *caretas*, não resistimos à tentação de nos juntarmos a eles.

Era nosso dever fumar ao longo da *Série de orientação para o Éden*.

— Ahhh... — falei, depois de dar uma tragada.

— Ahhh... — disse Robby.

Nos anos 1960, *infinita frumenta* significava que as Indústrias McKeon estavam trabalhando para desenvolver uma variedade de milho que não pudesse ser devorada por insetos.

Milho Irrefreável.

Assim como fumar no trabalho, eles deviam achar naquela época que Milho Irrefreável era uma boa ideia.

Os cientistas que trabalhavam para o Dr. Grady McKeon fizeram experiências com milho.

Sei que é uma coisa estranha e engraçada de se dizer, e eu posso ter de apagar essa linha de meu livro de história, mas foi o que eles fizeram.

Eles fizeram *experiências* com milho.

Os cientistas das Indústrias McKeon, assim como Robby Brees e eu, não tinham ideia de quais seriam os resultados de suas experiências, mas eles as fizeram mesmo assim.

O Dr. Grady McKeon e seus colegas tentaram juntar material genético do sêmen de gafanhotos ao pólen do milho.

Pólen é o esperma das plantas.

Isso não foi uma boa ideia.

O milho que eles produziram a partir de sua experiência com sêmen-de-planta-e-sêmen-de-gafanhoto era viçoso e forte. Também era verdade que, como esperado, os insetos não o comiam. Ele era irrefreável. O Dr. Grady McKeon ficou muito feliz. As ações de sua empresa passaram a valer uma fortuna incalculável.

Fortuna também é uma palavra estranha.

Infelizmente, o milho produzido pelo experimento do sêmen-de-planta-e-sêmen-de-gafanhoto das Indústrias McKeon também causava um efeito colateral indesejável em garotos adolescentes: suas bolas se dissolviam.

O Dr. Grady McKeon descreveu o acontecimento como dissolução testicular em machos adolescentes.

Isso parecia mais suave.

Se um médico me dissesse “Você está apenas passando por uma dissolução testicular”, eu não ficaria nem de longe tão assustado quanto se ele dissesse: “Suas bolas vão se dissolver, Austin.”

Na verdade, os cientistas das Indústrias McKeon primeiro chegaram à conclusão de que seu Milho Irrefreável só dissolvia as bolas de garotos na puberdade. Isso porque a menor quantidade de Milho Irrefreável tinha esse efeito sobre adolescentes do sexo masculino. No fim, descobriu-se que o Milho Irrefreável na verdade dissolvia as bolas de qualquer um que o comesse em quantidade suficiente, e também que tivesse bolas.

“Quantidade suficiente” se revelou ser uma espiga e meia.

O milho colhido em todas as fazendas McKeon de Iowa naquele ano foi enviado como gesto de boa vontade pelos Estados Unidos para o povo do Canadá.

Assim terminou o segundo rolo.

Robby e eu nos contorcemos com a ideia de comer o milho McKeon de sêmen-de-planta-e-sêmen-de-gafanhoto. Nós também sentimos pena do Canadá.

— Eu *nunca* mais vou comer nada que tenha milho — disse Robby.

— Será que *existe* alguma comida que não tenha milho em Iowa? — perguntou Shann.

— Hum — disse Robby.

Eu fiquei curioso:

— O Dr. Grady McKeon se casou alguma vez?

— Parece que ele praticava muita reprodução — observou Robby.

— Ele nunca se casou — respondeu Shann.

— Talvez ele tenha comido do próprio milho — sugeri.

— Preciso de um cigarro — disse Robby.

Mais tarde, descobrimos que o Dr. Grady McKeon na verdade não comeu seu próprio milho nem experimentou uma dissolução testicular. Você vai ver.

INFINITA FRUMENTA! INFINITA FRUMENTA!

TRÊS DE CINCO

O ROLO TRÊS, QUE foi a parte final do filme que vimos naquela noite, terminava com um grande suspense.

A Parte Três da *Série de orientação para o Éden* do Dr. Grady McKeon era sensacional.

Quando terminou, tudo o que consegui dizer foi:

— Puta merda.

Robby disse:

— Puta merda.

Foi isto que aconteceu no Rolo Três:

Felizmente para o Dr. Grady McKeon e sua empresa, nos anos 1960, tudo o que podia parecer milho e fazer bolas se dissolverem era de imenso interesse para o Departamento de Defesa. As Indústrias McKeon assinaram seu primeiro de muitos contratos lucrativos para desenvolver Armas Irrefreáveis e, mais tarde, Soldados Irrefreáveis.

Foi aí que surgiram os louva-a-deus de um metro e oitenta com patas farpadas e mais poderosos do que ursos. Mas isso também foi resultado de um acidente da natureza.

Em 1965, as Indústrias McKeon empregavam duas mil e setecentas pessoas em Ealing, Iowa.

Em 1965, Ealing, Iowa, era uma cidade próspera graças à Guerra Fria.

Naquele ano, meu pai, Eric Andrew Szerba, batizado na Igreja Católica, entrou no jardim da infância.

Depois do acidente com a experiência do sêmen-de-planta-e-sêmen-de-gafanhoto, as Indústrias McKeon passaram a trabalhar em diversos métodos teóricos para deter o avanço global do comunismo. Havia múltiplas unidades dentro do departamento científico das Indústrias McKeon, e cada uma desenvolvia suas próprias ideias criativas anticomunistas.

Uma das unidades trabalhava com o material do Milho Irrefreável. Nesse laboratório, os cientistas tentavam inventar algum tipo de sistema de transmissão que resultasse na dissolução testicular de exércitos inimigos.

Ninguém jamais levaria a sério um exército de comunistas sem bolas.

Outra unidade trabalhava em um projeto de replicação humana. Era a primeira verdadeira tentativa de clonar soldados. Foi de lá que vieram a cabeça humana, o pênis e as mãos em oração que estavam dentro dos potes de vidro. Robby e eu os encontramos quando invadimos o escritório de Johnny McKeon na noite em que subimos no telhado na Selva de

Gafanhotos. O garoto de duas cabeças também foi criado na Unidade de Replicação Humana.

Nós descobrimos isso depois.

O Rolo Três da *Série de orientação para o Éden* envolvia a mim e a Robby de maneiras que nós nunca poderíamos prever.

Foi assim que aconteceu:

O filme mostrou como a equipe do laboratório do Milho Irrefreável estava extraíndo material celular das safras armazenadas em um silo de uma das fazendas de Milho Irrefreável que restara.

O objetivo deles era dissolver os testículos dos russos em todo o mundo.

Mais tarde, eu descobri pesquisando registros arquivados no Éden que o presidente Richard Nixon também levou um pouco de Milho Irrefreável do Dr. Grady McKeon para a China como um presente. Descobri no que se chamava Sala dos Cérebros do Éden uma fotografia em preto e branco que mostrava o primeiro-ministro da China, um homem chamado Chou En-lai, comendo um pouco do Milho Irrefreável do Dr. Grady McKeon, enquanto o presidente dos Estados Unidos observava com um sorriso amistoso.

As bolas do primeiro ministro Chou En-lai se dissolveram.

Quando a equipe do Milho Irrefreável começou a esvaziar os silos de Milho Irrefreável em Iowa, eles descobriram que o milho, quando estragava, produzia uma nova variedade de mofo que eles nunca haviam visto antes. Eles nunca o haviam visto antes porque o fungo era um acidente da natureza. Ele emitia um brilho fotofosforescente.

Esse segundo acidente da natureza ficou conhecido como Cepa de Praga IM 412E.

Não havia nenhum significado na parte 412E desse nome. O departamento de marketing das Indústrias McKeon acreditava que o nome soava bem como argumento de venda para o Departamento de Defesa, como se fosse resultado de centenas de testes e experimentos. Na realidade, o 412E foi apenas um acidente da natureza que ocorreu quando cientistas tentaram juntar material genético do sêmen do gafanhoto com esperma de planta e fertilizar milho com o resultado.

Os cientistas das Indústrias McKeon levaram o mofo para seus laboratórios, onde o cultivaram em grandes quantidades dentro de caixas de vidro compridas que pareciam aquários enormes. Eles não sabiam o que fazer com o fungo, mas ficaram fascinados por sua esponjosidade e pelo modo como ele se movia, pulsava e emitia luz.

Apesar de vê-lo em preto e branco, Robby e eu reconhecemos o brilho familiar do fungo 412E quando a câmera capturou sua fosforescência após os cientistas no filme apagarem as luzes do laboratório.

O Dr. Grady McKeon, narrador do filme, disse o seguinte:

Atentem para o brilho maravilhoso de um novo ser!

Eu disse:

— Hum.

Shann disse:

— Ele está um pouco impressionado demais com uma coisa que parece couve-flor podre.

— Isso é a mesma merda que Johnny tinha no escritório dele — observou Robby.

— É o quê? — perguntou Shann.

— *Aquela* merda — respondi.

Robby acrescentou:

— Hum. É.

Robby Brees e eu precisávamos dar algumas explicações.

— O seu padrasto — comecei. — Ele tinha um pouco desse negócio lá no escritório dele na Do Sótão ao Sucesso. Robby e eu vimos.

— Quando vocês entraram no escritório do Johnny? — perguntou Shann.

— Shhh — disse Robby, fazendo o papel do espectador irritado que é distraído por gente conversando no cinema. — Fique quieta e escute o filme.

Foi então que a *Série de orientação para o Éden* se transformou em um show de horrores.

Ele se transformou em um show de horrores por duas razões.

Primeiro, os cientistas que estavam trabalhando no projeto Milho Irrefreável/ Soldado Irrefreável resolveram tentar misturar o material genético do fungo com uma amostra fresca de sangue humano.

Eles resolveram usar o sangue do próprio Dr. Grady McKeon.

O Dr. Grady McKeon se achava uma espécie de Deus. Por isso ele colheu o próprio sangue para misturar com o material genético do mofo fotofosforescente.

Isso não foi uma boa ideia.

A ideia de misturar sangue humano com o fungo 412E era ainda menos racional do que cientistas de laboratório que acham uma boa ideia fumar no

trabalho e brincar com sêmen de gafanhoto e misturá-lo com esperma de planta e injetá-lo em sementes de milho.

O sangue do Dr. Grady McKeon deixou o fungo 412E muito feliz.

Aquele foi o início do fim do mundo, e ele aconteceu nos anos 1960.

— Era essa merda que estava desenhada no quadro-negro do auditório — falei.

— Hein? — disse Shann.

— Ô-ou — comentou Robby.

Tudo estava começando a se encaixar.

As estradas estavam se cruzando.

Mas a coisa ficou ainda pior.

Eu disse:

— Robby, pule lá atrás e pause o filme naquela parte.

Robby, que era nosso *operador de projetor*, disse:

— O quê?

— Volte até a parte em que o cientista coloca sangue na placa de Petri e congele *naquela* imagem.

Robby fez o que eu pedi.

E ali estava a segunda razão pela qual a *Série de orientação para o Éden* se transformou de fato em um show de horrores bem diante dos meus olhos: o cientista que estava dando o sangue humano hospedeiro ao 412E, que por acaso também estava começando um evento inicial de infestação, era exatamente igual a meu pai, Eric Andrew Szerba.

Claro, o cientista do filme não podia ser meu pai porque Eric Andrew Szerba devia estar no jardim de infância exatamente na época em que aquela parte do filme foi gravada.

— Ei, Porco-Espinho — disse Robby. — Esse cara é igualzinho ao seu pai.

— Hum — falei.

— Ele é mesmo igualzinho ao seu pai, Austin — concordou Shann.

O filme era granuloso, mas todos pudemos ver que o jaleco do cientista tinha sido bordado com um nome: FELIX SZERBA.

Era meu avô, Felek Szczerba, cujo pai, como eu, tinha nascido com o nome de Andrzej.

Felek Szczerba, cujo nome americano era Felix Szerba, foi a primeira vítima da Cepa de Praga 412E das Indústrias McKeon.

Ninguém sabia nada sobre isso.

Mas eles descobriram bem depressa.

Conforme deixamos o filme rodar, a voz do Dr. Grady McKeon falou sobre uma série de imagens congeladas. As imagens mostravam os rostos dos cientistas e secretárias que trabalhavam com Felix Szerba nas Indústrias McKeon. O Dr. Grady McKeon explicou como aqueles bravos patriotas perderam as vidas enquanto desenvolviam o Soldado Irrefreável para lutar contra o comunismo.

Infelizmente, os soldados irrefreáveis criados pelas Indústrias McKeon não passavam de acidentes da natureza que pareciam louva-a-deus de um metro e oitenta de altura. Eles tinham patas rápidas como raios, equipadas com fileiras e fileiras de espinhos farpados e afiados como agulhas.

Os Soldados Irrefreáveis só gostavam de fazer duas coisas: trepar e comer.

Também era impossível freá-los.

O Dr. Grady McKeon disse que, por meio de pesquisas, os cientistas das Indústrias McKeon encontraram uma maneira de frear os soldados irrefreáveis.

E era exatamente assim que terminava o Rolo Três.

— Nós precisamos voltar — falei.

— Hum — disse Robby.

— Voltar *aonde*? — perguntou Shann.

— Precisamos voltar à Selva de Gafanhotos. Robby e eu precisamos voltar ao topo do telhado. Nós esquecemos uma coisa lá — contei.

— O que vocês dois esqueceram lá em cima? — indagou Shann.

Eu podia ter dito muita coisa sobre o que eu e Robby Brees tínhamos deixado para trás no telhado da Selva de Gafanhotos.

— O resto desse filme está lá em cima. Shann, nós *precisamos* ver o resto desse filme — expliquei.

— Ah — disse Shann.

E Robby disse:

— E acho que precisamos nos apressar.

FELEK, O ÓRFÃO

FELEK SZCZERBA TINHA NOVE anos de idade quando seu pai foi morto.

Aconteceu em um lugar chamado Cisterna.

Cisterna fica na Itália.

Andrzej Szczerba tinha entrado para o Exército americano em 1942. Ele se alistou porque queria lutar contra Hitler e porque estava muito infeliz vivendo em Iowa com Phoebe Hildebrandt.

Andrzej Szczerba era homossexual, mas ninguém sabia nada sobre isso.

A única pessoa que já conheceu a homossexualidade de Andrzej Szczerba fora Herman Weinbach.

Herman Weinbach morreu de pneumonia em Midvale, Iowa, em 1934.

Andrzej Szczerba nunca chegou a conhecer o tio de Herman Weinbach, um homem chamado Bruno Wojner que se apresentava com *Os Incríveis e Maravilhosos Cães de Bruno* em um circo na Califórnia.

No verão de 1944, Andrzej Szczerba levou um tiro na parte de trás da cabeça enquanto se agachava para cagar em uma cidadezinha chamada Cisterna, na Itália. Ele recebeu uma medalha por ser morto enquanto cagava.

O bisneto de Andrzej Szczerba, Eric Christopher Szerba, também recebeu uma medalha por ter suas bolas arrancadas na explosão de uma bomba caseira irrefreável.

Dulce Et Decorum Est.

Felix Szerba era muito inteligente. Ele se formou no ensino médio em Iowa City aos quatorze anos. Sua mãe, Phoebe Hildebrandt, se casou pela segunda vez quando Felek tinha dez anos.

Phoebe Hildebrandt começou a ter relações sexuais após o longo período solitário que se seguiu à perda da virgindade com Andrzej Szczerba. A perda da virgindade com Andrzej Szczerba deu origem a seu filho, Felek.

Phoebe Hildebrandt odiava o nome de Felek.

Contra a vontade de Felek, Phoebe Hildebrandt fez o novo marido, que se chamava Daniel Barton, adotar o menino e mudar seu nome para Felix Barton. É um fato pouco conhecido da história que eu quase me chamei Austin Barton, um nome com o tipo de sonoridade apreciado pelos habitantes de Iowa.

Daniel Barton era dono de uma emissora de rádio em Iowa City. Ele tinha cinquenta e dois anos quando se casou com Phoebe Hildebrandt em 1945.

Daniel Barton também possuía um sêmen defeituoso. Ele tinha uma baixa taxa de espermatozoides, mas nunca soube de nada sobre isso. Nunca

soube por que sua esposa, Phoebe, engravidou três vezes de três homens diferentes antes que Felix terminasse o ensino médio.

Daniel Barton estava convencido de que tinha um esperma muito poderoso.

Phoebe Barton era um verdadeiro dínamo quando se tratava de ter relações sexuais com vários homens em Iowa City.

Phoebe Barton era irrefreável. Ela gostava de fazer exatamente as mesmas duas coisas que os insetos gostam de fazer.

Phoebe Barton nunca imaginou quanto iria gostar de relações sexuais até Andrzej Szczerba levar um tiro na cabeça enquanto cagava. Antes disso, Phoebe achava que relações sexuais eram dolorosas, interminavelmente longas e tristes, e que a faziam sangrar. Os três novos filhos de Phoebe Barton – um menino chamado Eldon Wayne e duas meninas, Chastity e Linda – eram vistos por todos como Barton legítimos. Daniel Barton também acreditava nisso.

A filha mais nova de Phoebe Barton, que se chamava Linda, era um produto do sêmen fabricado nos testículos do professor de física do colégio de Felix.

Depois que Felix Barton, cujo nome verdadeiro era Felek Szczerba mas que era chamado de Felix Szerba pelos americanos, se formou no ensino médio na tenra idade de quatorze anos, Daniel Barton e sua esposa, Phoebe, matricularam o garoto na Universidade de Stanford.

A Universidade de Stanford fica em um lugar chamado Palo Alto, na Califórnia.

Palo Alto significa vara alta em espanhol.

Há árvores grandes perto da Universidade de Stanford.

Os missionários espanhóis eram bons em dar nomes a essas merdas.

Felix Barton era muito solitário e infeliz na Califórnia. Em Stanford, Felix tentou se matar uma vez, misturando produtos químicos que criaram uma nuvem de gás venenoso.

Não foi uma boa ideia.

Felix Barton acabou apenas queimando a mucosa de suas vias respiratórias. Como resultado, Felix Barton, nascido Felek Szczerba, ficou com uma tosse crônica pelo resto da vida.

Depois de se formar na universidade, Felix mudou de nome legalmente e voltou a ser Felek Andrzej Szczerba. Ele às vezes atendia por Felix Szerba,

porque os americanos não gostam muito de todas essas consoantes amontoadas e merdas assim.

Felek se casou com uma garota católica polonesa que conheceu na Califórnia. O nome dela era Ksenia. Ela era muito bonita. Ksenia Szczerba foi minha avó.

Diferentemente do pai adotivo, Daniel Barton, Felek Szczerba não tinha nenhum problema com seu esperma.

Em 1960, quando Felek tinha vinte e cinco anos, nasceu seu primeiro filho, Arek Andrzej Szczerba. Arek Andrzej Szczerba é meu pai, Eric Szerba.

Felek e Ksenia Szczerba tiveram mais quatro robustos filhos poloneses. Seus nomes eram Krzys, Mieszko, Gabrysz e Jacek.

Em 1965, Felek Szczerba e sua família voltaram a morar em Iowa, em Ealing, onde Felek aceitou uma proposta de trabalho nos laboratórios de pesquisa das Indústrias McKeon.

Em 1968, Felek Szczerba morreu em um acidente de motocicleta. A história registrada em um jornal de Waterloo descrevia como Felek Szczerba aparentemente perdera o controle de sua motocicleta e entrara debaixo de um caminhão-tanque que transportava fertilizante líquido.

O fertilizante era produzido em Ealing, Iowa.

O que realmente aconteceu com Felek Andrzej Szczerba naquele dia foi o seguinte: Felek Andrzej Szczerba eclodiu.

Felek significa sortudo.

Felek Szczerba foi o primeiro Soldado Irrefreável.

PARTE 4:
O FIM DO
MUNDO



SÃO KAZIMIERZ NÃO ERA um Soldado Irrefreável.

Quando era adolescente, seu pai ordenou que Kazimierz comandasse o Exército polonês para conquistar a Hungria. Alguns estudiosos católicos afirmam que Kazimierz se recusou a fazê-lo. Eles dizem que Kazimierz não recusou por medo. Kazimierz recusou por achar injusto entrar em guerra contra a Hungria. Alguns historiadores dizem que Kazimierz, que na época tinha apenas treze anos, foi para a guerra, mas acabou derrotado.

Os húngaros deviam se masturbar menos do que os garotos poloneses. Isso provavelmente é verdade.

O pai de Kazimierz o puniu por não ir à guerra. É difícil imaginar como é possível punir um garoto por *não* ir à guerra. É meio como dar um bolo a um garoto como castigo por ter faltado ao jantar.

Para resistir à tentação sexual, Kazimierz usava um cilício, que era algo áspero e incômodo feito de pelo de bode. Devotos como Kazimierz usavam esse traje como roupa de baixo, para que os pelos se esfregassem na pele. O único propósito de um cilício é causar ferimentos e dor. Alguns historiadores afirmam que São Kazimierz pode ter usado seu cilício em contato direto com o pênis.

Cilícios são eficientes como dínamos.

Hoje em dia ninguém mais fabrica cilícios.

NÓS, OS NOVOS HUMANOS

NAQUELA NOITE, EU CONTEI tudo a Shann Collins.

Contei o que acontecera na Selva de Gafanhotos. Disse que Grant Wallace e os garotos da Hoover tinham arrombado a loja atrás de bebidas, e que eu e Robby Brees não deveríamos estar lá, mas estávamos. Contei a Shann Collins o que encontramos dentro do escritório de Johnny McKeon, e que Tyler Jacobson deixou cair o universo de vidro e espalhou o que sabíamos ser o 412E por todo o beco nos fundos da loja de artigos usados Do Sótão ao Sucesso.

Foi isto que eu disse a Shann Collins: Robby Brees me levou de carro a Waterloo para que pudéssemos ver o futuro. Fomos ao Tally-Ho!, onde um sem-teto chamado Jack Faminto se jogou na frente de uma picape Dodge que vinha correndo, e então uma criatura horrível eclodiu de dentro de seu corpo e o devorou.

Shann tinha que ir para casa. Estava tarde.

Ela tirou o macacão do Projeto Éden. Não poderia ir para casa vestindo um uniforme estranho. Wendy McKeon, a mãe de Shann Collins, era o tipo de mãe que prestava atenção ao que a filha estava vestindo quando saía de casa. Wendy McKeon fazia perguntas, e nós não queríamos que ninguém soubesse do silo de Shann.

Ninguém sabia absolutamente nada sobre o Éden.

Robby Brees e eu ficamos com nossos macacões do Projeto Éden. Deixamos todas as nossas roupas, menos nossos tênis, lá embaixo no silo. Usar os macacões nos fez sentir como se fôssemos um exército ou algo assim. Sentíamos que havia um laço nos unindo.

Enfim, Robby e eu tínhamos umas merdas a fazer.

Ninguém jamais ficaria sabendo se Robby e eu não voltássemos para casa naquela noite.

Eram oito e meia da noite. Shann tinha perdido o jantar com a família. Seu celular não funcionava enquanto estávamos lá embaixo dentro do Éden. Ela ia levar uma bronca. Bons jovens luteranos de Iowa não se esquecem de chegar em casa a tempo de jantar com a família.

Sair do Éden sob o vasto céu negro e estrelado de Iowa nos deu a sensação de emergir de uma nave espacial na superfície de algum planeta alienígena. Tudo estava diferente.

Nós éramos os Novos Humanos.

Foi exatamente isso que o Dr. Grady McKeon disse que éramos.

Robby ficou me esperando no velho Ford Explorer enquanto eu levava Shann até a porta da casa dos McKeon. Perguntei se ela queria que eu

dissesse alguma coisa à mãe ou a Johnny McKeon, mas Shann disse que não, que ela ia levar uma bronca e que não havia como melhorar as coisas.

Então eu abracei Shann. Foi muito gostoso apertar meu corpo contra o dela no meu macacão, como se não estivesse vestindo nada além de minhas cuecas. Eu a beijei por um bom tempo e passei a mão de sua bunda até os ombros. Meu objetivo era fazer com que ela aceitasse o conselho do Dr. Grady McKeon sobre nossa missão. Eu tinha me esquecido completamente dos insetos monstruosos e que Robby estava me esperando no carro. Pressionei meus quadris contra os de Shann.

Foi bem aí que Shann sussurrou o seguinte:

— Acho que o Robby está apaixonado por você, Austin.

Senti um nó na garganta e pedi a São Kazimierz que fizesse tudo ficar bem.

— Hum — falei.

— Dá para ver que ele está — continuou Shann.

— Tem alguma coisa errada nisso? — perguntei.

Shann se afastou meio passo de mim. Seus olhos não paravam de me olhar de cima a baixo, por todo meu corpo. Macacões não são bons para esconder ereções. Eu tentei me ajeitar.

— Se tem *alguma coisa errada* nisso? Você não acha que tem *alguma coisa errada* nisso, Austin?

— Hum — falei.

Eu honestamente não achava que havia algo de errado em Robby Brees estar apaixonado por mim.

Eu provavelmente estava errado quanto a isso.

Shann disse:

— Vocês dois já *fizeram* alguma coisa juntos?

Senti meu sangue se esvaír de todas as partes do meu corpo, que ficou frio e trêmulo.

— Como assim? Tipo andar de skate? A gente faz um monte de coisas — expliquei.

Eu não minto. Meu trabalho é nunca mentir.

Eu queria um cigarro.

— Você já beijou Robby alguma vez? — perguntou Shann.

Eu precisava contar a ela. Eu amava Shann, e eu não minto.

— Hum, já — admiti.

— Ah — disse Shann. — Tipo, um beijo *de verdade*?

— É, beijei — respondi.

Eu desviei os olhos. De repente me dei conta de que Robby estava esperando. Dava para ouvir o *clunk-clunk-clunk* do motor do Ford velho.

Shann recuou até a porta da frente.

Então ela disse:

— Você e Robby já fizeram sexo um com o outro?

— Ah. Hum — falei. — Não.

Eu não menti para ela.

— Qual é, Shann. Por favor — pedi. — Você sabe que eu sou completamente apaixonado por você.

Shann parecia ter acabado de levar um chute no estômago. Ela não disse mais nem uma palavra. Entrou e fechou a porta. Eu ouvi o som da tranca girando dentro do mecanismo da fechadura da porta.

E assim foi meu dia. Você sabe o que quero dizer.

O que eu iria fazer?

O fim do mundo já tinha quase uma semana.

O fim do mundo já tinha começado havia quase uma semana e só três pessoas em Ealing sabiam sobre ele: eu, Robby Brees e Shann Collins.

NAS ÚLTIMAS

QUANDO ENTREI NO CARRO, Robby jogou um maço de cigarros por cima do painel na minha direção.

Ele não falou nada.

Eu não falei nada.

Robby percebeu que alguma outra coisa tinha dado errado. Uma outra coisa. Robby sempre sabia tudo sobre mim.

Eu acendi um cigarro.

O motor não parava de engasgar.

— Este carro está nas últimas — avisei.

DAVY CROCKETT E DANIEL BOONE NUNCA USARAM CHAPÉUS DE PELE DE GUAXINIM

ROBBY ME LEVOU PARA casa. Eu precisava pegar meus livros de história e também Ingrid.

Eu queria levar Ingrid com a gente para o Éden.

Talvez eu estivesse louco de tristeza. Talvez toda aquela merda — pensar sobre meu irmão, Eric, meu avô Felek e seu pai perdido e triste, Andrzej, o pobre Herman Weinbach que o amava, São Kazimierz, Shann Collins e o estorninho europeu falante chamado Baby —, escutar todos esses pensamentos no tape deck entre meus ouvidos, tenha me feito sentir completamente sozinho, como se estivesse equilibrado na ponta de uma lâmina de barbear.

Robby tocou uma das fitas cassete velhas de seu pai no Explorer.

Nós ouvimos *Exile on Main Street*.

E o carro passou aos solavancos pela Escola Luterana Curtis Crane, que ficava localizada em Ealing, Iowa, na Main Street.

— Então, quer conversar sobre isso, Porco-Espinho? — perguntou Robby.

Eu sabia do que Robby estava falando. Mesmo assim, me fiz de desentendido.

— Conversar sobre o quê, Rob? — rebati.

— O que aconteceu entre você e Shann lá atrás. Sobre isso — explicou Robby.

— Ah — falei. — Nada.

A história mostra que a palavra *nada* significa muito mais do que *nada* quando falada por adolescentes. Naquele caso, Robby sabia que significava que eu não queria falar sobre o assunto, por isso não insistiu.

Robby Brees era um amigo muito bom.

Minha casa ficou em um silêncio estranho com Robby Brees naquela noite. Foi um daqueles momentos extremamente idiotas nos quais eu não sabia se deveria ou não dizer alguma coisa a ele. Eu estava com vontade de agir como um babaca com Robby de novo, por isso fechei os olhos e pedi a São Kazimierz que me ajudasse a calar a droga da boca.

Ingrid veio direto para a porta assim que nós entramos. Ela saiu correndo para o jardim da frente com a grama bem aparada.

Deixei a porta aberta, uma espécie de mensagem para qualquer pessoa que passasse por ali dizendo que Robby Brees e eu *não* estávamos realizando nenhuma experiência dentro da minha casa enquanto meus pais estavam fora.

Robby sabia o que eu estava fazendo.

Deixar a porta aberta daquele jeito era o tipo de coisa que um babaca reprimido faria.

Eu peguei o celular na mesinha de centro, onde ele havia ficado o dia inteiro. Vi que havia uma ligação perdida de Eric, meu irmão. Eric deixou uma mensagem. Sentei no sofá e ouvi a voz do meu irmão. Robby ficou parado na porta me observando. Ele sabia o que estava acontecendo. Nós éramos soldados usando nossos uniformes da Selva de Gafanhotos.

Robby Brees e eu também podíamos ser irrefreáveis se quiséssemos.

A mensagem que Eric deixou no meu celular foi a seguinte:

Ei, Booney. Estou com saudade e espero que você esteja por aí se divertindo e fumando cigarros e merdas assim. Queria que você estivesse aqui em vez da mamãe e do papai. Desculpe se assustei vocês ou qualquer coisa assim. Eu vou ficar bem, Booney. Prometo. Fique bem você também. Até logo.

Quando eu tinha nove anos e Eric tinha quinze, minha família fez uma viagem a Nashville, no Tennessee. Eu ainda não entendo por que nós fomos a Nashville, mas lembro que minha mãe e meu pai aproveitaram muito a viagem.

Como Eric era adolescente, meu pai e minha mãe saíam à noite para ouvir música. Eles se sentiam à vontade deixando a mim e meu irmão sozinhos no hotel.

Aos quinze anos, Eric era maduro e ajuizado o suficiente para cuidar de mim.

Hoje em dia, os pais vão parar na cadeia se fizerem uma merda dessas. Ao menos sempre há umas histórias horríveis sobre o que acontece com crianças deixadas sozinhas em quartos de hotel, mesmo que as crianças sejam ajuizadas e maduras.

Enquanto estávamos no Tennessee, meu pai me comprou um chapéu de pele de guaxinim falsa, que eu usei por tantos dias e noites consecutivos que comecei a ficar com um ponto calvo na parte de trás da cabeça. Essa área sem cabelo era bem embaixo de um ponto no chapéu onde um botão de plástico havia sido costurado na parte de dentro para prender o rabo falso de guaxinim.

O chapéu de pele de guaxinim era um souvenir de um lugar chamado CrockettLand.

O chapéu de pele de guaxinim era feito na China.

Richard M. Nixon, presidente dos Estados Unidos, levou Milho Irrefreável para a China em 1972. Ele usou o Milho Irrefreável para dissolver as bolas do primeiro ministro Chou En-lai.

Que eu saiba, meu chapéu de pele de guaxinim não teve nenhum efeito negativo sobre minhas bolas.

A CrockettLand vendia souvenirs que faturavam em cima de um homem chamado Davy Crockett, que foi um explorador pioneiro do Tennessee.

Eric começou a me chamar de *Booney* naquele verão, quando eu tinha nove anos e ele quinze, porque ele disse que eu me parecia com Daniel Boone, também um explorador pioneiro da Pensilvânia.

A história mostra que nem Davy Crockett nem Daniel Boone já usaram chapéus de pele de guaxinim, mas os filmes fizeram as pessoas acreditar que sim. Meriwether Lewis, porém, usava chapéus de guaxinim.

Eu fiquei feliz por meu irmão não ter começado a me chamar de Meriwether.

Não sei se os filmes já mostraram Meriwether Lewis usando um chapéu de pele de guaxinim. Quando você pensa em filmes emocionantes sobre pioneiros, você costuma pensar em Daniel Boone e Davy Crockett, e não em um cara chamado Meriwether.

Os filmes fizeram as pessoas acreditarem em muita merda sobre história.

Robby Brees e eu acreditamos no que vimos na *Série de orientação para o Éden*.

Isso era a verdade.

Havia duas prostitutas que moravam no mesmo hotel em que nos hospedamos em Nashville.

Em uma noite, Eric e eu jogamos futebol americano com uma bola de espuma na varanda que ligava todos os quartos do terceiro andar, que era o andar do nosso quarto. Nós cumprimentamos as prostitutas.

As prostitutas se chamavam Tiffany e Rhonda.

Eu não sei os sobrenomes delas.

A história mostra que muitas prostitutas não precisam necessariamente de sobrenomes.

O cabelo de Tiffany era da cor de purê de batata-doce, e sua pele parecia chocolate quente cremoso. O cabelo de Rhonda lembrava merengue de limão, e ela sempre usava batom cor de algodão-doce cor-de-rosa.

Eric sabia o que Tiffany e Rhonda estavam fazendo. Eu achava curioso como meu irmão observava Tiffany e Rhonda irem e virem, irem e virem, e como Eric sempre era tão simpático e educado com elas. As garotas piscavam para nós e, às vezes Tiffany, que era bem gordinha, passava os dedos pelo cabelo de Eric e flertava com ele de modo sedutor, e acariciava minha nuca com seus dedos grossos e quentes.

Tiffany e Rhonda eram muito simpáticas.

Na terceira noite, Eric foi para o quarto de Tiffany e Rhonda com elas.

Eric me deixou sozinho na varanda por quase uma hora. Pode ter sido mais ou menos do que uma hora. Quando você tem nove anos, cinco minutos podem parecer uma semana, *mais ou menos*.

Quando saiu do quarto de Rhonda e Tiffany, Eric parecia pálido, como se estivesse doente ou algo assim. O cabelo de Eric estava suado em torno das orelhas e da nuca, e de algum modo sua camiseta estava virada ao contrário e do avesso. Os olhos de Eric também estavam engraçados, como se ele estivesse com sono e chocado ao mesmo tempo.

Eu perguntei por que ele tinha me deixado sozinho, e Eric me disse que Tiffany e Rhonda tinham pagado um boquete para ele.

Para mim, ouvir que aquelas garotas tinham pagado um *boquete* para o meu irmão Eric soou muito bem.

A história mostra que todos os garotos consideram *boquete* uma bela palavra.

Eu achava que *pagar um boquete* significava ganhar algum tipo de doce, coisa que nenhum garoto de nove anos recusa, embora Eric não estivesse com cara de quem tinha acabado de comer.

Perguntei a Eric se Tiffany e Rhonda também pagariam um boquete para mim.

Eric morreu de rir.

Aí ele me explicou o que era um boquete.

Eric levantou a camisa e me mostrou como havia beijos perfeitos de batom de algodão-doce descendo por sua barriga sardenta da cor de creme de trigo e em seus mamilos.

Naquela época, aos nove anos de idade e vestido com um chapéu de pele de guaxinim no Tennessee, como eu estava, eu não conseguia entender de

jeito nenhum por que alguém deixaria outra pessoa lhe pagar um boquete.

Eu ouvi a mensagem do meu irmão uma segunda vez. Percebi que tinha quase esquecido como Eric gostava de me chamar de *Booney*.

Depois, provoquei Eric algumas vezes naquele verão em que ele tinha quinze anos chamando-o de *Algodão-Doce*, e Eric ficava envergonhado na frente de minha mãe e meu pai, e me mandava calar a boca, também.

Enquanto eu ouvia a voz do meu irmão, recebi um torpedo de Shann que dizia o seguinte:

Você é nojento.

Eu nem percebi que estava sentado ali no sofá da sala da minha casa chorando.

Eu não choro.

Acho que estava cansado, e decepcionado, também, pelo que tinha feito com Shann e Robby, e principalmente porque sentia saudade do meu irmão e queria que ele melhorasse, mesmo sabendo que nada nunca mais seria melhor do que foi para mim e Eric naquelas noites de verão quando jogávamos bola e outras merdas assim, sozinhos naquele hotel em Nashville.

Robby pôs a mão em meu ombro e me sacudiu.

— Ei. Ei. Não fique assim, Austin — disse ele.

Enxuguei o rosto e pedi desculpas a Robby por estar chorando.

Depois fui até o meu quarto e peguei meus cadernos de história.

Era uma pilha pesada.

ALHO, DR. PEPPER E METANFETAMINA

NÓS NÃO ESTÁVAMOS NA direção da Selva de Gafanhotos.

— Robby, aonde você está indo? — perguntei.

— Preciso passar em casa. Tenho que pegar umas merdas também.

Ingrid estava enroscada no banco traseiro. Estiquei o braço entre mim e Robby e acariciei seu pelo.

— Boa menina, Ingrid — falei.

Havia algo tão imóvel e ameaçador naquela noite que parecia anormal. Talvez eu estivesse apenas ficando preocupado e emotivo demais.

Ealing sempre seria uma cidade-fantasma. Ela só parecia ainda *mais* uma cidade fantasma naquela noite, depois que Robby estacionou o Explorer

junto do meio-fio em frente ao Del Vista Arms.

— Quer vir comigo, Austin? — perguntou ele.

— É melhor eu esperar aqui com Ingrid. Você não ia querer que ela cagasse no seu carro ou alguma merda assim — respondi.

Robby deu de ombros.

Nós dois sabíamos em que estávamos pensando.

— Já volto — disse Robby.

Virei para trás e fiz mais carinho em Ingrid. Tentei não ficar nervoso com as coisas, mas minha cabeça estava flutuando, se afogando, na verdade, na incerteza. Abri o zíper da parte de cima de meu macacão e brinquei com a medalha de São Kazimierz pendurada em meu pescoço.

Então murmurei:

— O que eu vou fazer, Ingrid?

Robby passou correndo pela frente do carro e desapareceu no interior do Del Vista Arms.

Pensei em Shann Collins, e em como ela tinha me dito que eu era nojento.

Naquele exato momento, Ollie Jungfrau estava matando alienígenas em um jogo de tiros espacial on-line. Ele estava sentado na cama, de cueca, com o laptop apoiado sobre as coxas. Ollie tinha comido uma pizza grande e bebido cinco latas de refrigerante Dr. Pepper de um engradado de meia dúzia. O peito gordo de Ollie estava pontilhado por pequenas manchas de molho de pizza. Ollie Jungfrau precisava mijar, mas não queria levantar da cama. Tentou averiguar se conseguiria mijar nas latas vazias de Dr. Pepper. Ollie Jungfrau concluiu que isso poderia cortar seu pênis, que na verdade ele não conseguia ver por causa da dobra da barriga, ou poderia fazê-lo mijar na própria cama. Ollie já havia mijado na cama antes, quando estava cansado demais para levantar e andar até o banheiro. Ollie Jungfrau se levantou. Ele passou pela janela e olhou para a rua.

Ollie Jungfrau viu Robby Brees passar correndo pela frente de um Ford Explorer estacionado diante do prédio deles. Ollie odiava Robby Brees porque Robby era gay e Ollie sabia disso, e também porque Robby era muito jovem e bonito. Ollie desejou que Robby Brees caísse, tropeçasse no meio-fio ou alguma merda assim, mas Robby tinha coordenação motora e equilíbrio.

Ollie Jungfrau odiava garotos jovens, bonitos e coordenados. Especialmente aqueles como Robby Brees, que eram gays.

Os olhos de Ollie Jungfrau perceberam o movimento de algo mais à frente na rua, no escuro. Os olhos de Ollie Jungfrau eram bons em perceber movimentos rápidos. Era assim que ele matava tantos alienígenas no jogo que jogava todo dia. O movimento que Ollie detectou, porém, não foi causado por um alienígena.

Ollie Jungfrau viu a forma escura de um Soldado Irrefreável atravessando a rua à frente do Ford Explorer de Robby Brees. Ele viu a criatura assim que Robby entrou na portaria do Del Vista Arms.

O Soldado Irrefreável, uma criatura louva-a-deus de um metro e oitenta de altura com patas farpadas, era Jack Faminto.

Jack Faminto estava com fome de novo.

Eu estava sentado dentro do Ford Explorer de Robby Brees. Estava virado para o banco traseiro, acariciando o pelo de Ingrid e mexendo na medalha de São Kazimierz com a mão esquerda. Ollie Jungfrau não sabia que o menino polonês para quem vendia cigarros e a quem chamava de *Dínamo* estava ali embaixo no carro do garoto gay.

Ollie Jungfrau parou na janela, congelado de medo. Ele estava de cueca e meias, parado em uma poça de seu próprio mijo quente.

O mijo de Ollie tinha um leve cheiro de alho e Dr. Pepper.

Ao mesmo tempo em que Ollie Jungfrau urinava nas próprias coxas gordas e flácidas, observando com horror Jack Faminto avançar no escuro como um brinquedo de corda na minha direção e de Ingrid no carro de Robby, Duane Coventry, o professor de química da Escola Luterana Curtis Crane, baixou seu cachimbo de vidro de metanfetamina depois de fumar três pedras de cristal do tamanho de amendoins.

Duane Coventry estava sentado completamente nu diante do computador. O professor de química da Escola Luterana Curtis Crane podia ficar horas assistindo a pornografia quando fumava metanfetamina. A única coisa que às vezes interferia naquela atividade, que costumava durar até o raiar do dia, era quando Duane Coventry ligava a câmera do computador virada para si mesmo. Aí Duane Coventry usava o monitor como espelho, para estudar o próprio rosto, coçá-lo e futucar com as unhas amareladas marcas na pele que não estavam ali até torná-las reais.

Era isso que Duane Coventry estava fazendo no exato momento em que Ollie Jungfrau se mijava, e Jack Faminto andava com passos estalados na direção do cheiro de Robby Brees e das comidas-carne sentadas dentro do

carro de Robby. Duane Coventry estava nu futucando o próprio rosto, sentado em frente ao computador, futucando sem parar.

Duane Coventry achou que tinha deixado as portas e janelas abertas. Duane Coventry sempre tinha que conferir as portas e janelas quando fumava sua metanfetamina. Ele levantou, deu um passo na direção da porta da frente de sua pequena casa em Iowa. Então Duane virou para trás e pegou o cachimbo. Ele queimou o resíduo âmbar no interior do globo de vidro e inspirou profundamente.

Duane Coventry esqueceu o que estava fazendo de pé. Ele sentou de novo e começou a futucar o rosto.

Toda noite que Duane Coventry fumava metanfetamina era assim.

Ninguém sabia nada sobre Duane Coventry.

Duane Coventry queria ver pornografia e se masturbar, mas ele precisava conferir as portas e janelas. Duane acreditava que sempre havia gente do lado de fora para vigiá-lo.

Duane Coventry entrou na cozinha, onde produzia metanfetamina havia mais de um ano sem que ninguém soubesse nada sobre isso.

Duane Coventry gostava mais de metanfetamina do que qualquer outra coisa.

Ele conferiu a porta que dava para a varanda da cozinha.

Ela estava trancada.

Duane Coventry atravessou a pequena sala de estar e conferiu as janelas atrás do sofá. As janelas estavam travadas e seguras. Então conferiu a porta da frente. A porta da frente não estava completamente fechada.

Nas paredes de gesso ao lado da porta da frente de Duane Coventry, havia letras e números escritos. Eram placas de carros que Duane Coventry via do lado de fora de sua casa quando fumava metanfetamina.

Havia exatamente 464 números de placas diferentes escritos na parede da sala de Duane Coventry. Duane Coventry sabia que sempre havia alguém lá fora o observando, esperando por ele.

Duane Coventry abriu a porta da frente e saiu. Assim que Duane Coventry saiu de sua casinha em Iowa, ele se esforçou para lembrar por que tinha saído à noite. Ele esquecera o que precisava fazer, mas Duane Coventry, nosso professor de química na Escola Luterana Curtis Crane, percebeu que estava completamente nu.

Ele achou que talvez tivesse ido conferir se as portas do carro estavam trancadas.

O carro de Duane Coventry estava estacionado na entrada da garagem ao lado de uma sebe de rosas.

Duane atravessou o jardim em direção ao carro.

Isso não foi uma boa ideia.

Tyler Jacobson e Roger Baird haviam encontrado a exausta Eileen Pope, que estava tentando achar um lugar tão grande quanto uma casa ou uma garagem vazia onde pudesse botar seus milhões de ovos fertilizados. Roger Baird tinha enganchado Eileen Pope no chão. Ele estava trepando com ela no gramado logo atrás da sebe de rosas de Duane Coventry. Roger Baird estava fazendo uma das duas únicas coisas que os Soldados Irrefreáveis gostam de fazer. Eileen Pope estava cansada demais para comer Roger Baird. Tyler Jacobson estava cansado e faminto. Tyler Jacobson sentiu o cheiro do suor de Duane Coventry assim que o fumante de metanfetamina abriu a porta da frente de sua casa.

Duane Coventry olhou por cima da sebe e viu as três coisas monstruosas na grama de seu jardim.

Duane Coventry disse:

— Que porra de insetos enormes.

Eles eram exatamente isso.

Tyler Jacobson, Roger Baird e Eileen Pope eram a materialização da alucinação mais terrível de um fumante de metanfetamina: insetos gigantes com mandíbulas denteadas como armadilhas de urso e braços articulados de garras farpadas com cordilheiras de espinhos triangulares parecidos com lâminas de facas.

No último segundo de sua vida, Duane Coventry sentiu uma espécie de triunfo pessoal: no final das contas, ele sempre tivera razão. Havia *mesmo* coisas horríveis fora de sua casa que queriam pegá-lo.

Duane Coventry tinha razão.

Da refeição que fez do professor de química da Escola Luterana Curtis Crane, Tyler Jacobson deixou pouco mais do que algumas gotas de sangue do tamanho de moedinhas.

Tyler Jacobson era irrefreável.

E, naquele exato momento, Ingrid levantou as orelhas.

Se Ingrid fosse uma cachorra normal cuja garganta não tivesse perdido a capacidade de latir por conta de um câncer, Ingrid teria latido sem parar.

Ingrid ouviu e sentiu o cheiro do monstro chamado Jack Faminto à medida que ele chegava bem perto do Ford velho de Robby.

Eu cocei as orelhas de Ingrid.

— Qual o problema, Ingrid? — perguntei.

Virei de costas para ela e vi a cabeça triangular reluzente do inseto gigante que me encarava, fascinado, observando-me através do para-brisa do carro do meu melhor amigo.

— Puta merda — falei.

Não tenho certeza de que tenha sido *exatamente* isso o que disse, mas eu disse alguma coisa.

Às vezes os historiadores precisam preencher as lacunas por conta própria. É parte de nosso trabalho.

Você confia em nós porque somos historiadores.

Historiadores são preenchedores confiáveis de lacunas.

É o meu trabalho.

A boca de Jack Faminto se abriu como em um bocejo. Um fio gosmento de saliva de inseto se esticou entre suas mandíbulas dentadas que se afastavam para os lados. As mandíbulas abriam e fechavam, abriam e fechavam. Jack Faminto queria comer a mim e a Ingrid. Jack Faminto pressionou a cabeça no para-brisa do Explorer de Robby. Ele tentou me morder através do vidro, mas não conseguia entender o que o impedia de me colocar em sua boca.

Ele mordeu o para-brisa sem parar, e toda vez deixava fios de baba leitosa de inseto no vidro.

Ingrid se espremeu entre os bancos da frente, subiu no meu colo e também tentou morder Jack Faminto através do para-brisa resistente.

Insetos não são muito inteligentes, mas Jack Faminto era persistente.

Eu estendi a mão até o volante, mas Robby tinha levado as chaves do carro com ele. É claro que Robby levaria as chaves. Ele não conseguiria entrar no Del Vista Arms sem as chaves.

Eu apertei a buzina do carro.

O Ford Explorer de Robby era exatamente igual a Ingrid: não latia. A buzina não funcionava.

Empurrei Ingrid para trás e me enfiei no fundo do bagageiro do carro. Jack Faminto ergueu as patas e bateu com elas no para-brisa. Ele estava solucionando o quebra-cabeça. Rachaduras se abriram como uma estrela a partir do ponto de impacto, fraturando o vidro em todas as direções até a junta de vedação de borracha.

Exatamente nesse momento, Robby Brees saiu da portaria do Del Vista Arms. Quando vi Robby, ele estava parado na calçada com alguns objetos embaixo do braço, a apenas poucos metros de Jack Faminto.

Não foi uma boa ideia.

— Robby! — gritei, mas foi tarde demais.

CLIQUE, CLIQUE

OS OLHOS COMPOSTOS DE um Soldado Irrefreável ocupam aproximadamente três quartos de sua cabeça.

Jack Faminto podia ver todo o mundo ao seu redor o tempo inteiro, mesmo quando estava concentrado em chegar até mim e Ingrid, que estávamos escondidos dentro do Ford Explorer de Robby Brees.

A pobre lata-velha estava levando uma surra das patas com farpas afiadas de Jack Faminto.

A cabeça de Jack Faminto girou totalmente para trás quando ele detectou o movimento de Robby Brees fora da portaria do Del Vista Arms.

Robby Brees seria uma presa fácil.

Robby parou, congelado. Gritei para que ele corresse, mas Robby não estava prestando atenção em mim.

Percebi que ficaria ali sentado, assistindo ao meu melhor amigo ser morto, se não fizesse alguma coisa. Rastejei para fora do porta-malas e agarrei a maçaneta da porta traseira direita. Naquele momento, eu não estava nem pensando sobre como Robby e eu morreríamos juntos.

Tudo o que sabia era que precisava fazer alguma coisa pela pessoa que eu amava.

Abri a porta e gritei de novo para Robby.

Jack Faminto pulou do capô do Ford Explorer e aterrissou com suavidade sobre suas quatro patas traseiras. Jack Faminto estava tão perto de Robby que suas patas dianteiras dobradas e farpadas estavam praticamente tocando os ombros dele.

E então Jack Faminto se afastou de Robby. O monstro pulou por cima do para-choque do Explorer de Robby sem sequer olhar de novo para mim e para Ingrid.

Jack Faminto correu, *clique, clique*, pela rua e desapareceu na noite.

Soldados Irrefreáveis podiam correr a velocidades acima de setenta quilômetros por hora.

Jack Faminto estava com medo de Robby Brees.

Eu já tinha visto isso antes. Na primeira noite, quando Jack Faminto eclodiu naquele milharal em frente ao Tally-Ho!, ele fez a mesma coisa. Correu para longe de Robby Brees.

Isso porque Robby Brees era um Deus para os Soldados Irrefreáveis.

Nós descobrimos depois.

— Puta merda — falei.

— Hum — disse Robby.

Robby Brees ainda não havia se movido do ponto onde eu achei que ele ia morrer.

— Puta merda, Rob.

Eu fui até Robby e o abracei. Nós ficamos ali parados na rua, abraçados. Ingrid se enroscou em volta de nossas pernas, abanando o rabo.

Acima de nós, Ollie Jungfrau olhava para baixo de sua janela. Ele tinha recuperado a compostura, mas ainda estava parado, encharcado, sobre a poça de seu próprio mijo.

Ollie Jungfrau disse:

— Eu deveria saber que o pequeno Dínamo era um boiola também. Garotos boiolas burros, idiotas e sortudos.

Robby e eu tínhamos que sair dali.

Robby Brees e eu tínhamos umas merdas para fazer e monstros para matar.

DE VOLTA AO TELHADO

ROBBY DISPAROU POR TODO o caminho até a Selva de Gafanhotos.

As coisas que Robby queria pegar em seu apartamento no Del Vista Arms eram as seguintes: meias e cuecas limpas, pasta de dentes, o flamingo de plástico com o espeto saindo da bunda e a máscara de lêmure fazendo careta.

— Eu deveria ter pegado cuecas também — observei. — E se a gente acabar tendo que *ficar* lá embaixo?

— Não sei, Austin — disse Robby.

— Nem eu — concordei.

Ninguém sabia nada sobre o que nós deveríamos fazer.

Era por isso que precisávamos pegar aqueles dois últimos rolos de filme no telhado da Selva de Gafanhotos.

O Dr. Grady McKeon nos *mandou* pegar aqueles filmes.

Nós tínhamos que pegar os filmes e voltar ao Éden. Robby e eu sabíamos que não era tarde demais, que a infestação ainda estava no estágio inicial. Ainda tínhamos tempo, e o Dr. Grady McKeon disse que haveria instruções sobre o que fazer nos últimos rolos da *Série de orientação para o Éden*.

Talvez Robby e eu conseguíssemos frear os Soldados Irrefreáveis.

Talvez Shann Collins me perdoasse.

Talvez aquele flamingo de plástico também começasse a cagar barras de chocolate e sorvete de creme pelo rabo.

Quando Robby fez a curva e pegou a Kimber Drive, seu celular apitou.

Era um torpedo de Shann Collins.

A mensagem de Shann para Robby Brees dizia o seguinte:

Eu odeio você.

Robby olhou para a mensagem na tela do celular. Eu o observei. Ele não demonstrou nenhuma reação. Mas Robby sabia que a mensagem não era piada. Então ele me passou o telefone para que eu também visse o que Shann havia escrito.

— Eu estava com a sensação de que você contou a ela sobre a gente — disse Robby.

— Eu nunca minto, Robby. Shann me perguntou sobre isso. Não sei o que vou fazer — expliquei.

Robby suspirou.

Respondi à mensagem de Shann usando o telefone de Robby.

Shann, sou eu, Austin. Por favor, não desconte no Robby. Amo muito vocês dois. Podemos conversar?

A resposta de Shann veio para o meu celular.

Vocês são nojentos. Odeio vocês.

Robby parou o Explorer no beco da Selva de Gafanhotos.

Se tivéssemos dado a volta pela frente do shopping, teríamos visto a bagunça que Travis Pope fez na Casa da Panqueca.

Robby e eu não tínhamos ideia do que estava acontecendo na Selva de Gafanhotos.

Ele reduziu a velocidade do Explorer enquanto seguia pelos fundos do shopping e estacionou embaixo da escada de metal que dava no telhado atrás da loja de artigos usados Do Sótão ao Sucesso.

Robby e eu deixamos Ingrid dentro do carro e subimos nos racks no teto do Explorer. Dali, foi fácil alcançar a base da escada.

— Hum — disse Robby. — Aquela criatura fez mesmo uma grande merda no meu carro.

— Foi mal, Rob — falei. — Vamos começar a chamá-las do que elas são: Soldados Irrefreáveis, criados pelos cérebros doentios das Indústrias McKeon que achavam uma boa ideia misturar sêmen de inseto e sangue com qualquer coisa que por acaso aparecesse em suas placas de Petri.

— Quem poderia imaginar que *não* seria uma boa ideia misturar sêmen de inseto com sangue e outras merdas? — questionou Robby.

— Hum — falei.

— Eu queria saber o que uma lata de inseticida faria com eles — perguntou-se Robby.

— Hum — falei. — Eu acho que Éden 133 e Éden 5 devem subir logo nesse telhado e encontrar o resto daquele filme.

— Eu realmente *detesto* parar um filme bem no meio — disse Éden 133. — Bem quando estava ficando bom.

Na verdade, nós paramos o filme bem no ponto em que meu avô Felek Andrzej Szczerba se tornava o primeiro Soldado Irrefreável das Indústrias McKeon.

Nós subimos no telhado do Shopping de Ealing.

Johnny McKeon estava escondido lá dentro, apenas esperando que alguém respondesse ao alarme de emergência. Johnny McKeon também estava mexendo no estoque de revólveres e pistolas que tinha em exposição no mostruário de vidro da loja de artigos usados Do Sótão ao Sucesso.

Johnny McKeon tinha muitas armas à venda.

Robby e eu não tínhamos como saber que Johnny McKeon estava bem abaixo de nossos pés.

— Fumar? — sugeri.

— Caretas — concordou Robby.

— Acho que sim — falei.

Nós acendemos.

As latas de filme estavam exatamente onde nós as havíamos deixado. Eu me abaixei e peguei as duas. O que não tínhamos percebido na primeira vez em que estivemos no telhado então se tornou óbvio. As latas estavam seladas com fita e identificadas com letras pretas e garrafais: Quatro de Cinco e Cinco de Cinco.

Robby disse:

— Posso lhe perguntar uma coisa, Austin?

— Claro — respondi.

— Foi difícil para você dizer a verdade a Shann? — perguntou Robby.

Eu balancei a cabeça.

— Não.

Era a verdade.

— Ah — disse Robby. — E você não sabe mesmo o que vai fazer?

Eu dei um trago e soltei a fumaça.

— Não — respondi. — Acho que é melhor deixar vocês dois em paz antes que eu arruíne a vida de todo mundo.

— Você não ia arruinar minha vida — observou Robby.

— Não quero machucar você nem Shann, Rob — rebati.

Eu *estava* arruinando as vidas de Robby e de Shann, mesmo que Robby me dissesse que não.

Eu estava com nojo de mim mesmo.

Jogamos as guimbas dos cigarros no chão e as apagamos nas pedrinhas do terraço.

Uma sirene de polícia uivou. Dava para ver a pulsação de luzes vermelhas se aproximando pela noite em direção à Kimber Drive.

— Você acha que alguém viu a gente subir pela escada? — perguntou Robby.

— Não sei — respondi. — É melhor sair daqui antes que a gente seja preso ou alguma merda assim.

DENNY DRAYTON TEM UMA ARMA, FILHO DA PUTA

JOHNNY MCKEON APAGOU TODAS as luzes.

Ele estava dentro da loja de artigos usados Do Sótão ao Sucesso, esperando a viatura da Patrulha Estadual de Iowa enviada de Waterloo uivar

como um coiole.

A Patrulha Estadual estava respondendo a um alarme de emergência acionado por Johnny McKeon ao ver Jack Faminto e os outros Soldados Irrefreáveis no beco da Selva de Gafanhotos.

Havia apenas um policial entediado dentro da viatura. Ele estava ao volante, entediado porque estava indo para Ealing. Nunca acontecia nada em Ealing, e ele achou que aquilo seria mais um tempo perdido por causa de um alarme falso em uma empresa abandonada em uma cidade de bosta.

Ealing, Iowa, era o cemitério dos elefantes do empreendedorismo americano.

O policial se chamava Denny Drayton.

Era um bom nome de Iowa.

A pele de Denny Drayton era branca, quase transparente, a cor doentia do recheio de coco de um chocolate. Ele não tinha nenhum pelo no corpo.

Denny Drayton precisava cagar. Ele esperava que, aonde quer que estivesse indo, houvesse uma privada que funcionasse e também papel higiênico. Denny Drayton levava um pacote de lençinhos umedecidos para bebês em sua viatura para emergências, como quando parava na beira da estrada e cagava no quintal de alguém.

Os lençinhos umedecidos da viatura de Denny Drayton eram feitos em um lugar chamado Eden Prairie, Minnesota.

Essa é a verdade.

Denny Drayton mascava tabaco enquanto estava em serviço. Ele segurava uma garrafa plástica de um litro de Coca Diet entre as pernas enquanto dirigia. A garrafa de Coca Diet estava três quartos cheia de cuspe quente de tabaco. Os policiais de Iowa não deveriam mascar tabaco durante o trabalho, mas Denny Drayton tinha um lema para praticamente qualquer situação com que se deparava.

O lema dele era o seguinte: *Foda-se essa merda. Eu tenho uma arma, filho da puta.*

O lema do policial Denny Drayton estava tatuado em fonte Old English, formando um semicírculo igual a um sol nascente acima de seu umbigo branco e sem pelos.

Foda-se essa merda. Eu tenho uma arma, filho da puta.

Denny Drayton raspava o corpo todo pela manhã. Ele raspava tudo, até as sobrancelhas e os pelos pubianos.

O Policial Danny Drayton também tinha uma tatuagem da bandeira dos Estados Confederados da América. A bandeira com as estrelas e as barras tinha sido tatuada bem na parte da frente do escroto sem pelos de Danny Drayton.

Danny Drayton muito provavelmente era louco.

Danny gostava de exhibir seu corpo despelado e as tatuagens de seu lema e da bandeira confederada no vestiário da delegacia de Waterloo. Danny Drayton dizia a seus colegas policiais que tinha feito a tatuagem de seu lema como material de leitura, para o caso de um dia transar com uma mulher que fosse inteligente o suficiente para ler e pagar boquetes ao mesmo tempo.

Danny Drayton tinha uma piada, e só.

Não era uma piada especialmente boa, e todo mundo sabia disso. Mas Danny Drayton tinha uma arma, filho da puta.

O louva-a-deus de um metro e oitenta de altura que antes se chamava Travis Pope saiu bem devagar da Casa da Panqueca em suas quatro patas traseiras que faziam clique-clique. Ele estava um pouco zozzo. Will Wallace estava bêbado demais, e Soldados Irrefreáveis têm um organismo sensível a pessoas bêbadas e que fumam metanfetamina e merdas assim.

Travis Pope só queria encontrar o bando e entrar em estado de dormência com eles pelo resto da noite.

Danny Drayton tinha acabado de parar no estacionamento.

Johnny McKeon percebeu as luzes vermelhas piscando através do vidro da vitrine de sua loja de artigos usados. Johnny McKeon tinha um revólver, uma Smith & Wesson de quinhentos milímetros magnum.

O revólver pesava três quilos.

Uma Smith & Wesson de quinhentos milímetros magnum podia arrancar a cabeça de um homem.

O pastor Roland Duff também viu as luzes da viatura do policial Danny Drayton. Roland Duff tinha voltado de Waterloo, onde conhecera um simpático cristão no Tally-Ho!.

Roland Duff estava sentado sozinho na Pizzaria do Satan. Ele estava comendo uma Stanpreme pequena. Roland Duff estava trocando mensagens com seu novo amigo. Roland Duff estava muito empolgado. Ele estava com uma ereção. O pastor Roland Duff e seu novo amigo estavam se insinuando um para o outro e marcando um encontro para sábado à noite.

O novo amigo de Roland Duff se chamava Shaun Doherty.

Shaun Doherty era dono de uma empresa de limpeza de fossas sépticas. Ele morava em uma cidadezinha chamada West Bazine, que ficava em Iowa. East Bazine não existia.

Shaun Doherty e o pastor Roland Duff estavam planejando ir ao Cinezar, em Waterloo, no sábado à noite.

Eles iam ver *Éden Cinco Precisa de Você 4*.

Pelo menos esse era o plano.

Danny Drayton virou o refletor na direção da entrada escura da Casa da Panqueca. Seu sentido aguçado de normalidade de Iowa o alertou de que alguma coisa estava errada. As janelas estavam estilhaçadas, a porta da frente havia sido arrancada das dobradiças e parecia haver sapatos e um cinto sujos de sangue jogados na calçada em frente ao shopping.

— Tem alguma coisa errada aqui — disse Danny Drayton.

Danny Drayton cuspiu dentro de sua garrafa de Coca Diet e pegou mais um pouco de tabaco negro e úmido de uma lata de Copenhagen que ele guardava presa atrás do para-sol da viatura.

Ele peidou. Danny Drayton gostava do cheiro de seus próprios peidos.

— Eu preciso muito dar uma cagada — disse Danny Drayton.

E então o policial de Iowa viu Travis Pope, um Soldado Irrefreável, andando com espasmos mecânicos pelos destroços de sangue, vidro, roupas e xarope artificial de bordo para panquecas.

Danny Drayton abriu a porta da viatura. Ele cuspiu no asfalto do estacionamento do Shopping de Ealing, então ficou de pé e moveu o refletor para que iluminasse completamente a criatura estranha que estava em frente à Casa da Panqueca.

Não foi uma boa ideia.

Danny Drayton achou que devia ser alguma pegadinha. Talvez alguém estivesse fazendo um filme ou algo assim. Danny Drayton gostaria participar de um filme.

— Que porcaria é essa? — perguntou Danny Drayton.

Danny Drayton sacou a pistola. Sua arma era uma Sig Sauer de nove milímetros modelo P250.

A pistola de Danny Drayton tinha sido fabricada em New Hampshire.

Em comparação com a Smith & Wesson de quinhentos milímetros magnum de Johnny McKeon, a arma de Danny Drayton era um revólver de brinquedo.

A atenção de Travis Pope foi atraída por todas as luzes piscando na viatura. Ele não estava com fome, mas decidiu matar o homem que fazia todo aquele barulho e emitia toda aquela luz mesmo assim. Soldados Irrefreáveis fazem esse tipo de merda.

Johnny McKeon apareceu bem naquele instante. Johnny apontou seu revólver poderoso na direção de Travis Pope. Johnny McKeon não tinha boa pontaria. Ele sabia que erraria a mira a menos que chegasse bem, bem perto da criatura.

O pastor Roland Duff nunca transara em toda a sua vida. Ele acreditava estar pronto para transar com seu novo amigo, Shaun Doherty. Roland Duff imaginava a emoção de *experimental* com outro homem após tantos anos de solidão. Ele estava muito empolgado com isso. Roland Duff ajustou sua ereção desconfortável e, sentado na Pizzaria do Satan, observou as luzes do carro de polícia no outro lado da rua. Ele estava curioso. O pastor Roland Duff não sabia o que estava acontecendo.

Às vezes, o pastor Roland Duff aconselhava a si mesmo sobre suas dúvidas e vícios. Ele não conseguia concluir se era virgem ou não. O pastor Roland Duff acreditava que a masturbação era imoral e uma demonstração de fraqueza. Roland Duff vivia atormentado pela culpa. Ele não tinha certeza se ainda era possível ser virgem e se masturbar com a frequência com que o fazia. O pastor Roland Duff achava que iria se masturbar quando chegasse em casa naquela noite.

Na verdade, o pastor Roland Duff não teve essa oportunidade.

Naquele exato momento, flocos de cinza caíam como neve na Guatemala na casa de Robert Brees pai. Por algum motivo estranho, Robert Brees pai pensou no filho que deixara em Iowa. Robby estaria com dezesseis anos agora, pensou. Robert Brees pai observou as cinzas caírem sem parar. Ele não pensava no filho havia anos.

Eric Christopher Szerba estava deitado em uma cama de hospital. Eric estava olhando para os tubos e remédios perto da cabeceira da cama e se perguntava se haveria alguma coisa ali que pudesse ajudá-lo a cometer suicídio.

Robby Brees e eu estávamos saindo de Ealing e seguindo de carro para a casa dos McKeon. Estávamos voltando ao Éden para assistir aos últimos rolos da *Série de orientação para o Éden*. Robby botou *Let It Bleed* no toca-fitas.

E Robby cantou junto com “Love in Vain”.

Robby Brees esticou o braço por cima da marcha e pôs a mão sobre a minha.

A mulher do vice-presidente dos Estados Unidos estava fazendo sexo oral no vice-presidente. Era aniversário do vice-presidente, e o vice-presidente dos Estados Unidos estava ganhando um boquete. Franklin e Theodore estavam muito contentes.

Eu nunca tinha dado nome às minhas bolas.

Robby Brees também não tinha dado nome para as bolas dele. Nós conversamos sobre isso. Robby me disse:

— Quem daria nome para as próprias bolas?

— Eu até gostaria, mas depois que você dá nome para as suas bolas, não tem como voltar atrás — respondi.

— Bem, se você pensar em nomes para as suas bolas, me diga quais são. Eu odiaria que nossas bolas tivessem os mesmos nomes em uma cidade tão pequena como Ealing — afirmou Robby.

Robby entendia muito sobre gafes em cidades pequenas e merdas assim.

— Ter bolas com o mesmo nome das de seu melhor amigo é uma gafe terrível — falei.

Essa é a verdade.

— Para o chão! — gritou Danny Drayton para Travis Pope.

Johnny McKeon estava com muito medo. Ele caminhou com cuidado pelo estacionamento. A Smith & Wesson de quinhentos milímetros magnum era tão pesada que o pulso de Johnny McKeon doía só de segurá-la.

Travis Pope aproximou-se cada vez mais de Danny Drayton.

A última coisa que Danny Drayton falou foi seu lema:

— Foda-se essa merda. Eu tenho uma arma, filho da puta.

E então Danny Drayton começou a atirar em Travis Pope.

Johnny McKeon se abaixou.

Do outro lado da rua, o pastor Roland Duff se abaixou.

Danny Drayton atirou, atirou e atirou.

Soldados Irrefreáveis não gostam de levar tiros. Eles também têm exoesqueletos tão à prova de balas quanto o casco de um porta-aviões.

Eles são irrefreáveis.

Danny Drayton esvaziou a pistola. Ele a estava recarregando quando Travis Pope desdobrou as patas farpadas e levantou Danny Drayton pela cabeça. Travis Pope arrancou quase toda a cabeça do policial com uma

mordida e deixou o corpo despelado e tatuado de Danny Drayton cair no asfalto.

Johnny McKeon sussurrou:

— Bem, estou ferrado.

Johnny era esperto. Ele não disparou o revólver no monstro. Johnny McKeon andou em silêncio até o lado do motorista de sua caminhonete, sentou-se ao volante e foi embora dali.

Stan, o dono da Pizzaria do Satan, e o pastor Roland Duff, o diretor da Escola Luterana Curtis Crane, não foram tão espertos.

Mas eles estavam curiosos. O pastor Roland Duff estava curioso sobre um monte de coisas. Ele ainda estava fantasiando sobre Shaun Doherty.

Nada empolgante acontecia em Ealing. O pastor Roland Duff e Stan, dono da Pizzaria do Satan, — que tinha saído de trás do balcão quando ouviu o que pareceu um tiroteio —, foram para a rua ver o que estava causando toda aquela comoção do outro lado da Kimber Drive, na Selva de Gafanhotos.

Não foi uma boa ideia.

EXÍLIO NO ÉDEN

ROBBY DIRIGIU O FORD Explorer pelos campos de ervas daninhas e arbustos atrás da casa de Shann.

Ele estacionou ao lado dos galinheiros abandonados, onde a escotilha de entrada para o Éden ficava quase imperceptível no centro de uma velha plataforma de concreto.

Ingrid estava animada. Ela havia encontrado um lugar novo para cagar.

Robby abriu a escotilha. A gravação de boas-vindas recomeçou, e a câmara abaixo de nós se acendeu.

Tirei o celular do bolso de meu macacão Éden 5. Não precisei explicar a Robby que eu estava ligando para Shann Collins. Robby sabia o que eu estava fazendo. Eu queria tentar convencer Shann a me ouvir.

Todo mundo precisava ficar seguro naquele momento, e os Soldados Irrefreáveis tinham aparecido em Ealing.

Shann não atendia minha ligação. Eu sabia que ela não estava dormindo. Eram onze horas da noite. Nenhum adolescente no mundo dorme antes das

onze. Deixei uma mensagem de voz. Robby, que estava perto de mim, ouviu. Não havia necessidade de esconder nada de Robby Brees.

Eu não escondia segredos dele.

Eu também não escondia segredos de Shann Collins.

Foi isto que eu disse:

— Shann, me desculpe. Eu já disse que faço merdas idiotas sem pensar em quem posso magoar. Mas a verdade é que acho que você precisa ir para o Éden. Eu e Robby estamos voltando para lá agora, por isso meu telefone não vai funcionar, caso você queira dizer de novo que eu sou nojento. A gente conseguiu pegar o resto do filme. Acho que uma coisa terrível está acontecendo em Ealing, e talvez nós sejamos os únicos que podem impedir isso. Bem. Hum. Eu amo você, Shann. Amo de verdade. Você tem que saber disso, Shann. Por favor, venha até o Éden comigo e Robby. Depressa.

Guardei o celular dentro do macacão e esfreguei a medalha de prata de São Kazimierz entre o polegar e o indicador. Falei:

— São Kazimierz, sou polonês. Sou um garoto. Não tenho certeza se sou virgem ou não. Mas com certeza duas dessas três coisas já me dão esperança de que o senhor possa cuidar de mim, de Robby e de Ingrid.

Robby estava parado me observando.

E eu acrescentei:

— Eu amo você de verdade, Robby. Como eu consigo amar duas pessoas ao mesmo tempo?

— Não sei como você consegue, Austin — disse Robby.

Foi muito difícil descer a escada carregando Ingrid.

Além de esquecer de levar cuecas limpas e essas merdas, nem cheguei a pensar em como conseguiria descer com uma golden retriever de trinta quilos por uma escada enorme.

Robby teve que ajudar. Ensanduichamos Ingrid entre nós dois e descemos. Devíamos estar parecendo o híbrido rejeitado de dois garotos com um cão que não latia. Esse provavelmente também era o tipo de merda que eles faziam nas Indústrias McKeon nos anos 1960.

Quando finalmente chegamos ao vestiário, nós dois estávamos encharcados de suor, cheirávamos a pelo de cachorro, e a mensagem repetitiva de boas-vindas estava nos deixando malucos.

— Eu estou com cecê — constatei.

— Eu sei — afirmou Robby.

Robby e eu subimos uma última vez para pegar meus cadernos de história e as coisas que Robby trouxera do Del Vista Arms.

Então nos trancamos dentro do Projeto Éden.

Robby e eu calçamos meias brancas limpas de cientista no vestiário. Pensei em vestir um macacão limpo, mas não queria abrir mão do número cinco. Queria tomar um banho, mas tínhamos muita merda para fazer.

Robby Brees deixou sua pilha de coisas no banco onde estávamos sentados. Eu levei os dois rolos finais do filme, e Robby me seguiu para a sala de cinema.

UM ENCONTRO CASUAL AOS OLHOS DO RETRATO DE UM PRESBITERIANO, OU A CANOA DE CALVIN COOLIDGE

O NOME DO MEU pai é Eric Andrew Szerba.

Seu nome polonês era Arek Andrzej Szerba.

O pai dele, Felek, era um cientista das Indústrias McKeon.

Felek Andrzej Szerba foi o primeiro Soldado Irrefreável.

Todas as estradas se cruzam aqui, na minha mesa. Como historiador, também percebo que estamos todos na mesma estrada, o tempo inteiro.

Às vezes, dirigimos em círculos ou no sentido errado, porque somos idiotas a esse ponto.

E assim foi meu dia. Você sabe o que quero dizer.

Eric Szerba, meu pai, era apenas um garotinho quando Felek morreu.

Criar cinco garotos poloneses sem pai em Ealing, Iowa, foi um desafio enorme para minha avó, Ksenia Szerba. O Dr. Grady McKeon cuidou para que nada faltasse à família, por isso Ksenia nunca precisou trabalhar, e as Indústrias McKeon subsidiaram a educação dos cinco irmãos.

Todos os Szerba mudaram-se para longe de Iowa depois que minha avó morreu. Ksenia Szerba morreu de exaustão em 1992, vários anos antes de eu nascer. Só meu pai, Eric, ficou em Ealing, onde virou professor depois de se formar na faculdade.

O primeiro emprego como professor de Eric Szerba foi na Herbert Hoover High School, a escola pública de Ealing. Ele começou a dar aulas aos vinte e dois anos.

Em seu primeiro ano como professor de história geral, Eric Szerba conheceu um garoto de quinze anos chamado Kelly Kenney.

Kelly Kenney é um verdadeiro nome masculino de Iowa. É um nome que quase tem gosto de biscoitos amanteigados e mel.

Kelly Kenney não era um aluno muito bom. Mas Kelly Kenney era persistente. Pelo menos uma vez por semana, Kelly Kenney dizia o seguinte para Eric Szerba:

— Ei, Sr. Szerba. O senhor tem que conhecer minha irmã, Connie. Ela tem vinte anos e é um verdadeiro dínamo. O senhor é solteiro, não é, Sr. Szerba? Deveria sair com Connie. Aqui está o nosso telefone. Connie gosta de ir ao cinema, e vocês dariam um belo casal. Connie também não é uma piranha, hahaha. O senhor deveria ligar para ela, Sr. Szerba. Isso ia ser bem legal!

Eric Szerba não era o tipo de rapaz que ligaria para uma moça com base em um pedido urgente de um garoto de quinze anos. Eric e Connie nunca teriam se conhecido apenas como resultado do estímulo insistente de Kelly Kenney.

Foi Connie Kenney quem apareceu na sala de Eric Szerba em nome de seus pais, no primeiro dia de aula do segundo semestre de 1982 na Herbert Hoover High School.

Em 1982, todas as salas de aula na Herbert Hoover High School tinham um retrato de Ronald Reagan pendurado acima do quadro-negro. Ronald Reagan era o presidente dos Estados Unidos em 1982. Não consigo encontrar nenhum registro histórico que indique se Ronald Reagan já cagou ou se ele dava nome a suas bolas.

Acho muito provável que Ronald Reagan tenha dado nome a suas bolas.

Acho que Ronald Reagan, o presidente dos Estados Unidos, devia chamar suas bolas do mesmo jeito: Calvin Coolidge, que também foi presidente dos Estados Unidos, mas nos anos vinte. Ronald Reagan teria chamado seus dois bagos de Calvin Coolidge só para evitar qualquer confusão.

Podia ser uma gafe social, mas tornava muito mais fácil se lembrar das próprias bolas. Ninguém quer ser pego na situação embaraçosa de esquecer o nome de apenas uma de suas bolas.

Connie Kenney, que era luterana, conheceu meu pai, Arek Andrzej Szczerba, um católico que fumava cigarros, aos olhos de um retrato de Ronald Reagan.

Ronald Reagan era presbiteriano.

Kelly Kenney afirma ter sido responsável pelo casamento de Eric e Connie, mas a história mostra que a união foi o resultado de um encontro dos dois em uma sala de aula de uma escola pública, aos olhos do retrato de um presbiteriano que nunca deu uma cagada e que chamava suas bolas de Calvin Coolidge.

Certa vez vi uma foto de Calvin Coolidge em uma exposição na Biblioteca do Congresso, em Washington. Calvin Coolidge estava andando de canoa.

A canoa se chamava *Beaver Dick*. *Beaver* é uma gíria em inglês para vagina. *Dick* é outra gíria em inglês para pênis.

Eu não conseguiria inventar esse nome nem que eu tentasse.

Essa é a verdade.

Eric Andrzej Szczerba mudou de vida por causa de Connie Kenney. Ele parou de fumar e se converteu ao luteranismo. Em troca da devoção de Eric Szerba a ela, Connie Kenney permitiu que Eric Andrew Szerba botasse o pênis dentro de sua vagina. Isso aconteceu várias vezes antes que os dois se casassem de fato, embora fosse um ato malvisto pelos bons luteranos de Iowa.

Depois de se casarem, Eric Andrew Szerba, um professor de história luterano e não fumante, conseguiu emprego na Escola Luterana Curtis Crane, o colégio particular de Ealing. O sêmen polonês luterano não fumante de Eric Andrew Szerba criou um filho chamado Eric Christopher, que nasceu em 1989, e um segundo filho chamado Austin Andrzej, que nasceu em 1995.

Esta é minha história.

UM CHUVEIRO MUITO CALMANTE

— BOA MENINA, INGRID — falei.

Ingrid se enroscou embaixo de meus pés. Sentei na última fileira do cinema de Édén.

Atrás de nós, Robby Brees colocou a ponta do Rolo Quatro da *Série de orientação para o Édén* nas engrenagens denteadas do projetor. Então Robby pulou por cima do encosto da poltrona e sentou bem ao meu lado, como sempre fazia quando íamos juntos ao cinema.

Robby Brees apoiou a mão no braço da poltrona e por isso estava encostando em mim.

Os dois últimos rolos de filme da *Série de orientação para o Éden* continham algumas das coisas mais horríveis que eu ou Robby já havíamos visto.

Nós acendemos cigarros e assistimos.

Foi isto que nós descobrimos:

As Indústrias McKeon trabalharam freneticamente para desenvolver Armas Irrefreáveis e Soldados Irrefreáveis durante a segunda metade dos anos 1960.

As Indústrias McKeon queriam fazer Qualquer Coisa Irrefreável. Se pudessem, teriam feito Cup Noodles Irrefreáveis. Os cientistas que trabalhavam para o Dr. Grady McKeon não pareciam muito preocupados com as consequências, por exemplo, como poderiam deter qualquer merda depois que ela se tornasse *irrefreável*, e outras merdas assim.

O Rolo Quatro da *Série de orientação para o Éden* se abria com um plano fechado no rosto do insano do Dr. Grady McKeon. O Dr. Grady McKeon estava sentado atrás de sua escrivaninha de mogno na chamada Sala dos Cérebros do Éden, vestindo uma camiseta branca com gola em V.

— Aposto qualquer coisa que ele estava sem calças quando filmaram isso — disse Robby.

Eu estava pensando exatamente a mesma coisa.

O Dr. Grady McKeon falou sobre seus projetos e se gabou pelo milho que dissolveu as bolas vilãs maoistas enquanto fumava e seu olho piscava como um enfeite metálico de Natal durante uma tempestade de trovões na primavera em Iowa.

Algumas horas depois, Robby Brees e eu encontramos a Sala dos Cérebros.

O Dr. Grady McKeon lambeu os lábios e começou:

Ah. Meus amigos. Digam-me, vocês estão se reproduzindo?

Estão? Hein?

Reproduzam-se, amigos. Reproduzam-se e amem-se. Vocês são os Novos Humanos.

Nosso Éden é um belo lugar, não acham?

Robby disse:

— Pensar nesse sujeito tem um efeito arrefecedor no desejo de copular.

— Hum — comentei.

As Indústrias McKeon fizeram experimentos com vários métodos para criar um Soldado Irrefreável.

A Unidade de Replicação Humana do Dr. Grady McKeon realmente cultivava partes de corpos humanos que boiavam em soluções de polímeros. As soluções de polímeros criavam suas próprias cargas elétricas, como baterias com gel. Era de onde as mãos em oração, o pênis e o garotinho de duas cabeças tinham vindo. Todos foram criados a partir de amostras de tecido do próprio Dr. Grady McKeon.

Então cada um daqueles vidros *era* o Dr. Grady McKeon, *mais ou menos*.

Parecia que todas as coisas dentro dos vidros cheios de polímeros elétricos também estavam *mais ou menos vivas*, segundo o Dr. Grady McKeon.

Mais ou menos.

Johnny McKeon não sabia nada sobre o pênis, as mãos e o garotinho meio vivo que guardava em seu escritório na loja de artigos usados Do Sótão ao Sucesso.

O Dr. Grady McKeon tinha sido um monstro doentio.

— Bem, ele desenvolveu um chuveiro muito calmante — observou Robby.

— Tudo bem, vamos dar esse crédito a ele. Não há nada que se compare a um banho com uma ducha Pulse-O-Matic® — concordei.

Fiquei triste pelo pobre garotinho de duas cabeças. Eu realmente tinha visto suas mãos se mexerem no dia em que estive sozinho no escritório de Johnny McKeon. O menino de duas cabeças estava aprisionado dentro do recipiente de vidro, *mais ou menos vivo*, havia mais de quarenta anos.

Mas a cabeça de homem no vidro tinha uma origem completamente diferente.

Nós descobrimos isso no Rolo Cinco.

A Unidade de Replicação Humana das Indústrias McKeon também colecionava sêmens e fazia experiências com eles. O Dr. Grady McKeon não deveria ter dificuldade em obter amostras de esperma de americanos muito poderosos e importantes. O esperma poderoso do Dr. Grady McKeon tinha sido congelado e armazenado em uma câmara criogênica dentro da Sala dos Cérebros do Éden.

Era exatamente como em Éden Cinco.

Na porta da câmara frigorífica havia fotos emolduradas de homens, entre eles o presidente Nixon, o vice-presidente Spiro Agnew, o diretor da Agência Central de Inteligência (a CIA), cujo nome verdadeiro era Richard Helms, e, é claro, o Dr. Grady McKeon.

Todos eles doaram várias amostras de seu Esperma Irrefreável.

O Esperma Irrefreável tinha o propósito de dar início a um Novo Universo.

Robby disse:

— Hum.

— Esse lugar *está* mesmo cheio de esperma, Robby — observei.

O Dr. Grady McKeon explicou que a câmara cheia de Esperma Irrefreável era uma precaução. Ele conjecturava: e se apenas mulheres conseguissem escapar para o Projeto Éden, ou se houvesse uma redução no desejo dos machos reprodutores? O Dr. Grady McKeon respondeu a essa pergunta hipotética com segurança: o Esperma Irrefreável iria se tornar o banco de sementes genéticas do Novo Universo.

Aquilo parecia ter sido a intenção do Dr. Grady McKeon o tempo todo.

Bem mais tarde, quando examinamos mais a fundo a Sala dos Cérebros, e depois de ler os diários quase ilegíveis e insanos do Dr. Grady McKeon, descobri que, em 1975, a McKeon descongelou o esperma do diretor da CIA, Richard Helms, do presidente Richard Nixon e do vice-presidente Spiro Agnew.

O Dr. Grady McKeon descartou esses espermatozoides sem cerimônia em seu querido *Mictório Rouxinol*.

O Dr. Grady McKeon substituiu o Esperma Irrefreável pelo seu próprio esperma.

Ou seja, a Sala dos Cérebros estava cheia do esperma do Dr. Grady McKeon.

Das experiências com Esperma Irrefreável, o Rolo Quatro saltava do Complexo das Indústrias McKeon para a Unidade de Milho Irrefreável, onde uma série de acidentes catastróficos da natureza brotou como ervas-daninhas nos milharais bem irrigados de Iowa.

INFINITA MILITES! INFINITA MILITES!

ASSIM CONTAVA O ROLO Cinco:

Felek Szczerba foi o primeiro Soldado Irrefreável.

O fim do mundo começou em Ealing, Iowa, em 1968. Ninguém soube nada sobre aquilo. Os cientistas das Indústrias McKeon estavam loucos e inebriados pelo dinheiro. O Dr. Grady McKeon teria feito qualquer coisa para se tornar o homem responsável por criar uma força Irrefreável no universo.

Ele quase se safou dessa, também.

No início, cinco pessoas foram contaminadas pelo fungo 412E do Dr. Grady McKeon: três cientistas e duas secretárias. As cinco vítimas criaram um caos nas Indústrias McKeon em 1968.

Elas eram Soldados Irrefreáveis. Tudo o que queriam fazer era trepar e comer.

Como as Indústrias McKeon mantinham níveis de segurança extremamente elevados durante a Guerra Fria, os Soldados Irrefreáveis que foram criados por acidente ali nunca conseguiram ver a luz do dia em Iowa. Se eles tivessem saído, o mundo com certeza teria acabado, e haveria uma nova espécie dominante no planeta Terra: uma que só queria trepar e comer.

Além de trepar e comer, alguns de nós humanos sentimos vontade de pintar as paredes de cavernas. Para além dessa característica e do fato de morrermos com relativa facilidade quando atiram em nós, acho que os seres humanos são muito parecidos com os Soldados Irrefreáveis do Dr. Grady McKeon.

INFINITA MILITES! INFINITA MILITES!

Apesar da cena de todas as pessoas mortas dentro do prédio do laboratório, da destruição de uma ala inteira de pesquisa e de outras merdas assim, a voz do Dr. Grady McKeon revelava um timbre alegre ao narrar em off as imagens granuladas em preto e branco captadas por câmeras de segurança que mostravam as criaturas fazendo sem reservas as duas coisas que Soldados Irrefreáveis gostam de fazer.

Havia vários trechos infelizes que mostravam os Soldados Irrefreáveis devorando alguns colegas de trabalho, mas o que se podia fazer?

Era tudo em nome da ciência e do anticomunismo.

Um comercial havia sido inserido bem no meio do Rolo Cinco. O comercial era um argumento de venda para o Departamento de Defesa das Indústrias McKeon sobre os Soldados Irrefreáveis das Indústrias McKeon.

Ele sugeria expor presidiários, desempregados, beneficiários de seguro-desemprego e hippies ao 412E e depois enviá-los para a ensolarada Havana, ou talvez para o interior da China comunista.

À prova de balas, máquinas incansáveis de dominação. As Indústrias McKeon apresentam ao mundo nossos Soldados Irrefreáveis!

O comercial repetia várias vezes a imagem de Felek Szczerba no processo de sua eclosão.

Assim que o Soldado Irrefreável eclode, ele sai um pouco inchado e amassado, meio como uma borboleta quando se livra da casca de sua crisálida. Contudo, assim que o Soldado Irrefreável comeu o que restava do corpo de Felek Szczerba, ele também devorou as duas enfermeiras e o médico que o atendiam.

Tudo isso foi registrado pela câmera.

À prova de balas, máquinas incansáveis de dominação. As Indústrias McKeon apresentam ao mundo nossos Soldados Irrefreáveis!

O Soldado Irrefreável que eclodiu de Felek Szczerba também comeu o cinegrafista.

Parecia que os cientistas das Indústrias McKeon não tinham a menor ideia do que fazer em relação aos Soldados Irrefreáveis que haviam tomado a Unidade de Pesquisa de Milho Irrefreável. Eles sabiam apenas que queriam vender os Soldados Irrefreáveis e que não adiantava nada quando atiravam neles. Então os líderes das Indústrias McKeon fizeram a pior coisa que se pode fazer no caso de uma infestação de Soldados Irrefreáveis: esperaram para ver se os Soldados Irrefreáveis simplesmente morriam ou desapareciam por conta própria.

Soldados Irrefreáveis não desaparecem simplesmente.

Soldados Irrefreáveis conseguem viver muito tempo entre refeições.

As Indústrias McKeon acabaram aprendendo esses dois detalhes. Infelizmente para uma equipe inteira de cientistas das Indústrias McKeon, elas também descobriram que os Soldados Irrefreáveis eram à prova de balas.

O Dr. Grady McKeon narrou:

Na primavera de 1968, cientistas incansáveis dos laboratórios da McKeon vigiavam vinte e quatro horas por dia as nossas tropas

formidáveis, observando com cuidado enquanto as fêmeas cada vez maiores depositavam massas de ovos do tamanho de uma quadra de basquete!

Imaginem o potencial reprodutivo e de crescimento de um exército como esse, meus amigos!

Robby disse:

— Hum. Esses ovos são idênticos àquela merda dentro dos globos.

Ele tinha razão.

O terceiro estágio da infestação de Soldados Irrefreáveis — a fase de acasalamento e de postura de ovos — parecia a massa original negra e pulsante que lembrava couve-flor do fungo 412E; mas em uma escala muito maior.

Assim como o espécime de fungo contido que Robby e eu vimos pela primeira vez no escritório de Johnny McKeon na noite em que descemos pela escada de Acesso ao Telhado e entramos na Do Sótão ao Sucesso, as massas de ovos depositadas pelas duas fêmeas de Soldados Irrefreáveis se moviam e se retorciam, irradiando uma luz poderosa.

As massas de ovos inchavam com pequenas protuberâncias vulcânicas que se erguiam e cuspiam glóbulos de erupções gosmentas, que em seguida eram reabsorvidos pela grande massa pulsante. Os Soldados Irrefreáveis fêmeas nunca saíam de suas posições de guarda sobre as colônias de ovos. Elas ficavam paradas, com os braços farpados preparados para atacar, só à espera de que algo se aproximasse o suficiente para se tornar sua próxima refeição.

O Dr. Grady McKeon apareceu outra vez na tela perto do final do Rolo Cinco.

O homem tinha envelhecido bastante entre a filmagem dos primeiros rolos e a do filme que mostrava o cerco dos Soldados Irrefreáveis. Seu cabelo estava mais ralo e, por trás das lentes grossas dos óculos, o tique no olho disparava como uma pistola automática inexaurível.

O Dr. Grady McKeon disse:

Foi apenas por puro acaso, meus amigos, que nós das Indústrias McKeon acabamos descobrindo o segredo para desmobilizar nossos Soldados Irrefreáveis. Prestem atenção, amigos, pois vocês podem

conseguir realizar uma salvação similar se as condições forem favoráveis.

Senão, tenham coragem. Aproveitem a vida aqui no Éden. E, por favor, reproduzam-se, meus amigos. Reproduzam-se e vivam em amor. O Novo Universo depende do sucesso de vocês.

Amo vocês. Amo vocês todos.

Então o Dr. Grady McKeon começou a chorar diante da câmera.

Robby disse:

— Porra, ele é completamente maluco.

— Hum — falei. — Vamos fumar outro cigarro.

Os cientistas do laboratório ousaram entrar na Unidade de Milho Irrefreável isolada, onde os ovos haviam sido depositados. Os cientistas das Indústrias McKeon formaram uma falange armada com seus macacões do Éden. O próprio Dr. Grady McKeon liderou a entrada do exército de cientistas no laboratório isolado.

O Dr. Grady McKeon e seus cientistas estavam armados com lança-chamas.

A história fornece um argumento convincente de que todo cientista que brinca com merdas irrefreáveis precisa de um lança-chamas.

Contudo, quando o Dr. Grady McKeon entrou no laboratório, os Soldados Irrefreáveis reagiram a ele da mesma maneira que vi Jack Faminto reagir a Robby: os Soldados Irrefreáveis ficaram com medo do Dr. Grady McKeon.

E tentaram fugir dele.

O Dr. Grady McKeon era claramente o Deus dos Soldados Irrefreáveis.

Então as Indústrias McKeon compreenderam: como o Dr. Grady McKeon tinha gerado os Soldados Irrefreáveis, também era ele quem poderia aniquilá-los.

Aí fizeram uma *experiência*.

As características marcantes das experiências das Indústrias McKeon envolviam dois aspectos importantes: primeiro, os cientistas que trabalhavam com o Dr. Grady McKeon pareciam não ter qualquer expectativa lógica de um resultado específico. Eles apenas selecionavam de maneira aleatória quaisquer agentes biológicos e os jogavam nas latas de tinta de seu caldeirão de sopa.

Segundo, por quaisquer que fossem as razões, os laboratórios da McKeon pareciam um pouco obcecados demais com sangue e esperma como catalisadores básicos.

ROBBY, O TEÓLOGO

OS SOLDADOS IRREFREÁVEIS ERAM ridiculamente fáceis de matar.

Custou às Indústrias McKeon mais alguns cientistas-refeição para descobrir esse fato simples, mas por fim o problema da primeira infestação foi solucionado.

Os cientistas começaram, é claro, com esperma.

Os cientistas da Unidade de Soldados Irrefreáveis das Indústrias McKeon usaram o esperma do Dr. Grady McKeon. Eles carregaram cápsulas plásticas cheias de sêmen em pistolas de paintball e atiraram as cápsulas nos Soldados Irrefreáveis.

Os Soldados Irrefreáveis não gostam de levar tiros com esperma de alguém.

Um dos Soldados Irrefreáveis agarrou o pobre cientista com a pistola de cápsulas de esperma e o pegou pela cabeça, enquanto outros dois machos brincavam de tirar a sorte com suas duas pernas como se fosse um osso de galinha.

Foi um espetáculo repugnante.

— Não dá para culpar esses bichos por fazer isso — disse Robby.

— Não — concordei. — Não dá mesmo. Quem *não ficaria* revoltado se levasse um tiro de cápsulas cheias de esperma do Dr. Grady McKeon?

— Até São Kazimierz ficaria irritado com alguém que fizesse uma merda dessas — disse Robby.

Robby Brees era um teólogo muito talentoso.

Os dois Soldados Irrefreáveis fêmeas permaneceram parados, imóveis em suas posições de guarda sobre a montanha pulsante de ovos.

O cientista que perdeu a vida no ataque de esperma fracassado se chamava Heinrich Fuchs. Era um sobrenome infeliz, pelos padrões de Iowa.

Heinrich Fuchs nasceu em um lugar chamado Splugen, na Suíça.

Eu pesquisei sobre Heinrich Fuchs. Havia vários Fuchs em Splugen.

Splugen estava cheia de Fuchs idiotas.

Os suíços são famosos por sua neutralidade — exceto, ao que tudo indica, quando se trata de atacar insetos monstruosos com o esperma de outra pessoa.

Dulce Et Decorum Est.

Se as Indústrias McKeon chegaram a mudar de lema depois do *infinita frumenta!* (que basicamente significa algo como Milho Irrefreável) e seu sucessor, *infinita milites!* (que significa algo como Soldado Irrefreável!, ou alguma merda assim), eles poderiam ter pensado em um slogan do tipo *post sperma sanguine conantur!*

Acredito que a frase possa ser traduzida do latim para algo como: *Depois do esperma, tente sangue!*

Soa bem, mas não é nem de perto tão melódico quanto um bom nome de Iowa que rima.

— Ainda bem que não funcionou — concluiu Robby. — Eu ia odiar ter que encher pequenas cápsulas com meu esperma só para podermos matar Jack Faminto.

— Hum — disse eu.

Nós percebemos que, assim como em 1968 os Soldados Irrefreáveis só recuavam diante do Dr. Grady McKeon por terem sido criados pelo sangue *dele*, os atuais Soldados Irrefreáveis de Ealing só seriam detidos por Robby Brees.

Foi isso que o maluco do Dr. Grady McKeon quis dizer quando falou: “Prestem atenção, amigos, pois vocês podem conseguir realizar uma salvação similar se as condições forem favoráveis.”

Foi o sangue que resolveu o problema, e Robby Brees era Deus para a nova safra de Soldados Irrefreáveis de Ealing.

Os cientistas das Indústrias McKeon – que nunca receberam um Prêmio Nobel, o milhão de dólares ou a viagem à Suécia que vem a reboque para fazer um *ménage à trois* com Robby Brees e Shann Collins – quase secaram o Dr. Grady McKeon todo extraíndo sangue do homem com tique nervoso. Depois disso, seu método inicial de aplicação foi menos sofisticado do que as cápsulas plásticas cheias de esperma: um dos cientistas entrou no laboratório que os Soldados Irrefreáveis haviam dominado e borrifou neles o sangue do Dr. Grady McKeon usando uma grande seringa de plástico.

Aquele cientista em especial perdeu o braço direito do cotovelo para baixo.

— É um jeito bem idiota de se perder um braço — observei.

— E olha que esses caras fizeram faculdade e essas merdas todas — disse Robby.

— Acho que muitas faculdades nos anos 1960 davam diplomas em LSD, Rob — comentei.

— Felizmente você não nasceu com duas cabeças — concluiu Robby.

Mas uma coisa surpreendente aconteceu assim que o Soldado Irrefreável entrou em contato com o sangue de seu Deus. O Soldado Irrefreável parou e se desfez em pedaços.

O louva-a-deus de um metro e oitenta de altura com braços repletos de espinhos pontudos simplesmente se desfez, pedaço por pedaço.

Aquele foi o primeiro Soldado Irrefreável. O que eclodira de Felek Szczerba.

Naquele exato momento, enquanto Robby e eu assistíamos ao Rolo Cinco da *Série de orientação para o Éden*, as partes soltas do corpo do Soldado Irrefreável de Felek Szczerba estavam flutuando em solução salina conservante, hermeticamente fechadas em grandes caixas de vidro parecidas com aquários no escritório particular de Johnny McKeon.

Então as Indústrias McKeon conseguiram exterminar a primeira infestação de Soldados Irrefreáveis em Ealing, Iowa, no ano de 1968. Eles deixaram os ovos eclodirem, por pior que isso fosse. Eles filmaram as criaturas negras começando a sair das massas gosmentas de ovos. Assim que nasciam, os Irrefreáveis em miniatura eram mais ou menos do tamanho de crianças do terceiro ano primário, e os primeiros começavam na mesma hora a devorar seus irmãos e irmãs.

Eles eram, afinal de contas, Soldados Irrefreáveis. Na verdade, antes de comer e trocar de carapaça várias vezes, os filhotes eram mais como Escoteiros Irrefreáveis.

Escoteiros Irrefreáveis só querem fazer uma coisa, pelo menos até entrarem na Puberdade Irrefreável, o que acontece em cerca de quatro horas.

Em poucos dias, as instalações isoladas dos laboratórios das Indústrias McKeon estavam completamente lotadas, do porão ao sótão, com Soldados Irrefreáveis adultos e famintos, todos envolvidos em uma orgia interminável de sexo e canibalismo.

O experimento precisava ser detido.

Eles extraíram mais sangue. O Dr. Grady McKeon ficou frágil e anêmico, mas enfim todos os Soldados Irrefreáveis foram eliminados.

O filme não terminou aí, no entanto.
O pior ainda estava por vir.
Robby Brees e eu não sabíamos nada sobre isso.

SATAN E O PASTOR

— HUM, ROBBY — falei. — Acabei de pensar em uma coisa.

— Não gosto da ideia de tirar meu sangue, Porco-Espinho — disse Robby.

— Não é isso. Eu estava pensando: e se Ingrid precisar cagar?

Nenhum de nós dois tinha pensado no fato de que *subir* com Ingrid pela escada até a escotilha de entrada provavelmente seria muito mais difícil do que *descer* com ela.

Robby disse:

— Acho que você vai ter que botá-la dentro do Rouxinol.

Eu balancei a cabeça.

— Eu jamais poderia fazer isso com um Rouxinol autêntico.

O filme continuava a passar.

E, naquele exato momento, enquanto Robby e eu estávamos sentados lado a lado no cinema do Éden, o pastor Roland Duff e Stan, o mexicano que era dono e gerente da Pizzaria do Satan, atravessaram a Kimber Drive com muito cuidado na direção das luzes piscantes vermelhas e azuis da viatura da Patrulha Estadual de Iowa.

Não foi uma boa ideia.

Stan, que na verdade se chamava Sevastián Hernandez, caminhava um passo à frente do pastor Roland Duff. Os dois viram Johnny McKeon no carro indo embora do Shopping de Ealing.

A Selva de Gafanhotos estava mergulhada em um silêncio assustador. Todas as lojas estavam às escuras. Isso era em boa parte normal, porque quase todo o shopping estava fechado. Mas até a Lavanderia Self-Service Ealing estava apagada, e isso era incomum.

O pastor Roland Duff supôs que tivesse faltado luz em um dos lados da Kimber Drive. As luzes ainda estavam acesas na Pizzaria do Satan.

Roland Duff olhou nervoso para um Stan Hernandez iluminado pelas luzes que piscavam em silêncio da viatura de polícia. Os feixes alternados de luz azul e vermelha faziam parecer que os dois estavam parados na pista

de dança de uma discoteca. O pastor Roland Duff percebeu que nunca havia *olhado* para Stan Hernandez antes.

Stan Hernandez era muito bonito.

Que pena que Stan Hernandez era católico, pensou Roland Duff.

Roland Duff, que nunca tinha transado com ninguém, estava muito excitado.

Infelizmente para o pastor Roland Duff e para Stan Hernandez, Travis Pope também estava.

Stan Hernandez e o pastor Roland Duff chegaram até a viatura policial abandonada de Denny Drayton. A porta do motorista estava totalmente aberta e o motor estava ligado. Os dois viram a garrafa de Coca Diet virada de lado vazando seu conteúdo viscoso de cuspe de tabaco por todo o forro estofado do banco do motorista.

A Sig Sauer vazia de Denny Drayton estava no chão ao lado do pneu traseiro.

O cadáver quase sem cabeça e totalmente despelado do policial Drayton jazia no estacionamento em frente ao carro.

O Soldado Irrefreável que um dia fora Travis Pope saltou para o teto da viatura de Denny Drayton. Ele pousou como uma gárgula viva obscena em cima do rack com as luzes coloridas.

Stan Hernandez olhou para o alto e disse:

— Puta merda.

Aquelas foram as últimas palavras que um praticamente virgem pastor Roland Duff ouviu na vida.

Puta merda.

Excrementum Sanctum.

Travis Pope matou Stan Hernandez e o pastor Roland Duff. Travis Pope também comeu todo o corpo excitado do pastor Roland Duff. O diretor da Escola Luterana Curtis Crane era muito macio e succulento. Travis Pope cagou bosta de inseto em cima de toda a viatura da Patrulha Estadual de Iowa, depois saiu correndo farejando o ar, tentando descobrir aonde Eileen Pope e os outros insetos tinham ido.

E, exatamente naquele momento, Ollie Jungfrau abriu a porta de seu carro Dodge Caravan. Ele colocou o laptop e uma bolsa plástica do Walmart, na qual enfiara algumas roupas limpas, no banco do carona.

Ollie Jungfrau ia cair fora de Ealing, nem que aquilo fosse a última coisa que faria na vida.

E foi.

Enquanto Ollie Jungfrau seguia para a autoestrada que ligava Ealing a Waterloo e Dubuque, ele percebeu uma figura correndo no acostamento.

Ollie Jungfrau imaginou que estava preso dentro de um jogo de computador.

Ele imaginou estar dirigindo um Dodge Caravan, e o objetivo do jogo era atropelar umas porras de insetos gigantes.

— Vocês vão se ferrar na porra do para-choque desse Dodge Caravan, seus merdas de insetos alienígenas gigantes — disse Ollie Jungfrau.

O pênis de Ollie Jungfrau estava duro.

Ollie Jungfrau tinha ereções sempre que matava alienígenas em jogos de computador.

A coisa que Ollie Jungfrau viu correndo no acostamento, contudo, não era a merda de um inseto alienígena. O que Ollie Jungfrau viu era Louis, o cozinheiro da Casa da Panqueca, cujo nome verdadeiro era Ah Wong Sing.

Louis tinha um metro e sessenta e cinco de altura.

Louis tinha comido Connie Brees três vezes naquele dia, usando camisinhas que Connie Brees encontrara no chão do quarto de Robby.

Ollie Jungfrau quase atropelou o amigo antes de perceber que ele não era a merda de um inseto alienígena gigante.

Correndo ao lado de Louis estava outra pessoa que Ollie Jungfrau reconheceu: era a professora de inglês do oitavo ano da Escola Luterana Curtis Crane. O nome dela era Sra. Edith Mitchell.

A Sra. Edith Mitchell às vezes comprava na Grilo Embriagado. Entretanto, a Sra. Edith Mitchell não comprava camisinhas lá. A Sra. Edith Mitchell fumava cigarros Marlboro mentolados e bebia vinho branco de caixas longa vida.

Ollie Jungfrau parou o carro no acostamento.

— Ei, vocês dois — chamou Ollie Jungfrau. — Acho que Ealing está sendo invadida por alienígenas ou algo assim. Eu não estou brincando, é melhor vocês entrarem.

Ah Wong Sing e a Sra. Edith Mitchell estavam desesperados.

Eles também tinham visto os insetos.

Ah Wong Sing abriu a porta lateral traseira do Dodge Caravan de Ollie Jungfrau.

— Graças a Deus — disse Ah Wong Sing.

— Graças a Deus — repetiu a Sra. Edith Mitchell.

Eles entraram no carro de Ollie Jungfrau. Ollie acelerou o máximo que era possível para um Dodge Caravan que carregava três habitantes de Iowa. Ele seguiu na direção da ponte que saía da cidade, logo depois do Parque Amelia Jenks Bloomer.

Não foi uma boa ideia.

ASSASSINO EM SÉRIE, EUA

EU SABIA COMO MATAR os Soldados Irrefreáveis.

— A gente podia usar minha arma de paintball — sugeri.

Paintball é um jogo que garotos adolescentes gostam de jogar. Nós vestimos roupas velhas e atiramos uns nos outros com bolas de plástico mole cheias de tinta. As bolas são do tamanho de uma moedinha. Com o impacto, elas estouram e deixam uma mancha de tinta, como se fosse sangue.

— Hum — disse Robby.

— A gente podia extrair um pouco do seu sangue e injetar com uma seringa dentro de bolas de paintball — continuei. — Assim, a gente pode matar os Soldados Irrefreáveis. Com certeza eles têm agulhas e essas merdas no consultório.

— Você está maluco, Austin — disse Robby.

Robby cruzou os braços com firmeza em frente ao peito. Ele não queria que eu extraísse nenhum sangue dele.

— Você quer ficar aqui embaixo para sempre? — perguntei.

— Sim — disse Robby. — Eu *quero* ficar aqui embaixo para sempre. Enquanto os Rolling Stones estiverem aqui, está tudo bem para mim.

O filme continuou:

De meados de 1968 até o início de 1970, houve uma série de decapitações sem solução em Ealing, Iowa.

Robby Brees e eu as solucionamos naquela noite enquanto assistíamos ao Rolo Cinco da *Série de orientação para o Éden*.

Os jornais, e até alguns livros escritos sobre os assassinatos em série do Monstro de Ealing, calcularam o número de vítimas em sete. Na verdade, houve muito mais que isso.

A cabeça de uma das vítimas flutuava dentro de um grande vidro em uma prateleira do escritório de Johnny McKeon na *Do Sótão ao Sucesso* no

exato momento em que Robby Brees e eu assistíamos a nosso filme.

O Dr. Grady McKeon conseguiu seu contrato para os Soldados Irrefreáveis.

Que engenheiro militar perderia a oportunidade de liberar dentro do território inimigo uma horda de Soldados Irrefreáveis famintos, cheios de tesão, que se reproduziam e se regeneravam? O Departamento de Defesa dos Estados Unidos queria muito os Soldados Irrefreáveis.

As Indústrias McKeon testaram a cepa 412E em presidiários. Todos os presidiários se ofereceram como voluntários no programa. Disseram a eles que seria uma oportunidade de sair do país e matar comunistas.

Oferecer uma oportunidade dessas a um prisioneiro detido no Reformatório Masculino de Iowa, que agora se chama Penitenciária Estadual de Anamosa, é meio como oferecer a um garoto branco e preguiçoso um milhão de dólares, uma viagem à Suécia e um *ménage à trois* com Shann Collins e Robby Brees.

Podem contar comigo.

Então os cientistas das Indústrias McKeon expuseram os presidiários voluntários ao fungo da praga 412E, os amarraram nus a camas de hospital, encheram-nos de sedativos na veia e filmaram os *voluntários* enquanto as equipes das Indústrias McKeon esperavam o início da eclosão.

Eram monstros produzindo monstros.

No início, a equipe do Dr. Grady McKeon acreditou que os Soldados Irrefreáveis que eclodissem também estariam plácidos e sedados pelos remédios.

Não foi uma boa ideia.

A história mostra que, como grupo, os cientistas não costumam ser muito agressivos quando se trata de ataques físicos. Os cientistas que trabalhavam para o Dr. Grady McKeon serviram como o café da manhã de boas-vindas para a primeira ninhada de Soldados Irrefreáveis.

Também ficou aparente para os cientistas das Indústrias McKeon que os Soldados Irrefreáveis estavam sempre com muito tesão. Os Soldados Irrefreáveis precisavam de fêmeas, mas, infelizmente, não havia voluntárias no *Projeto dos Soldados Irrefreáveis, Fase II*. Isso deixou os Soldados Irrefreáveis muito nervosos.

Um louva-a-deus de um metro e oitenta de altura com fileiras de farpas serrilhadas nas patas não é muito eficiente em masturbação. Isso os deixou com mais raiva ainda.

O Dr. Grady McKeon resolveu interromper a experiência pela segunda vez.

De novo, os Soldados Irrefreáveis foram difíceis de se frear. No fim, descobriu-se que a única maneira de impedir a eclosão nos presidiários voluntários expostos era removendo a cabeça deles.

Foi isso que os cientistas das Indústrias McKeon fizeram.

E eles limparam seu fracasso com o mesmo desleixo com que faziam tudo, o que resultou na descoberta de cadáveres sem cabeça nas plantações perto de Ealing, Iowa, em 1969.

Robby levantou uma questão:

— Austin, sou só eu ou você também se sente *mais burro* depois de passar as últimas horas assistindo a esses cientistas da McKeon fazendo experiências com essas merdas?

— Com certeza, Rob, a gente perdeu alguns neurônios — respondi.

— O que vamos fazer? — perguntou Robby.

Ingrid suspirou entre meus pés.

Essa costumava ser a pergunta de Ingrid.

O filme terminou com imagens do Dia do Piquenique das Famílias das Indústrias McKeon: as famílias felizes dos cientistas comendo milho na espiga e jogando softball ou apostando corridas de saco. Era tudo muito assustador, e ficava ainda mais com a exortação na voz em off do Dr. Grady McKeon:

Reproduzam-se, meus amigos. Reproduzam-se e sejam os Novos Humanos.

— Será que o milho que estão dando às crianças é Irrefreável? — indagou Robby.

Eu disse:

— Hum.

Dane-se o milho.

Eu nunca iria querer comer milho de novo.

Bem quando o final do filme passava pelo projetor, Robby e eu ouvimos outro som sair do sistema de alto-falantes do Éden.

Bem-vindos ao Éden. Favor fechar a escotilha após entrar.

Bem-vindos ao Éden. Favor fechar a escotilha após entrar.

Alguém tinha aberto a escotilha pelo lado de fora.
Alguém estava descendo pela escada da entrada.

Bem-vindos ao Éden. Favor fechar a escotilha após entrar.

À PROCURA DE WIGGLES

O FILME DEIXOU UMA impressão e tanto em Robby e mim.

Nós ficamos aterrorizados.

Robby e eu ficamos olhando um para o outro, sem saber ao certo o que fazer: correr e nos esconder nos preparar para lutar ou ir até o vestiário e ver quem poderia estar nos visitando tão tarde da noite.

Passava da meia-noite, já era manhã de sexta-feira.

O fim do mundo já tinha uma semana de idade e estava fugindo ao controle.

— O que vamos fazer, Ingrid? — perguntei.

Segurei a medalha de São Kazimierz entre o polegar e o indicador, levei-a até os lábios e a beijei.

Naquele exato momento, Eric Andrew Szerba, meu pai, e Connie May Kenney Szerba, minha mãe, estavam bebendo xícaras de café forte alemão. Estavam sentados ao lado da cama de meu irmão em um hospital militar, onde ele não estava se recuperando muito bem da perda da metade inferior da perna direita e de seus dois testículos após a explosão de uma bomba no Afeganistão.

Do outro lado de Ealing, na Onondaga Street, o Soldado Irrefreável que eclodira de Eileen Pope entrou na casa de Duane Coventry pela porta da frente aberta. Eileen Pope começou a encher os quartos da pequena casa com montes gelatinosos de ovos cinzentos translúcidos. Em poucas horas, a casa estaria completamente cheia da massa de ovos de Eileen Pope, que iriam enegrecer e fervilhar com erupções de gosma oleosa e Irrefreável.

Os machos teriam que deixar Eileen Pope em paz. Tyler Jacobson e Roger Baird se empoleiraram lado a lado no telhado da casa. Soldados Irrefreáveis não dormem; eles descansam.

Soldados Irrefreáveis não podem fechar seus enormes olhos compostos.

O Soldado Irrefreável que eclodiu de Tyler Jacobson não teria dormido mesmo se conseguisse fechar seus enormes olhos sem pálpebras. Tyler

Jacobson estava ligado com toda a metanfetamina que circulava pelo corpo de Duane Coventry. A metanfetamina deixava Tyler Jacobson muito agitado e com muito tesão. Tyler Jacobson montou em cima de Roger Baird, que também era um Soldado Irrefreável, e tentou copular com ele.

Roger Baird estava em estado de repouso.

Roger Baird não ficou muito feliz por ser perturbado em seu descanso por outro Soldado Irrefreável macho em plena tentativa de cópula. Tyler Jacobson estava confuso. Os dois monstros louva-a-deus de um metro e oitenta de altura brigaram.

Roger Baird foi imobilizado. Tyler Jacobson mordeu e arrancou fora a cabeça de Roger. A cabeça de Roger Baird rolou pelo telhado de Duane Coventry como se fosse uma pinha barulhenta derrubada por uma lufada de vento.

Clop, clop! Clop, clop! Tum!, fez a cabeça triangular de Roger ao quicar pelas telhas irregulares do telhado, cair e bater no chão diante da varanda da frente.

Sem obstáculos, Tyler Jacobson continuou a fazer as duas coisas que Soldados Irrefreáveis doidões com metanfetamina gostam de fazer.

Tyler Jacobson estava muito confuso.

Connie Brees estava muito cansada. Ela trabalhava no turno da noite na filial da FedEx perto de Waterloo. Ela separava e escaneava envelopes e pacotes. Enquanto trabalhava, o cérebro de Connie Brees flutuava a bordo de pequenos caiaques azuis.

Ela flutuava e flutuava.

Connie Brees pensou em Ah Wong Sing, o homem com quem tinha transado a tarde inteira. Connie Brees queria transar com Ah Wong Sing de novo. Ela pensou no oceano, em vulcões na Guatemala e no filho, Robert Brees Jr.

Connie Brees, na verdade, nunca tinha visto o oceano na vida.

A mulher se perguntou se o filho, Robert, e o garoto polonês com quem ele sempre andava eram gays. Connie Brees olhou para o relógio para ver se era hora de dar uma saída e fumar um cigarro. Ela concluiu que o filho, Robert Brees Jr., e o garoto polonês com quem ele sempre andava deviam ser homossexuais. Não importava, pensou Connie. Ela queria que Robert Brees Jr. fosse feliz.

O garoto polonês parecia legal.

Connie Brees preferia que Robert fosse feliz do que crescesse e ficasse flutuando em caiaques azuis sem ir a lugar nenhum.

Connie Brees olhou para o relógio mais uma vez.

Travis Pope disparou pela escuridão total no Parque Amelia Jenks Bloomer. Os Soldados Irrefreáveis enxergam muito bem à noite. Travis Pope farejava o ar sem parar. Ele estava sentindo o cheiro de Eileen Pope, e começou a sair do parque na direção de um bairro antigo com casas pequenas na Onondaga Street.

Travis Pope disparou para a autoestrada que passa por trás do Parque Amelia Jenks Bloomer. Uma ponte de estrutura de aço com duas pistas cruzava o rio Kelsey naquele ponto.

O rio Kelsey é afluente do rio Cedar, que passa por Waterloo.

Travis Pope parou no meio da pista da rodovia, na entrada da ponte sobre o rio Kelsey.

Os faróis do carro de Ollie Jungfrau iluminaram Travis Pope e o fizeram brilhar como um fantasma verde-claro. Todo mundo dentro do carro de Ollie Jungfrau viu o Soldado Irrefreável de um metro e oitenta de altura com braços farpados parado no meio da ponte.

Ollie Jungfrau riu.

— Haha — disse Ollie.

Ollie Jungfrau estava em um jogo de computador, e tinha dois passageiros no banco de trás do carro que o observavam jogar.

— Chupe o pau grosso do meu carro, sua porra de inseto alienígena filho da puta — disse Ollie Jungfrau. Ele acrescentou então: — Bem-vindo à Terra, desgraçado. Próxima parada, inferno.

Ollie Jungfrau era um exibido.

Ollie Jungfrau pisou no acelerador até o fundo.

Ollie Jungfrau teve uma ereção.

Louis, que na verdade se chamava Ah Wong Sing, sabia que Ollie Jungfrau costumava dizer palavras obscenas quando ficava entretido com seus jogos de computador. A Sra. Edith Mitchell, por sua vez, ficou revoltada com o que ouviu e viu.

Não fez diferença. A Sra. Edith Mitchell estava em estado de choque, de qualquer forma.

Algumas horas mais cedo, a Sra. Edith Mitchell tinha saído por sua vizinhança, que ficava perto do Del Vista Arms. Ela estava procurando seu

gato da raça Maine Coon de pelo azulado. Fazia dois dias que o gato não aparecia em casa.

O nome do gato de Edith Mitchell era Wiggles.

Wiggles não tinha bolas, mas isso não era consequência de ter comido Milho Irrefreável nem de ele ter passado pela área de alcance de uma bomba no acostamento de uma estrada no Afeganistão.

Até onde sei, as bolas de Wiggles nunca foram batizadas.

A Sra. Edith Mitchell não encontrou Wiggles.

Quando ela voltou para casa, o Soldado Irrefreável que eclodira de Jack Faminto no meio de um milharal em frente ao bar gay de Waterloo estava em sua sala de estar devorando seu marido.

Tally-Ho!

Foi um caos.

O marido de Edith Mitchell se chamava Leslie Mitchell. Leslie Mitchell era veterinário aposentado. Leslie Mitchell tinha cortado fora as bolas de Wiggles.

As bolas de Wiggles foram parar em uma lata de lixo, onde os veterinários costumam jogar todos os testículos que removem. As bolas de Wiggles acabaram na mesma lata de lixo que continha um tumor do tamanho de um polegar extraído de garganta de Ingrid, minha golden retriever.

Depois disso, Ingrid nunca mais latiu.

Quando a Sra. Edith Mitchell chegou em casa e viu um inseto enorme devorando seu marido na sala, ela saiu correndo e gritando pela rua.

A televisão estava ligada. Leslie Mitchell estava assistindo a um programa sobre como cozinhar carneiro quando Jack Faminto entrou e começou a comê-lo.

Agora a Sra. Edith Michael estava olhando pelo para-brisa do carro Dodge Caravan enquanto Ollie Jungfrau mirava no monstro parado na estrada bem à frente.

— Chupa essa, maldito — disse Ollie Jungfrau.

O suor que pingava de Ollie Jungfrau fedia a alho e urina. Seus braços estavam esticados enquanto ele segurava o volante.

O Dodge Caravan bateu direto no Soldado Irrefreável que estava parado no meio da ponte sobre o rio Kelsey.

Carros Dodge Caravan não são muito resistentes a Soldados Irrefreáveis com exoesqueletos tão duros quanto o casco de um porta-aviões.

Foi como uma melancia dos montes Ozark se jogando contra a lâmina cortante de uma espada samurai.

A parte dianteira do carro Dodge Caravan de Ollie Jungfrau ficou destruída. O impacto da colisão com Travis Pope empurrou o motor para trás, até o banco da frente. A batida decepou o pé direito de Ollie Jungfrau. A cabeça enorme de Travis Pope atravessou o para-brisa da Dodge Caravan e esmagou a caixa torácica de Ollie Jungfrau.

A Dodge Caravan amassada raspou e arranhou o asfalto no meio da ponte sobre o rio Kelsey até parar nas vigas de metal. Antes que o carro parasse, Travis Pope tinha entrado no veículo pelo para-brisa quebrado.

Travis Pope, que não estava com muita fome, começou a comer sem interesse alguns pedaços do cadáver carnudo de Ollie Jungfrau.

No banco de trás, Ah Wong Sing e a Sra. Edith Mitchell estavam cobertos por cacos de vidro temperado e gotas do sangue de Ollie Jungfrau, mas eles ainda estavam bastante vivos. Também estavam presos dentro de uma Dodge Caravan toda amassada.

Ah Wong Sing tentou abrir a porta lateral, mas ela não se mexeu. A lataria da Dodge Caravan tinha se retorcido para dentro, por isso nada mais abria.

A Sra. Edith Mitchell cobriu o rosto com as mãos.

O Soldado Irrefreável que eclodira de Travis Pope se sentou na frente, observando os dois humanos aterrorizados no banco de trás enquanto mastigava Ollie Jungfrau.

A ponte sobre o rio Kelsey é um bom local para pescar peixes *walleye*, nativos dos Estados Unidos e do Canadá.

O vice-presidente dos Estados Unidos uma vez pegou um *walleye* de cinco quilos na Reserva Allegheny, na Pensilvânia.

Uma *walleye* fêmea pode botar quinhentos mil ovos em uma ninhada.

Travis Pope cagou nos bancos da frente. Então Travis Pope saiu pelo para-brisa estilhaçado da van e disparou pela noite de Iowa, farejando o ar, procurando Eileen Pope.

O vice-presidente dos Estados Unidos estava dormindo. Ele cochilou depois de ganhar um boquete. Boquetes sempre deixavam o vice-presidente com sono. O vice-presidente dos Estados Unidos iria pegar um voo no início da manhã seguinte para a Alemanha, onde, à tarde, visitaria soldados americanos feridos no Afeganistão.

A mulher do vice-presidente, que não tem título formal, estava bebendo uma dose de uísque.

E, naquele exato momento, Wiggles, o gato azulado da Sra. Edith Mitchell, voltou para casa à procura de comida.

SOBRE O BISÃO E O LIVRE-ARBÍTRIO

MAIS TARDE, DEPOIS QUE Robby e eu saímos do Éden, de repente me dei conta de uma coisa em relação à história.

Foi esta a minha conclusão:

Durante todo esse tempo, refleti demais sobre os caras que pintaram o bisão na parede da caverna e dei muito pouca atenção ao bisão em si.

Quero dizer, o bisão é um membro importante da equipe, não é?

Mas depois que os historiadores colocaram o bisão na parede, foi quase como se todo bisão estivesse para sempre condenado a encarar uma morte interminável pelas mãos do caçador.

Nós matamos essa coisa grande e peluda e aquela outra coisa grande e peluda. E assim foi nosso dia. Você sabe o que quero dizer.

Comecei a pensar na possibilidade de a história na verdade ser a grande destruidora do livre-arbítrio. Afinal de contas, se o que nós acreditamos cegamente sobre a história for verdade — aquele velho clichê que nos ensina a *não* repetir várias vezes a mesma merda —, então por que as mesmas merdas sempre continuam a acontecer?

Eu me senti culpado por já ter escrito qualquer coisa sobre mim, sobre Robby ou Shann, Johnny McKeon, o pastor Roland Duff, o Milho Irrefreável, São Kazimierz, Krzys Szczerba, a Cepa de Praga IM 412E Contida, Andrzej Szczerba, Herman Weinbach, um estorninho europeu falante chamado Baby, Felek Szczerba, Phoebe Hildebrandt, Eva Nightingale, meu irmão, Eric, e duas prostitutas chamadas Tiffany e Rhonda, que conhecemos na varanda do terceiro andar de um hotel em Nashville, no Tennessee.

Cada um de nós se transformou em um bisão na parede da minha própria caverna.

Paavi Seppanen.

Julio Arguelles.

Todos em todas as estradas que se cruzavam sob a ponta da minha caneta sempre faziam a mesma coisa várias vezes.

Eu estava confuso.

Como eu podia estar apaixonado por uma garota e um garoto ao mesmo tempo?

Eu estava encurralado para sempre.

Você sabe o que quero dizer.

EXPLOÇÃO POPULACIONAL

BEM-VINDOS AO ÉDEN. FAVOR fechar a escotilha após entrar.

A mensagem repetitiva enfim parou.

Quem quer que tivesse se juntado a Robby e a mim no Éden havia fechado a escotilha depois de entrar.

Mas não foi um exército de louva-a-deus assassinos de um metro e oitenta de altura e patas armadas com farpas, nem um cientista eremita enlouquecido das Indústrias McKeon. Os recém-chegados ao Éden eram Shann Collins, seu padrasto, Johnny McKeon, e sua mãe, Wendy McKeon.

Johnny McKeon estava carregando o maior revólver que eu já tinha visto.

A Smith & Wesson de quinhentos milímetros magnum de Johnny McKeon era fabricada em Massachusetts. Uma bala disparada daquela pistola viaja a quase seiscentos metros por hora.

— *Será que Johnny mata boiolas?* — sussurrou Robby.

— Hum — falei.

Johnny McKeon não desceu até o Éden para matar Robby Brees e a mim.

Shann e sua família tinham descido até o Éden porque eles sabiam que os Soldados Irrefreáveis estavam tocando o terror em Ealing, Iowa.

Robby e eu paramos na porta da sala do vestiário. Ingrid, que nunca ligava muito para coisas como visitas tarde da noite, sentou no chão entre nós e bocejou.

Para Johnny McKeon e sua mulher, Robby Brees e eu devíamos parecer atores de um filme de ficção científica, vestidos em nossos macacões idênticos e numerados do Projeto Éden.

Shann Collins, que então oficialmente odiava a mim e a Robby Brees, evitou meu rosto quando tentei olhar para ela.

— Bem-vindo ao Éden, Johnny — falei. — Acho que vocês estão seguros aqui embaixo.

— Hum — disse Johnny McKeon.

Johnny McKeon estava pálido e abalado. Ele olhou para o revólver que levava na mão, então de novo para mim com uma expressão de desculpas, como se Johnny McKeon não tivesse percebido que um revólver do tamanho de uma bazuca houvesse de algum modo se grudado à palma de sua mão direita.

— De qualquer modo, não adianta atirar neles — expliquei.

— Hum, eu sei disso, Austin — disse Johnny McKeon, que então perguntou: — Vocês estão bem?

Meu olhar cruzou com o de Shann.

Shann Collins estava olhando para meu rosto. Ela ficou pálida e baixou o olhar no mesmo instante. Shann Collins estava confusa. Ela estava apaixonada pelo garoto polonês que também estava confuso.

— Estamos, Johnny. A gente está bem — respondi.

Johnny McKeon atravessou o vestiário da entrada e colocou sua Smith & Wesson de quinhentos milímetros magnum no banco bem abaixo do velho anoraque de cientista que estava pendurado em um gancho na parede havia quase meio século.

— Acho que é hora de Robby e eu mostrarmos a vocês o que está acontecendo — anunciei.

Shann tossiu, nervosa.

Você sabe o que quero dizer.

TUDO DE QUE ALGUÉM PODE PRECISAR E OS DOIS MELHORES DISCOS DE ROCK DE TODOS OS TEMPOS

NÓS ÉRAMOS OS NOVOS Humanos.

Johnny McKeon, Shann Collins e sua mãe, Wendy Collins McKeon, trocaram suas roupas por macacões do Projeto Éden e meias brancas de cientista. Robby e eu não ficamos nos vestiários observando-os trocar de roupa. As coisas já estavam estranhas demais para fazer merdas como essa.

Quando os novos Novos Humanos se juntaram a nós no auditório, apontei para o quadro-negro com o diagrama que mostrava o

desenvolvimento do 412E, o fungo do Milho Irrefreável, nas criaturas que Johnny McKeon vira trepando e comendo horas antes no beco na Selva de Gafanhotos.

Apesar de desconfiarmos, Robby e eu não tínhamos certeza de que havia vários outros Soldados Irrefreáveis acima de nós, em Ealing, até Johnny McKeon nos contar.

Até aquele momento, Robby e eu só tínhamos visto um Soldado Irrefreável, aquele que saíra de Jack Faminto. Apesar disso, acreditávamos que os garotos da Hoover e Grant Wallace também já deviam ter eclodido.

Johnny McKeon também confirmou que os Soldados Irrefreáveis estavam se reproduzindo.

Robby Brees e eu tínhamos assistido a todos os cinco rolos da *Série de orientação para o Éden*. Sabíamos que o mundo tinha menos de vinte e quatro horas até que todos os seres humanos do planeta baixassem a um nível inferior na cadeia alimentar.

Não era um bom nível para se estar.

— Hum, Rob — falei. — Você ainda é contra a ideia do paintball?

— Hum — disse Robby.

Johnny McKeon bebeu uísque e Wendy se serviu de vodca com limão no Tally-Ho! do Éden, que era o bar mais legal em um raio de cinquenta quilômetros naquela região de Iowa.

As coisas ficariam melhores para Johnny e Wendy McKeon se eles estivessem bêbados.

Robby Brees estendeu o braço por cima do bar e, como quem não quer nada, pegou a garrafa de uísque e serviu dois copos.

Ninguém falou nada sobre isso.

— Tally-Ho! — disse Robby.

Robby Brees e eu bebemos o uísque. Tinha gosto de canela quente e fruta seca.

— Esse uísque deve ter sessenta anos de idade — disse Johnny McKeon.

Johnny McKeon gostava de um bom uísque escocês.

— É como beber história — observei.

— Saúde — disse Johnny.

Robby Brees e eu ficamos bêbados no Éden com Johnny McKeon e a mãe de Shann Collins. Bastaram dois copinhos de uísque para me fazer achar tudo engraçado e para me dar vontade de dançar com Robby Brees mais uma vez.

Nós acendemos cigarros.

Wendy McKeon devia saber que Robby e eu fumávamos, mas nunca tínhamos feito isso na frente dela. Ela estava distante e alheia ao que se passava. Johnny e Shann deviam tê-la assustado com as histórias do que sabiam estar acontecendo em Ealing.

E Johnny e Shann não sabiam nem a metade.

Wendy McKeon era muito bonita. Seus seios eram firmes e empinados embaixo do tecido brilhante de seu macacão. Fiquei com vontade de tocá-los.

Wendy McKeon era Éden 93.

Johnny McKeon era Éden 7.

O cabelo de Wendy McKeon era da cor de coentro em pó.

Eu fantasiei com alguém sugerindo que fizéssemos uma orgia quando chegássemos nas partes do filme em que o Dr. Grady McKeon dizia para nos reproduzirmos. O uísque me deixou com muito tesão, e confuso. Eu seria o primeiro a me oferecer para tirar a roupa, mas Johnny McKeon meio que me deixava nervoso.

Eu não imaginava Johnny McKeon tendo relações sexuais com Wendy Collins McKeon.

Johnny McKeon era a única pessoa no Éden com quem eu não queria tomar banho naquele exato momento.

Percebi que estava ficando com uma ereção de uísque escocês. Não achava que alguém fosse aprovar minha ereção naquele momento. Por isso, sentei no bar e pedi outro cigarro a Robby.

Robby sabia no que eu estava pensando. Ele sempre sabia.

— Tally-Ho!, Porco-Espinho — disse Robby.

Robby Brees estava bêbado. Ele acendeu um cigarro para mim e me entregou.

O filtro estava um pouquinho úmido da saliva de Robby.

— Eu duvido que eles não tenham tudo de que alguém possa precisar aqui embaixo — afirmou Johnny McKeon.

Johnny McKeon se levantou do banco. Ele arremessou um dardo no alvo pendurado do outro lado da mesa de sinuca.

— Eu duvido muito — disse Johnny, de maneira corajosa.

— Um bom Éden sempre vai ter tudo de que alguém possa precisar ou desejar, Johnny — falei.

— Isso e os dois melhores discos de rock de todos os tempos —
acrescentou Robby.

O SANGUE DE DEUS

LEVAMOS JOHNNY MCKEON E sua família para um tour pelo silo.

Não mostramos a eles toda a *Série de orientação para o Éden*. Johnny McKeon só queria ver uma parte do último filme. Queria que sua mulher soubesse como eram as criaturas que ele tinha visto na Selva de Gafanhotos.

Não fazia diferença. Era impossível assistir a cinco minutos da *Série de orientação para o Éden* sem testemunhar alguma experiência com esperma ou alguma merda assim. Ou ouvir o Dr. Grady McKeon nos dizer que era nosso dever começar a transar uns com os outros.

— Meu irmão mais velho era um maluco — concluiu Johnny McKeon.

— Não tem televisão aqui embaixo? — perguntou Wendy McKeon. — Talvez o noticiário esteja transmitindo alguma coisa sobre a situação.

Era uma boa pergunta.

Eu não tinha notado a falta de televisões até Wendy McKeon perguntar sobre elas. Não tínhamos visto nenhum aparelho de TV no Éden. Na minha cabeça, o Dr. Grady McKeon havia concluído que, quando o Projeto Éden se tornasse um santuário necessário para a humanidade, não haveria nada que valesse a pena ser visto nos canais de TV.

Os Novos Humanos viveriam sem televisão comercial.

Talvez houvesse esperança, afinal de contas.

O Dr. Grady McKeon provavelmente tinha razão sobre transmissões pós-apocalípticas, apesar de nós termos encontrado um conjunto de cinco aparelhos de televisão enfileirados aquela noite na Sala dos Cérebros do Éden.

Foi isto que aconteceu:

Estávamos todos muito cansados depois de assistir aos momentos finais de pessoas comendo milho e apostando corridas de saco no Rolo Cinco. Shann não falou comigo nem sentou perto de mim no cinema do Éden. Achei que Johnny McKeon ou Wendy pudessem achar o comportamento de Shann frio ou inesperado, mas, se acharam, não perceberam.

Comecei a me sentir culpado porque talvez Shann houvesse dito algo a seus pais sobre mim. Eu estava confuso e frustrado, e queria

desesperadamente ter uma oportunidade de conversar com Shann.

Robby Brees e eu também estávamos bêbados. O uísque nos deixou corajosos e incautos.

Eu admiti a Johnny McKeon que tínhamos bolado um plano para matar os Soldados Irrefreáveis: um plano que envolvia o sangue de Robby Brees e as armas de paintball guardadas na garagem da minha casa desde que meu irmão, Eric, tinha ido embora para se juntar aos fuzileiros navais e teve seus testículos explodidos.

Robby anunciou que me deixaria tirar sangue dele se pudesse tomar mais um copo de uísque.

A ideia toda era muito assustadora.

Eu não achava que conseguiria de fato fazer algo como enfiar uma agulha no braço de Robby Brees. A ideia de causar dor em Robby quase me fez chorar. Com tudo o que tinha acontecido na minha vida na semana anterior, e agora que Shann me tratava como um inimigo, eu estava um desastre emocional.

A mãe de Shann, Wendy McKeon, havia sido enfermeira antes de se casar com Johnny McKeon e se mudar para Ealing. Ela disse que, se tomasse mais uma vodca com suco de limão, tiraria alguns frascos de sangue de Robby Brees.

Eu fiquei pálido.

Robby ficou pálido.

Era tudo muito assustador.

O consultório se encheu com o cheiro quente de hálito alcoolizado. Há algo na esterilidade de um consultório que repele tudo, como se ela fosse um vácuo em si mesma, como os globos de vidro nos quais os cientistas de McKeon trancavam todo tipo de merda. Assim que nós cinco entramos no consultório do Projeto Éden, o local absorveu os odores de bebida, suor, cigarros e golden retriever.

— Eu estou com cecê — avisei.

Ingrid suspirou e se enroscou no chão embaixo da maca de exames plana e acolchoada.

— São Kazimierz ressuscitou uma garota e também fez um garoto cego enxergar — falei.

Baixei o zíper da parte de cima de meu macacão e tirei a corrente de prata por cima da cabeça. Disse a Robby para usar a medalha de São

Kazimierz enquanto Wendy McKeon tirava o sangue dele. Coloquei a corrente em Robby. Ele parecia assustado.

Wendy McKeon disse a Robby para deitar na maca e baixar a roupa até a cintura. Wendy começou a abrir armários e gavetas no consultório, juntando as coisas que ia usar para extrair sangue de Robby Brees.

Robby abriu a parte de cima do macacão e a desceu até a altura dos quadris. Ele ficou ali, seminu na maca de operação.

— Eu me pergunto se aqueles pervertidos da McKeon já operaram adolescentes aqui — falei.

— Hum — disse Robby.

Toquei a medalha de São Kazimierz e a apertei contra o coração de Robby.

Wendy colocou duas bolas de gaze enrolada na palma da mão de Robby e o mandou apertá-los.

— Aposto que é a primeira vez que você aperta as bolas de outra pessoa em um consultório médico — brinquei.

— Cale a boca, Austin — mandou Robby.

— Tudo bem — concordei.

Shann estava desesperada. Ela disse:

— Não consigo ver isso.

Shann saiu para o corredor pisando firme com suas meias de cientista, fazendo *tomp-tomp* enquanto andava.

Eu queria segui-la, mas estava preso. Não podia simplesmente deixar Robby sozinho no consultório. Olhava sem parar da porta para o peito pálido de Robby, enquanto Wendy McKeon amarrava um tubo de borracha em volta do bíceps do meu melhor amigo.

Robby apertou as bolas de gaze na mão. Ele estava com medo. Eu não queria ver Robby Brees com medo e dor.

A pele de Robby era da cor de um pêssego doce.

Ele sabia o que eu estava pensando.

— Você deveria ir falar com ela, Porco-Espinho — sussurrou Robby Brees.

Robby Brees sempre sabia o que estava acontecendo.

Eu queria perguntar a Ingrid o que deveria fazer, mas não queria que Johnny McKeon nem a mãe de Shann achassem que eu era um garoto maluco que conversava com seu cachorro que não latia e merdas assim.

— Ah... Hum... — disse eu.

Wendy McKeon enfiou uma agulha grossa bem na dobra do braço de Robby.

— Nossa, querida — disse Johnny McKeon.

Sangue marrom espesso começou a encher o cilindro da seringa.

Blub-blub!, fazia o sangue de Robby.

Robby estremeceu.

Eu senti meus joelhos cederem.

— Hum, acho melhor ir lá para fora — avisei.

A BOLA DE BOLICHE COR-DE-ROSA DE WANDA MAE

SHANN COLLINS TINHA IDO até o final do corredor. Ela estava parada em frente à porta do boliche do Éden. Ela desviou os olhos de mim, mas percebi que estava chorando.

Eu me senti um merda.

— Por favor, não chore, Shann — implorei.

Botei a mão em seu ombro e a enfiei por baixo das mechas mornas e macias de seu cabelo perfeito. Ela não se afastou de mim. Aquilo era um progresso, pensei.

A história tem tudo a ver com o progresso.

— E, por favor, não odeie Robby. Hum. Nem me odeie. Eu nunca mentiria para você, Shann. Amo muito você — continuei. — E, hum, fala sério: quantos garotos você conhece que realmente têm a capacidade de salvar o mundo inteiro? Robby Brees é tipo um super-herói.

Shann ria e chorava ao mesmo tempo.

A história mostra que Shann Collins era uma pessoa complexa, capaz de fazer coisas assim ao mesmo tempo.

Todos os meus melhores amigos eram muito complexos.

— Por que você nunca tinha me contado isso, Austin? — perguntou Shann.

Eu quase dei a Shann Collins a resposta automática de um garoto adolescente, que teria sido *sei lá*. Mas consegui me refrear.

— Você quer mesmo falar sobre Robby? Porque posso contar tudo o que sei sobre ele, Shann — falei.

— Não — disse Shann.

— Eu amo você, Shann Collins.

Ela enxugou o rosto. Shann Collins estava chorando por minha culpa.

— Diga a verdade. Você é gay, Austin? — perguntou Shann Collins.

— Eu acho mesmo que não. Hum. Eu não sei, Shann — respondi. — Talvez haja alguma coisa errada comigo.

— Mas eu amo você, Austin — disse Shann.

— Eu sei. Me desculpe por fazer você sofrer, Shann — falei. — Não consigo nem medir quanto eu amo você.

Então Shann se virou e me abraçou. Nós nos beijamos, o beijo mais profundo e apaixonado que já havíamos dado em toda a nossa vida. Apertei meus quadris contra os dela. Ela não se afastou nem um pouco de mim.

Shann Collins sem dúvida aprovou minha ereção.

— Eu estou com medo, Austin — disse ela.

— Acho que eu também — sussurrei.

— Tudo bem.

— Desculpe.

Passamos entrelaçados como dançarinos pela porta e entramos no boliche.

Aquilo era um grande progresso.

O mundo estava mudando, e a humanidade estava caminhando em frente, repetindo várias vezes a mesma merda idiota.

Eu abri o zíper do macacão de Shann e fiz o mesmo com o meu, para que pudesse apertar meu peito nu contra os seios fartos dela. Senti um nó na garganta. Meu coração parecia estar se apertando e querendo sair pela boca, como um *walleye* gordo tentando abrir caminho por um riacho raso durante a primavera para procriar.

Éden 5 precisava se reproduzir.

Nós andamos mais para o fundo do boliche.

Eu me imaginei dentro de uma caverna, quinze mil anos atrás.

Shann Collins e eu tiramos nossas roupas. Pelados, deitamos juntos no chão.

— Você acha que este é o fim do mundo, Austin?

— Vai ficar tudo bem. Vai ficar tudo bem.

Shann me beijou. Ela passou a boca por todo o meu corpo.

Foi eletrizante.

Mas eu não conseguia parar de pensar em meu irmão, Eric, e nas duas prostitutas chamadas Tiffany e Rhonda. Pensei em São Kazimierz e em seu

cilício, em Krzys Szczerba e em todos os homens Szczerba depois dele. Pensei em Robby no consultório.

Pensei em dar nome às minhas bolas.

Shann Collins me ajudou a enfiar meu pênis em sua vagina, e tivemos uma relação sexual bem ali no chão do boliche do Éden, embaixo de um par de sapatos e de uma bola cor-de-rosa com o nome *Wanda Mae* gravado em ouro.

Nosso sexo foi barulhento, urgente e molhado. Meus joelhos ficaram em carne viva de tanto esfregá-los no carpete áspero da área reservada para a troca de sapatos. Durante o ato, fui empurrando Shann pela bunda até que as nossas cabeças bateram contra a estante bamba de sapatos de boliche.

Naquele exato momento, eu não me importava com mais nada.

Ninguém soube nada sobre aquilo.

O Dr. Grady McKeon ficaria orgulhoso de Shann Collins e de mim.

Nos éramos Irrefreáveis.

Naquele exato momento, Louis, o cozinheiro da Casa da Panqueca cujo nome verdadeiro era Ah Wong Sing, subiu por cima dos destroços ensanguentados e cagados no banco da frente da Dodge Caravan de Ollie Jungfrau. Ele saiu do carro pela janela estilhaçada, do mesmo modo que fez o Soldado Irrefreável que um dia fora Travis Pope.

Ah Wong Sing também queria ajudar a Sra. Edith Mitchell a sair.

— Suba pelo banco — sugeriu ele.

A Sra. Edith Mitchell balançou a cabeça e disse que não.

Ah Wong Sing tentou abrir todas as portas do carro. Não conseguiu abrir nenhuma delas.

— Suba pelo banco da frente — repetiu.

Mas a Sra. Edith Mitchell não se mexeu.

Ah Wong Sing disse que ia chamar alguém para ajudar. Ele saiu correndo pela ponte sobre o rio Kelsey na direção do Parque Amelia Jenks Bloomer, no sentido oposto do Soldado Irrefreável.

Ah Wong Sing era inteligente.

A Sra. Edith Mitchell esperou na Dodge Caravan.

Não foi uma boa ideia.

Naquele exato momento, Robby Brees estava deitado de costas, tonto. Robby olhava fixamente para as luzes fluorescentes suaves no teto do consultório enquanto Wendy McKeon colava um curativo sobre o pequeno furo escuro que havia no braço dele.

— Fique aí deitado por alguns minutos — disse Wendy McKeon a ele.

Então Wendy McKeon guardou as três seringas grandes que enchera com o sangue de Robby Brees dentro de uma pequena geladeira de aço.

Johnny McKeon estava dormindo em uma cadeira de rodinhas com a cabeça apoiada na parede.

Na pista de boliche, Shann Collins e eu nos vestimos com pressa. Nós estávamos grudentos, e havia esperma e saliva espalhados pelo nosso corpo. Eu queria tomar um banho.

Nenhum de nós falou nada.

Eu estava mais confuso do que nunca.

Eu me senti terrível por todas as coisas egoístas que fiz com Shann e Robby. Fechei os olhos e pedi ajuda a São Kazimierz.

Lá fora, ouvi Wendy McKeon nos chamar no corredor.

Quando vi Robby Brees, Ingrid e os pais de Shann nos procurando, gaguejei de culpa e disse alguma merda sobre jogar boliche.

Eu não minto, mas naquele momento também era um mentiroso.

Shann e eu estávamos morrendo de vergonha.

Robby apertou a boca em uma expressão de decepção. Ele parecia fraco e cansado.

Robby sabia o que tínhamos feito. Ele percebeu.

Robby Brees sempre sabia tudo sobre mim.

Ele tirou minha corrente pela cabeça e me devolveu a medalha de São Kazimierz.

— Muito obrigado, Austin. Agora você provavelmente precisa mais dela do que eu — disse Robby.

Eu precisava mesmo era de um cigarro, mas não tinha coragem de dizer nada a Robby Brees.

Olhei para Ingrid e perguntei:

— O que eu vou fazer, Ingrid?

Ingrid bocejou, algo que sempre faz quando está confusa.

Eu também estava confuso.

Johnny McKeon disse:

— Nossa. Um cachorro que entende a nossa língua. Isso não é o máximo?

REGRAS SÃO REGRAS, MAS A SALA DOS CÉREBROS NÃO É MUITO GENIAL

JOHNNY MCKEON PRECISOU INSISTIR muito para convencer a mim e a Robby que deveríamos esperar amanhecer para ir à minha casa buscar as armas de paintball.

Robby Brees e eu usaríamos minhas armas de paintball e o sangue de Robby para matar os Soldados Irrefreáveis e salvar o mundo.

Ninguém quer sair no escuro quando há Soldados Irrefreáveis à solta por aí, mesmo que você esteja junto com o deus deles, armado com um rifle de paintball ou alguma merda assim.

Eu esperava que o deus dos Soldados Irrefreáveis não estivesse muito chateado comigo por eu fugido enquanto seu sangue era extraído para ter relações sexuais com Shann no chão de um boliche.

Diferente de meu bisavô Andrzej Szczerba, eu não estava me testando nem tentando provar nada.

Pelo menos foi isso o que eu disse a mim mesmo.

Provavelmente eu estava errado.

Resmunguei algo sobre querer tomar banho. Eu estava fedendo.

Wendy McKeon disse que, se precisássemos ficar no Éden por algum tempo, teríamos que estabelecer algumas regras sobre quando os rapazes e as garotas poderiam usar o chuveiro.

Era ridículo fazer uma regra sobre isso. Wendy McKeon poderia muito bem ter feito uma regra sobre a velocidade de rotação da Terra.

A história mostra que, enquanto houver seres humanos neste planeta, quando você coloca dois deles juntos, antes que você perceba, eles começam a criar regras.

— Eu às vezes tomo banho com a Ingrid — confessei.

Ingrid bocejou.

Nós criamos esta regra idiota e essa regra idiota.

Garotos não podem se amar.

Então pintamos um bisão na parede.

Eu queria tomar um banho. Meu corpo estava grudento e eu sentia coceira entre as pernas. Parecia que as fibras ásperas de acrílico do carpete estavam espetando meu saco. Eu estava com cecê e precisava muito mijar.

Todos os outros queriam dormir. Era muito estranho e me deixava muito nervoso pensar em dormir. Queria que Shann e Robby dormissem no

mesmo quarto que eu. Queria abraçar os dois e pedir desculpas.

Eu sabia que isso não iria acontecer. Você sabe, regras e merdas assim.

Foi no corredor para os dormitórios do Éden que descobrimos a Sala dos Cérebros.

Nós a descobrimos porque a porta tinha uma placa de metal gravada com letras de fôrma que dizia:

SALA DOS CÉREBROS

Robby, Shann e eu não a havíamos notado antes, quando corremos feito loucos pelo dormitório, pulando nas camas sem fazer regras e merdas assim.

— Que droga é essa? — perguntou Johnny McKeon.

— Talvez seja alguma espécie de posto de comando — sugeriu Wendy, mulher de Johnny.

— Hum — disse eu. — Depois de ver e ouvir o Dr. Grady McKeon por umas três horas e meia hoje, eu não me surpreenderia se a sala do outro lado desta porta estivesse cheia de cérebros de verdade.

— Ou esperma — acrescentou Robby.

— Hum — falei.

Eu fiquei vermelho.

Shann estava em silêncio absoluto.

Ninguém queria ouvir falar em esperma naquele exato momento.

Mas foi Robby quem chegou mais perto de adivinhar o que havia lá dentro.

Descobrimos que havia uma boa quantidade de esperma dentro da Sala dos Cérebros.

Robby Brees, o Deus dos Soldados Irrefreáveis, abriu caminho entre mim e Johnny McKeon. Robby girou a maçaneta da porta.

Entramos na Sala de Cérebros do Dr. Grady McKeon.

Para ser mais preciso, entramos na *recepção* da Sala dos Cérebros.

O Dr. Grady McKeon tinha uma secretária. A história vai confirmar que essa secretária estava bastante envolvida na missão de reprodução do Dr. Grady McKeon. O Dr. Grady McKeon tentou se reproduzir com a secretária em cima da mesa dela, no chão da recepção, sobre a mesa de sinuca no Tally-Ho! do Éden e até no carrinho de aço do refeitório.

O esperma do Dr. Grady McKeon não era muito vigoroso. O esperma do Dr. Grady McKeon não era Irrefreável. Na verdade, o esperma do Dr.

Grady McKeon nunca começou a funcionar.

O nome da secretária era Wanda Mae Rutkowski.

Uma placa de identificação em sua mesa dizia isso.

Alguns momentos antes, Shann Collins e eu havíamos mantido relações sexuais embaixo da bola cor-de-rosa e dos sapatos tricolores de boliche de Wanda Mae. Wanda Mae Rutkowski tinha pés de Godzilla. Enquanto meu pênis estava dentro da vagina de Shann Collins, percebi que os sapatos de Wanda Mae Rutkowski eram tamanho quarenta e um.

É meu trabalho notar detalhes precisos, não importa o que esteja acontecendo.

A mesa de Wanda Mae Rutkowski estava congelada no tempo.

— Ei! Chiclete! — avisei.

Wanda Mae Rutkowski tinha deixado um pacote verde-claro retangular de chiclete de menta Doublemint aberto em cima da mesa. Havia três chicletes dentro da embalagem. Peguei um e comecei a mascá-lo. No início, a textura parecia papelão e foi um pouco frustrante, mas ainda havia bastante sabor de menta preservado no chiclete açucarado.

— Chiclete Irrefreável — falei.

— Hum — disse Robby.

Rezei a São Kazimierz para ele garantir que minhas bolas não dissolvessem.

Wanda Mae Rutkowski também tinha um maço de cigarros chamados Virginia Slims. Eu queria fumar um. Havia duas guimbas de cigarro em um cinzeiro do hotel Clement's Motor Inn, de Cedar Rapids. Wanda Mae Rutkowski tinha batom da cor de algodão-doce. Fiquei com tesão ao pensar nos lábios de Wanda Mae. Meu pênis era um verdadeiro dínamo. Eu enfim escolhi os nomes de minhas bolas.

Minhas bolas mereciam nomes.

Os cigarros Virginia Slims eram mentolados e muito finos. Eles pareciam doces.

Wanda Mae Rutkowski obviamente gostava de prazeres mentolados.

Também havia em sua mesa um telefone de disco. Como os outros que tínhamos visto no Éden, esse tinha na base uma fileira de botões plásticos.

*NUNCA PROCURE SORVETE
EM UM FREEZER DE ESPERMA*

— MACACOS ME MORDAM! — exclamou Johnny McKeon.

Nunca entendi o que essa expressão queria dizer, mas, no caso do Dr. Grady McKeon, devia significar que havia um macaco agressivo de um metro e oitenta de altura por aí.

Ingrid bocejou.

Johnny McKeon pegou o fone.

— Não vejo uma dessas belezas há mais tempo do que a vida de um guaxinim.

Na natureza, os guaxinins da América do Norte vivem aproximadamente três anos.

O chiclete Doublemint foi inventado em 1914.

Krzysztof Szczepanik tinha vinte e seis anos em 1914.

Grudei meu chiclete velho Doublemint embaixo da mesa de Wanda Mae Rutkowski.

Johnny McKeon ligou para o número de Ollie Jungfrau. Ollie Jungfrau não pôde atender seu telefone no Del Vista Arms porque Ollie Jungfrau havia sido devorado por Travis Pope na ponte sobre o rio Kelsey.

Não fez diferença, porque o telefone da Sala dos Cérebros não ligava para telefones na superfície do planeta.

— Acho que é apenas uma linha interna — disse Johnny McKeon.

De qualquer maneira, para quem você ligaria depois do fim do mundo?

— A Pizzaria do Satan não faz entregas em caso de cataclismo global — expliquei. — Está escrito na parte de baixo dos cardápios.

— Eu nunca tinha notado isso — disse Johnny McKeon, que não tinha absolutamente nenhum senso de humor.

A Pizzaria do Satan não faria mais entregas porque algumas horas antes Stan, o dono, cujo nome verdadeiro era Sevastián Hernandez, teve a cabeça removida pelas mandíbulas esmagadoras de Travis Pope.

Na parede atrás da mesa de Wanda Mae Rutkowski, assomava em um brasão dourado como um sol o lema *infinita frumenta!* das Indústrias McKeon. Dos dois lados do brasão havia fotos em preto e branco emolduradas do Dr. Grady McKeon com o presidente Richard M. Nixon, o vice-presidente Spiro Agnew e o diretor da CIA Richard Helms. Havia mais duas fotos penduradas na parede. A primeira era de um homem chamado James Arness, astro de um programa de TV de faroeste. A segunda era do Dr. Grady McKeon parado ao lado do Papa Paulo VI. A inscrição na fotografia de James Arness dizia:

Para Grady — Obrigado pelo milho!!!

O papa escreveu uma mensagem sobre a foto em tinta azul:

Dr. Grady, este milho é sublime.

O Dr. Grady McKeon dissolveu as bolas do papa.

Excrementum Sanctum.

Abaixo do grande emblema das Indústrias McKeon havia uma plaquinha de metal que dizia:

CÂMARA DE ESPERMA
NO ÉDEN, A HUMANIDADE É IRREFREÁVEL!

O brasão na verdade era a porta oculta para o banco de esperma congelado do Dr. Grady McKeon.

Robby abriu a porta do brasão. Atrás dela havia um enorme freezer de aço.

— Tem esperma do presidente aí dentro — disse Robby.

— Hum. Tem esperma do papa aí dentro — falei.

— E de James Arness — acrescentou Johnny McKeon.

— Minha nossa! — disse Wendy McKeon.

— James Arness era um homem bonito. Bonito mesmo. Meu ator favorito, também — declarou Johnny McKeon.

— Talvez tenha sorvete aí dentro — sugeri Robby.

— Hum — repeti. Empurrei o brasão e o fechei. — Não vamos procurar sorvete em um freezer de esperma, Rob.

Ao lado da mesa de Wanda Mae Rutkowski havia uma porta sem janelas onde estava escrito:

PARTICULAR

Ela levava à Sala dos Cérebros do Dr. Grady McKeon.

UM VERDADEIRO PENSADOR CONCRETO DE IOWA

HAVIA DUAS CABEÇAS COM olhos arregalados na mesa do Dr. Grady McKeon olhando diretamente para nós quando Robby abriu a porta em que estava

escrito *Particular*.

Shann levou um susto.

Wendy deu um grito.

Johnny McKeon disse:

— Isso não é o máximo?

Havia duas máscaras idênticas de lêmure fazendo careta dentro da Sala dos Cérebros.

Elas foram as primeiras coisas que notamos, apenas porque pareciam cabeças decepadas de monstros apoiadas na mesa do Dr. Grady McKeon, posicionadas para defender a sala contra intrusos. Elas eram exatamente iguais à que Robby e eu pegamos no telhado da Selva de Gafanhotos, só que as máscaras da mesa estavam mais limpas e pareciam novinhas.

— Grady McKeon devia ter a melhor coleção do mundo de máscaras de lêmure fazendo careta e de esperma — teorizou Robby.

— Puta merda — falei.

— Será que elas deixam a cara fedendo? — perguntou Robby.

Enfim, Shann falou alguma coisa. Ela não estava olhando para as máscaras de lêmure fazendo careta. Ela encarava, chocada e assombrada, os engradados na parede atrás da mesa do falecido irmão de seu padrasto.

— Que *coisa* é essa? — perguntou Shann.

Johnny McKeon deu um suspiro e se apoiou na mesa do irmão.

— Parece o mesmo monte de bizarrices que as Indústrias McKeon mandaram entregar na loja quando eles empacotaram tudo e fecharam a fábrica — disse Johnny.

Robby e eu nos fizemos de desentendidos. Johnny McKeon nunca descobriu que nós tínhamos entrado em seu escritório na loja de artigos usados Do Sótão ao Sucesso na noite em que Grant Wallace e os garotos da Hoover arrombaram a loja e roubaram a Grilo Embriagado. Nós também não íamos contar a ele.

— O que é isso, Johnny? — perguntei.

E Robby disse:

— Hum.

Dentro da Sala dos Cérebros nós encontramos o seguinte:

Havia dez globos perfeitos de Cepa de Praga IM 412E Contida negra pulsante, mais de um para cada continente da terra, o suficiente para garantir a aniquilação de toda a espécie humana. Em todas as outras prateleiras, havia fileiras de vidros e mais vidros de partes deformadas de

corpos, que pareciam de barro e foram cultivadas pelo esperma inadequado do Dr. Grady McKeon nos laboratórios da Unidade de Replicação Humana. Notei um pé dentro de um dos potes. Ele tinha unhas compridas que tocavam o vidro e seus dedos se contorciam, o que fazia leves sons de *tique-tique!* contra o pote. E havia recipientes oblongos que continham algumas partes dos primeiros Soldados Irrefreáveis dissolvidos com o sangue do próprio Dr. Grady McKeon.

Era um show de horrores doentio.

Em uma das paredes da Sala dos Cérebros havia um conjunto de cinco aparelhos de TV.

As TVs eram completamente inúteis, tão primitivas quanto lampiões a querosene. Cada uma delas tinha um seletor com números que iam do canal dois ao treze. Johnny McKeon explicou a mim, Shann e Robby que, em certa época, as televisões precisavam ser calibradas e sintonizadas à mão. Johnny McKeon nos contou que as pessoas pararam de ter tantos filhos em Iowa depois da invenção do controle remoto. Quando ele era pequeno, contou Johnny, havia em Iowa apenas quatro canais de TV, e nenhum deles tinha programação vinte e quatro horas por dia.

— Uau — exclamei. — Eles tinham programas que ensinavam a pintar bisões nas paredes?

— Acho que não havia nenhuma aula de arte na TV naquela época, Austin — respondeu Johnny.

Johnny McKeon era um verdadeiro pensador concreto de Iowa.

Johnny ligou uma das televisões. O tubo de imagem levou quase um minuto para acender. Não apareceu nada além de estática monocromática em todos os canais marcados no botão que Johnny McKeon girou.

— Isso aqui é uma beleza — disse Johnny.

— Ah — falei.

— É mesmo — concordou Robby.

O verdadeiro tesouro da Sala dos Cérebros era o diário pessoal do Dr. Grady McKeon.

O diário parecia ter sido escrito por uma criança de sete anos, a lápis sem ponta. O *registro científico* do Dr. Grady McKeon incluía detalhes explícitos de todas as vezes que o Dr. Grady McKeon tinha se masturbado para um de seus *experimentos* ou praticado *coito* com outras voluntárias do Projeto Éden.

Nos garranchos frenéticos de um discípulo alucinado da irrefreabilidade, o Dr. Grady McKeon também confessou ter descartado o esperma do papa Paulo VI no seu mictório Rouxinol. As amostras dos outros colaboradores logo tiveram o mesmo destino.

O Dr. Grady McKeon se via como o futuro rei de um Novo Universo.

Pena que o esperma dele nunca serviu para nada.

Mas o diário também fornecia informações sobre o universo distorcido dos laboratórios das Indústrias McKeon.

— Diz aqui — contei, folheando o diário — que as máscaras de lêmure são aparelhos de detecção que fazem as pessoas emitirem um brilho vermelho se estiverem contaminadas com a 412E.

— Isso aí é besteira, ciência de almanaque — avaliou Johnny.

Uísque escocês deixava Johnny McKeon falante e empolgado, mesmo no fim do mundo.

Robby vestiu uma das máscaras e olhou ao redor para cada um de nós.

— Bolas vermelhas — disse ele.

— O quê? — perguntei, protegendo minhas bolas com as mãos.

— Na parede. Todas as bolas estão vermelhas — explicou Robby, apontando para os globos de 412E. — Mas todos nós emitimos um tom azul entediante.

Eu lembrei que enxerguei Robby meio azul quando vesti a máscara de lêmure na noite em que viajei nos caiaques azuis de minha mãe, no quarto de Robby Brees no Del Vista Arms.

Eu, porém, não diria que era um tom *entediante*. Robby Brees nunca poderia ser um azul *entediante*.

— E o melhor é que... — prosseguiu Robby. —... esta máscara não deixa minha cara fedendo.

À NOITE NO ÉDEN

SHANN COLLINS, SUA MÃE, Wendy McKeon, e o padrasto, Johnny, ficaram no mesmo quarto.

Nós nos demos boa-noite no corredor. Tentei captar o olhar de Shann, mas ela estava nervosa e tímida, algo incomum para Shann.

Nós não deveríamos ter tido relações sexuais.

Foi um erro irrefreável.

A história mostra que os adolescentes se tornam dínamos irrefreáveis cheios de tesão assim que tiram os macacões. Eu sabia daquilo muito bem depois de sobreviver à semana em que o mundo acabou em Ealing, Iowa.

Os Collins-McKeon entraram em seu quarto e fecharam a porta.

Então Robby se despediu de mim e entrou sozinho em um dos quartos.

— Ei — chamei.

Robby não queria falar comigo.

— O que eu vou fazer, Ingrid?

Eu não sabia o que fazer. Tudo estava uma confusão. Eu estava apaixonado por meus dois melhores amigos e estava fazendo os dois sofrerem ao mesmo tempo. E acima de nós havia insetos enormes cheios de tesão que estavam devorando todo o planeta.

Eu saí da ala dos dormitórios levando o diário do Dr. Grady McKeon.

Ingrid me seguiu até o vestiário.

Ingrid deitou no chão ladrilhado e ficou me observando enquanto eu tomava banho.

Em seguida, vesti minhas cuecas e joguei meu macacão em uma das máquinas da lavanderia do Éden. Sentei na máquina enquanto ela rodava, e me lembrei de Robby Brees dizendo que a Lavanderia Self-Service Ealing parecia férias no Havaí comparada à lavanderia do Del Vista Arms.

Deixei meu macacão Éden 5 ali, girando na secadora, e então escolhi meu próprio quarto solitário para dormir, que por acaso era o bagunçado, aquele onde Robby, Shann e eu tínhamos pulado nas camas.

Eu suspirei e sentei.

Escrevi até adormecer com as luzes acesas.

Encontrei entre as páginas do diário pessoal do Dr. Grady McKeon um folheto de 1971 da equipe de esqui aquático do parque temático Cypress Garden, na Flórida, e uma foto lustrosa e amassada de Wanda Mae Rutkowski.

Wanda Mae Rutkowski era a própria imagem da mulher de sessenta metros no grande emblema das Indústrias McKeon.

No pé da foto, havia uma mensagem que nada tinha a ver com milho nem esperma escrita em tinta azul borrada e letra feminina e cheia de floreios. Ela dizia:

*Grady, espero que um dia você possa me perdoar. Nós sempre teremos
Éden, Wanda Mae*

Em sua foto, Wanda Mae Rutkowski está usando botas de vinil amarelo-limão até os joelhos. Embora as pessoas nos anos 1970 não reciclassem plástico, aquelas botas provavelmente poderiam ter sido transformadas em pelo menos três cortinas de banheiro; talvez um escorrega de piscina ou um desses pula-pulas infláveis que os pais alugam para o aniversário dos filhos. Seu vestido, com um decote baixo em V perfeito que separava seus seios, tinha mangas boca de sino compridas e uma estampa floral cor-de-rosa e violeta. Wanda Mae estava usando uma faixa com a mesma estampa na cabeça, que cobria a testa desde as sobrancelhas até a linha do cabelo. A barra de seu vestido mal cobria sua calcinha, que na minha cabeça era lilás clara. Seu cabelo caía em cachos soltos e volumosos sobre os ombros. Era da cor de geleia de tangerina, e a pele imaculada de Wanda Mae parecia manteiga caseira de Indiana.

Não posso afirmar com certeza, mas não acredito que o Dr. Grady McKeon tenha contratado Wanda Mae Rutkowski por suas habilidades de estenógrafa.

Wanda Mae Rutkowski apresentou-se em um espetáculo de esqui aquático descalço na Flórida durante os anos 1970, depois que o Dr. Grady McKeon fechou em definitivo seu domo do prazer sexual subterrâneo em Ealing, Iowa.

O Dr. Grady McKeon tornou-se um recluso em sua velha casa histórica quando Wanda Mae Rutkowski o deixou. Wanda Mae casou-se com um treinador de cães que fez fortuna com corridas de galgos na Flórida. O nome dele era Jan Wojner. Jan Wojner aprendeu tudo o que sabia sobre cães com seu avô, Bruno, que sobreviveu à Grande Depressão com apresentações de seu circo de cães na Califórnia.

Cães Irrefreáveis!

Wanda Mae Wojner ganhou o Campeonato Nacional de Esqui Aquático Descalço Feminino realizado em Waco, no Texas, em 1978.

Em 1978, o Papa Paulo VI morreu sem jamais saber que o Dr. Grady McKeon descartara sem qualquer cerimônia seu esperma no mictório de meu tataravô.

Em 1978, as Indústrias McKeon apresentaram quatro globos selados da Cepa de Praga IM 412E Contida para o Departamento de Defesa dos Estados Unidos.

Ninguém soube nada sobre isso.

Em seu isolamento, o Dr. Grady McKeon, que havia chegado tão no fundo do poço quanto se pode chegar após o terrível desastre de seus experimentos com os Soldados Irrefreáveis, ficou cada vez mais louco. Ele esqueceu totalmente os Soldados Irrefreáveis e seu Projeto Éden.

Em 1978, o Dr. Grady McKeon comprou um pequeno palácio na Costa Rica e fechou a velha casa dos McKeon em Ealing, Iowa.

Só consegui encontrar registro de uma viagem que ele fez de volta a Ealing para comparecer a uma reunião com acionistas, realizada quando Robby Brees e eu estávamos no sétimo ano.

Não era um bom momento para pegar um avião.

QUE PARECER TERMINE

É A MAIS ESTRANHA das máquinas: lápis e papel, tinta e parede; meio, superfície e homem. A máquina costura todas as estradas em uma só, tece juntas todas as vidas, tudo.

Todos os bons livros são sobre tudo, abreviados.

As últimas linhas da primeira estrofe de meu poema favorito são:

Que parecer termine em ser somente.

O único imperador é o imperador do sorvete.

Quando atingiu a meia-idade, Krzys Szczerba cansou-se de lutar e de se sentir tão isolado de sua identidade nos Estados Unidos.

Krzys Szczerba nunca conseguiu deixar de ser o garoto polonês que perdeu o pai na viagem de travessia para os Estados Unidos. Todos os dias, Krzys Szczerba fechava os olhos e via o corpo cinza e rígido de seu pai sendo jogado na água fria do mar cinzento.

O filho de Krzys Szczerba, Andrzej, tinha ido para Iowa City. Krzys Szczerba nunca soube nada sobre o amor do filho por Herman Weinbach. Krzys sabia algo sobre seu neto, um menino chamado Felek, que significa “sortudo”. Mas Krzys Szczerba nunca conhecera a criança nem a mãe, a filha de um açougueiro chamada Phoebe Hildebrandt.

Eva Nightingale, a mulher de Krzys e inspiração para seu mictório Rouxinol, morreu atropelada por um bonde em Saint-Louis em 1936,

quando Krzys tinha quarenta e oito anos. Coisas assim aconteciam o tempo todo, e ninguém sabia nada sobre isso.

Sem os travesseiros macios e brancos do corpo de Eva para abraçá-lo à noite, Krzys Szczerba tornou-se uma pessoa fria. Krzys Szczerba congelou por dentro. Krzys Szczerba ainda tinha irmãos e irmãs na Polônia que não via desde 1905, quando Theodore Roosevelt era presidente.

Em 1937 Krzys Szczerba saiu dos Estados Unidos e voltou para a Polônia.

Não foi uma boa ideia.

Em setembro de 1939, Krzys Szczerba foi morto enquanto caminhava com um grupo de refugiados por uma fazenda rural enlameada no interior da Polônia.

Em setembro de 1939, a Alemanha estava irrefreável, e a Rússia dividiu os espólios da conquista polonesa. Ninguém precisava de garotos poloneses.

Isso foi muito ruim para a Polônia.

Isso foi muito ruim para garotos como eu.

Esse foi apenas um dos acontecimentos na história que deram a nós, garotos poloneses, olheiras de sono sob nossos olhos atentos. Nós vemos tudo. É nosso trabalho prestar atenção aos detalhes.

Wanda Mae Rutkowski tinha pés tamanho quarenta e um.

Um dia, eu vou à Polônia. Vou chamar Robby Brees para ir à Polônia comigo. Sei que vou encontrar a mesma estrada rural onde Krzys Szczerba morreu e vou levar flores embrulhadas no jornal do mês anterior para deixar lá.

Vou desenhar com o dedo a imagem de um bisão na terra, Robby Brees e eu vamos fumar cigarros e vou contar a ele todas as histórias que eu sei sobre tudo.

Essa é a verdade.

A LUZ DO SOL ME ENTEDIA

— ESCOLHI ORVILLE E Wilbur — informei.

— Hein? — perguntou Robby.

— Minhas bolas — respondi. — Resolvi chamar minhas bolas de Orville e Wilbur.

Batizei meus colhões em homenagem aos irmãos Wright.

Orville e Wilbur Wright eram de Ohio, apesar de Wilbur ter nascido em Indiana. Eles inventaram um avião.

Orville e Wilbur Wright nunca se casaram com ninguém. Eles deviam se masturbar muito, o que, segundo o pastor Roland Duff, teria feito deles soldados facilmente refreáveis.

Talvez eles usassem cilícios.

— Qual deles é qual? — indagou Robby.

— Wilbur Wright não tinha bigode e era careca, por isso é o da esquerda — expliquei. — O da esquerda... hum... é meio careca.

— Ah. Isso faz sentido — concluiu Robby.

Robby Brees assentiu em aprovação e deu um longo trago em seu cigarro.

Nós pegamos o velho Ford Explorer de Robby para sair da casa dos McKeon, que era a única casa em Ealing no Registro de Construções Históricas de Iowa.

Era de manhã, e estava na hora de eu e Robby Brees matarmos alguns monstros.

Eu estava usando meu macacão do Éden 5 recém-lavado e cuecas novas. Eles cheiravam a detergente. Nós levávamos Ingrid, três seringas cheias do sangue de Robby Brees, seis maços de cigarros das máquinas do Éden e as duas máscaras de lêmure fazendo careta.

Robby parecia ter dormido bem. Ele tinha tomado banho e seu cabelo estava molhado. Robby estava bonito.

Robby estava sempre bonito.

— Estou aliviado por anunciar que estamos salvos de cometer a pior de todas as gafes sociais, que é dar o mesmo nome a suas bolas que outro cara na mesma cidade — disse ele.

— Sou grato a isso.

Dei um trago no meu cigarro.

— Minhas bolas se chamam Mick e Keith — contou Robby.

— Esses são provavelmente os melhores nomes que alguém já deu para suas bolas na história dos nomes das bolas — opinei.

— Obrigado, Austin.

Ele colocou uma fita cassete dentro do toca-fitas no painel do Explorer.

Era *Exile on Main Street*.

Aquela fita era tão velha que toda a tinta impressa nela havia se apagado. Robby sabia a diferença entre *Exile on Main Street* e *Let It Bleed* só pelos padrões dos borrões nas caixinhas de plástico rígido.

A primeira música em *Exile on Main Street* se chama “Rocks Off”. Parte da letra diz o seguinte: “The sunshine bores the daylights out of me”. Isso significa: “a luz do sol me entedia”.

Algumas vezes eu entendia Robby Brees melhor do que outras. Eu sabia que ele estava bravo comigo por abandoná-lo lá no consultório na noite anterior, mesmo que o próprio Robby, por altruísmo, tivesse me dito para sair dali. Assim era Robby, e eu o amava.

Eu achava que Robby estava com ciúme de Shann Collins.

E ao olhar para o céu e toda aquela luz, também concordei que os raios de sol eram entediantes.

Desejei que pudéssemos voltar para debaixo da terra e ficar sozinhos no mundo sem dias e sem noites do Éden, para ouvir música e dançar juntos, só eu, Robby e Shann.

E Ingrid também.

Ingrid não dança nem late.

Já tentei dançar com Ingrid. Ela fica nervosa.

Seguimos rumo à cidade de Ealing, na direção da minha casa. Depois dali, quem poderia saber o que fazer? Não havia instruções específicas sobre como caçar e matar Soldados Irrefreáveis selvagens. Até os lunáticos que controlavam os laboratórios das Indústrias McKeon só tiveram que lidar com insetos dentro de vidros, de certa maneira.

O estado de Iowa era um vidro bem grande.

Johnny McKeon insistiu para levarmos o revólver dele. Nós não levamos. Apesar de sermos garotos de Iowa, eu e Robby nunca tínhamos atirado com um revólver de verdade na vida. Eu tinha medo que um matasse o outro por acidente. Isso seria pior do que ser devorado por um Soldado Irrefreável.

Munição de paintball são apenas bolas de tinta, a menos que estejam cheias de sangue do seu Deus e você seja um Soldado Irrefreável, mas uma Smith & Wesson de quinhentos milímetros magnum era capaz de derrubar um helicóptero.

Por isso deixamos a Smith & Wesson de quinhentos milímetros magnum de Johnny McKeon no Éden.

Johnny McKeon fez uma bolsa com dois macacões do Projeto Éden amarrados para que eu conseguisse levar Ingrid comigo e com Robby quando saíssemos do silo. Johnny se ofereceu para ir com a gente, mas eu o convenci de que os Soldados Irrefreáveis deixariam Robby, e com sorte a mim, em paz.

Johnny McKeon sabia que não queria de fato deixar Shann e Wendy sozinhas. Estava só fazendo a coisa certa em Iowa ao nos oferecer sua arma e sua companhia.

Usar xadrez azul nas cuecas também é a coisa certa em Iowa.

Johnny McKeon não tinha senso de humor, mas era um homem bom.

Naquela manhã, tomamos café no refeitório do Éden. Wendy McKeon preparou panquecas e fez café. Eu não dormi bem. Nem Shann. Seus olhos estavam vermelhos, e seu cabelo, despenteado. Era um visual que eu nunca tinha visto antes. Shann Collins parecia nervosa. Parecia Ingrid quando eu dançava com ela.

Shann e eu conseguimos ter alguns minutos a sós naquela manhã, enquanto Robby tomava banho e Johnny McKeon visitava o banheiro.

Foi estranho e embaraçoso. Demos as mãos, mas de alguma maneira não éramos o *nós* de antes.

— Você está bem? — perguntei.

— Suponho que sim. E você? — disse Shann.

Ninguém em Iowa nunca diz *suponho que sim*.

— Meus joelhos estão esfolados — confessei.

Pensar em meus joelhos me deixou com tesão.

— Eu nunca tinha feito aquilo com ninguém antes — disse Shann.

— Eu... hum... — Eu não sabia o que dizer. O que eu deveria dizer? Será que deveria pedir desculpas, ou algo assim? — Achei maravilhoso — falei.

— A melhor coisa do mundo. Eu amo muito você, Shann. Você... hum... Você gostou?

— Doeu — confessou Shann. — E você me disse que usaria camisinha.

Foi injusto Shann me dizer isso. E frio. Nós não falamos em camisinhas nem nada na noite anterior, em nossa Festinha do Fim do Mundo; nós só fizemos aquilo porque era o que queríamos, a única coisa que precisávamos fazer. Mas naquele momento Shann soava como uma pessoa em um açougue recusando um pedaço de carne por ter gordura demais, ou alguma merda assim.

— Hum... Eu devo ter deixado minhas camisinhas no meu outro macacão, Shann.

Shann estava com raiva. Ela estava arrependida pelo que tínhamos feito. Eu me senti um merda.

Ingrid ficou feliz por sair do Éden. Ela cagou por uns bons dez minutos. Édens são feitos para seres humanos, não para animais.

E o Dr. Grady McKeon não era nenhum Noé. Noé não teria jogado o esperma do papa em um mictório, sem falar no de James Arness.

— O que eu vou fazer, Robby?

Robby estava dirigindo com as duas mãos no volante e um cigarro pendurado nos lábios. Ele parecia descolado, como um herói de filme de ação, ou talvez alguém prestes a salvar o mundo mas que antes precisasse refletir sobre a situação.

Quero dizer, e se o mundo, afinal de contas, não merecesse ser salvo? E se, de alguma maneira distorcida, o Dr. Grady McKeon na verdade tivesse pensado a coisa certa sobre começar de novo em um Éden bem abastecido com pilhas e pilhas de cadernos em branco, esperando ser preenchidos por Novos Humanos escrevendo uma Nova História em que não repetíssemos sempre as mesmas merdas?

— Por que você quer que *eu* diga a você o que fazer, Austin? Já está difícil o bastante para eu tentar descobrir o que *eu* vou fazer — disse Robby.

— Hum.

Robby tinha razão.

— Desculpe pelo que eu fiz ontem à noite, Rob — falei.

— Por que você tem que se desculpar comigo por tudo? — perguntou Robby.

— Você sabe — falei. — Eu tive relações sexuais com Shann Collins na pista de boliche enquanto você estava deitado no consultório e extraíam seu sangue para que nós... hum... você... pudesse salvar o mundo.

— A pista de boliche parece um local romântico para você e Shann Collins terem relações sexuais — avaliou Robby.

— Hum — falei.

— Não que eu quisesse estar no seu lugar — declarou Robby.

— Hum.

Como seria de se esperar, aquilo me fez pensar de novo em um *ménage à trois* com Shann e Robby. Normalmente, a ideia teria me deixado com

muito tesão. Era triste que Shann Collins parecesse não gostar mais de mim. Era triste que Robby Brees também parecesse não gostar mais muito de mim.

Estiquei a mão para trás e acariciei o pelo de Ingrid.

Eu não gostava de mim mesmo, mas pelo menos Ingrid gostava.

Os cães são bons para esse tipo de merda.

Seguimos de carro ao longo do rio Kelsey.

O maior *walleye* pescado no rio Kelsey pesava dois quilos e oitocentos gramas.

Olhando para a margem oposta, percebi que as ruas de Ealing em torno do Parque Amelia Jenks Bloomer estavam completamente desertas. Ealing havia se tornado ainda mais uma cidade-fantasma do que era antes. Colunas de fumaça subiam em espirais velozes no céu da manhã. Casas e prédios estavam pegando fogo.

A guerra tinha chegado a Iowa.

Robby e eu a vimos. Nós sabíamos o que estava acontecendo.

Era irrefreável.

— Eu me sinto um merda — confessei.

— Foi bom? Você gostou de ter relações sexuais na pista de boliche com Shann Collins? — perguntou Robby.

Ele olhou para mim como um policial que não ia aceitar mentiras. Ele sacou outro cigarro e jogou o maço no meu colo, por cima da marcha. Eu acendi um e passei o isqueiro para Robby Brees.

— Acho que sim — respondi. — Hum. Eu ralei os joelhos no carpete.

— Já ouvi dizer que isso pode acontecer. Você precisa tomar cuidado com essa merda feita para ambientes internos e externos que eles desenvolveram nos anos 1970 — aconselhou Robby. — É como uma lixa em joelhos desprotegidos quando você está tentando botar seu pênis dentro de alguém.

Robby sabia muito de merdas como machucados provocados por tapete e sexo.

Dei um trago profundo no cigarro. Era uma marca chamada Benson & Hedges. O nome me fez sentir rico. Um nome como Benson & Hedges diz: gasto muito dinheiro com cigarros.

— Então, desculpe, Rob — falei.

Robby deu de ombros.

— Sabia que existe um nome para caras como você, Austin?

— Hum. Bissexual? — arrisquei.

Eu não achava que era bissexual. Tinha sido só um chute.

Eu estava sempre só chutando.

Estava tentando conversar com Robby e não fazê-lo pensar em coisas como eu traíndo meus amigos, fazendo-os sofrer. Mas Robby Brees era inteligente demais para essa merda.

— Não — disse Robby. — A palavra é *egoísta*. Você na verdade não se importa comigo *nem* com Shann.

Eu me afundei no banco e fiquei olhando para as colunas de fumaça do outro lado do rio.

Era como se alguém tivesse lançado bombas e a maior delas caísse sobre o meu peito.

Robby virou à direita para cruzar a ponte sobre o rio Kelsey.

Ele parou o carro.

Eu não estava olhando.

Não estava olhando porque sentia que ia começar a chorar ou alguma merda assim se Robby me dissesse mais alguma coisa.

Robby Brees disse:

— Puta merda.

O TIPO CERTO DE CIGARRO PARA FUMAR POUCO ANTES DE MATAR ALGUMA COISA

O DODGE CARAVAN DE Ollie Jungfrau estava batido e todo amassado contra as estruturas de ferro da ponte sobre o rio Kelsey.

A parte frontal do veículo estava dobrada para dentro, como se tivesse colidido de frente com um poste muito resistente. As rodas dianteiras estavam jogadas em uma mistura de fluido de transmissão anticongelante e óleo de motor. Também havia sangue. O para-brisa estava quebrado para dentro, e havia manchas de sangue espalhadas por toda parte: por cima do painel do carro, sobre o volante e os dois bancos da frente.

Vesti uma das máscaras de lêmure fazendo careta.

— Hum — disse Robby.

Eu queria ver se apareceria alguma luz vermelha. Eu queria esconder meu rosto de Robby Brees.

Ingrid não gostou da máscara.

Se fosse um cachorro normal, Ingrid teria latido para mim.

— Não saia do carro, Robby — falei por trás de minha máscara.

— Esse é o carro de Ollie Jungfrau — disse Robby.

Eu não falei nada. Claro que eu sabia de quem era aquele carro.

Robby passou o Ford Explorer bem devagar ao lado do veículo destruído.

Eu fumava.

A boca do lêmure fazendo careta servia como uma espécie de porta-cigarros. Dava para enfiar o filtro do cigarro Benson & Hedges com facilidade entre os dois dentes inferiores do lêmure.

Era bem conveniente.

— Hum — disse Robby. — E se fumar cigarros nessa máscara estragar seu esperma, Austin?

Eu não me importava que meu esperma estragasse. Eu queria que meu esperma estragasse.

Eu não disse nada a Robby. Continuei fumando com a máscara.

Robby parou o Ford Explorer e botou a outra máscara na cabeça.

Ele também fumou.

E Robby disse:

— Desculpe se magoei você, Austin.

— Tudo bem — falei. — Você tem razão, Robby. Eu mereci. Eu mereço que meu esperma estrague.

— Ninguém merece ter esperma estragado — disse Robby.

Ele fez a volta pelo carro destruído de Ollie Jungfrau.

Infelizmente, naquele exato momento, a Sra. Edith Mitchell despertou. A Sra. Edith Mitchell ainda estava escondida no banco de trás do Dodge Caravan de Ollie Jungfrau. Ela tinha dormido, espremida entre os bancos e o piso da van. Quando levantou a cabeça para ver se estava sendo resgatada, o que a Sra. Edith Mitchell viu passar de carro por ela a fez ultrapassar as fronteiras da sanidade.

O que ela viu foram dois monstros com cabeças parecidas com ratos em macacões azuis e brancos dirigindo um Ford Explorer e fumando cigarros.

A Sra. Edith Mitchell achou que Ollie Jungfrau estava certo: alienígenas de outro planeta tinham aterrissado em Iowa, sabia-se lá por qual razão.

A Sra. Edith Mitchell acreditava que o fim do mundo tinha chegado a Ealing, Iowa.

Ela provavelmente estava certa.

Robby Brees e eu não vimos a Sra. Edith Mitchell nos observando pelas janelas traseiras escuras do Dodge Caravan amassado. Enquanto passávamos, a Sra. Edith Mitchell finalmente conseguiu criar coragem suficiente para subir pela gosma sangrenta no banco da frente e sair da van.

A Sra. Edith Mitchell tirou os sapatos e toda a roupa. Nua e branca, ela pulou como uma professora severa e gorducha da lateral da ponte para dentro do rio Kelsey.

Não foi uma boa ideia.

A Sra. Edith Mitchell não sabia nadar.

No fundo do rio Kelsey, um cardume de *walleyes* executava a desova de primavera.

Do outro lado da ponte, depois do Parque Amelia Jenks Bloomer, enquanto Robby chegava ao bairro onde eu morava, vimos a van de uma emissora de TV vinda de Des Moines. A van exibia um logo pintado que dizia *Eyewitness News*. O veículo estava tombado no meio da pista. A antena de radar tinha sido arrancada e estava jogada do outro lado da rua como um grande braço quebrado.

As portas da van do *Eyewitness News* estavam abertas. Nós captamos vislumbres rápidos do caos sangrento dentro do veículo. Havia um tênis de basquete Converse de cano alto e preto perdido na rua, ao lado da van tombada.

Soldados Irrefreáveis não gostam de ser filmados por equipes de jornalismo de Des Moines.

Os primeiros tênis Converse clássicos de Chuck Taylor foram fabricados em Massachusetts em 1932. Em 1932, a Louças Sanitárias Rouxinol produziu seu último mictório Rouxinol.

Esse mictório em especial, o último monólito grandioso de porcelana de Krzys Szczerba, foi parar debaixo da terra, em um santuário em Iowa construído por um louco. Robby Brees e eu tínhamos urinado juntos nele, no Éden.

Passamos por três casas tomadas pelas chamas, e por duas outras que já tinham queimado completamente. Parecia que as pessoas em Ealing tinham tentado pensar em um método para combater os Soldados Irrefreáveis.

Suas ideias não pareciam ter sido eficientes.

Havia dezenas de mortos e partes de outros habitantes de Iowa espalhadas como decoração de Halloween por jardins, penduradas em cercas e caixas de correios ou jogadas nas ruas.

Robby disse:

— Quando a gente chegar à sua casa, temos que carregar logo as armas. Depois a gente precisa voltar ao Del Vista Arms.

— Por quê? — perguntei.

— Minha mãe — disse Robby. — Tenho que tentar buscar a minha mãe.

— Ah.

Apesar das falhas óbvias de Connie Brees como mãe solteira, o filho dela, Robby Brees, era um bom garoto.

Robby Brees era *mesmo* um super-herói.

Eu nem tinha pensado em minha mãe e meu pai até Robby me dizer que queria resgatar a mãe dele. Meu celular estava junto com as minhas roupas dentro do vestiário do Éden. Eu esperava que meus pais e Eric, meu irmão que tinha perdido metade da perna direita e os dois testículos no Afeganistão quase uma semana antes, não estivessem planejando voltar em breve para o continente americano.

— Você é um super-herói ou alguma merda assim, Rob — disse eu.

— Um super-herói gay — acrescentou Robby.

Robby soprou uma grande nuvem de fumaça pela boca de sua máscara de lêmure. Foi a coisa mais maneira que eu já tinha visto.

— Acabei de me dar conta de que o Deus dos Soldados Irrefreáveis é gay — observei.

— Eu disse a você que eu era... no sétimo ano — corrigiu Robby.

Eu sorri e assenti. A máscara de lêmure em minha cabeça só fazia careta e fumava.

— Desculpe, Robby — falei, apertando a mão de Robby.

— Não há nada que você possa fazer em relação a eu ser gay — afirmou Robby.

Leitores de história podem achar de mau gosto que dois caras façam piadas enquanto dirigem por uma cidade que acabou de ser massacrada por monstros louva-a-deus de um metro e oitenta de altura com braços equipados com dentes de tubarão.

E é.

Mas é exatamente isso que garotos de verdade sempre fazem quando são confrontados com o resultado brutal da guerra.

Dulce Et Decorum Est.

— Vou tentar ser uma pessoa melhor. Menos egoísta e essas merdas. E talvez um dia você me diga que eu consegui — falei.

— Hum. Vamos fumar mais um careta antes de sairmos — disse Robby. Ele manobrou o Explorer até o mais perto possível de minha garagem. — E depois vamos matar umas porras de insetos gigantes, Porco-Espinho.

— Acho que Benson & Hedges é o tipo certo de cigarro para fumar pouco antes de matar alguma coisa.

NÃO HÁ CUP NOODLES NO ÉDEN

O EXÉRCITO DE LÊMURES fazendo careta do Éden aterrissou em Ealing, e era hora de ir para a guerra.

Robby Brees e eu carregamos as armas de paintball. Injetamos pequenas quantidades do sangue de Robby em dezenas de projéteis gelatinosos do tamanho de uvas.

Quando terminamos, deixamos três seringas na bancada de azulejos brancos da minha cozinha. Parecia um antro de viciados em heroína.

Era nojento.

O cheiro de sangue me deu vontade de vomitar. Eu estava sentindo aquele cheiro o dia todo.

Fumamos sem parar para encobrir o odor de destruição que pairava por toda Ealing, Iowa.

Antes de sairmos da minha casa, peguei uma pilha de cuecas e camisetas limpas, a lâmina e a espuma de barbear no banheiro. O dia seguinte seria sábado. Sábado era dia de me barbear. Não levei meu vidro de sais de banho comigo. Eu ia sentir falta de tomar banho de banheira. Devia haver uma banheira em algum lugar no Éden.

Não havia Cup Noodles no Éden, por isso enchi uma sacola com tantos potes daquele alimento milagroso em embalagens de papel e isopor quanto consegui encontrar na despensa.

Todas as casas em Iowa têm despensas.

Cup Noodles é um alimento irrefreável.

Antes de sairmos da minha casa, o telefone da cozinha começou a tocar sem parar. Era meu pai. Ele queria saber que diabo estava acontecendo. Queria saber por que diabo eu não tinha ligado para ele. E perguntou como Ealing, Iowa, tinha ido parar nos telejornais na Alemanha, com reportagens sobre insetos enormes que estavam devorando todos os homens, mulheres e crianças da cidade. Que diabo era tudo aquilo?

— É um diabo e tanto, pai — respondi.

Naquele exato momento, toda a energia elétrica de Ealing, Iowa, caiu.

O telefone sem fio de nossa cozinha ficou mudo.

Robby e eu escutamos barulho de tiros ao longe.

Ealing, Iowa, tinha ido para o inferno.

GAROTOS-RATO DE MARTE E UM INCIDENTE INFELIZ ENVOLVENDO UMA BALEIA INFLÁVEL

IMAGINE ISTO, SE CONSEGUIR:

Robby Brees e eu, vestindo máscaras de lêmures peludos fazendo careta que ajudavam a identificar Irrefreáveis, fumávamos em macacões justos idênticos azuis e brancos do Projeto Éden enquanto carregávamos rifles automáticos de paintball pendurados no ombro. E estávamos acompanhados por uma golden retriever de trinta quilos que não latia.

Se tivéssemos pensado em tudo com mais clareza, provavelmente teríamos previsto a probabilidade de que nossos vizinhos de porta, Earl Elgin e seu filho adolescente, que se chamava Earl Elgin Jr., atirassem em nós com armas *de verdade*, com balas *de verdade*.

Earl Elgin Jr. tinha quinze anos. Era um garoto luterano ruivo que frequentava a Escola Luterana Curtis Crane, e felizmente para mim e Robby, ele e o pai atiravam muito mal. Eram atiradores ainda piores porque estavam completamente apavorados após sobreviver a uma noite inteira de ataques de monstros louva-a-deus de um metro e oitenta de altura com garras armadas com farpas. E agora eles estavam cara a cara com criaturas que, para eles, só podiam ser garotos-rato alienígenas invasores de Marte.

Nós conhecíamos Earl Elgin Jr. como EJ.

A pele de EJ Elgin tinha a cor de queijo cottage.

Ele também tinha um nome típico de Iowa que era um verdadeiro dínamo: *EJ Elgin*.

Da mesma maneira que Benson & Hedges dizia *eu gasto muito dinheiro em cigarros*, EJ Elgin dizia *sêmen encontrou óvulo em Iowa*.

EJ Elgin só tinha uma bola.

EJ Elgin perdeu um testículo quando tinha nove anos. O pai de EJ, Earl Elgin, contratou um pula-pula inflável gigante em forma de baleia para a festa de aniversário de EJ. Uma das bolas de EJ ficou presa em uma saída

de ventilação com bordas de plástico perto de onde deveria sair o grande jorro da baleia inflável. É doloroso lembrar, mas só estou fazendo o meu trabalho. Eu estava lá. Eu registrei a história da bola arrancada de EJ Elgin.

Nada pode acabar mais depressa com a festa de aniversário de um garoto de nove anos do que a perda de um dos *convidados de honra* do aniversariante.

EJ foi para o hospital de Waterloo depois que uma de suas bolas foi arrancada ao ficar presa no duto plástico de ventilação de uma baleia inflável gigante. Ele voltou para casa no dia seguinte com um excesso de espaço livre em seu saco escrotal. Não sei se os médicos descartam bolas humanas na lata de lixo ou não.

Durante algum tempo, os garotos da Curtis Crane pegaram no pé de EJ.

Depois de sua festa de nove anos e do incidente horrível com a baleia inflável, todos nós ficamos horrorizados e curiosos. Todos os meninos da Escola Luterana Curtis Crane queriam ver o saco de EJ, agora que ele tinha perdido uma de suas bolas em um ataque de baleia.

Quando os garotos da Escola Luterana Curtis Crane entraram na puberdade — que é uma epifania, uma espécie de despertar religioso para a magnificência de nossas bolas e outras merdas assim —, todos nós sentimos medo e pena de EJ Elgin, o garoto de uma bola só.

EJ Elgin, que eu saiba, nunca deu nome a sua bola solitária.

O que ele perdeu podia se chamar, de modo bem apropriado, *Jonas*.

Talvez *Ahab*.

— Parem bem aí e não se mexam, seus garotos-rato marcianos filhos da puta — disse Earl Elgin pai.

Nervoso, ele apontou o rifle de ataque vazio bem para a minha barriga.

— Pai, nós capturamos umas porras de ratos do espaço — acrescentou EJ. — Vamos atirar no saco deles.

EJ atirou na direção da virilha de Robby, que estremeceu de dor e gritou. EJ só tinha uma arma de ar comprimido.

Os homens da família Elgin não eram especialmente brilhantes, mas tinham sofrido muita coisa. Eu tinha que admitir isso.

— Hum — disse eu.

Robby levantou as mãos no gesto intergaláctico de paz e disse:

— Por favor, não atire em nossos sacos, EJ Elgin. Somos apenas eu, Robby Brees, e meu amigo, Austin Szerba, que é seu vizinho de porta, e não somos garotos-rato marcianos. Nós viemos em paz e fumando cigarros.

— Benson & Hedges — acrescentei.

Earl Elgin franziu os olhos e inclinou a cabeça. Sua arma era uma carabina tática Colt AR15-A3. Ela era igualzinha aos rifles de paintball que eu e Robby levávamos, com a diferença de que, se Earl Elgin tivesse realmente atirado em nós com ela, Robby e eu seríamos uma massa sangrenta morta. EJ Elgin tinha uma carabina Daisy .177 de chumbinho. Se ele tivesse realmente atirado em nós com ela, Robby e eu ficaríamos com marcas dolorosas na pele, talvez no saco.

Ele errou o saco de Robby.

Um garoto-rato marciano com certeza não iria querer levar um tiro nas bolas com uma Daisy .177.

Meus vizinhos de porta, EJ Elgin e seu pai, estavam colocando equipamentos de camping na traseira de uma picape. Eles estavam pensando em levar o resto da família, que consistia na mãe de EJ, chamada Rosemary, e em suas duas irmãs mais novas, Edie e Donna, para o mais longe possível de Ealing e da invasão de monstros. Quando Robby e eu saímos da minha casa carregados de montes de cuecas, material de barbear e Cup Noodles, Earl Elgin e seu filho, EJ., nos viram e pegaram suas armas.

Earl Elgin pai atirou com seu rifle e estilhaçou praticamente todas as janelas da minha casa, além da janela do motorista do velho Ford Explorer de Robby, que já tinha ficado bem destruída depois do ataque de Jack Faminto na noite anterior.

— Puta merda! — exclamei.

Voaram cuecas, camisetas e recipientes de isopor com macarrão instantâneo desidratado para todo lado.

Ingrid, que não ficou particularmente assustada com os tiros, estava cagando no jardim da frente quando isso aconteceu.

Foi exatamente nesse momento que Earl Elgin pai mandou que erguêssemos as mãos e nos rendêssemos, porque ele e o filho se tornariam heróis nacionais por capturarem os garotos-rato marcianos invasores.

— Atire no saco deles, pai — pediu EJ Elgin.

— Hum — disse Robby.

Nós dois estávamos com as mãos para o alto, fazendo o gesto intergaláctico de *Por favor, não atirem em nossas bolas*.

— Earl Elgin, você atirou na droga da minha casa! — gritei.

Earl Elgin pai parecia confuso.

— Que porra vocês fizeram com o garoto dos Szerba, suas criaturas? — perguntou Earl Elgin pai.

Robby Brees e eu não fomos mortos naquele dia por Earl Elgin e seu filho de uma bola só, EJ.

Mas foi necessário certo apelo dramático da minha parte para impedir que Earl Elgin pai atirasse em mim e permitisse que eu tirasse minha máscara de lêmure para mostrar quem de fato estava dentro do macacão justo de garoto-rato marciano.

— Obrigado, São Kazimierz — falei.

Eu senti que o santo virgem estava cuidando de mim e de Robby.

Não havia outro modo de explicar o fato de *não* termos levado um tiro nas bolas.

Deixamos Earl e EJ com seus preparativos urgentes e entramos no Ford Explorer surrado de Robby.

— Puta merda, Austin — disse Robby enquanto nos afastávamos da minha casa e seguíamos na direção do Del Vista Arms.

O que eu podia fazer?

A BATALHA DO DEL VISTA ARMS

EU ME FIZ A seguinte pergunta:

O que eu podia fazer?

Apenas uma semana antes, tudo estava perfeito. Tudo era xadrez azul de Iowa. Robby e eu andávamos de skate na Selva de Gafanhotos. Shann Collins me deixava com muito tesão. Não havia livros mencionando católicos nem masturbação na biblioteca da Escola Luterana Curtis Crane. Ollie Jungfrau sonhava com pornô na internet e em comer donuts no sábado de manhã comigo e com Johnny McKeon.

Tudo aquilo significava *normalidade*.

Então Wallace e os garotos da Hoover meteram a porrada em Robby Brees e em mim. Eles jogaram nossos tênis no telhado da Selva de Gafanhotos porque disseram que éramos boiolas da Escola Luterana Curtis Crane e, depois disso, o mundo todo afundou na merda.

Então, o que eu podia fazer?

Robby botou *Let It Bleed* para tocar.

Apesar de ter sido gravado mais de quarenta anos antes, parecia que cada música daquele disco dos Rolling Stones era exatamente sobre Robby e mim, sobre os Soldados Irrefreáveis, sobre Ealing, Iowa, e sobre as Indústrias McKeon.

Robby cantava:

— “*We all need someone we can feed on. And if you want it, you can feed on me...*”

Isso significava: “Todo mundo precisa de alguém de quem se alimentar. E, se quiser, você pode se alimentar de mim...”

— Hum — disse eu.

Nós fumamos.

Ingrid suspirou e bocejou no banco de trás.

E no exato momento em que paramos no prédio de Robby Brees, o cozinheiro da Casa da Panqueca destruída, Louis, cujo nome verdadeiro era Ah Wong Sing, estava escondido dentro de um cubículo de blocos de concreto onde ficavam as caçambas de lixo do Del Vista Arms.

As roupas de Louis estavam rasgadas. Ele estava sem um pé de sapato e sua camisa estava aberta. Sua calça de cozinheiro rasgada estava salpicada de sangue seco. Mas ele ficou muito, muito feliz, ao nos ver.

Ele também não emitia um brilho vermelho quando olhei para ele através dos olhos de minha máscara de lêmure.

Mas Louis estava tão psicologicamente esgotado pelo que tinha visto e vivido que não ficou sequer surpreso com o Garoto-Rato de Marte que carregava uma réplica de carabina tática AR 15-A3 de paintball.

— Bom dia, Louis — falei.

Fiz o gesto de Garoto-Rato intergaláctico marciano que significa *Este é o fim do mundo, mas eu estou cumprimentando você mesmo assim*.

— Hum — disse Robby.

Robby Brees não estava usando sua máscara de lêmure fazendo careta.

— É só a gente, Louis. Eu e Austin, da loja de artigos usados. Você sabe... Austin Szerba? O garoto dínamo?

Robby Brees segurava um cigarro aceso, no gesto intergaláctico de *Nós somos os garotos skatistas que fumam no beco e outras merdas assim*.

Louis não dormia havia dois dias. Ele estava exausto. Ele tivera relações sexuais com a mãe de Robby Brees três vezes nas vinte e quatro horas anteriores. Depois de fugir da carnificina na ponte sobre o rio Kelsey, Louis

voltou para o Del Vista Arms, pensando que iria encontrar segurança e Connie Brees.

Em vez disso, ele encontrou o Soldado Irrefreável chamado Jack Faminto.

O fim do mundo tinha uma semana de idade, e as pessoas em toda parte estavam começando a descobrir sobre ele. E a Batalha de Ealing começou naquele momento, no Edifício de Luxo Del Vista Arms.

Foi isto que aconteceu:

Jack Faminto estava confuso, e Louis era um corredor muito motivado quando perseguido por Soldados Irrefreáveis. Jack Faminto estava entocado no telhado de alumínio que cobria uma fileira de carros no estacionamento do Del Vista Arms quando Louis passou correndo por ali.

Soldados Irrefreáveis são como gatos, no sentido de que são estimulados por movimentos. Eles também são como *walleyes*, no sentido de que só querem fazer duas coisas. As duas únicas coisas que *walleyes* e Soldados Irrefreáveis querem fazer é trepar e comer.

Mas Soldados Irrefreáveis não são tão inteligentes quanto gatos ou peixes.

Então, quando Louis conseguiu entrar na lixeira, Jack Faminto olhou ao redor por algum tempo e então esqueceu o que estava procurando.

Infelizmente para Robby e para mim, Jack Faminto foi estimulado pelo movimento de um Garoto-Rato marciano com macacão azul e branco. O Soldado Irrefreável que eclodira do corpo de Jack Faminto em um milharal perto de Waterloo enquanto Robby e eu observávamos imóveis, horrorizados e atônitos, ficou muito excitado pelo movimento em torno do Ford Explorer de Robby Brees.

Jack Faminto disparou do telhado para o chão do estacionamento.

Eu fui o primeiro a vê-lo.

Através das lentes de minha máscara de lêmure fazendo careta, um clarão vermelho repentino me fez achar por um instante que eu tivesse incendiado a máscara inflamável, carcinogênica e causadora-de-alterações-no-esperma com meu cigarro Benson & Hedges.

Jack Faminto parecia uma bola de fogo enquanto voava do telhado acima do estacionamento.

— Puta merda — exclamei. — Esse troço realmente funciona.

Eu estava impressionado com a tecnologia da máscara de lêmure fazendo careta.

Infelizmente, eu deveria ter ficado mais impressionado com a velocidade de Jack Faminto.

Também foi impressionante como Jack Faminto me pegou pela cabeça. Até aquele momento, eu nunca tinha sido pego pela cabeça na minha vida. Por um instante, fiquei fascinado ao ver como a máscara de lêmure fazendo careta protegia bem o meu crânio das pontas farpadas trissigmentadas das garras de Jack Faminto.

Mas foi só por um instante.

Aí eu gritei.

E enquanto gritava, Jack Faminto abriu suas mandíbulas que pareciam armadilha de urso para esmagar meu crânio de Garoto-Rato. Eu olhei para Robby, pensando que meu belo amigo, uma pessoa que eu amava muito, mas a quem também tinha magoado um bocado, seria a última imagem registrada nas telas de meus olhos moribundos.

Robby Brees estava ali parado, com o ar mais descolado e super-heroico que qualquer garoto luterano de Iowa já exibiu, fumando um cigarro com tranquilidade enquanto apontava seus olhos da cor de ovos de chocolate confeitado bem para o monstro que estava prestes a devorar minha cabeça.

Robby levantou a arma de paintball e disparou uma rajada de três tiros que estouraram dentro da boca e nos olhos compostos de Jack Faminto.

Pop! Pop! Pop!

As bolas de paintball estouraram.

O Soldado Irrefreável ficou com a cara coberta do sangue de seu Deus.

Felizmente isso fez Jack Faminto relaxar a pegada forte na minha cabeça. Eu caí no chão, e Jack Faminto cambaleou para trás pelo impacto dos disparos.

— Merda! Merda! Merda! Puta merda!

Foi só isso que consegui dizer.

Excrementum Sanctum.

Embora os exoesqueletos dos Soldados Irrefreáveis sejam tão impenetráveis quanto o casco de um porta-aviões, o sangue de seu Deus enferruja cada rebite daquela construção e o afunda imediatamente.

— Ainda bem que não precisamos usar meu esperma — disse Robby.

— Hum — retruquei, zozzo, caído de quatro no estacionamento do Del Vista Arms. — Obrigado, São Kazimierz. E obrigado, Robby Brees.

Louis, cujo nome verdadeiro era Ah Wong Sing, estava encolhido de medo na porta da lixeira.

Jack Faminto sibilava e gorgolejava.

O Soldado Irrefreável parecia confuso, se essa expressão pudesse se manifestar no rosto de uma fera de um metro e oitenta de altura parecida com um louva-a-deus. O braço esquerdo de Jack Faminto foi o primeiro a cair. O braço direito se soltou e despencou no chão segundos depois. As garras com farpas pontudas se debatiam no asfalto do estacionamento, abrindo e fechando em espasmos enquanto se arrastavam pelo chão sem qualquer direção coerente.

Nos pontos onde as patas farpadas se soltaram do tórax de Jack Faminto, borbulhavam dois rios gosmentos de um fluido amarelo e pegajoso, como dois caldeirões de papa de milho irrefreável fervente. Aí a boca de Jack Faminto se abriu, e a cabeça soltou-se do corpo e rolou para longe, parando no chão entre os braços em movimento.

O que sobrou de Jack Faminto fugiu em quatro patas desengonçadas que logo viraram três, depois duas, e o Soldado Irrefreável inteiro desabou em poças de gosma oleosa.

Robby Brees salvou minha vida.

Historiador é uma profissão arriscada, mas esse é meu trabalho.

Eu conto a verdade.

O FIM DO MUNDO

APÓS O FIM DA Primeira Batalha de Ealing, que ocorreu no estacionamento do Edifício de Luxo Del Vista Arms, o Soldado Irrefreável que tinha eclodido de um homem sem-teto chamado Jack Faminto jazia em uma gosma nojenta amarelada cheia de pedaços aleatórios de inseto.

Naquele momento, restavam apenas três Soldados Irrefreáveis na superfície do planeta chamado Terra. Eles eram Tyler Jacobson, Travis Pope e sua mulher, Eileen, que tinha enchido a casa de Duane Coventry, na Onondaga Street, com uma massa gelatinosa negra e pulsante de ovos fertilizados.

Robby Brees e eu, os dois Garotos-Ratos de Marte que éramos as únicas pessoas capazes de salvar o planeta chamado Terra, não tínhamos como calcular quantos outros Soldados Irrefreáveis existiam, nem como saber onde procurá-los.

Então Robby vestiu sua máscara de lêmure fazendo careta e nós dois entramos pela portaria do Del Vista Arms. Ingrid, minha golden retriever silenciosa, e Louis, o igualmente silencioso cozinheiro da Casa da Panqueca — que, depois de tudo aquilo, com certeza seria fechada —, nos seguiam com cautela.

Nós estávamos ali para salvar a mãe de Robby, Connie Brees.

— Aaah! — gritou Eunice Mayhew quando Robby Brees e eu entramos na portaria do Del Vista Arms.

Eunice Mayhew era a síndica do Del Vista Arms. No exato momento em que Robby e eu passamos pela entrada do prédio perto do estacionamento, Eunice Mayhew estava colando mais dois avisos de despejo em portas trancadas de apartamentos silenciosos.

Eunice Mayhew não emitia um brilho vermelho.

Eunice Mayhew tinha cinquenta e três anos. Seu corpo parecia um barril de pickles invertido, e sua altura era mais ou menos a mesma. Seu cabelo tinha cor de cinzas de cigarro, e sua pele tinha um tom que lembrava a linha de sujeira em volta da banheira de Robby, onde eu tinha tomado um banho depois de dormir na casa dele no início da semana. Sei que você não comeria nenhuma dessas coisas: cinza de cigarro ou o anel de sujeira no interior da banheira de Robby.

Também não acreditei que um Soldado Irrefreável devoraria Eunice Mayhew.

— Aaah! — gritou de novo Eunice Mayhew.

Ela jogou as mãos para o alto, no que imagino fosse o gesto intergaláctico de *Eu me rendo aos Garotos-Ratos conquistadores marcianos*.

Se em algum lugar houvesse planetas só de Eunices Mayhews, Robby Brees e eu poderíamos dominar o cosmo.

Eunice Mayhew também é um nome típico de Iowa.

Um nome como Eunice Mayhew diz: *O esperma encontrou o óvulo em Iowa, e o zigoto cresceu e se tornou uma pessoa adulta que joga bingo, dança quadrilha, costura e tem um corpo parecido com um barril de pickles invertido.*

No exato momento em que Eunice Mayhew gritou e os dois Garotos-Ratos marcianos ocuparam a portaria do Del Vista Arms, Shann Collins estava deitada na cama no silo do Projeto Éden.

Shann estava com medo e chorava.

Wendy e Johnny McKeon imaginaram que a filha estivesse chorando porque estava com medo dos monstros e preocupada com os amigos que tinham saído para caçar as feras.

Não era exatamente por isso que Shann estava chorando.

Algumas horas antes, Shann e Johnny tinham subido até a superfície para usar seus celulares.

Não havia mais sinal de celular em Ealing, Iowa.

Shann e Johnny viram as colunas de fumaça altas como florestas que dominavam o horizonte.

Eles entraram de volta no Éden, e Shann foi para seu quarto, onde deitou na cama e chorou.

Na noite anterior, Shann e eu havíamos mantido relações sexuais no chão do boliche do Éden, enquanto eu olhava para um par de sapatos que pertencera a Wanda Mae Rutkowski.

O esperma polonês saudável que depusitei no interior da vagina de Shann encontrou seu caminho até um óvulo receptivo.

Shann Collins já estava grávida e não sabia nada sobre isso.

O Novo Universo começou no Éden uma semana depois que o fim do mundo teve início em Ealing.

Éden Cinco precisava de nós, e Shann Collins e eu éramos Adão e Eva de todos os Novos Humanos.

Eu tinha Esperma Irrefreável.

O Dr. Grady McKeon teria ficado muito satisfeito.

Enquanto Shann Collins, grávida de um robusto menino polonês que se chamaria Arek Andrzej Szczerba, chorava na cama, um vulcão chamado Huacamochli, na Guatemala, explodiu em uma erupção gigantesca que bloqueou o sol.

Tudo na vila de Poqomchi chacoalhou e balançou. Rochas e cinzas calcinantes despencadas do céu raivoso bombardearam o pequeno vilarejo. O pai de Robby, Robert Brees, sua mulher, Greta, e o filho de dois anos, Hector, tentaram fugir de sua casinha. Robert Brees não conseguiu ligar seu carro. O motor do carro fora arruinado pelas cinzas quentes que transformavam tudo em breu acinzentado e morto. Robert, Greta e Hector Brees estavam sufocando com a fumaça tóxica. Eles cobriram os rostos com panos úmidos e deixaram sua casinha a pé.

Não foi uma boa ideia.

Em uma caverna na Espanha, em um lugar chamado Altamira, um bisão pintado jazia morto, com o focinho apertado contra o chão, a boca aberta e um olho cansado e desafiador que não parava de encarar. Ele estava encarando daquele jeito havia quinze mil anos, nem morto nem vivo, aprisionado pela história com suas bolas sem nome pressionadas no chão entre suas pernas de trás dobradas.

Altamira significa “vista alta”.

Exatamente naquele momento, o vice-presidente dos Estados Unidos era escoltado para o quarto de hospital de Eric Christopher Szerba na Alemanha. O vice-presidente dos Estados Unidos deu um tapinha no ombro do meu irmão e disse:

— Os Estados Unidos são gratos a você, filho.

O vice-presidente dos Estados Unidos não sabia nada sobre o que estava acontecendo em Ealing, Iowa, mas ele sabia que Eric Christopher Szerba tinha perdido as bolas.

O vice-presidente dos Estados Unidos se sentia desconfortável ao pensar que um rapaz saudável como Eric Christopher Szerba havia perdido os colhões na explosão de uma bomba no Afeganistão. O vice-presidente não sabia exatamente o que dizer a Eric.

O que você diz a um garoto que perdeu as bolas?

Todos os garotos da Escola Luterana Curtis Crane já sabiam que não havia uma boa resposta para isso. Todos nós aprendemos essa lição quando a bola de EJ Elgin foi arrancada por uma baleia.

O vice-presidente dos Estados Unidos estava muito aliviado porque suas próprias bolas estavam muito bem. Elas se chamavam Theodore e Franklin.

Naquele exato momento, três helicópteros enormes da Guarda Nacional voavam a uma altitude muito baixa bem acima do Edifício de Luxo Del Vista Arms.

O corredor escuro onde estávamos chacoalhava e trepidava.

— Não tenha medo, Sra. Mayhew — disse Robby. — Sou eu, Robby Brees.

Eunice Mayhew manteve as mãos para o alto. Ela reconheceu a voz de Robby.

Todo mundo que conhecia Robby reconheceria sua voz. A voz de Robby era perfeita e suave. O som da voz de Robby parecia a sensação e o sabor de sorvete macio de baunilha derretendo na boca em um dia quente de verão e, quando cantava, Robby Brees me deixava com um nó na garganta.

Eunice Mayhew inclinou a cabeça como uma galinha confusa e em forma de barril.

— Tem alguma coisa maluca acontecendo por aqui, Robby. Eram você e seu amigo vestidos de inseto hoje de manhã? — perguntou ela.

— Não, senhora — respondeu Robby. — Hum. Meu amigo... hum... Austin e eu só estávamos vestidos como lêmures.

— Garotos-Ratos de Marte — corrigi.

Robby tinha deixado a chave de seu apartamento pendurada na ignição do Ford Explorer. Ele bateu várias vezes na porta do apartamento.

— Mãe — chamou Robby. — Acorde! Deixei as chaves no carro! Mãe! Você precisa abrir a porta!

Connie Brees estava dormindo.

Ela não esperava o filho, Robby, vestido como um Garoto-Rato de Marte. Era sexta-feira de manhã, e Robby deveria estar vestido como um garoto de Iowa da Escola Luterana Curtis Crane. Connie Brees também não esperava que o filho estivesse acompanhado por um segundo Garoto-Rato luterano de Marte, uma golden retriever que não latia e Louis, o cozinheiro da Casa da Panqueca, com quem ela tivera relações sexuais no dia anterior usando camisinhas encontradas no chão do quarto do filho de dezesseis anos.

Era óbvio que Connie Brees não esperava aquela situação, pois não estava usando nada além de uma pequena calcinha de seda e um sutiã violeta decotado.

Connie Brees tinha peitos enormes e uma linha de pelos dourados, finos e sedosos entre o umbigo e o elástico da calcinha.

A pele de Connie Brees era da cor de torradas com manteiga quentes e macias preparadas à perfeição. Seus olhos eram iguais aos de Robby, e o cabelo, que caía macio sobre os ombros nus, era da cor de bolo de maçã.

— Hum — disse eu.

A mãe de Robby me deixou com muito tesão. Eu definitivamente queria convidá-la para o Éden.

Mas eu não tinha muita certeza em relação a Louis.

As panquecas de Wendy McKeon já eram muito boas.

Fiquei imaginando se Robby Brees acharia ruim se eu tivesse relações sexuais com a mãe dele. Eu já sabia quanto ele ficara magoado quando fiz isso com Shann Collins.

Suspirei. Eu estava muito confuso.

Robby Brees era um bom filho. Ele não precisava ser um bom filho. Ninguém esperava isso dele, a menos que você realmente conhecesse Robby, e talvez também o amasse.

Connie Brees não emitia um brilho vermelho.

Robby tirou sua máscara de lêmure fazendo careta e beijou a mãe. Eles se abraçaram como se soubessem tudo o que tinha acontecido em todas as estradas que se cruzavam sob nossos pés.

Eu fiquei feliz por Robby e Connie Brees.

DESENHOS DE ROBBY E SHANN

ESTES SÃO DOIS DESENHOS que fiz na semana em que o mundo acabou:

Robby Brees está sentado no chão de seu quarto. Ele está recostado sobre os cotovelos, e há uma garrafa de vinho branco doce pela metade aberta ao lado de seu quadril.

Robby está sem camisa. No desenho, que foi feito na segunda-feira à noite, Robby Brees está vestindo apenas uma cueca de algodão branca e justa, com estampa de tigres coloridos.

O peito dele é quadrado e reto, e sua barriga, relaxada e macia. A perspectiva do desenho é de onde estou sentado, de pernas cruzadas e de meias, na cama de Robby.

Eu estou flutuando.

Nós estamos rindo.

Há um cigarro preso entre os dois primeiros dedos da mão direita de Robby, que está apoiada confortavelmente na barriga.

O papel no qual desenhei em meu caderno de história ainda tem o cheiro de nossos cigarros e vinho.

A pele de Robby me lembra o interior quente de um pêsego branco de fim de verão. Esses pêsegos se chamam *Babcock*. O cabelo de Robby tem a cor da crosta de biscoito integral de uma torta.

Quase consigo ouvir a música tocando no som de Robby.

Robby está sorrindo, e estamos recitando nossos poemas favoritos acima dos vocais dissonantes de uma canção chamada “Live With Me”.

O desenho faz eu me sentir como se estivesse flutuando de novo.

Shann Collins está sentada na escada que não leva a lugar algum em seu quarto na casa dos McKeon. Acima dela há o batente de uma porta e aos

lados há paredes estreitas de tijolos antigos.

A perspectiva é de baixo, olhando para Shann Collins de sua masmorra para garotos luteranos com tesão. Desenhei de modo que os shorts de Shann, como estavam naquele dia, deixassem uma pequena abertura, e há uma centralização misteriosa no ponto quente entre as pernas dela. Penso em seus pelos pubianos e na umidade daquele local perfeito.

Isso é história.

Essa é a verdade.

A blusa de Shann está levemente aberta entre o terceiro e o quarto botões. Quase sinto o aroma da loção de gengibre e laranja que ela passa na pele. Seu cabelo tem a cor de trigo de verão, e a pele tem a cor da casca de uma abóbora perfeita de outono. Shann Collins está sorrindo, e seus olhos parecem me repreender.

Eu me imagino explicando a ela todos os erros que já cometi.

Não há nada que eu possa fazer.

É meu trabalho contar a verdade.

O desenho me faz sentir como o garoto mais sortudo da Festa de Fim de Ano Mista da Escola Luterana Curtis Crane, e é a primeira vez que Shann Collins dança comigo. Eu me sinto como o Austin Szerba do sétimo ano, cujo melhor amigo, Robby Brees, o ensina em segredo a dançar com alguém que ele ama.

A história mostra que garotos do oitavo ano nunca estão conscientes das estradas que construíram, nem daquelas onde estão.

Amo tanto Shann Collins que tenho medo de que isso esteja me matando.

Amo Robby Brees com a mesma intensidade.

Sou um desastre de trem irrefreável na vida deles.

OS POLICIAIS INTERGALÁCTICOS DE INSETOS

O FORD EXPLORER DE Robby estava ficando sem gasolina.

O que iria acontecer primeiro era um assunto polêmico: a gasolina iria terminar ou o carro velho iria simplesmente parar de funcionar para sempre?

Bang! Bang! Bang! Bang! Bang!, fazia o eixo de transmissão dentro do capô do motor.

Sáimos do Del Vista Arms com dois novos cidadãos para o Éden: Connie Brees e Louis, cujo nome verdadeiro era Ah Wong Sing.

Achei que o Éden agora ficaria cheio demais. Eu não queria mais nenhum homem lá dentro. Éden só comportava a mim e Robby Brees. Eu podia abrir uma exceção para Johnny. Era egoísmo, eu sei, mas era como eu sentia.

Essa é a verdade.

Enquanto Robby dirigia para longe do Del Vista Arms, peguei minha medalha de São Kazimierz e a levei à boca.

Tínhamos encontrado uma capela no Éden. Era pouco maior do que um armário de vassouras, mas tinha aparência de igreja. Há um tipo de ângulo e estética especial em todas as igrejas. A mesma qualidade é encontrada em caixões e mictórios: você sabe para que função servem assim que os vê.

Essas são as coisas que não exigem letreiros ou etiquetas.

Igrejas, caixões e mictórios, todos declaram: *É isso que eu sou.*

Sem mais perguntas.

No exato momento em que eu e Robby saíamos dali com Louis, Connie Brees e Ingrid, minha golden retriever, no banco de trás do carro, resolvi que viraria católico, como eu sempre deveria ter sido — como todos os homens Szczerba sempre foram.

O sangue de São Kazimierz estava em mim, mesmo que ele tivesse morrido virgem.

São Kazimierz ressuscitou uma menina e me salvou de ter o crânio esmagado por Jack Faminto.

— Obrigado, São Kazimierz — falei.

Perto do Parque Amelia Jenks Bloomer, dois soldados da Guarda Nacional estavam parados ao lado de um veículo blindado. Eles acenaram para nós com as palmas para a frente no gesto intergaláctico de: *Temos armas, então é melhor parar, filho da puta.*

Nós já deveríamos ter imaginado que os policiais intergalácticos de insetos iriam aparecer.

— Hum — disse Robby.

— Uh — falei.

— Será que eles vão multar a gente por fumar antes de completar dezoito anos? — perguntou Robby.

— Será que eles vão atirar na gente por sermos Garotos-Ratos de Marte que não estão na escola? — indaguei.

A verdade é que os dois Guardas Nacionais realmente quase atiraram em Robby e mim por sermos Garotos-Ratos de Marte que também estavam matando aula.

Nós não sabíamos que as escolas, assim como todo o resto em Ealing, Iowa, tinham parado de funcionar por causa do mundo e essas merdas.

Por coincidência, Robby Brees e eu estávamos usando nossas máscaras de lêmures fazendo careta, sentados nos bancos da frente do Ford Explorer moribundo.

Um dos guardas emitia um brilho vermelho.

— Puta merda, Rob — falei.

— Eu estou vendo — confirmou Robby.

— Qual é o problema? — perguntou Connie Brees do banco de trás.

— Nada — respondi, na fala adolescente intergaláctica para qualquer pergunta já feita.

Robby me corrigiu:

— Aquele cara forte da esquerda vai virar um daqueles insetos.

E, do banco de trás do Ford Explorer de Robby, Louis finalmente falou:

— Merda.

— Como isso pode ter acontecido? — perguntei.

— Aqueles caras da McKeon não sabiam merda nenhuma sobre o que estavam fazendo. A experiência deles nunca saiu do laboratório — disse Robby.

— Você merece um Prêmio Nobel, Rob — falei.

Eu sonhava em ir para a Suécia com Robby. Torcia para que ele deixasse que Shann fosse com a gente.

Connie Brees estendeu a mão por cima do encosto do banco da frente e tocou o ombro de Robby.

— Você sabe o que está acontecendo, Robert? — perguntou Connie.

Ela gostava de chamar o filho de Robert.

Eu também gostava de como aquele nome soava.

— Vai levar horas para explicar, mãe. Austin e eu vamos contar tudo a vocês — disse Robby.

— Hum — falei.

Eu não queria que Robby e eu contássemos tudo à mãe dele.

Robby parou o carro no meio da estrada.

Os dois soldados da Guarda Nacional estavam de olhos arregalados e pareciam alarmados e irritados. Era óbvio que não sabiam bem como reagir

aos dois monstros de macacões azuis e brancos dirigindo um Ford Explorer velho pela cidade em ruínas de Ealing, Iowa.

A história mostra que, em situações como aquela, pode salvar a sua vida ter um adulto e um golden retriever no banco traseiro de seu Ford Explorer quando você está vestido como um Garoto-Rato marciano cabulador de aulas. Os policiais, que estavam armados com rifles M-16, também acharam Connie Brees muito sexy, o que se revelou uma influência anestésica considerável sobre nossos captores.

Um rifle M-16 é o equivalente militar de um Colt AR-15. A diferença é que os M-16 dos soldados tinham pentes de trinta tiros e eram automáticos. Além disso, ao contrário de Earl Elgin, eu não acredito que os soldados fossem errar a mira se resolvessem atirar em Robby e em mim.

ENOLA GAY E A EREÇÃO DE BEAU BARTON

CONNIE BREES MOSTROU AOS soldados os peitos e o crachá de identificação da FedEx.

Ela explicou que estava levando os “filhos” e o “marido” para um lugar seguro em Waterloo.

Na verdade, a mãe de Robby não se expôs na frente dos seus *filhos* adolescentes, mas elevou o peito, do jeito que algumas mulheres fazem, como se estivesse içando uma bandeira diante de um inimigo inferior.

Fiquei feliz em pensar em Robby como meu irmão, mas eu não estava à vontade com a ideia de Ah Wong Sing ser meu pai. Era bastante óbvio que ele seria nosso padrasto, e nenhum filho gosta do padrasto.

Isso é um fato da história.

Os guardas se chamavam Beau Barton e Florencio Villegas.

Beau Barton tinha um verdadeiro dínamo como nome de Iowa.

Não era o caso de Florencio Villegas.

Além disso, de algum modo Florencio Villegas tinha sido contaminado pela Cepa de Praga IM 412E Contida.

Ninguém tinha a menor ideia de como aquilo havia acontecido.

Algum tempo depois, enquanto Robby Brees e eu discutíamos poesia, ciência e história na biblioteca do Éden certa noite, chegamos à conclusão de que, de algum modo, os Soldados Irrefreáveis mortos podiam ter desenvolvido o Fungo Irrefreável; ou talvez o fungo tivesse crescido nas

massas de ovos depositadas na casa de Duane Coventry, na Onondaga Street. Nós conjecturamos que, talvez, Florencio Villegas tivesse passado pelo beco onde nós andávamos de skate na Selva de Gafanhotos quando o sangue de Robby ainda estava fresco no asfalto, depois que Tyler Jacobson derrubou e espalhou por todo o chão o globo mofado azul que estava dentro do escritório de Johnny McKeon.

Qualquer que fosse a origem, ela não importava.

Nós nunca teríamos certeza absoluta.

Histórias na verdade são cheias de conjecturas. Essas conjecturas se tornam tão aceitas pelas gerações seguintes e pelos leitores que o tempo é forçado a rearrumar seus próprios móveis. Esta é uma história nova, e eu não posso fazer uma coisa dessas.

O fim do mundo já tinha uma semana inteira de idade, e o único ser humano no planeta inteiro chamado Terra com a capacidade de impedi-lo era meu melhor amigo, um garoto luterano homossexual de dezesseis anos de Iowa chamado Robert Brees Jr.

Florencio Villegas nascera em Topeka, Kansas.

Florencio Villegas era mecânico de motores a diesel em Cedar Rapids.

Ele estaria morto em trinta minutos.

Beau Barton trabalhava como empacotador em um mercado no condado de Boone. Ele também estaria morto em meia hora.

Beau Barton tinha vinte e quatro anos e cheirava a enxaguante bucal e a tabaco. Na verdade, Beau Barton tinha uma relação de parentesco distante e ilegítima comigo.

Beau Barton, assim como eu, era bisneto de Phoebe Hildebrandt. Ninguém nunca soube que o verdadeiro bisavô de Beau Barton fora o padre católico que aconselhou Phoebe por muitos anos após a morte de seu primeiro marido, Andrzej Szczerba. Todo mundo em Iowa City supôs que o sêmen que criou o avô de Beau, um homem chamado Eldon Wayne Barton, veio das bolas de Daniel Barton, cujos colhões não funcionavam muito bem. Daniel Barton era o dono de emissora de rádio com quem Phoebe Hildebrandt se casou depois que o marido, Andrzej Szczerba, levou um tiro na cabeça enquanto cagava durante a Batalha de Cisterna na Itália na Segunda Guerra Mundial.

Todas as estradas não param de se cruzar na ponta de minha caneta.

Ninguém nunca soube nada sobre Barton e mim.

Beau Barton ajeitou o pênis de maneira ostensiva dentro das calças enquanto enfiava o rosto pela minha janela. Ele estava tentando avaliar o grau de ameaça dos Garotos-Ratos fumantes e da mulher de peitos grandes no banco de trás.

Meu primo Beau Barton estava obviamente com uma ereção. Ele sorria e não tirava os olhos de Connie Brees, só faltava babar.

Beau Barton pensou que, se nada estivesse acontecendo, provavelmente iria se masturbar nas árvores perto do rio mais tarde.

Ele não teria essa oportunidade.

Beau Barton estava suando. Ele pareceu obviamente constrangido quando percebeu que eu olhava para o volume em suas calças camufladas, provocado por sua ereção.

Beau Barton era um imbecil.

Quando Beau Barton tinha quatorze anos, ele incendiou sem querer a garagem de sua casa no condado de Boone, em Iowa. Isso aconteceu quando Beau Barton ateou fogo em um modelo plástico do avião militar *Enola Gay*. Beau Barton, o adolescente, adorava montar modelos aeronáuticos e depois queimá-los. Fogo e peitos grandes provocavam em Beau Barton, o soldado de vinte e quatro anos da Guarda Nacional, ereções irrefreáveis.

Louis e Ingrid pareciam invisíveis para Beau Barton do condado de Boone. Ele talvez os tivesse notado se eles estivessem pegando fogo.

O *Enola Gay* era um avião batizado em homenagem à mãe de Paul Tibbets, que foi seu piloto.

A história mostra que Enola Gay Haggard Tibbets é a única mãe que já emprestou o nome a um avião que matou pelo menos cem mil seres humanos.

Depois de batizar um avião como esse com o nome de sua mãe, Paul Tibbets não precisou mais dar presentes de Dia das Mães.

Paul Tibbets foi criado em Cedar Rapids, Iowa, que também é onde Florencio Villegas consertava motores a diesel.

Orville e Wilbur Wright inventaram o avião.

Todas as estradas convergiam para a ponte do rio Kelsey.

Naquele exato momento, Beau Barton, o soldado da Guarda Nacional muito excitado, só queria fazer duas coisas: ele queria botar seu pênis entre os seios de Connie Brees e queria voltar para sua casa no condado de Boone, Iowa.

O condado de Boone, em Iowa, tem esse nome em homenagem a Nathan Boone, filho mais novo de Daniel Boone. Até onde sei, Nathan Boone e seu pai nunca usaram chapéus de guaxinim. Eles também nunca mataram mais do que cem mil pessoas. Eu estava usando um chapéu de guaxinim falso fabricado na China no dia em que meu irmão de quinze anos, Eric Christopher Szerba, ganhou seu primeiro boquete, em um hotel de Nashville, de duas prostitutas chamadas Tiffany e Rhonda. Eric gostou do boquete. Eric também começou a me chamar de *Booney* depois dessa viagem que fizemos a Nashville, quando eu só tinha nove anos e Eric ganhou um boquete.

Quando eu tinha nove anos, eu não conseguia entender por que meu irmão de quinze anos, Eric, deixara Tiffany e Rhonda o convencerem a botar seu pênis dentro da boca delas. Mas também, aos nove anos, eu poderia ter perdido minhas bolas em um acidente com uma baleia e não perceberia nenhuma diferença.

As reações dos garotos em relação às suas bolas e a botar o pênis na boca de outras pessoas mudam de modo significativo em algum momento após os nove anos de idade.

Os soldados vestiam o mesmo tipo de traje camuflado de guerra que as tropas usavam no Afeganistão, onde meu irmão perdeu a parte inferior da perna direita e os dois testículos. Com aqueles uniformes, os soldados da Guarda Nacional não se camuflavam em lugares como os milharais de Iowa, rios com *walleyes* férteis e merdas assim.

Robby e eu tiramos nossas máscaras para que Beau Barton e Florencio Villegas não nos matassem e vissem que éramos apenas irmãos de Iowa de dezesseis anos e aparência normal que por acaso estavam usando macacões azuis e brancos idênticos, que também não camuflavam muito bem.

Beau Barton estava com raiva de mim por ficar olhando para sua ereção.

— Vocês fazem parte de um grupo de dança ou algo assim? — perguntou ele.

— Hum — disse eu.

— A gente trabalha em um lava a jato em Waterloo. Esses são nossos uniformes — respondeu Robby.

Robby realmente merecia um Prêmio Nobel, um milhão de dólares e uma viagem para a Suécia comigo e com Shann, se ele a deixasse ir junto.

— Esses uniformes são mesmo da hora, garotos — disse Beau Barton.

Pessoas do condado de Boone, em Iowa, diziam coisas como *da hora*.

A BATALHA DA PONTE SOBRE O RIO KELSEY

EALING, IOWA, ESTAVA SENDO evacuada pela Guarda Nacional.

Beau Barton e Florencio Villegas foram posicionados na estrada da ponte sobre o rio Kelsey. Seu trabalho era garantir que o trânsito fluísse em apenas uma direção.

Essa direção era para longe de Ealing.

Beau Barton e Florencio Villegas nos instruíram a ir atrás deles pela ponte sobre o rio Kelsey. Eles seguiram em seu veículo blindado, na frente do Ford Explorer de Robby. Eles resolveram nos escoltar além dos destroços do Dodge Caravan de Ollie Jungfrau. Beau Barton e Florencio Villegas queriam garantir que chegássemos em segurança à estrada que ligava Ealing a Waterloo.

Era muita gentileza da parte deles fazer aquilo, mas não foi uma boa ideia.

Alguém já tinha colocado uma lona amarela sobre a parte dianteira esmagada do Dodge Caravan de Ollie Jungfrau. Também havia um X preto pintado com spray escorrendo sobre a lona. Os soldados da Guarda Nacional eram verdadeiros dínamos em cobrir coisas mortas com plástico.

Tínhamos visto dezenas de lonas amarelas em Ealing em nosso caminho desde o Del Vista Arms. A van tombada da *Eyewitness News* estava totalmente coberta. Ela parecia um pula-pula inflável daqueles que se aluga para festas infantis.

Cuidado com suas bolas.

Ealing tinha se tornado a capital das lonas plásticas de Iowa.

Lonas Irrefreáveis! Lonas Irrefreáveis!

Ninguém além de mim e Robby Brees sabia o que estava acontecendo em Ealing, Iowa.

Infelizmente para Beau Barton e Florencio Villegas, assim que o veículo deles passou devagar pelos destroços do carro de Ollie Jungfrau, o Soldado Irrefreável que antes fora o delinquente da Hoover High School chamado Tyler Jacobson, ainda doidão de metanfetamina e confuso depois de sua primeira *experiência* sexual, apareceu, parado no meio da pista do outro lado da ponte.

E logo atrás de Tyler Jacobson estava o Soldado Irrefreável que havia eclodido de Travis Pope.

Eles só queriam fazer uma coisa naquele exato momento.

Tyler Jacobson e Travis Pope também tinham liberado fungo durante a noite. Eles agora estavam com dois metros de altura e com abdomens grossos como postes telefônicos.

Louis deu um gemido no banco de trás.

Louis sabia tudo sobre Soldados Irrefreáveis e as coisas que eles gostavam de fazer.

— Puta merda — disse Robby.

— Eles... hum... cresceram — observei.

O Ford Explorer moribundo de Robby Brees escolheu aquele exato momento para morrer de vez.

Nós estávamos presos na ponte sobre o rio Kelsey.

— Hum — disse eu.

As portas do veículo da Guarda Nacional abriram dos dois lados.

Beau Barton e Florencio Villegas saíram da cabine com seus M-16 erguidos e prontos. Parecia uma cena de filme de ação.

Beau Barton e Florencio Villegas tinham armas, filhos da puta.

Foi uma péssima ideia.

— Ai, meu Deus — disse Connie Brees.

Ingrid bocejou.

Louis abraçou Connie Brees. Ele enfiou o rosto no cabelo dela e desviou os olhos do espetáculo que se desenrolava na ponte à nossa frente, através do para-brisa do Ford Explorer morto de Robby.

No rio abaixo de nós, *walleys* procriavam sem parar. Carregado pela corrente estável do rio Kelsey, o corpo da Sra. Edith Mitchell já tinha chegado ao rio Cedar.

Eu me peguei pensando em São Kazimierz e no motivo que levava as pessoas a dizerem coisas como *Ai, meu Deus* em momentos como aquele. Se existisse de fato um Deus, pensei, por que Connie Brees faria um apelo a uma divindade que havia mandado Soldados Irrefreáveis para seres humanos presos em uma ponte sobre o rio Kelsey, em Iowa?

Johnny McKeon tinha uma única tatuagem em todo o corpo. No antebraço esquerdo, em tinta verde-azulada borrada — como ficam todas as tatuagens em homens velhos como Johnny McKeon, que também servira na Marinha dos Estados Unidos —, havia a imagem do *Sputnik*. Embaixo do satélite, havia uma inscrição que dizia: *Ai, meu Deus!*

Johnny McKeon me contou que seu pai, que também era pai do Dr. Grady McKeon, olhou para o céu estrelado de Iowa na noite em que a

União Soviética lançou o *Sputnik*, e disse exatamente essas três palavras.

Ai, meu Deus!

O pai de Johnny McKeon achava que o mundo estivesse acabando em 1957.

O pai de Johnny McKeon teve um ataque cardíaco assim que disse essas três palavras.

Ele morreu quando Johnny era criança.

Ai, meu Deus.

A história deve confirmar que *Ai, meu Deus* está entre as primeiras expressões exclamativas utilizadas por seres humanos. A frase persistiu por no mínimo vinte mil anos.

Nós matamos essa coisa grande e peluda e aquela coisa grande e peluda, e depois tivemos uma pequena experiência.

Ai, meu Deus.

Você sabe o que quero dizer.

Se Deus tivesse TV via satélite, ele provavelmente estaria sintonizado na Batalha da Ponte sobre o Rio Kelsey. Talvez ele e São Kazimierz estivessem sentados em um sofá de nuvem juntos, comendo pipoca irrefreável e assistindo ao que acontecia conosco, e também com Beau Barton e Florencio Villegas.

As metralhadoras dos soldados da Guarda Nacional cuspiram saraivadas de balas revestidas de metal nos Soldados Irrefreáveis. O som foi elétrico e aterrorizante. As balas mais pareciam docinhos de açúcar na cobertura de cupcakes irrefreáveis, porque não tiveram absolutamente nenhum efeito sobre as feras louva-a-deus monstruosas com garras cheias de lâminas dentadas.

Tyler Jacobson e Travis Pope caminharam através da chuva de balas como se fossem gatos andando na escuridão; como candidatas de um concurso de beleza desfilando sob uma chuva de purpurina.

Se os Soldados Irrefreáveis perceberam as balas acertando seus exoesqueletos, eles não demonstraram.

Tyler Jacobson pegou Florencio Villegas entre as lâminas afiadas que se enfileiravam ao longo de suas patas poderosas. Tyler Jacobson começou a devorar o soldado com botas, capacete, colete à prova de balas e tudo. Um pouco do sangue de Florencio Villegas respingou sobre o capô de metal do veículo blindado que momentos antes ele dirigia.

Tyler Jacobson tentou comer até o M-16 de Florencio Villegas, mas o cuspiu.

Travis Pope tentou disputar com Tyler Jacobson a refeição que ele estava fazendo de Florencio Villegas. Beau Barton disparava sem parar, corajosamente, nos dois Soldados Irrefreáveis enquanto eles comiam e disputavam a perna direita de Florencio Villegas.

Foi exatamente naquele instante que Travis Pope percebeu o outro soldado ainda intacto da Guarda Nacional.

Não foi uma boa ideia para meu primo em segundo ou terceiro grau (ou seja lá o grau de parentesco que uma bisavó comum fazia Beau Barton e eu termos).

Eu fui o primeiro a sair do carro de Robby.

Atordoados por um momento, Robby Brees e eu ficamos ali sentados, vendo o que acontecia na ponte à nossa frente. Então percebi que, de qualquer modo, estávamos todos presos, e Robby e eu ainda tínhamos nossas armas de paintball carregadas com o sangue de um verdadeiro Deus adolescente, fumante e homossexual.

Assim que meus pés tocaram o asfalto do vão da ponte, Robby gritou:

— Austin! Ei! Que diabo você está fazendo?

Tyler Jacobson estava coberto de sangue e saliva de inseto. Ele também tinha uns trinta centímetros do cinto do uniforme de Florencio Villegas pendurado do lado esquerdo de sua mandíbula, como um fio de espaguete sangrento. O movimento que fiz quando corri do Ford Explorer de Robby chamou a atenção de Tyler Jacobson. Ele me observou por um momento enquanto excretava um merengue branco e espumoso de bosta de inseto no asfalto negro entre as duas patas traseiras.

Tyler Jacobson já estava com fome de novo.

Beau Barton esvaziou seu M-16 nos Soldados Irrefreáveis. Ele tentou correr de volta para a van de Ollie Jungfrau quando sua arma parou de disparar.

Soldados Irrefreáveis são muito, muito rápidos.

Travis Pope pulou em um único salto por cima do veículo blindado que os soldados dirigiam. Travis Pope aterrissou bem em cima de Beau Barton. Parecia um gato brincando com um camundongo bem pequeno.

Travis Pope prendeu Beau Barton no chão com as duas patas do meio.

Beau Barton se contorcia e se debatia.

Travis Pope baixou a cabeça triangular, abriu as mandíbulas enormes e comeu tudo o que um dia havia sido Beau Barton das axilas para cima. Travis Pope mastigou e mastigou.

O som parecia o de um quarteto vocal à capela estilo *barbershop* disputando um concurso de comer asas de frango fritas.

Eu ergui minha arma de paintball.

Pensei em dizer algo dramático.

A história, quando contada com honestidade, mostra que os garotos na verdade nunca fazem declarações heroicas enquanto estão no meio de uma batalha. Os historiadores tomam uma licença poética ao inserir essas coisas quando escrevem sobre o evento.

Eu não tinha nada a dizer.

Mas pensei em São Kazimierz. Pensei em meu irmão, Eric Christopher Szerba. Desejei que ele pudesse ver o que estava acontecendo ali na ponte do rio Kelsey pela televisão via satélite. Pensei também em minha mãe e em meu pai, e estava convencido de que nunca mais iria vê-los. E pensei em minhas bolas, Orville e Wilbur.

Não sei por que pensei em meus colhões, só sei que pensei.

Tudo isso passou rápido pela minha cabeça no exato espaço de tempo que levou para que eu puxasse o gatilho de minha arma de paintball.

Essa é a verdade.

Poc! Poc!, fizeram os disparos de paintball.

Naquele exato momento, Tyler Jacobson saltou em minha direção.

Poc! Poc! Poc!, fez o rifle de paintball de Robby Brees.

Robby, é claro, foi atrás de mim quando eu saí correndo do carro. Robby Brees era mesmo um super-herói.

Se os Soldados Irrefreáveis são capazes de demonstrar sentimentos com suas caras mecânicas e seus olhos compostos maciços, então tanto Tyler Jacobson quanto Travis Pope se entreolharam em dúvida, atônitos e derrotados, talvez até horrorizados.

Disparei pela terceira vez em Travis Pope, um tiro direto em sua junta torácica.

O Soldado Irrefreável quebrou completamente ao meio.

— Isso, porra! — exclamei.

Eu nunca tinha matado nada maior que uma perca de rio em toda a minha vida. Um sentimento arrebatador e puro corria dentro de mim naquele

momento. Fico quase envergonhado de dizer que era uma sensação quase sexual, e me deu um certo tesão.

Essa é a verdade.

Acho que é por isso que os babacas que estão no comando das merdas convencem os garotos a irem para a guerra.

— Isso, porra! — exclamou Robby.

Robby Brees sentia a mesma coisa.

Tyler Jacobson se afastou cambaleando da frente do veículo blindado. Enquanto ele tropeçava para trás, começou a desmontar, *clop! clop! clop!*, em partes separadas que pareciam lagostas verdes do tamanho de bodes. Os pedaços balançavam e caíam em poças de gosma amarela e brilhante que lembravam queijo.

— Robby — chamei.

— O quê? — respondeu Robby.

— Você está bem? — perguntei.

— Estou — disse Robby Brees.

— Essa foi provavelmente uma das três coisas mais fodas que eu já fiz na vida — comentei.

Robby disse:

— Só poderia ter sido melhor, Porco-Espinho, se estivéssemos de skate enquanto isso.

Robby Brees era o garoto mais brilhante do planeta chamado Terra.

Naquele exato momento, em uma casinha do outro lado de Ealing, na Onondaga Street, o Soldado Irrefreável que um dia fora Eileen Pope saiu pela tarde xadrez azul de Iowa.

Ela estava com muito tesão e muita fome.

E seus ovos estavam eclodindo.

UM VIDRO ENORME

TRANSFERIMOS NOSSAS COISAS DO Ford Explorer morto de Robby para o veículo blindado da Guarda Nacional.

Robby dirigiu.

O veículo blindado não tinha toca-fitas.

Seria o momento perfeito para ouvir *Exile on Main Street*.

— Tinham que botar um toca-fitas nesta merda — disse Robby.

— Não tem nem isqueiro para nossos cigarros — observei.

— Onde já se viu? — falou Robby. — Todo mundo sabe que os garotos são soldados melhores quando podem fumar e escutar Rolling Stones.

— Nós somos irrefreáveis — falei.

Não importava. Eu tinha fósforos e meio maço dos cigarros Benson & Hedges. Acendi um para Robby, depois estendi o braço e o coloquei em sua boca. Toquei seus lábios. Eu ainda estava muito confuso em relação a tudo. Eu gostava muito de Robby Brees. Faria qualquer coisa por ele. Mas, naquele exato momento, eu estava preocupado com Shann Collins, e precisava voltar para o Éden.

O que eu iria fazer?

Percebi Connie Brees me olhando quando coloquei um cigarro aceso na boca de Robby e meus dedos tocaram seus lábios. Connie Brees sorriu.

— Hum — falei.

— Obrigado, Austin — disse Robby.

Acendi um cigarro para mim e passei o maço e os fósforos para a mãe de Robby. Louis não fumava.

Ingrid bocejou.

Robby e eu explicamos o máximo que conseguimos. Era uma história longa demais para se contar em uma viagem de carro, e quem poderia esperar que Connie Brees e Louis Ah Wong Sing conseguissem entender alguma coisa do que estava acontecendo em Ealing?

Levaria tempo.

Robby e eu fumamos.

Robby Brees cantou “Let It Loose”. Eu tive que ficar quieto enquanto ele cantava, porque aquele som me deu vontade de chorar, de um jeito bom.

— I ain’t in love, I ain’t in luck...

“Não estou apaixonado, não estou com sorte.”

Depois de terminar, Robby disse:

— Há outros Soldados Irrefreáveis soltos por aí em algum lugar.

Eu assenti e falei:

— Hum. O que a gente pode fazer, Rob?

— A gente está dentro de um vidro enorme, Austin — respondeu Robby.

— É um vidro muito enorme — falei.

É assim que o fim do mundo parece:

Ele parece uma criança que sai correndo para atravessar a rua, com os olhos focados apenas em um destino à frente: o futuro, que está do outro

lado. A criança não percebe o caminhão que se aproxima em alta velocidade na mesma rua, no presente.

É com isso que o fim do mundo parece.

Todas as estradas se cruzam aqui.

Ca-bum!

Robby pisou no freio.

O veículo blindado passou bem por cima daquele pequeno pedestre, com as rodas da frente e as de trás.

— Merda! — exclamou Robby.

— Hum — disse eu.

Ficamos sentados ali por um momento, sem saber ao certo o que fazer.

O que fazer quando é o fim do mundo e você atropela uma criança idiota que se joga na frente do seu veículo blindado?

— Eu vou lá olhar — avisei.

Desci da cabine.

Na verdade, eu estava com medo de olhar para a estrada atrás de nós e me deparar com a bagunça sangrenta que haveria. Isso é história. Eu estava parado no presente, olhando para o passado com a estrada vazia à nossa frente.

O que eu podia fazer?

Na estrada atrás de nós, tentando levantar sem jeito sobre pernas trêmulas, estava um Soldado Irrefreável escuro e confuso que não chegava à altura do meu ombro.

E ele estava com fome.

Corri antes que aquela coisa percebesse que eu era comida.

— Puta merda! Puta merda! Puta merda!

Excrementum Sanctum.

Fechei a porta no instante em que a fera faminta bateu as patas na lateral do veículo.

— Mas que... — começou Rob.

Então ele viu as patas farpadas dobradas do Soldado Irrefreável arranhando o vidro à prova de balas da minha janela.

— Atire nele, Rob — pedi.

O fim do mundo é assim.

Saltando e correndo por cima das cercas de arame farpado que margeavam a estrada até a velha casa dos McKeon, vinham dezenas e

dezenas — centenas e centenas — de pequenos Soldados Irrefreáveis famintos e com tesão.

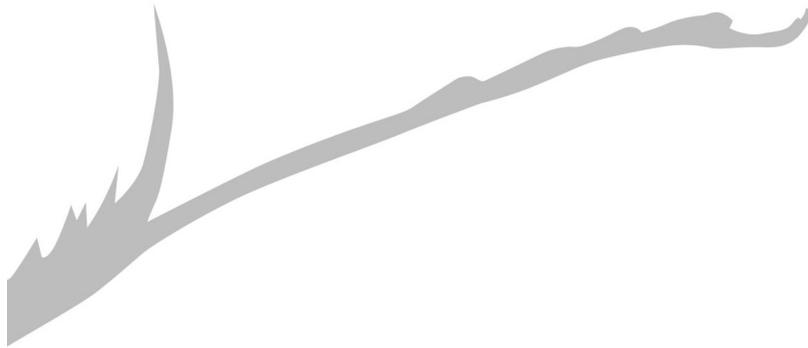
— Puta merda — disse Rob.

— Puta merda — concordei.

Nós saímos dali.

Eu acendi outro cigarro.

*EPÍLOGO:
SORTUDO,
UMA BUSCA
POR CIGARROS
E O BISÃO*



EU CHAMO O MENINO de *Sortudo*.

É só o apelido do garoto.

No auge do terrível inverno de Iowa quando ele nasceu, dentro da mesma sala de exames onde Wendy McKeon encheu seringas com o sangue de Robby Brees, eu dei a ele o nome de Arek Andrzej Szczerba.

Eu também resgatei minhas consoantes roubadas.

Escrevo na biblioteca. As paredes foram enfeitadas com todo tipo de animal e totem imaginável: um bisão, um menino de duas cabeças, um Soldado Irrefreável, um vulcão na Guatemala, mãos em oração, uma pizza Stanpreme, uma placa que diz Acesso ao Telhado ↑ .

Você sabe o que quero dizer.

Hoje é dia 29 de março, mas a primavera ainda não chegou de verdade acima de nós.

Também é o aniversário de vinte e um anos de Robby Brees. Nós vamos sair hoje em uma busca por cigarros.

Vou explicar.

Sortudo — Arek — agora tem quatro anos. Estamos morando no Éden há um bom tempo. Wendy McKeon criou regras sobre quando garotos e garotas podem tomar banho, e há uma nova história. A nova história é a história do Éden.

O que escrevi aqui não é a história do Éden. É a história do fim do mundo. Todas as histórias verdadeiras serão sobre tudo e vão se estender até o fim do mundo.

O fim do mundo começou quando Andrzej Szczerba deslizou para o mar gelado enquanto seu filho, Krzys, observava, chorava e navegava para cada vez mais perto dos Estados Unidos.

Ninguém sabia nada sobre isso.

Agora nós somos mais numerosos. Os cidadãos do Novo Universo incluem Robby Brees, Shann Collins, Johnny e Wendy McKeon, Connie Brees e Ah Wong Sing, e meu filho, Arek. Connie Brees também deu à luz um bebê, uma menina chamada Amelie.

Amelie Sing Brees é um verdadeiro dínamo para um nome do Éden.

Nós fizemos o que o Dr. Grady McKeon disse que precisávamos fazer.

Ingrid está aqui. Ela está entre meus pés enquanto escrevo.

Continuo dividido entre meu amor por Shann Collins e por Robby Brees. Mas não me dou mais ao trabalho de perguntar: *O que eu vou fazer?*

Às vezes é perfeitamente aceitável decidir não decidir, continuar confuso e alerta para a próxima coisa que vai surgir de repente na estrada que você construir. Shann não gosta disso. Robby Brees me pede para morar com ele. Eu fico em meu próprio quarto, que divido com meu vigoroso filho polonês, Arek, e somos muito felizes.

Robby Brees e eu nos aventuramos a sair no mundo da superfície durante uma tempestade de neve, no primeiro inverno depois do fim do mundo. Nós estávamos certos em supor que os Soldados Irrefreáveis teriam saído de Iowa ou estariam hibernando durante o inverno.

Para garantir, nós nos armamos com o sangue de Deus.

Era uma loucura irresponsável ir lá fora com Robby. Era como tudo o que Robby Brees e eu sempre fizemos juntos durante toda nossa vida. Ninguém mais ia conosco. Começamos a chamar essas saídas de Busca por Cigarros.

Ninguém sabia nada sobre elas.

Claro, nós tínhamos cigarros no Éden em quantidade suficiente para durar anos e anos.

Nós ficávamos fora durante vários dias. Isso assustava os outros, por isso voltamos uma vez com rádios que funcionavam a bateria com alcance de vinte e cinco quilômetros.

Nós sempre íamos para muito mais longe do que vinte e cinco quilômetros.

Uma vez, chegamos até Minneapolis.

Robby e eu não encontramos um único ser humano na superfície do planeta chamado Terra. Não acredito que Robby e eu quiséssemos encontrar mais alguém, mas nunca dizíamos isso em voz alta. Não precisamos dizer essas coisas.

Em nossas Buscas por Cigarros, matamos alguns Soldados Irrefreáveis que teimosamente procuravam comida durante o inverno, e Robby Brees e eu sempre passamos as noites juntos nos melhores hotéis, coberturas e mansões abandonados.

É divertido e perigoso.

Foi nessas Buscas por Cigarros que descobri boa parte da história contada neste livro. É a verdade. É meu trabalho. A partir de calendários com anotações à mão, agendas, gravadores digitais de bolso, ossos, roupas velhas e baleias infláveis, montei as coisas da melhor maneira que consegui, e sei que vocês confiam em mim.

Não tenho motivos para mentir.

Os animais retornaram em números impressionantes. Em nossa última Busca por Cigarros, pouco depois do aniversário de quatro anos de Arek, em fevereiro, Robby e eu nos deparamos com um bando de veados no meio da estrada I-35. Havia milhares deles. Já haviam esquecido por que deviam ter medo de seres humanos. Quando saímos do carro onde estávamos, Robby e eu conseguimos caminhar direto até os animais e acariciá-los.

Nós somos os reis do mundo quando saímos em nossas buscas.

Quando voltamos para o abrigo do Éden, ao mesmo tempo exaustos e eufóricos, Robby e eu trazemos para casa presentes para as mulheres e as crianças: roupas e lingerie novas, fraldas descartáveis, brinquedos, comidas que não venham em latas produzidas para os militares, e às vezes até carros esportivos e trailers.

Sempre trago livros para a biblioteca. Livros têm tudo dentro deles. Depois do fim do mundo, você não pode aprender droga nenhuma em um computador ou na televisão.

Ninguém nunca pensou nisso: como a humanidade só pode ser preservada por pinturas na parede de cavernas, livros e discos de vinil. Robby Brees sempre traz discos de vinil para casa no Éden.

Eu encontrei um exemplar autografado de *The Chocolate War*.

Nós somos donos de tudo no mundo, e Robby e eu estocamos tudo de que podemos precisar se o Éden entrar em colapso. Isso vai acabar acontecendo. As coisas entram em colapso. A história nos revela isso, mesmo que a gente não queira escutar.

Shann está quieta e emburrada; com certeza enfurnada em seu quarto. Ela não gosta quando Robby e eu saímos em nossas buscas. Mas é aniversário de Robby.

Precisamos fazer isso.

Há algo dentro de todos os garotos que nos leva a sair de novo e de novo e de novo.

De novo é agora.

Não saímos há um mês, e logo estará quente e perigoso demais para Robby e eu sairmos. Os Soldados Irrefreáveis vão voltar. Eles sempre voltam.

Nós dois encontramos um avião ultraleve para duas pessoas no hangar do aeroporto de Cedar Falls. Igual a Orville e Wilbur Wright. Robby jura que é corajoso o suficiente para tentar decolar naquela coisa para um voo. Já verificamos o motor e ele está funcionando bem. Acho que, se eu estiver bêbado o suficiente hoje ou alguma merda assim, vou deixar Robby Brees me convencer a entrar naquele maldito avião com ele e voar em comemoração a seu vigésimo primeiro aniversário, desde que eu possa fumar um ou dois cigarros.

Ele promete que vamos sobrevoar a Selva de Gafanhotos em nosso próprio avião, e Robby vai cantar músicas dos Rolling Stones, e eu vou fumar cigarros e cuspir no planeta chamado Terra, e vamos gritar do céu os nomes de nossas bolas.

Johnny McKeon não desistiu de tentar fazer contato com outros seres humanos. Acredito que haja outros em algum lugar do planeta. Não sei calcular quanto tempo uma Diáspora Irrefreável levaria para tomar todos os continentes. Fantasio que minha mãe, meu pai e meu irmão estejam todos gordos e falando alemão fluentemente.

Talvez polonês.

Johnny McKeon conectou rolos de fios duplos e achatados às antenas dos aparelhos de TV na Sala dos Cérebros. Todo dia ele senta lá, assistindo a nada e ouvindo a estática, girando e girando os botões de ajuste de UHF e VHF. Certa manhã, no verão passado, Johnny McKeon saiu correndo da Sala dos Cérebros gritando:

— Caramba! Caramba! Eu encontrei alguém!

Naturalmente, todos corremos para ver o que Johnny McKeon tinha encontrado nas televisões da Sala dos Cérebros. Quando chegamos lá, não havia nada. Johnny McKeon jurava ter visto um trecho de um velho episódio de um programa chamado *Gunsmoke*.

James Arness era o astro de *Gunsmoke*.

Johnny McKeon está enlouquecendo aqui embaixo no Éden.

Ele assiste às televisões todos os dias.

Wendy McKeon cria regras. Robby e eu não seguimos as regras de Wendy McKeon muito bem.

Ah Wong Sing cozinha. Ele é um verdadeiro dínamo na cozinha.

Connie Brees tem uma média de 230 no boliche.

Antes de sairmos, Robby, Arek e eu damos uma mijada juntos no mictório Rouxinol gigante. É o que fazemos. Um dia, vou contar a Arek sobre Krzys Szczerba e Eva Nightingale e o resto de nossa história.

Arek é um bom menino.

— Vou procurar um chapéu de guaxinim para você quando Robby e eu sairmos, Sortudo — digo.

Arek ergue os olhos de onde está mijando e diz:

— O que é isso, Tata?

Arek me chama de *Tata*.

— Você vai ver.

Ingrid está lá em cima, cagando na neve.

Robby e eu fazemos várias viagens até a superfície, transportando coisas que queremos levar conosco em nossas buscas. Desta vez vamos dirigir um BMW X5. Nós pegamos, novinho, em uma concessionária em Peoria, Illinois, onde, se houvesse alguém ainda vivo, Robby e eu seríamos procurados como criminosos.

Ao terminar de colocar tudo no carro, Robby e eu nos despedimos dos outros Novos Humanos.

Shann é forte. Ela beija nós dois e diz a Robby para ter cuidado.

Eu ainda gosto de ver Shann beijar Robby Brees.

Robby diz a ela que vai lhe trazer um relógio Rolex.

Shann Collins já tem quatro relógios Rolex. É uma piada. Eu acharia difícil imaginar alguma coisa tão inútil no Éden quanto um relógio Rolex.

Digo que vamos trazer potes de Cup Noodles.

Isso deixa todos felizes.

Cup Noodles é a comida favorita de Arek.

Arek sobe a escada com a gente. O garoto só foi lá fora algumas vezes em toda a sua vida.

Robby está esquentando o BMW. Eu ainda não dirijo muito bem, apesar de Robby ter me ensinado.

Arek faz uma bola de neve congelada em suas mãozinhas rosadas. É uma brincadeira. Todos os meninos fazem isso, assim como todos os meninos

constroem estradas que se cruzam e nos levam para longe.

— Pou! Tata! Matei você! — diz Arek.

Tata é papai em polonês.

A bola de neve acerta minha coxa, e eu finjo estar ferido. Junto um punhado de neve e respondo o fogo, errando Arek de propósito.

A escotilha está aberta. Louis e Shann espicham a cabeça acima da borda, como esquilos tímidos.

Eu acendo um cigarro.

Robby sai do carro e vem caminhando pela neve para se despedir pela última vez de Arek. Como o pai, Arek também ama muito Robby Brees.

Na nuvem espiralada de fumaça que se ergue diante de meu rosto, percebo uma figura grande se mover no campo além de uma fileira de trailers e Cadillacs estacionados.

— Puta merda! — exclamo.

Robby tem uma arma de paintball a seu lado. Nós nunca saímos sem uma.

— Puta merda! — diz Robby.

— Austin? — chama Shann, nervosa.

Shann não consegue ver o que nós três estamos olhando.

— O que é aquilo, Tata? — pergunta Arek, a quem eu chamo de *Sortudo*.

Do outro lado do campo, eu os vejo. No início, são três, depois percebo que é uma manada inteira: enormes, escuros, com chifres e corcovas. Bisões americanos. Os búfalos chegaram a Iowa, ao Éden.

— É uma coisa grande e peluda — digo.

E assim foi nosso dia.

Você sabe o que quero dizer.

AGRADECIMENTOS

DURANTE TODA A MINHA vida eu escrevi. Nunca, nem por um instante, considerei a ideia de publicar até que minha querida amiga, a autora Kelly Milner Halls, me desafiou a fazê-lo.

Foi uma boa ideia, mesmo que eu, na verdade, nunca quisesse que alguém lesse o que eu escrevia.

Obrigado, Kelly.

Cerca de dois anos atrás, resolvi parar de escrever. Bem, para ser honesto, não o *verbo* escrever, mas resolvi desistir do aspecto comercial dessa atividade, para o qual não tenho a menor estrutura. Nunca me senti tão livre ao escrever coisas que por mim nunca seriam vistas por ninguém. *Selva de Gafanhotos* foi uma dessas coisas. Foi mais ou menos por sorte, então, que eu por acaso mostrei a primeira parte do romance para meu amigo Michael Bourret. Ele me convenceu a não desistir. Michael é, afinal de contas, um agente mágico. Acho que quando ele entra nos escritórios e essas merdas, as pessoas acreditam que estão olhando para um filhote de foca branca. Ninguém diz não para um filhote de foca branca. Michael quis representar a mim e a este romance que não era para ser visto por ninguém.

Foi uma boa ideia. Obrigado, Michael.

Nós fizemos uma lista. Para quem eu queria mostrar *Selva de Gafanhotos*? Bem... Além de para ninguém? E nessa lista estava Julie Strauss-Gabel. Nunca pensei que teria uma resposta dela, muito menos que teria a oportunidade de trabalhar com ela, mas Julie me ligou. Nós queríamos trabalhar juntos.

Foi uma boa ideia.

Na verdade, preciso dizer que ter Julie Strauss-Gabel como minha editora em *Selva de Gafanhotos* foi uma das experiências mais recompensadoras em minha carreira de escritor. Obrigado, Julie.

A maioria dos autores nunca sabe o nome da pessoa que edita o texto de seus livros. Editores de texto são as pessoas que dizem aos escritores que eles não sabem a diferença entre orações subordinadas adjetivas e substantivas, ou entre passos de dança latina e coberturas de sobremesa.

Imagino que seja uma boa ideia saber essas coisas.

Minha editora de texto, companheira de visitas a museus e colega de jantares no Hell's Kitchen sempre que vou a Nova York, Anne Heausler, é simplesmente a melhor, e ela é muito delicada quando destrói a minha autoestima com seus manuais de estilo e dicionários. Obrigado, Anne.

E, finalmente, não sei se ter um escritor na família é uma boa ideia. Mas preciso agradecer e declarar meu amor a minha mulher, Jocelyn, a meu filho, Trevin, e a minha filha, Chiara, por serem verdadeiros dínamos em me aturar.

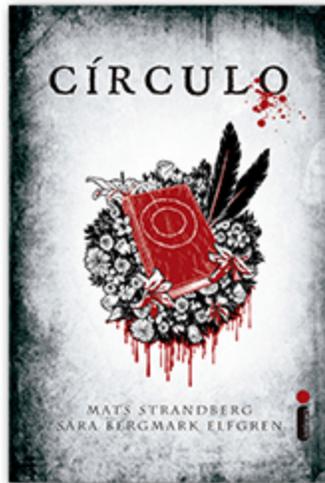
SOBRE O AUTOR

© Kaija Bosket

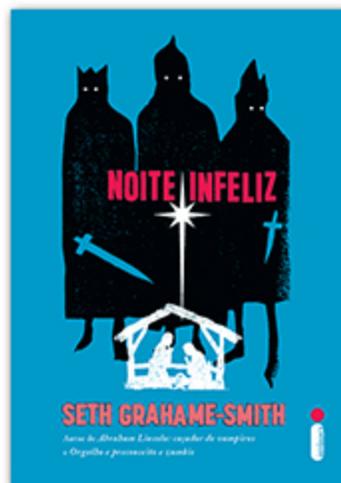


ANDREW SMITH é autor premiado de vários romances para jovens, incluindo o aclamado *Winger*, considerado o livro do ano pela Amazon em 2014. Nascido na Califórnia, Andrew passou boa parte da juventude viajando pelo mundo. Estudou ciências políticas, jornalismo e literatura e publicou diversos contos e artigos. *Selva de Gafanhotos* é seu sétimo romance.

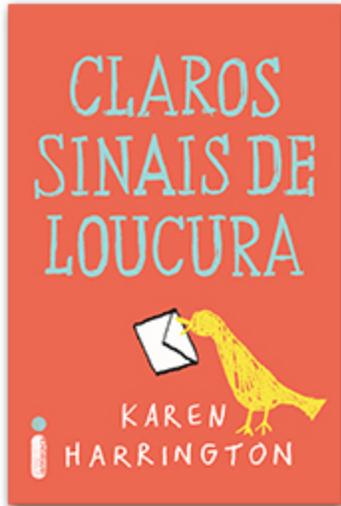
LEIA TAMBÉM



Círculo
Mats Strandberg e Sara B. Elfgren



Noite infeliz
Seth Grahame-Smith



Claros sinais de loucura
Karen Harrington